

F. LOCKS

AUTORA DA SÉRIE TOXIC CITY

TRÊS
vezes
NÓS

TRILOGIA
IRMÃOS JACKSON

3



Copyright © 2023 F. Locks

2ª Edição

Capa: Ellen Ferreira -
@ellfdesigner

Revisão: Mayra Cristina Provin -
@entrelinhaseditorial

Diagramação: Mayra Cristina Provin -
@entrelinhaseditorial

Ilustração: Luciana Souza -
@luciana98_art

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânicos sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

Contents

[Copyright](#)

[Sinopse](#)

[Carta da Autora](#)

[Gatilhos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Biografia](#)

[Outras obras da autora](#)

F. LOCKS

AUTORA DA SÉRIE TOXIC CITY

TRÊS
vezes
NÓS

TRILOGIA
IRMÃOS JACKSON

3



Tentamos durante anos fazer funcionar.
Não tínhamos maturidade nem o tempo a nosso favor.
Então decidimos ser amigos, e até que funcionou por alguns meses.
Ele me emprestava seu ombro, sua amizade e dinheiro sempre que eu estava no fundo do poço.
Só que doía ser apenas sua amiga enquanto o via com outras garotas.
Doía muito.
Portanto, fizemos uma promessa: não procurar mais o outro.
Nunca mais!
Era pra ser assim, até que um dia ele simplesmente voltou.
E lá estava eu, enterrada em um buraco ainda mais fundo.
Eu precisava da guarda da minha irmã, arrancá-la do meu pai, nosso agressor, e TJ estava disposto não apenas a se casar de fachada comigo, mas lutar por Kenzie ao meu lado.
Não somos mais crianças agora, e o que sentimos queima três vezes mais.
Vai ser difícil não misturar as coisas.



Nove meses.

Eu levei nove meses para escrever os trigêmeos e costumava brincar sobre ter parido eles, naquela época.

Três anos se passaram, tanta coisa mudou, mas meu amor pelos irmãos Jackson continua.

Tyson Jackson era minha maior alta, meu melhor personagem, meu maior orgulho, hoje, relendo Tales Jackson, talvez por ter crescido e mudado também, eu escolho ele.

Tão forte, altruísta e dono do maior coração que já dei a um personagem, ele me fez me apaixonar por ele e o ver sobre outra perspectiva.

Espero que vocês o amem como ele merece.

Obrigada por chegarem até aqui, às leitoras que estão fazendo isso de novo e às que chegaram agora e estão conhecendo meus meninos pela primeira vez.

Reescrever esses livros foi a melhor coisa que fiz entre um lançamento e algo novo, porque eles mereciam isso, esse olhar atencioso sobre eles. Obrigada pelo apoio, por estarem ao meu lado nisso.

Eu pude sentir minha maior evolução através dessa escrita e tive a constatação de que por ela ser mais dramática, estaria relacionado.

Não há nada que eu ame mais do que fazer vocês sofrerem.

Com amor, F.Locks.



Esse livro contém gatilhos para alcoolismo, relacionamento parental abusivo e tóxico, transtorno de bipolaridade, transtorno obsessivo e compulsivo, maus-tratos contra criança, agressões físicas e psicológicas, dependência emocional, instabilidade emocional e crises de ansiedade e pânico.



É meu aniversário. Grande merda, ninguém além da minha irmã se importa com isso.

Caminho até a lata de lixo que fica nos fundos do bar, meus pés afundam na neve deixando um rastro, então arremesso o saco que pesa metade do meu peso dentro dela. Minhas costas doem por ter uma coluna de oitenta anos no corpo de uma mulher de vinte e um, mas a vida é assim, injusta de todas as formas.

Sinto o vento tocar meu rosto e dói porque faz muito frio. Fecho os olhos enquanto trago um cigarro. O gosto doce acaricia minha língua e o gesto mecânico e automático me acalma. Erguer a mão, puxar o ar, mantê-lo no pulmão, abaixar a mão, erguer o queixo, soltar o ar. Isso me acalma e me faz esquecer por um segundo quem sou e o peso que carrego nos ombros. Fumar me deixa calma, como preciso ser, como preciso estar.

Poucas pessoas na vida realmente sabem a tempestade que acontece dentro de mim, quase ninguém, ou será que alguém realmente sabe? Às vezes, me sinto tão sozinha que nem sei mais o que estou fazendo, mas faço o meu melhor para camuflar toda a raiva que sinto usando meu rosto angelical, que não condiz em nada com a minha personalidade tempestuosa.

Em alguns dias, eu sorrio e desejo um bom-dia para as pessoas, em outros, desejo apagar meu cigarro em seus olhos. Essa sou eu, mais parecida com minha mãe do que posso assumir em voz alta. Sou alguém que deveria estar em uma faculdade, mas que não pode se dar ao luxo de estar em uma porque tenho um pai alcoólatra, uma mãe com transtorno bipolar e uma irmã que preciso criar.

Ah, eu também tenho as contas de uma casa que precisa de reparos, mas não posso arcar com os custos, tenho a responsabilidade de cuidar de uma mãe doente, um pai que já me bateu tantas e tantas vezes que perdi as contas; e tenho uma irmãzinha, a criança mais doce e intrometida que existe no mundo inteiro, e a única pessoa que me faz querer acordar pela manhã. Por isso estou aqui, trabalhando em um bar, aceitando turnos extras e ganhando todo o dinheiro que posso em gorjetas.

Por ela, é tudo pela Kenzie.

— Você é bonita demais para estar com um cigarro na boca.

Conheço essa voz, e não é só porque a ouvi fazer inúmeros pedidos de cerveja e uísque no último mês, mas sim porque *eu* o conheço. Não verdadeiramente, claro, nunca conversamos nem nada, mas conheço os boatos que se alastraram pela cidade como fogo. É Tales Jackson, sua mãe morreu quando ele tinha dezesseis, ele tem um irmão gêmeo e tantos seguidores nas redes sociais quanto um artista.

Não que ele também não seja um, apenas nesse mês o vi interpretar um papel enquanto tentava conquistar uma garota, e outro, quando estava cheio dela. Não foi difícil chegar até ele, uma pesquisa rápida e eu sabia até o que ele comia. É um viciado em internet e isso só mostra o quão patético é. Um garoto rico e mimado que provavelmente só é tão conhecido por causa de seu falso discurso e um irmão gêmeo que é igualmente gostoso.

— Que bom que ninguém pediu sua opinião.

Ouçó um risinho, sei o quanto ele também pode ser insistente, mas não tenho tempo para isso, nem agora nem nunca. Principalmente para ele.

Tales não faz ideia de quem sou, do peso que sua presença tem em minha vida, de tudo o que seu sobrenome nos causou.

— Qual é a do seu cabelo azul? — Ele ainda está rindo e me incomoda demais o fato de eu achá-lo lindo.

Porra, muito, muito bonito. Meus olhos vagueiam pelo seu corpo, ele está com uma jaqueta clara e grossa com pelos na touca e botas pesadas que afundam na neve. Ele é forte, posso ver pela sua altura, e porque no mês passado o vi apenas com uma camiseta de manga comprida, que agarrou cada músculo do seu corpo. O que foi? Olhar não tira pedaço, a menos que eu morda, é claro.

— Eu tenho quinze minutos para fumar um cigarro e respirar ar livre e você acaba de arruinar isso.

— Você ainda está fumando seu maldito cigarro e também está respirando ar livre. — Tales esfrega suas mãos e bafora nas palmas. — E prestes a pegar uma pneumonia.

Faz muito frio e sinto que estou prestes a congelar, mas sei o quanto preciso de um pouco de ar puro e silêncio. Há muito barulho no bar, e chega um momento em que você só quer poder ficar quieta e longe do cheiro de cerveja que está impregnado em cada objeto. Era o que eu precisava para poder aguentar mais algumas horas. Um pouco de ar e um cigarro. Mas agora, o tenho me encarando com um sorriso presunçoso com direito a uma covinha enquanto aguarda por uma resposta.

— Foda-se. — Jogo meu cigarro na caixa de areia e dou as costas em direção à porta dos fundos.

— Ei, qual o seu nome? — Ouço seus passos e sei que ele está vindo atrás de mim como o maldito filho da puta insistente que sei que é.

— Que diferença isso vai fazer na sua vida? — respondo, naturalmente, ou é o que tento mostrar, que sua presença não me afeta.

Mas estou mentindo, é uma mentira bem grande na verdade, porque não há uma pessoa no mundo que seria capaz de lidar com um cara tão

bonito sem gaguejar, hesitar ou parecer estupidamente atraída. Ele afeta qualquer garota com quem esteja falando, e se ela for cega, ele continuará tentando, porque há tanta arrogância em sua fala que o torna um galinha, e não há uma mulher no mundo que resista a um charme, porque amamos sofrer por alguém que não vale nada.

— Bom, nenhuma na verdade, mas eu gostaria de saber mesmo assim.

— Cai fora. — Aponto em direção ao estacionamento.

— Ei, por que todo esse ódio? — Tales ergue suas mãos no ar em rendição. — Eu me chamo Tales, aliás.

— Eu sei quem você é.

Um sorriso atrevido se forma em seus lábios e me arrependo imediatamente.

— Sabe? — Suas sobrancelhas se erguem, sugestivamente. — Então você me deu um *google*^[1]?

Merda.

— Eu não tenho tempo para ficar pesquisando idiotas como você.

— Uau. Você realmente precisa... você sabe... de um alívio. Eu estou bem aqui, caso queira relaxar.

Meu rosto queima, não por ouvi-lo falar isso ou por estar insinuando que podemos fazer juntos, mas por saber que já faz muito tempo desde a última vez. A visão de nós dois na cama preenche minha mente e praguejo mentalmente. É uma boa imagem. Mas uma péssima ideia.

— Minhas mãos estão fazendo um bom trabalho, mas obrigada.

— Certo, então você... realmente não está transando? — Tales parece realmente interessado na minha vida sexual e eu me pergunto como diabos deixei que meu intervalo resultasse nesse cenário.

Atravesso a porta dos funcionários e freio bruscamente quando vejo que ele o faz também.

— O que pensa que tá fazendo?

Tales abre um sorriso genuíno, que é capaz de mostrar seus dentes brancos e perfeitos. Meu corpo reage à forma que ele sorri, como seus olhos se estreitam, como a covinha se aprofunda e como as preguinhas no canto dos lábios se curvam. E foi assim que aconteceu, em um minuto, eu estava fumando um cigarro, e no outro, eu estava encantada por ele.

— Tentando conhecer você.

— Não, você está tentando me levar para a cama — o corrijo.

— Ei, por que está tão na defensiva comigo? — Vejo-o enfiar as mãos no bolso da frente de sua jaqueta.

Meus olhos buscam por algo que me desagrade, mas não há nada. Tudo nele é bonito.

— Não há nada sobre você que eu não saiba, Tales. — Encaro seu rosto, suas sobrancelhas estão unidas agora. — Você comeu salada e carne magra basicamente todos os dias dessa semana, passa as tardes de verão enfiado em sua piscina gigante e o inverno inteiro se aquecendo com uísque, sua casa é praticamente uma boate de *stripper* e você é um garoto mimado e arrogante que só está andando atrás de mim porque estou recusando você.

— Me recusando? — ele ri. — Parabéns, parece que alguém fez sua lição sobre mim, mas acho que é mais inteligente do que isso. Vamos lá, Eli-za-be-th. — Surpreendo-me ao ouvi-lo soletrar meu nome. — Você é uma escritora, deveria saber que as pessoas são mais profundas do que demonstram ser..

Abro a minha boca, mas não há palavras. Não sei o que dizer, estou chocada. O som de sua risada baixinha ecoa através do silêncio que se instala e ela é capaz de me fazer arrepiar. Há uma rouquidão sexy nela e gosto da forma como meu corpo reage.

— Devo me preocupar que você saiba quem sou? — Bom, ele conseguiu ganhar minha atenção.

— Me diz você. Eu *preciso*? — Ele dá um passo à frente e continuo sem me mover. — Gostei dos seus textos, li cada um deles.

— Uau, estou surpresa que saiba ler.

Ele sorri, é o que faz, não liga por eu estar na defensiva, ele apenas continua insistindo. É irritante, mas um tanto adorável confesso.

— Tem um namorado?

— Você perguntou isso para as oito garotas com quem saiu no último mês? Porque lembro que duas delas tinham uma aliança no dedo.

Ele parece surpreso por eu ter notado, mas não me sinto diferente agora. Como infernos ele me achou? Eu sequer uso minha foto no perfil, droga.

— Você fala sobre o amor com tanta propriedade... já amou alguém?
— ele pergunta

Eu estou realmente intrigada agora.

— Você não? — pergunto e ele cruza os braços sobre o peito.

De repente, não quero mais voltar para o bar.

— Todo mundo já amou alguém.

Enfio as mãos nos bolsos quando percebo que não sei mais o que fazer com elas.

— E então, me conte sua história, estou ansioso para saber por que alguém com tanto talento está servindo mesas.

— Minha história não é bonita, acredite, você morreria de tédio, além disso, não tenho opções, nem um pai milionário disposto a me jogar no mercado editorial.

Penso em tudo o que abri mão para ficar com minha irmã, penso em como é ter a minha vida. Dói saber que não posso fazer nada além de resistir e viver um dia de cada vez. Dói não poder fazer planos para o futuro.

— Você tem algo que dinheiro não pode comprar e se chama talento, não precisa de um pai rico para voar. Basta querer.

Quero perguntar a ele o que sabe da vida, mas a resposta é simples, ele não sabe nada. Realmente não preciso de um pai rico, mas eu quero e não posso mesmo assim. Tenho uma criança que preciso cuidar, alimentar e dar amor. Não posso me dar ao luxo de me dedicar à escrita, então me limito a postar alguns trechos na internet de vez em quando.

As coisas apenas são como são.

— Você não faz ideia de como é a minha vida. — As palavras saem estranguladas, mas tento não me importar.

— Então me conte, *Shakespeare*, vou ficar esperando até o fim do seu turno.

E foi assim que nossa história começou, comigo fumando um cigarro no meio de um turno agitado e ele insistindo até eu ceder. Fui relutante até não poder ser mais, ele foi insistente como ainda é, e nós dois juntos fomos algo que nunca, jamais, teremos com mais ninguém. Foi instantâneo e não teve somente a ver com sua imagem e tudo o que ela significa. Esse foi o primeiro momento de muitos.

Tales Jackson me tirou do sério mais vezes do que sou capaz de contar, ele correu para mim todas as vezes em que fez merda, ele me estendeu os braços sempre que precisei e esteve presente nos bons e maus momentos da minha vida. Foi um pai/irmão para a minha irmã Kenzie, esteve com ela sempre que pôde. Ele a amou. A ama.

E por anos, Tales me emprestou seu ombro, sua amizade e dinheiro e ele nunca pediu nada em troca. Nem eu. Aconteceu naturalmente, mas, da mesma forma que começou, terminou, porque nós fazíamos bem um ao outro, mas também fazíamos muito, muito mal. Nós mentimos para os nossos amigos e para nós mesmos, magoamos nossos amigos e a nós mesmos. Nós estragamos algo que era bonito.

Mas a vida é uma merda, somos pessoas que nunca conseguirão lidar com suas diferenças e eu estava certa de que não precisaria mais dele, que havia colocado um ponto final na nossa história, e então eu perdi o rumo das coisas.

Outra vez.



Saio do *Coyotes Bar* à uma da manhã, preciso de fôlego para a caminhada que tenho que fazer até a minha casa agora. Meu carro está quebrado há muito tempo, tempo o suficiente para eu saber que, quando for consertá-lo, outros consertos precisarão ser feitos, mas tento não pensar nesse assunto agora, porque realmente estou longe de poder pagar por isso. Minhas costas doem de ficar curvada sobre o freezer repondo cerveja, mas já passei da fase de reclamar achando que vai mudar algo. Não vai, nunca muda, as coisas são como são e preciso ficar calma se quiser manter esse emprego.

E a cabeça no lugar.

Abro a porta de casa e desejo que todos estejam dormindo, há luzes acesas e ouço o som da televisão. Respiro fundo, não importa quantas vezes eu peça para economizarem energia, ninguém realmente me escuta. Vejo os pés imundos do meu pai sobre a mesa de centro ao lado de duas latas de cerveja. Tranco a porta, apago a luz e sigo até o quarto. Ele sequer olha para mim e eu agradeço, porque tudo o que menos quero nesse momento, ou em qualquer outro, é ouvir sua voz.

Movo a maçaneta do meu quarto, mas está trancado e, de repente, começo a sentir o pânico dentro de mim. Kenzie deve estar lá dentro, ela sempre se tranca lá quando as coisas ficam feias. Encosto a cabeça na porta e

respiro fundo. Os últimos anos foram desgastantes, mas os últimos meses me derrubaram, sinto como se estivesse no chão e não tenho mais forças para ficar de pé. Estou cansada de lutar por algo que nem sei o que é. Estou vivendo sem um objetivo, estagnada, de mãos atadas. Queria largar tudo e viver a minha vida, mas não posso deixá-la. É minha irmã.

— Mackenzie? — Bato na porta, mas não consigo ouvir nada lá dentro. — Kenzie? Abra a porta!

Não há resposta, não sei quanto tempo passou, mas sei que ela não vai abrir e começo a ficar apavorada com as possibilidades. Volto até a cozinha e encaro meu pai, que está com os malditos olhos fechados. Sei que não está dormindo, é um filho da puta mentiroso, então bato palma com força e vejo suas pálpebras tremerem.

— O que você fez com ela?! — Estou gritando e isso chama sua atenção porque ele odeia ser desafiado.

— Fale alto comigo outra vez e eu faço o mesmo com você.

— O que você fez com ela?! — repito, ainda mais alto e não movo um músculo quando ele se levanta.

— Qual o problema de vocês? — Meu pai dá um tapa na parede ao meu lado, o vento de sua mão em direção a ela faz meu cabelo balançar, mas eu sequer pisco. — Sua irmã não quis fazer as tarefas da escola e me desobedeceu.

— Qual é a merda do seu problema? — Me descontrolo. — Ela tá de férias! Cadê a mamãe?

Ando até seu quarto e espio dentro, ela está dormindo, há uma taça de vinho sobre a mesa de cabeceira ao lado de seus remédios controlados.

Não sei o que fazer. Posso continuar gritando com ele e não chegar a lugar algum, ou posso tentar arrombar a porta do quarto e é o que eu escolho fazer. Vinte minutos se passam quando a maçaneta é girada e a porta se abre. Kenzie acordou. Entro no quarto, acendo a luz e a vejo, suas bochechas estão

vermelhas e há uma marca em um dos lados que sei que ficará roxa amanhã. Há um pequeno corte em seus lábios e seus olhos estão inchados de chorar.

Eu a puxo para os meus braços e ela se afunda em meu peito, os soluços escapam de sua boca, não tem como evitar, ela não está bem, eu também não estou, e juntas estamos prestes a enlouquecer. Não sei o que faço, já ameacei ir à delegacia, mas ele não seria preso e voltaria apenas para descontar ainda mais nela. Além disso, ele já me ameaçou, disse que me colocaria para fora de casa se eu o fizesse e não posso sair. Não posso deixá-la nas mãos dele. Não tenho como abandonar minha mãe. As duas precisam de mim.

— Eu queria fazer um desenho pra você, mas o papai viu e ficou bravo, mandou eu fazer tarefas da escola, mas eu estou de férias...

Então era isso, tudo apenas por causa de um desenho, porque ela queria me dar algo. Ele odeia a forma como nós duas nos apoiamos, como sabe que eu vivo apenas por ela. Sinto o nó na minha garganta, não sei como responder a isso, não sei o que dizer, não sei de mais nada. Já cansei de fazer promessas, além disso, não posso cumprir nenhuma agora. Não tenho como fugir com Kenzie, isso poderia fazer com que me afastassem para sempre dela.

Não posso correr esse risco.

Tudo o que posso fazer é esperar sua maioridade e convencer minha mãe ir com a gente. Ainda falta muito tempo, minha irmã é apenas uma criança e eu sinto muito, sinto muito que ela tenha que passar por tudo o que passei. Que tenha que conviver com o monstro que ele é. Nunca vou entender o motivo dele fazer o que faz, apenas sei que sente prazer em nos ver acuadas e machucadas e saber que foi ele quem fez aquilo. Tudo é ainda pior quando ele bebe, e ultimamente, vem se afundando no álcool, dia após dia.

Tudo está desmoronando.

E eu continuo sem saber o que fazer.

— Tudo vai ficar bem, Kenzie — sussurro em meio aos seus cabelos.

Ela soluça e se agarra ainda mais forte em mim.

— Você sempre diz isso.

As lágrimas correm sobre o meu rosto, mas as seco quando ela se afasta. Não quero que as veja. Preciso ser forte por ela. Minha irmã caminha até a cômoda e pega uma folha, ela entrega para mim, há um pequeno sorriso em seu rosto e isso parte o meu coração. A pureza e inocência de uma criança que é capaz de ter esperança, que, apesar de tudo, ainda é capaz de sorrir. Não quero que ela se torne como eu, que perca seus sorrisos e sua fé.

— É o desenho que fiz para você... — Kenzie passa o antebraço no rosto para secar o nariz que está escorrendo.

— O que é isso? — Observo o desenho de um casal com uma criança dando a mão para cada um deles.

— É meu sonho — responde ressabiada, mesmo sendo tudo, menos tímida.

— E quem são esses? Isso é um cachorro? — pergunto animada, desejo fazer com que ela se esqueça do que aconteceu mais cedo, então uso minha melhor voz.

— É uma tartaruga.

— Você quer uma, Kenzie? — Sorrio porque sei o quanto ela ama tartarugas.

Me sento na cama e a puxo para o meu colo. Sua cabecinha se move para cima e para baixo assentindo. Passo o polegar sobre sua pele avermelhada e acaricio.

— É um desenho muito bonito, obrigada. — Beijo sua cabeça, mas minhas costas doem com o pequeno esforço. — E estes, quem são? — Aponto para o casal.

— É você e o Tales. — Sinto meu coração errar uma batida. — E
essa é a casa que eu queria morar com vocês e minha tartaruga.



Passo a noite em claro mesmo sabendo que tenho turno dobrado no dia seguinte. Não sei realmente o que fazer, e essa frase se repete em minha mente o tempo inteiro, porque nunca me senti tão perdida. Penso em ligar para o Benny e avisar que apenas farei o meu horário normal, mas também sei que me comprometi e que realmente preciso dessa grana para a conta de luz que está atrasada.

Encaro Kenzie ao meu lado, seus cabelos se espalham sobre o travesseiro, suas pernas estão sobre as minhas, e mesmo que ela pese poucos quilos, ainda assim parecem toneladas. Minha irmã é tão espaçosa quanto eu, e isso é sempre um enorme problema quando decidimos dividir a cama, como fizemos ontem. Mas não era uma opção deixá-la dormir sozinha, eu nunca a deixaria sozinha em seu quarto depois do que passou.

Deixo o quarto sem fazer barulho porque quero que durma o máximo que puder. O café está passado e o cheiro preenche a nossa pequena cozinha que, por sinal, está um caos. O chão de madeira está gasto e manchado, há pegadas de lama que secaram o tornando empoeirado, a mesa redonda que temos no canto está repleta de pratos, e há tanta louça na pia que me faz querer correr para longe.

Mas sabe o que eu faço? Faxina. Gosto de limpar para me manter lúcida. Tenho escovas de todos os tipos, tenho luvas para cada coisa, estão

velhas e gastas porque não tenho grana para comprar novas, mas gosto delas. Começo limpando os pratos, tirando o resto de comida de dentro deles, empurrando com uma colher para dentro do pequeno lixeiro.

A porta da frente está aberta e ouço uma tosse, meu pai está acordado. Espero que não olhe em minha direção esta manhã se não quiser ver o inferno fora de mim. Empilho os pratos, separo os talheres e os copos e tiro todo o lixo e sujeira de dentro da pia antes de começar a lavar a louça. É um hábito, gosto de organização, mas não tenho isso onde moro, minha casa é tudo, menos organizada.

É difícil colocar Kenzie na linha, ela é uma tremenda bagunceira que arremessa sua mochila no canteiro antes mesmo de entrar em casa, o que não faz o menor sentido, porque se ela vai entrar, por que diabos não entra com a mochila? Da última vez, ela deixou suas coisas na rua e choveu durante a noite inteira, todos os seus livros e cadernos foram arruinados, mas acho que depois disso, ela aprendeu a lição.

Mesmo assim, ainda tenho bastante trabalho tentando fazer com que ela se torne alguém que cuida das suas coisas e que limpa sua própria sujeira. Tento não ser chata, não quero parecer com nossa mãe, mas por mais que eu tente, não consigo, e esse é meu pior pesadelo, isso é o que me mata, dia após dia, o que me fez abrir mão da única coisa boa que me fazia esquecer quem eu realmente era.

— Pare de fazer tanto barulho com esses pratos, garota. — Ouço os passos do meu pai, o chão range sob seus pés.

Encaro o vidro sujo à minha frente, há respingos de inseticida que ele passa na casa à noite e que mira nos vidros apenas para que fiquem sujos e eu tenha que limpar. O dinheiro que coloco dentro de casa, a comida que faço, as roupas que lavo e o chão que limpo é pouco para ele. Meu pai diz que não é mais do que minha obrigação porque já sou maior de idade e posso muito bem cair fora.

Mas ele diz isso apenas porque sabe que eu nunca o faria, eu nunca deixaria Kenzie para trás, e por isso, por ela, eu fico e encaro o vidro sujo torcendo para que ele seja breve. Vejo sua sombra refletida à minha frente,

ele apoia o braço na parede que leva ao corredor. Há dias que ele não fala comigo e há outros que ele fala apenas para me ofender, ele gosta de me irritar e tentar me fazer perder o controle apenas para dizer que sou como minha mãe.

Louca.

É como ele costuma nos chamar.

— Vá acordar sua irmã — exige.

Não há mais nada que eu possa dizer a ele. Não há ofensa alguma que eu possa fazer, tudo já foi dito, já me defendi, nos defendi, já briguei, gritei, ergui minha mão, o ameacei, tudo foi feito ao longo de todos esses anos e não há nada, absolutamente nada que eu possa fazer senão ouvir e desejar que acabe logo com o que quer que esteja tentando começar. Não sou fraca ou medrosa, mas estou cansada de tentar mudar algo imutável.

— Deixe ela dormir, está cansada. — Enxaguo os pratos e os coloco em pé no escorredor.

— Já é tarde — ele rosna.

Sinto vontade de arremessar em sua cabeça a panela na que estou lavando agora, mas quero me poupar de uma cela de prisão e também paguei caro nela porque é antiaderente e não deixa queimar nada. Seria uma merda estragá-la.

— Mackenzie está de férias. — Enxaguo a panela.

— E daí? Eu também não estou trabalhando, mas olhe só para mim, acordado desde as cinco.

Posso ver seu bigode se mover com a forma exagerada com a qual ele move sua boca, mas sequer estou olhando em sua direção. Seus traços são tão vivos em minha mente que já desejei ter nascido cega apenas para não ter a imagem do seu rosto me assombrando.

— Sim, e o que fez nesse tempo? — Passo a esponja no vidro do basculante à minha frente e esfrego com força.

A sujeira parece entranhada, mesmo que faça apenas uma semana que esfreguei. Me abaixo para abrir a porta que fica embaixo da pia e pego uma escova de dentes velha que uso para esfregar coisas. Ouço a risada áspera do meu pai, sei o que ele está fazendo, mas já não me importo mais. Ele sabe que sua presença me deixa desconfortável e é exatamente por isso que está parado atrás de mim.

— Sua mãe e sua irmã dormem até tarde, parecem duas encostadas. Elas deveriam estar trabalhando.

— *Você* deveria estar. Mamãe não tá bem e sua filha tem nove anos.

— Sua mãe nunca tá bem, ela entra e sai de empregos o tempo inteiro.

— Bom, ao menos ela entra.

Sei que ele faz alguns trabalhos informais à noite, ou pelo menos é isso que ele diz que está fazendo nas duas últimas semanas, mas até agora não vi nada ser comprado para a casa com esse dinheiro.

— Sabe... — Ele se curva sobre mim, posso sentir sua respiração em minha nuca. — Ela também começou esfregando coisas.

Automaticamente minhas mãos param de se mover e sinto a minha garganta fechando, meus olhos pinicam, meu queixo treme e sinto a bile, um enjoo forte com o cheiro de cigarro e sujeira que vem dele. Mordo o lábio forte o suficiente para sentir o gosto de ferro que o sangue traz.

— Beth, Beth! — minha mãe grita do quarto e desligo a torneira para me concentrar em sua voz. — Onde estão meus pincéis?!

Não saio correndo, porque sei que devem estar no mesmo lugar de sempre. É apenas minha mãe sendo ela mesma, ou quem ela se tornou. Abro a porta do quarto e a vejo caminhar de um lado para o outro, abrindo todas as gavetas e revirando tudo sem ao menos procurar direito. Seus cabelos

caem na frente do rosto e sua camisola sobe na parte de trás quando ela se curva sobre a última gaveta da cômoda, então ela toca a batinha e a retira.

— Elizabeth, eu preciso pintar agora. — Ela está nua quando se vira para pegar o sutiã sobre a cama.

— Estão nos fundos da casa, onde os deixou na última vez em que os usou.

Ela veste uma blusa e um casaco, então me encara, colocando as mãos na cintura.

— Pare de me olhar assim. — Aponta para o meu rosto e sua expressão me irrita.

Há repulsa em suas feições. Dou as costas para sair do quarto, preciso terminar de limpar a cozinha antes de sair para o trabalho e também quero deixar algo para Kenzie comer. Não gosto que ela coma porcarias industrializadas, precisa se alimentar melhor. Ouço os passos da minha mãe em direção ao quarto da minha irmã e paro para observá-la. Isso me irrita, Deus, como me irrita. Sei que ela quer acordá-la, mas por que não a deixa dormir e estar livre dessa merda por alguns minutos a mais?

Eu a deixo dormir até tarde sim, porque isso a livra de lidar com os dois por mais algumas horas e elas fazem muita diferença. Ela caminha até meu quarto quando não a encontra no seu, sua mão força a maçaneta e ela abre a porta com rispidez, fazendo barulho o suficiente para acordar minha irmã, que nos recebe com olhos arregalados. Minha mãe anda até ela, então passa os dedos entre seus cabelos, acariciando. Kenzie me encara, confusa.

— Levante, preciso que me ajude a limpar a área dos fundos, vou começar a pintar de novo.

Sei o que está passando na cabeça da minha irmã agora mesmo, ela está certa de que ela parou com os remédios. É esse reconhecimento aos nove anos que me assusta. Uma garotinha com essa idade não deveria lidar com algo tão grande, mas me conforta sabendo que tem a mim. Com sua idade, eu não fazia ideia de por que em alguns dias minha mãe sequer olhava

na minha cara e no outro, me acordava com beijos e um café da manhã com tudo o que tem direito.

— Você sabe o que pintar faz com você — suspiro, não há uma forma certa de falar com ela sem ter a reação que estou habituada.

— Não, me conte, o que faz?

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Você precisa tomar seus remédios, mãe.

Ela solta uma gargalhada, mas há tanto cinismo que me tira do sério.

— Qual o seu problema em me ver indo bem?

Vou até seu quarto e pego o frasco de remédios porque irei obrigá-la a tomar. Não podemos correr o risco de vê-la perder o controle, não podemos, *não podemos, não podemos*. Não temos dinheiro para seu consumismo impulsivo, todos os nossos cartões foram estourados da última vez. Há empréstimos no banco que estou tentando negociar. Merda. Bato na parede clara ao lado do batente da porta. Meus olhos pinicam, o frasco está vazio.

Havia remédios para o mês inteiro, e agora precisarei gastar com mais. São caros, e sou eu quem pago por eles. Não sei mais o que fazer, e, de repente, percebo que estou usando essa frase novamente. Passo as mãos no rosto. Não tenho nada, não tenho cartões ou cheques, meu limite de crédito especial foi sacado por ela da última vez e ainda estou tentando pagar. Talvez Benny me arrume uma grana hoje à noite, então poderei comprá-los amanhã pela manhã.

Tudo isso e eu sequer tenho uma certeza, talvez ela os jogue na privada, quem garante? Da última vez precisei interná-la, ela concordou, mas apenas porque sabia que havia passado do limite. Era uma forma de se desculpar pelo estrago em nossas finanças. Era ela manipulando a todos, eu não sei, não tenho mais certeza de nada além do amor que sinto por Kenzie e o quanto gostaria de poder ir embora com ela. Do quanto gostaria de poder dar uma vida melhor à minha irmã.

— Vou comprar mais amanhã e você vai tomar.

— Escute uma coisa... *Eu* sou a mãe aqui! — ela grita.

— Então se comporte como uma! — grito de volta.

Sinto um tapa acertar meu rosto e fecho os olhos, absorvendo o ardume. Meu pai ri, está encostado na parede, uma mão na cintura. Não preciso olhar para ele para saber que sustenta um sorriso.

— Eu não queria engravidar de você... — Ela começa uma história que estou cansada de ouvir. — Eu deveria ter feito um aborto, era nova demais...

No começo, sempre que ela dizia isso, eu gritava de volta perguntando para ela por que não usava camisinha ou tomava algo se não queria, porque ninguém engravida sem querer. Ela é mulher, tem o controle de sua natalidade. Mas, com o passar dos anos, eu percebi que não adiantava nada dizer coisas desse tipo para ela. Era sua mente doente, mesmo que talvez estivesse dizendo verdades, só queria me magoar porque não estava sã.

— Onde estava ontem à noite? Por que deixou que seu marido batesse em sua filha, droga? — Eu pareço tão perdida quanto ela em seu pior momento e isso me corrói por dentro.

Minha irmã se senta na cama e observo minha mãe puxá-la para um abraço. Sei que Kenzie gosta quando ela larga os remédios, porque ela se torna outra pessoa nos primeiros dias. Ela faz cafés da manhã, *waffle* com direito à calda de morango e parece ser a melhor pessoa do mundo, até não ser mais e as coisas saírem dos trilhos.

Não posso culpá-la por isso, é somente uma criança que ainda tem esperanças. Sou eu aos nove anos, feliz quando ela tocava meu queixo e inclinava minha cabeça para me dar um beijo na testa, mas, então, ela perdia o rumo, e quando eu via, estava gritando comigo de novo.

— Não vamos falar sobre coisas ruins agora. Temos quadros para pintar e o mundo para conquistar. — Ela parece radiante.

Meus olhos pinicam quando dou um pequeno sorriso para Kenzie. Beijo sua testa e sussurro que está tudo bem, então me viro e volto até a cozinha. Ouço o som de uma lata de cerveja abrindo, o filho da puta começa cedo. Parte minha não o culpa por ser um alcoólatra, porque é cansativo pra caralho estar sempre sóbria e ter o peso de tudo nas costas.

— Quer uma? — brinca, mas o ignoro, caminhando até a pia, antes de voltar a esfregar.



— Benny, eu preciso falar com você. — Gesticulo, o som está muito alto e penso que talvez ele possa não me escutar.

— Eu estou ocupado com um fornecedor — diz.

A porta está entreaberta e posso ver os sapatos de um homem que está sentado em uma cadeira à frente da sua mesa.

— O turno está acabando e eu já estou limpando tudo para ir, só queria saber se pode me adiantar uma grana.

Suas sobrancelhas se erguem a ponto de quase serem capazes de tocar seu couro cabeludo.

— Você recebeu há dois dias.

Comprimo os lábios e observo as veias proeminentes que se acentuam em seu pescoço e testa.

— Eu sei... mas... bom, eu tive de pagar as contas e agora preciso de um remédio e...

— Saúde — suspira, sei que acha que estou blefando e isso me deixa indignada, porque ele deveria saber que sou responsável e não uma

mentirosa.

— As gorjetas de hoje não são o suficiente, mas eu consegui uma parte. Sinto muito, Benny, eu não previa que iria precisar.

Ele tira algumas notas do bolso de trás da calça e conta na minha frente antes de entregá-las para mim, que retiro duas delas e devolvo a ele.

— Isso é o suficiente, obrigada.

— Amanhã você assina o recibo. — Ele olha para dentro onde o homem lhe espera.

— Obrigada — agradeço antes de me afastar.

Viro-me para voltar para o balcão onde Roxana me aguarda, ela ficou com o emprego de Kyra quando ela se formou e decidiu largar tudo para trabalhar com Max. O problema é que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, e eu não teria a sorte de ter outra pessoa como ela trabalhando aqui, em vez disso, aí está, passamos metade do tempo brigando e a outra metade nos evitando. Tudo depende de como vai nosso humor, e o meu não anda muito bom nos últimos dias.

Enfio o dinheiro no bolso do meu avental e, quando torno a olhar para a frente, me atrapalho com meus próprios pés ao vê-lo. Meus olhos percorrem os detalhes, agora que são três isso acabou se tornando mais difícil, e também tem o fato de que não o vejo há algum tempo. Foi o que decidimos, foi a decisão que tomamos. Não estar no mesmo caminho, evitar os lugares em comum.

As coisas saíram dos trilhos quando Max apareceu, TJ começou a frequentar o bar mais vezes, até que Kyra pediu demissão e eu pedi a ele que não viesse mais. Era difícil demais estar no mesmo lugar que ele, sempre foi. Me aproximando posso ter certeza. Seus ombros estão mais largos, ele sempre parece maior, seus cabelos estão grandes e penteados para trás, um jeans justo e uma camiseta preta agarram seu corpo, mostrando sua boa forma.

— Você está precisando de dinheiro? — pergunta.

Há algo na forma como fala, como me olha, que faz com que se torne o mais bonito dos três. Provavelmente Ky e Tray também falam isso sobre Max e Ty, talvez seja o que sentimos por eles que influencia a forma como o vemos, eu não sei. Há uma beleza singular no amor que não tem nada a ver com a aparência. Embora, é claro, eles sejam lindos pra caralho.

— Não — respondo.

— Bom, não é o que parece.

— O que tá fazendo aqui? — Tento passar por ele, mas sua mão toca meu cotovelo.

Eu o conheço tão bem, sei que está lutando para não me envolver em um abraço, e Deus, só ele sabe o quanto eu preciso de um agora, mas não posso, não posso sentir como é bom estar com ele, em seus braços.

Desvio meu olhar, porque não sou capaz de olhar para ele.

— Ei, você vai demorar muito aí?! — Roxana grita e observo Tales a olhar sobre os ombros.

Sinto ciúmes apenas por ter os olhos dele na direção dela, porque sei que precisa apenas sorrir para levá-la para a cama, e é o que ele faz de melhor, ele manipula as pessoas com esse rosto lindo e o sorriso que, puta merda, é o mais bonito de todos, é o que eu mais gosto nele. Como Tales sorri, como fecha os olhos, como uma covinha se aprofunda em sua bochecha e como encolhe os ombros quando o faz. Não há nada mais sexy do que um brutamontes sendo fofo.

— Não — respondo.

Ela revira os olhos e bate os cílios falsos. Tudo nela parece ser uma mentira. Vejo-a olhando para ele, seus olhos correm seu corpo inteiro, mas não há nada no rosto de Tales que mostre que ele gosta do que vê nela, há apenas preocupação lá, eu o conheço bem. Sua mão ainda está em meu braço e ele afrouxa o aperto, posso sentir seu polegar deslizar sobre a minha pele, mas eu não me movo, assim também como finjo que isso não me afeta.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, o que está fazendo aqui?

Tales entreabre a boca, posso sentir sua respiração no meu rosto. O cheiro de menta, forte o suficiente para nunca ser esquecido.

— Eu precisava de uma bebida.

— E esse era o único bar da cidade? Estamos fechando — afirmo, voltando a caminhar até o balcão.

TJ puxa uma banqueta e se senta, então leva sua cerveja até os lábios.

— Não é o único que tem na cidade, mas é o único que tem você.

Suas palavras são fracas, mas elas me acertam com força.

— Nós já fizemos isso, não deu certo, daí a gente fez de novo, e adivinhe, não deu certo. E agora você tá aqui, quebrando uma promessa.

Passo o pano sobre a bancada pela quarta vez. Já está limpa, mas preciso me concentrar em qualquer coisa que me impeça de olhar para ele. Vou até a pia e lavo o pano, então volto e começo a recolher os copos sobre a parte superior. Tales deixa sua cadeira e começa a recolher os copos comigo, amontoando um sobre o outro, ele me entrega as duas pilhas e eu as coloco na pia, antes de começar a esfregar a parte que ainda não foi limpa.

— Nós fomos bons amigos um para o outro — ele sussurra.

Meus olhos varrem o bar, alguns clientes erguem o braço para mim acenando antes de atravessarem a porta. Roxy passa pano nas mesas, empinando a bunda mais do que necessário para se esticar sobre a base. Me viro de costas para Tales e começo a lavar os copos, ouço seus passos e deixo escapar um suspiro trêmulo.

— Você precisa ir. — Coloco um copo no escorredor e observo suas mãos segurando um pano que ele usa para secá-lo.

Até mesmo suas mãos são bonitas. Sinto falta delas, sinto falta do conforto e segurança que me dão. Quando as tenho sobre mim, é como se eu fosse capaz de dominar o mundo. Forte o suficiente para nada me fazer desmoronar.

— Você parou de escrever em sua página. — Posiciona os copos no armário superior.

— Estou fazendo turnos dobrados.

— Mackz me disse o que ele fez.

Minhas mãos começam a tremer e sinto meus olhos se encherem de lágrimas. *Droga*. Sei que meu pai a agrediu, como também fez comigo a vida inteira, mas ouvir alguém de fora dizendo em voz alta, só mostra o quanto estou sendo conivente. Como se eu permitisse, como se a decisão estivesse em minhas mãos, como se apenas eu fosse capaz de mudar tudo.

— Como ela está? — insiste.

Tales deu a Kenzie um telefone e o recarrega mensalmente para que eles troquem mensagens. TJ é seu melhor amigo, é a pessoa favorita dela. Ele nunca a abandonou, nunca esqueceu nenhuma data, ele nunca, nunca a deixou por nada. Ele trocou festas para estar com ela, trocou garotas por noites de pipocas em nosso quarto, ele tem meu respeito e admiração por isso. Por ser para Kenzie o que ela precisou quando eu não podia estar.

— Ela vai ficar bem.

— E você? — Ele se aproxima.

Sua presença tem poder sobre mim, nem me lembro da última vez que fui para a cama com alguém, mas me lembro da última que fui com ele e levei muito tempo para superar. O quero agora, meu corpo inteiro implora para que ele me faça esquecer, mas não se apaga um erro com outro. Isso apenas tornaria as coisas mais complicadas do que são, eu teria uma nova dor de cabeça e TJ é do tipo de dor que é fraca, mas que está lá todo dia, latejando fraquinho apenas para me lembrar de que não se foi.

— Ficarei bem também.

Termino de secar a pia e pego a vassoura para varrer o chão do lado de dentro do balcão. Vejo os pés dele calçados por tênis mais caros do que todas as minhas roupas e de Kenzie juntas. É triste que alguns tenham tanto enquanto outros tão pouco. Não por mim, mas por minha irmã. Gostaria de dar coisas boas a ela, gostaria de mimá-la, mas não posso me dar a esse luxo. Tales o faz de vez em quando, ele compra bolsas, chapéus e sapatos, um escândalo rosa e azul-turquesa, suas duas cores preferidas.

— Você nem consegue olhar pra mim, Elizabeth.

Não, eu não consigo. O que ele quer que eu diga? Que estou bem? Que me sinto bem ao vê-lo tão bonito e bem-sucedido mesmo tão jovem, enquanto eu continuo em um bar recebendo um salário que mal paga as minhas contas? Que estou confortável com o fato de estar fedendo a cerveja enquanto ele cheira deliciosamente bem? Que pode estalar os dedos e ter qualquer mulher em sua cama enquanto eu sequer tenho tempo para sexo?

— Eu preciso que você vá — suplico. — Por favor, apenas vá embora agora.

Não, eu não estou feliz e também me sinto mal por não me sentir feliz por vê-lo bem. A vida adulta se resume a você estar confuso e ser egoísta. É como me sinto agora. Gostaria de abraçar Tales e dizer que estou orgulhosa com a forma que ele está se dedicando à empresa do seu pai, das coisas que soube por Kyra, de como ele tem trabalhado duro no último ano.

— Se precisar de algo... — Tales estica o braço, mas eu recuo a tempo.

Não posso deixar que ele me toque, sei o poder que isso tem sobre mim.

— Por favor, TJ.

Ouçó o suspiro pesado que ele deixa escapar, sei o quanto é capaz de ser insistente, o quanto está lutando para ir em vez de me abraçar, mas, ao contrário do que penso, não fico feliz quando o vejo partir. No entanto, é

melhor assim, ele não precisa de alguém como eu. É Tales Jackson, já fez merdas demais para me magoar, mas também fez mais por mim do que qualquer outra pessoa que existe no mundo. Não o odeio pelos erros que cometeu, mas *me* odeio por permitir que eu me apaixonasse pelos acertos.

Sinto as lágrimas correndo sobre o meu rosto e sequer tento secá-las quando Roxy se aproxima. Seus saltos ecoam no chão e ela abre a boca para dizer algo mas desiste. Me sinto miserável agora, e lamentando por saber que ele é capaz de conhecer alguém e ser feliz com outra pessoa, enquanto estou fadada aos meus pais até Mackenzie ter idade o suficiente. Só que, quando ela for adulta, eu terei quanto? Mais de trinta e cinco? Deus, vou aguentar até lá? Eu não sei, mas provavelmente eu farei meu melhor para que isso aconteça.



Quando o vento quente toca meu rosto e estou finalmente na rua, desabo. Tenho tantos motivos para estar triste agora, que não me importo que me vejam. Acontece que acabo de me lembrar de que preciso de uma receita médica para o medicamento, então vou precisar de mais grana e de alguns dias até que o médico possa atendê-la. Prevejo o caos, prevejo minha mãe entrar na fase da mania. Respiro fundo, *de novo, de novo*.

Preciso manter o controle.

Penso no estrago que ela pode fazer, nas possibilidades. Da última vez que ficou sem os remédios não foi bonito, Kenzie não pode passar por isso de novo. Respiro fundo. *Preciso manter o controle*. Desbloqueio a tela do meu celular surrado, tenho o número de dois agiotas que conhecemos, ligo para o número um, a ligação cai na caixa postal, então ligo para o segundo e, no quinto toque, ele atende.

— *Quem diabos liga a uma hora dessa?*

— Ei, boa noite, Thony, é Elizabeth, eu só queria dizer q...

— *Não se meta nos negócios da sua mãe, garota.*

— Você não pode emprestar dinheiro pra ela dessa vez, entendeu? — Estou tão desesperada, que acabo gritando conforme as palavras vão saindo da minha boca.

— *Ela está louca outra vez?* — Sua risada é sombria e não há pesar algum, e isso faz meu rosto queimar em brasas.

— Escute aqui, você não quer que eu me meta nos negócios dela, então, quando ela voltar a tomar os remédios, vai cair em si e perceber que não tem como te pagar, não venha com chantagens para cima de mim, porque eu não vou te pagar. Eu estou te avisando agora para não emprestar nenhum dinheiro.

— *Escute aqui você.* — Sua voz é tomada por seriedade agora e sei que não está brincando. Talvez eu tenha ido longe demais. — *Experimente me ligar outra vez tentando me dizer o que fazer...*

— Não empreste dinheiro para ela, Thony, não temos como pagar.

— *Dê um olá para Mackenzie. Adeus.*

Merda.

Mackenzie. Ele sabe seu nome, sabe o nome de cada um dentro daquela casa, porque é barganhador e também gosta de ameaçar. Da última vez que ela largou os remédios, pegou uma grana com eles e eu acabei sendo ameaçada, tive que deixar as dívidas com o banco em segundo plano porque sabia que havia uma arma em algum lugar dentro da mochila de Thony, a qual ele levou até minha casa e não parou de olhar para ela com um sorriso doentio.

De qualquer forma, se houver alguma chance de que ele tenha avaliado meu desespero e realmente compreendido que não temos realmente como pagar, já está valendo para mim. Ao menos ele tem algo, ele sabe. *Tudo de novo*, minha vida é resumida a retrocessos. Um passo para a frente, dois para trás. Até quando? Até o resto dela? Será que sempre será assim? Que nunca vou poder ter uma vida normal? Bom, a resposta está diante de mim, em minhas mãos, quando meu celular começa a tocar.

— Alô — atendo.

— *O que quer?* — Ele é direto, como sempre.

— É Barnett?

— Sim, sou eu. — A voz não vem do telefone e eu estremeço.

— Eu estava passando por aqui — ele diz.

Não gosto dele, parece um assassino de aluguel de filmes de suspense, sempre com uma maleta preta nas mãos. Isso me assusta, até mais do que a mochila recheada de Thony. Ele não faz ameaças, em vez disso, sorri como um maluco e isso me deixa apavorada. Seus olhos passeiam pelo meu corpo. Há apenas nós dois do lado de fora do bar, o estacionamento está quase vazio e a falta de iluminação me deixa ainda mais assustada.

— Eu só queria pedir para que se caso minha mãe entrasse em contato... Ela está sem tomar os remédios e...

Barnett dá um passo à frente, estica o braço e toca meu queixo, inclinando para cima. Há um sorriso em seus lábios enquanto seus olhos escuros me encaram.

— Tarde demais, gracinha. — Ele se inclina e encosta sua boca na minha, antes de sussurrar: — Dê seu jeito.

— Beth. — Ouço a voz de Tales e meu coração dispara.

Graças a Deus.

Meu corpo está imóvel, estou apavorada, sei o que esse tipo de gente é capaz. Meus olhos se enchem de lágrimas. Quanto ela pegou? Elas correm sobre o meu rosto enquanto observo ele se afastar. Ouço os passos dele chegando até mim, vejo as mãos de Tales me envolverem em um abraço, sinto o meu corpo se aquecer, tudo o que ainda sinto por ele, tudo o que jamais vou esquecer. Afundo meu rosto em seu peito. Ele é tão grande e forte que me engole inteira.

Uma mão prende minhas costas, puxando-me com força, e a outra enterra em meus cabelos, apoiada em minha nuca. Fungo, levando as mãos até meu rosto para limpar a bagunça. Sua mão se move contra minhas costas, está me confortando. Ele se afasta minimamente, sua testa toca a minha quando ele se abaixa. Nossos narizes estão colados um no outro e minha boca está encostada ao lado da sua, tão perto que sou capaz de sentir o cheiro do chiclete que o vi mascar mais cedo.

— Quem era aquele cara? Ele fez algu...

— Não era ninguém importante — eu o interrompo.

Pela forma como pergunta, parece que não ouviu nossa conversa ou sequer o beijo ameaçador que me deu e suspiro aliviada.

— Você está bem? — pergunta.

— Sim.

E é a mentira que mais estou acostumada a contar. Mas quem liga? Quando alguém pergunta como você está, essa pessoa provavelmente nem quer saber a resposta, está apenas sendo simpática, então por que perder meu tempo falando verdades que não serão mudadas por elas, por ninguém, nem mesmo por mim? Tales me aperta ainda mais forte quando acho que não é possível.

Ele está por toda parte, seu cheiro se espalha e se mistura com o meu. Não posso dizer que não me lembrava como era estar em seus braços, porque seria uma grande mentira, não sou capaz de esquecer, o que posso afirmar é que senti falta. Deus, como senti. Ouço sua respiração mudar de ritmo, conheço o estrago que fazemos quando estamos tempo demais longe um do outro, então me afasto.

— Sabe que eu não caio nessa, não sabe? Você tá uma merda.

Cruzo os meus braços sobre a camiseta com o nome Coyotes estampado no peito.

— Eu trabalho em um bar, Tales, não em um escritório que me paga cem mil por ano.

— Porra, não tô falando sobre aparência. — Ele passa a mão no cabelo. — Você ainda é tão gostosa dentro de um jeans quanto eu me lembrava.

— Como acha que estou? Olhe só para mim. — Dou um sorriso sem humor. — E agora olhe só pra você.

É deprimente. Continuo estagnada no mesmo lugar enquanto ele parece tão bem resolvido.

— Não se deixe enganar, Beth, minha vida tá uma merda. — O suspiro que deixa escapar é perturbador e, de repente, percebo que não sabemos mais nada um do outro.

— Bom, pelo menos você pode pagar dois mil dólares em uma camisa da *Ralph Lauren*. — Aponto para o emblema que exibe em seu peito.

— Você precisa de dinheiro? — Observo ele mover sua mão até o bolso de trás.

Argh.

— Pelo amor de Deus, guarde essa merda agora — exijo e ele obedece.

— Eu só quero ajudar de alguma forma.

— O que veio fazer aqui? Por que veio, Tales? Você prometeu que não viria mais.

Tales passa a mão no rosto, parece perdido, ele olha para o céu antes de me encarar novamente. A luz do poste ilumina metade do seu rosto e o olho desse lado parece perfeitamente verde. Um tom que somente os três possuem, um verde diferente, minha cor preferida. Ele mira o chão, muda seu peso de perna, parece impaciente.

— Eu não sei... — Dá de ombros. — Parece que temos tendência de recorrermos um ao outro quando estamos na merda.

— O que você tem? — pergunto.

Estive tão afundada no meu drama pessoal que, por um momento, me esqueci que ele também tem uma vida. Há um vinco em sua testa que eu gostaria de tocar.

— Nada — responde.

Tales enfia as mãos no bolso da frente da calça e volta a olhar para o chão.

— Fale comigo, Tales, eu estou aqui. — Dou um passo à frente e seguro seu rosto com as duas mãos.

Seus olhos se fecham, o vinco em sua testa se aprofunda, sua boca entreabre, um suspiro estrangulado a deixa. Tales inclina a cabeça levemente em direção à minha mão, pressionando contra minha pele. Parecemos dois viciados tendo uma recaída.

— Esse é o problema, Elizabeth. — Ele não se move, suas mãos continuam no bolso. — Eu não tenho nada.



Penso em um milhão de coisas que eu poderia fazer. Posso mentir que o carro estragou, posso bater com ele em algo, dizer que acabou a gasolina, sei lá, qualquer coisa que me faça encostar o carro e ter um tempo com ela. Mas então me lembro de que sou adulto agora e que isso é algo que o antigo Tales faria. Não sou mais a mesma pessoa de quando a conheci, tampouco sou a mesma de apenas um ano. Isso se chama evoluir, amanhã terei mudado mais um pouco.

Gostava mais de como eu era, não pensava tanto antes de me formar. Um dia de cada vez e todos eles agitados. Não tenho isso agora. Não tenho nada. Talvez, se eu pudesse voltar no tempo, teria dado mais atenção às outras coisas. Às coisas pequenas, ao que realmente importa. Eu teria lutado mais, teria tentado mais, teria desistido com menos facilidade. Eu teria... aproveitado mais o meu tempo com ela. Eu a teria tantas e tantas vezes que ela não seria capaz de me dizer não.

Foram tantos e tantos erros que não sei dizer exatamente qual definiu minha situação atual, talvez sejam todos juntos que me levaram a estar sozinho agora. Talvez, se eu tivesse me importado mais com quem realmente estava ao meu lado, eu não sei, apenas me tornei alguém que vive demais no passado. Alguém que não consegue parar de pensar. *Ninguém*. Como foi que isso aconteceu? Estive todos os anos tão acostumado a estar rodeado por

pessoas, em todas as centenas de festas que dei, que agora me sinto vazio. Perdido.

Não que eu não estivesse naquela época, porque só Deus sabe o quão fútil e perdido eu sempre fui, e também não tem nada a ver com o fato de eu desejar minha antiga vida ou querer estar em festas, longe de mim, não quero nada disso, mas tampouco desejo me sentir tão fodido e sozinho. Eu odeio o silêncio, porque é nele que posso ouvir o grito que a solidão deixa escapar. Sou capaz de ouvir o barulho das folhas dançando com o vento, das cigarras que cantam ao anoitecer, ouço passos de pessoas que já não estão mais lá.

Minha casa é amaldiçoada, ninguém além de mim fica nela. Apenas serviu como um hotel para quem esteve de passagem. Minha mãe, meu pai, Kyra, Tyson, Maximum, Glenda. Minha irmã ainda vive lá, bem, tecnicamente apenas suas roupas, porque ela nunca para em casa. Todos se vão tão repentinamente quanto chegam. Uma mansão, uma pessoa.

Parece deprimente.

Tyson aparece de vez em quando, mas ele fica por dois segundos e dá o fora, está com a cabeça enfiada entre as pernas de Tracy e não enxerga nada além dela. O que eu posso dizer? Ouvi tantas vezes de Ky e Tracy que éramos uma maldição, e agora vejo as duas fazendo meus irmãos comerem em suas mãos. Mais difícil do que estar sozinho, é estar no meio dos quatro, porque é um lembrete que mostra tudo o que eu poderia ter se tivesse tentado mais.

Se não fosse tão burro e egoísta. Não quero sair nem conhecer ninguém, estou cansado de ter tudo de uma mulher, menos o que realmente importa de verdade e, de qualquer forma, conexão é algo que não se encontra em qualquer lugar. É tão único que acontece apenas uma vez em uma vida. É o que tenho com Elizabeth. Não importa quanto tempo tenha se passado. Nós nos achamos sempre nos momentos em que mais nos sentimos perdidos. É como estamos agora.

— Ouviu isso? — pergunto.

Tento fazer minha cara de sério, mas o problema é que eu nunca fui.

— O quê? — Beth se inclina um pouco e meus olhos caem em suas costas.

Sua calcinha está para fora do jeans.

Puta merda.

— Acho que o carro estragou. — Diminuo a velocidade.

Ouçoo o suspiro pesado e sua cabeça bate no encosto do banco atrás dela.

— Você sabe que isso não vai colar, não sabe?

Volto a acelerar o veículo e mordo o lábio para conter meu sorriso.

— Vamos dar uma volta — sugiro.

— São duas da manhã — ela me lembra.

— Quem se importa? — Observo a rua que se aproxima, se eu entrar nela, estaremos em sua casa e não farei ideia de quando irei vê-la outra vez.

— *Eu* me importo, preciso estar de pé amanhã cedo. — Beth coloca o cabelo atrás da orelha e observo seu rosto exposto.

Ela continua tão linda quanto da última vez.

— Você só entra na parte da tarde — rebato.

— Preciso deixar o almoço pronto pra Kenzie.

Desculpas. Tudo o que somos hoje, onde estamos agora, tudo culpa das desculpas que demos um para o outro, para nós mesmos.

— Eu compro algo saudável para Mackz comer e trago aqui.

— Não. — Sua voz é fraca, mas não mais do que me sinto agora.

Aperto o volante com força.

Dobro a esquina e avisto sua casa. Paro o carro, mas não olho em sua direção, estou perdido na escuridão à minha frente. Não há nenhum ruído à nossa volta, o silêncio que abomino se instala entre nós. Posso ouvir sua respiração, sentir meu coração. O mesmo que nem sabia que ainda podia bater. É o que ela faz comigo e isso sempre me assustou pra caralho.

— Como amigos, Beth. — A encaro.

— Nós já tentamos isso. — Há lágrimas em seu rosto e elas me dão esperança.

— Vamos tentar de novo — insisto.

— Eu estou cansada, sabe? Me sinto cansada de tentar fazer tudo funcionar.

— Podemos deixar as coisas acontecerem. — Pareço desesperado, mas nem me importo. — Eu só preciso que você esteja aqui quando eu precisar, e eu estarei no mesmo lugar quando quiser o mesmo de mim.

— Sexo? — Ela parece incrédula.

Eu sorrio como um filho da puta porque não sei ser diferente.

— Bom, não era sobre sexo que eu estava falando, mas, porra, eu gosto pra caralho de foder com você.

Suas bochechas coram, até eu coraria se tivesse vergonha na cara.

O problema é que eu não tenho.

— Não posso entrar nisso. — Ela abaixa a cabeça e seus cabelos ondulados cobrem a lateral do seu rosto. — Será apenas mais uma coisa da qual irei me cansar, me decepcionar, que me fará dar meu melhor para que funcione e eu já faço isso o tempo todo, com Kenzie, com meus pais, no trabalho... Então não, Tales, eu sei o quanto é cansativo estar com você.

Suas últimas palavras são um soco no meu estômago.

Talvez por isso todos tenham partido.

Porque sou cansativo.

— Tudo bem. — Desligo o carro.

O som das portas sendo destravadas possui um significado e ele dói.

— Desculpa... — ela funga. — Não foi nesse sentido que eu quis dizer.

Sinto sua mão tocar minha perna, mas estou olhando pela janela porque sou um covarde de merda que não tem coragem de encará-la. Estou sendo injusto pra caralho com Beth, sei todo o fardo que ela carrega e por isso deveria ser mais compreensivo, mas eu só queria poder ajudá-la como fazia antes.

— Você tem seus problemas, mas pode chorar por eles dentro de uma mansão.

Deixo uma risada sem humor escapar.

— Então seus pais morrem em um acidente de carro e, se você tiver dinheiro, vai sofrer menos pela morte deles? — pergunto, incrédulo.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ela parece envergonhada.

— Nem tudo é sobre dinheiro, Elizabeth.

— Você diz isso porque é rico — ela quase grita.

Encaro seus olhos azuis, eles brilham com a claridade do poste que está sobre nós e que penetra o carro através do teto solar.

— Eu posso ajudar você, porra! — explodo.

Passo as mãos no rosto porque sei que fui longe demais. Fecho meus olhos, encosto minha cabeça no volante e desejo poder piscar e resolver todas as merdas da nossa vida.

— É exatamente por esse motivo que não podemos fazer isso.

Ouçó a porta do carro se abrindo.

Ouçó ela se fechando.

Ouçó o silêncio que vem a seguir, ele ri de mim.



Meus pés se embolam no trajeto até minha casa. São oitenta e oito passos, mas parecem oitenta e oito mil. Eu costumo contar, é onde ele sempre me deixou e continua sendo uma tortura me afastar, mesmo quatro anos depois. Ele para o carro lá, algumas vezes estou brava, outras feliz, mas nunca voltei, nunca olhei para trás, assim como ele também nunca abriu a porta e correu até mim. Nós dois erramos, sempre os dois.

Abro a porta da minha casa, o motor do carro ainda está desligado, conheço cada movimento seu. Ele sempre espera que eu tranque a porta de volta antes de sair. Tales sempre cuidou de mim. Me pergunto como pudemos ser tão tolos deixando que algo tão bonito nos arrastasse a essa situação de merda na qual estamos afundados. Não temos nada, enquanto poderíamos ter sido tudo um para o outro.

Agora é tarde demais, temos nossos próprios demônios. Não soubemos compartilhá-los uns com os outros. Guardamos eles para nós mesmos e desejamos dia após dia que eles sumam, mas eles não somem. Então somos obrigados a aprender a conviver com eles, e quando vemos, nossos medos são parte de nós. São quem somos, quem nos tornamos. Eles nunca se vão.

— Não acredito que você está com aquele idiota novamente. — Meu pai arremessa a lata de cerveja com força dentro da pia.

Meu coração erra uma batida, pensei que ele estivesse dormindo. Na nossa última conversa sobre Tales, ele deixou bem claro que eu não deveria mais vê-lo.

— Boa noite. — Passo direto por ele.

— Eu estou farto de ver sua cara todos os dias.

— Isso soa tão familiar. — Sorrio, indo até a geladeira para pegar uma garrafa de água.

— É tão parecida com ele...

— Nós sequer somos amigos.

Ele rosna, abrindo outra cerveja. Me pergunto de onde diabos anda tirando grana para comprá-las.

— Você sabe que não a quero conversando com ele, com nenhum Jackson, caralho! — está gritando agora e eu me encolho. — Sabe que aquela gente é desprezível. São frutas podres.

Meus olhos vagueiam por ele. Uma fruta que quando brotou, já estava podre.

— Você acha que alguém como ele iria ficar com alguém como você? — Seu polegar aponta para mim. — Você é tão burra quanto sua mãe.

Semicerro os olhos, pensando no que diabos uma coisa tem a ver com a outra. Provavelmente nada do que ele diz faz sentido porque é um bêbado inútil. Caminho até meu quarto ignorando as lamúrias de meu pai e me surpreendo ao ver Mackenzie sobre minha cama. Suas pernas estão dobradas e ela sustenta um sorriso enorme. Sei que acabou de ouvir a conversa e por isso também sei o motivo de estar tão feliz.

— O que foi? — sussurro, não quero que ele escute Kenzie acordada a essa hora.

— Eu vi o Tales pela janela, ele acenou para mim. — Seus olhos brilham e me sinto culpada.

— Isso é legal. — Não sei o que dizer, nunca sei.

Empurro seus cabelos para trás dos ombros e encaro a janela. A cortina está entreaberta e observo a rua deserta do outro lado do vidro. Não há mais ninguém na esquina, mas ela olha para lá como se a rainha Elizabeth tivesse acabado de pisar seus pés no local.

— Sabe, eu mandei uma mensagem de feliz aniversário pra ele ontem... quer dizer, antes de ontem, porque já passa da meia-noite.

Meu coração para de bater. Deus, eu me esqueci de seu aniversário. Passo as mãos no rosto e solto um grunhido. Estou tão afundada no drama que tem sido os últimos dias que acabei me esquecendo. Não importa como estamos, sempre enviamos mensagens um para o outro em nossos aniversários, Natais e datas importantes. Não necessariamente respondemos sempre que recebemos, mas nunca deixamos de enviá-las.

É nossa forma de demonstrar gratidão por tudo o que representamos um para o outro. Não é como uma obrigação, é natural, espontâneo, e como sou masoquista, serve para me fazer criar expectativas que me tornam ainda mais frustrada, no entanto, isso me faz sentir viva de alguma forma. Faz me sentir conectada com Tales, não importa, é como se nunca tivéssemos colocado um ponto final, mesmo que tenhamos dito com todas as letras.

— Você... — ela tapa a boquinha e ergue as sobrancelhas — se esqueceu do aniversário dele? — Seus olhos estão arregalados.

— Foram dias difíceis, Kenzie.

Me deito na cama, preciso tomar um banho e tirar o cheiro de suor e cerveja da minha pele, mas em algum lugar, se eu me esforçar bastante, posso encontrar o cheiro do perfume dele, e isso é o suficiente para me fazer dormir, me agarrar no pouco que tenho dele. No cheiro másculo e levemente adocicado, no que significa para mim. Penso em como seus braços me mantiveram presa em seu peito. Em como ele tem o poder de apagar da minha mente qualquer coisa que esteja acontecendo à minha volta.

Então, como acordar de um sonho bom, caio em mim e me lembro de tudo o que estou envolvida. Na receita médica que terei que conseguir, nos remédios que devo comprar, na dificuldade que será fazer com que minha mãe os tome, em meu pai, o medo que sinto de ele cumprir com a sua palavra ao me ver com Tales outra vez, e o mais importante, no dinheiro que minha mãe pegou emprestado e que não terei como pagar.

Por alguns minutos, meu cérebro bloqueou essa informação, mas agora, deitada em minha cama, enquanto Kenzie tagarela baixinho sobre como amou ver TJ mesmo que de longe, penso sobre a forma como Barnett me ameaçou quando me beijou no estacionamento mais cedo. Estou tão cansada agora que não sou capaz nem de sentir medo, mas também não posso me dar ao luxo de negar a ele quando vier me cobrar, por Mackenzie, por sua segurança.

Não consigo acreditar que estou passando por isso novamente. Rolo meus olhos pelo quarto e presto atenção nos detalhes, em meu cabide de bolsas há sacolas de lojas penduradas, então me levanto bruscamente e as abro. Ouço o suspiro da minha irmã e ela se remexer na cama. Parece nervosa. Sei o que isso significa, sei quem as comprou e também sei que dinheiro usou. Meus olhos se enchem de lágrimas. Tudo isso para comprar casacos de pele, cachecol e toucas caras, e sequer estamos no inverno.

— Eu não tirei a etiqueta, então você pode devolver, talvez eles deem o dinheiro de volta — ela sussurra.

Há tanta maturidade e responsabilidade em sua voz, que choro por ver uma menina de nove anos tendo pensamentos tão adultos. Parte minha queria ela sorrindo de orelha a orelha enquanto me mostra os presentes que nossa mãe lhe comprou. Mas não, ela sabe o que eles significam, o peso que eles têm em minha vida, o quanto irão me afetar no futuro. Ela se levanta e caminha até a mesa, então se abaixa e pega de dentro de um pote rosa um punhado de dinheiro.

— O que é isso? — Seco meu rosto, me sinto desesperada com a ideia dela arrumando alguma forma de conseguir grana.

— Eu roubei das coisas da mamãe hoje mais cedo. — Suas palavras são um sussurro e sei o medo que sente ao fazer isso.

— Como assim? — Observo os hematomas em seu rosto e meu coração se afunda ainda mais no peito.

Por tudo. Por ela. Principalmente por ela.

— Mamãe gastou metade do dinheiro, eu ouvi em uma ligação o quanto pediu para aquele cara como da última vez. E aí eu contei quanto achei. Usei a calculadora e acho que é metade.

— Kenzie...

Ela empurra o dinheiro contra o meu peito e eu conto as notas. Há mil dólares.

— Só precisamos pagar a outra metade agora. Você pode devolver isso a ele.

Não falo a ela sobre os juros e sobre o mês inteiro que eu precisaria trabalhar para pagar a dívida. Sobre todas as contas que deixariam de ser pagas para poder arcar com os cachecóis, casacos e qualquer outra merda que minha mãe tenha comprado. Ao menos, se tivesse gasto em comida, eu conseguiria gastar menos no mercado esse mês e incluir no pagamento do Barnett. Mas os juros de um mês inteiro são muito altos e não faço ideia de como vou conseguir fazer isso sem passarmos ainda mais por dificuldades financeiras.

— Mamãe voltou a pintar. — Ela dá de ombros. — Disse que vai vender os quadros e poderemos pagar por tudo.

Eu conheço minha irmã e, apesar de ser uma criança, não acredita em suas próprias palavras.

— Você e eu contra o mundo, Kenzie. — Dou meu dedo mindinho a ela e a vejo sorrir.

— Você e eu contra o mundo. — Ela engancha o dela no meu, e apesar de tudo, sorrimos uma para a outra.



Lembro que quando era criança adorava o cheiro da tinta, a forma como as cerdas deslizavam sobre a tela. Lembro de passar horas e horas observando minha mãe pintar, ver um simples traço se tornar uma paisagem. Era incrível, tão perfeito e irreal que me roubava um dia inteiro. Eu amava. Até vê-la surtar, estourar nossos cartões com materiais de pinturas, telas, alugando um espaço para ela trabalhar. *Um investimento*, era o que dizia, o problema era que isso durava uma semana, duas no máximo, depois ela caía fora, não pintava mais, arrumava um emprego e desistia.

Fomos e voltamos disso dezenas de vezes. Hora ela achava que podia viver da pintura, largava o emprego e gastava nosso pouco dinheiro em material, hora seguinte ela jogava tudo fora, doava, desistia outra vez. Até que eu entendi que isso tinha a ver com seu transtorno bipolar grau um. O problema é que minha mãe é geniosa o bastante para nunca tomar seus remédios corretamente. Anos e anos entrando e saindo, diversas internações.

Cresci lendo sobre esse transtorno, conheci pessoas que o possuem, muitas delas estão sob controle, apesar de tudo, acompanhei minha mãe em grupos de apoio, estive ao seu lado mesmo quando ela tentava me afastar, até perceber que não queria ser ajudada, então me afastei e foquei em minha irmã. Hoje, ela é tudo o que eu tenho, tudo o que eu penso e absolutamente todas as minhas decisões se baseiam nela, na forma como a afetaria, no peso que teria sobre ela.

A porta do meu quarto é aberta abruptamente e ela bate contra a parede. Vejo a maçaneta ser arremessada para longe com o impacto. Encaro minha mãe, há manchas vermelhas, amarelas e azuis por todo o seu rosto. Seus cabelos estão presos com um pincel e seu avental é uma explosão de tinta.

Observo-a abrir as portas do meu roupeiro, a única porta, aliás, porque as outras caíram há muito tempo e, por mais que sempre acabe dizendo que no próximo mês irei trocá-lo, nunca acontece, nunca sobra dinheiro. Suas mãos puxam as roupas para fora e elas se espalham no chão, vejo seus pés pisarem nelas, em tudo o que está derrubando. Estou sentada na cama e fico apenas sem dizer nada, rezando para que Kenzie não acorde e denuncie em sua expressão que ela pegou a grana.

— Não posso acreditar que fez isso. — Derruba um perfume e ouço o som do vidro quebrando.

Sinto o cheiro forte do álcool e uma pontada na cabeça. O estresse dos últimos dias acabou interferindo em minha enxaqueca e o cheiro acabou desencadeando uma dor aguda no mesmo segundo.

— É sério isso? — Aponto para toda a bagunça, tentando ser calma.

— Não posso acreditar, Elizabeth, você é patética! Patética! — grita.

— O que quer, mãe?

— Você sabe o quê! O dinheiro! — Ela está tão perturbada que tropeça em uma pilha de roupas e cai sobre o móvel, arrancando a outra porta.

Que ótimo.

Corro as mãos pelo rosto tentando buscar calma. Sinto Kenzie se movendo ao meu lado e seus olhos se abrem, ela parece perdida por um segundo, até que vê nossa mãe e a expressão em seu rosto muda para desespero. Toco seu ombro a reconfortando, mas não é o suficiente para que relaxe.

— Dinheiro? De onde você tirou dinheiro se não está trabalhando?
— Me faço de desentendida.

Ela abre a boca por um segundo, sei que se sente encurralada porque acha que há chances de eu realmente não ter pego.

— De que dinheiro está falando, mãe?

Ela olha por todos os lados, parece nervosa, vejo seu peito subir e descer com sua respiração pesada.

— Nada, esquece — murmura, pisando sobre as roupas.

Kenzie suspira ao meu lado.

— Anda, fale logo — insisto.

— Não, deixa pra lá, eu acho que... pode ser a falta dos remédios.

Estreito os meus olhos. Que grande mentirosa. Como ela ousa? Até parece que ela assumiria algum efeito que a falta de seus remédios teria sobre ela. O medo de eu descobrir que pegou dinheiro com um agiota é maior do que qualquer orgulho e eu a observo ir até a porta. Minha mãe olha mais uma vez, então seu olhar cai em uma lata natalina que uso para guardar algumas coisas.

Ela dá um passo à frente. Mackenzie se dá conta e estremece. Me posiciono caso ela vá até lá. E ela vai. Exatamente onde está o dinheiro, mas sou mais rápida que ela. Pego a lata e a prendo com muita força contra o peito, sei a diferença que esse dinheiro vai fazer se for gasto, sei o peso que meus turnos dobrados têm sobre minha irmã, a falta que faço em casa quando estou no trabalho.

— Como pode fazer isso com sua própria mãe? — ela grita e cai para cima de mim.

Ouçó Kenzie chorar, apavorada.

— Eu estou me certificando de que não tenhamos que hipotecar a casa pra sobreviver, mãe.

— Você se mete nos meus assuntos como se fosse a dona dessa casa!
— ela não para de gritar e minha cabeça lateja.

— Mãe... Você só tem que entender...

— Quem precisa entender alguma coisa aqui é você, Elizabeth. —
Ela tenta pegar a lata, mas sou mais rápida que ela.

— Você não irá pegá-lo.

— Esse dinheiro é meu! — diz, entredentes.

Posso ver as veias proeminentes marcadas em seu pescoço.

— Se você gastar isso, não terá como pagar — aviso, não que seja preciso.

Ela sabe melhor do que ninguém. Um sorriso perturbador se forma em seus lábios e ela leva o dedão até a boca, roendo a pele no canto da unha. Está perdendo o controle, posso ver, sei disso apenas pela forma que está me encarando agora. Sei que parte dela quer me bater porque é quem ela é, vai além do seu transtorno, ele nada tem a ver com a forma passiva dela e sobre as agressões de nosso pai. Ela faz isso porque é uma pessoa ruim.

— Vou vender meus quadros — murmura, está tentando controlar sua respiração, posso ver na forma como seu peito infla.

— Como das outras vinte vezes ou, dessa vez, também será diferente?

— Vai ser diferente — responde entredentes.

Kenzie se levanta e se agarra em meu braço. Temo por ela, por tudo o que ter pego esse dinheiro poderá interferir novamente em sua rotina, na nossa falta de comida. Tento manter a calma, odeio brigar com ela na frente da minha irmã, sei o peso que isso tem em sua infância. Me sinto cansada

por estar fazendo isso outra vez, de estar sempre preocupada, de não poder relaxar nunca.

Não sei o que fazer, sei que ele não vai aceitar a grana de volta, terei que segurá-la comigo até o dia em que eu tiver o restante mais os juros diários. Lembro-me de que preciso ligar para ele e perguntar o valor, também terei o desconto do adiantamento para o remédio, além disso, precisarei comprar os medicamentos do começo do próximo mês com o mesmo pagamento, sem contar na consulta médica que não é barata. Não temos nenhum tipo de plano de saúde.

— Se você não me der esse dinheiro, irá se arrepender.

Sua ameaça tem efeito sobre mim, óbvio, sei o que eu perderia caso eles me mandassem para fora de casa: minha irmã. É por isso que estou aqui e não é novidade para ninguém. Também sei que não o fizeram ainda porque precisam do meu dinheiro, embora das outras vezes em que ela parou com os medicamentos, acreditou que poderia viver de sua arte e insinuou, em meio uma briga, que eu poderia ir se quisesse. Obviamente não fui.

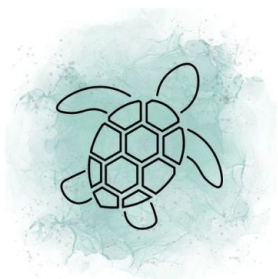
— Eu não posso fazer isso, mãe, não tenho como pagar esse dinheiro todo em um mês, mais os juros, mais as contas da casa, o financiamento do banco, isso vai se arrastar por mais de dois meses e...

— Escolha! — ignorando tudo o que eu disse, ela grita e meu coração bate de uma forma que sei que é errada.

Meus olhos queimam, minha respiração descontrola e meus ombros caem em derrota. Escolher como? Entre devolver o dinheiro e ficar ou ir e levar para ajudar a eliminar essa dívida? Se eu sair dessa casa, de qualquer forma, vou precisar pagar por isso ou senão correr o risco de sobrar para Kenzie e ela se machucar, já fomos ameaçadas antes, e para onde diabos eu iria? Não posso pagar por um quarto e ainda arrumar a grana para acertar com o agiota.

Então só me resta uma única maldita opção.

Estico o braço e entrego o dinheiro para ela.



Observo meu pai, está bêbado, mas não me surpreendo, uma vez que estão esbanjando dinheiro. Tem dez minutos que abri a geladeira e não me conformo com o que gastaram o dinheiro. Congelados e muita, muita cerveja. Há um abridor de garrafa novo, a silhueta de uma mulher e seus seios se acendem quando é inclinado para o lado. Há sacolas e sacolas com coisas dentro, roupas, sapatos, materiais para pintura, nada do que precisamos.

Me sinto derrotada hoje, não tenho forças para sequer pensar numa forma de agendar uma consulta para a minha mãe, talvez se eu ligar para lá e explicar a situação, eu consiga uma receita sem ter que pagar por isso. Mesmo assim, não estou otimista, não por isso, mas por tudo. Pelo amanhã. É tão incerto e injusto que tenho pensamentos egoístas sobre dar o fora daqui, mas não posso, não posso condená-la a tantos anos até que eu possa mudar a situação e levá-la comigo.

— Quer uma cerveja, Teth? — meu pai pergunta, usando um apelido que me deu quando era criança.

Odeio quando ele me chama assim e é por isso que o faz.

— Eu tenho que ir trabalhar — afirmo.

— Claro, porque é só isso que sabe fazer.

— Elizabeth, filha, por que não come um chocolate? Está na geladeira! — minha mãe grita dos fundos da casa.

Chocolate... Deus do céu. Eu deveria estar acostumada com isso, no entanto, sinto minhas bochechas queimarem com o ódio que reprimo.

— Estou bem, obrigada. — Procuro por algo para comer antes de sair, mas há apenas salgadinhos industrializados.

Pego um.

— Vamos lá, coloque um sorriso em seu rosto, olha só quanta coisa boa temos.

Vejo meu pai cruzar os pés sobre a mesa de centro, ele passa tanto tempo com os pés sobre ela, que há uma linha arranhada exatamente onde eles ficam.

— Quero ver você sorrir quando Barnett colocar o cano da pistola na sua testa e te der um prazo para pagar essa porra de dinheiro. — Estou nervosa quando digo as palavras, mas elas saem controladas e baixas, porque não quero que Kenzie as escute.

— Isso não vai acontecer, docinho, porque temos você.

— Ah, é? E eu não tenho dinheiro.

— Você pode pegar turnos dobrados o mês inteiro, sempre dá seu jeito.

Ao dizer essas palavras, uma linha grossa se forma em sua testa.

— O que foi? — pergunto, impaciente.

— E nem ouse pedir dinheiro para aquele merdinha por quem você é apaixonada. — Sinto o nojo que tem de Tales em cada palavra dita.

Se ele soubesse que Kenzie possui um celular e que usa para se comunicar com TJ, as coisas ficariam muito, muito feias. Mas ela é uma menina inteligente, muito inteligente.

— O dinheiro daquele merdinha já pagou muitas das suas cervejas. — Observo ele apertar sua lata com força entre os dedos.

— E nem ouse falar o nome de um Jackson dentro dessa maldita casa! — ele grita.

Mordo os lábios, porque consigo o que quero.

— Até mesmo alguns dos papéis higiênicos que você passou no seu rabo imundo foi pago por ele.

Vejo meu pai arremessar sua lata contra a televisão.

— Como você ousa! — ele rosna, mas o interrompo quando ergo meu dedo no ar.

— Você enche a boca pra dizer o quanto a família Jackson arruinou sua vida quando demitiu você há dez anos, mas já parou pra pensar o quanto é desprezível? — Observo a veia que pulsa em sua testa. — Que provavelmente ninguém suportava ver sua cara imunda e sua falta de respeito com todos? Me diz uma pessoa que convive com você porque o ama de verdade.

— Sua mãe me ama.

A risada que dou atravessa a casa inteira e chega até a sala de pintura. Ouço minha mãe chegar na porta e meu olhar cai sobre ela. Parece em toda a sua glória enquanto segura um pincel e veste um avental. Uma pessoa radiante e feliz que não possui dívida alguma. Alguém que não enxerga além do seu próprio nariz. A definição completa do egoísmo.

— Você conta ou eu? — Olho para ela, estou surtando agora.

Talvez seja o estresse de tudo o que aconteceu nos últimos dois anos, no último ano, no último mês e no último dia. Tudo fica pior a cada hora, cada segundo, e eu sinto exatamente o momento em que perco o controle. Tudo fica preto. Eu surto.

— Contar o quê? — Meu pai está de pé agora e caminha até mim.

Estou com tanto ódio, que tudo é um borrão negro.

— Que você é apenas um peso morto que está aqui apenas porque metade dessa merda é sua!

— Como se atreve?! — minha mãe grita.

— Ela não o ama, não ama ninguém, seus sentimentos são confusos por causa do seu transtorno e isso a faz pensar que é amor, mas não é! Ela não o ama, nunca amou, ela pensou que estava apaixonada e então... muito rápido veio um bebê que a obrigou a se casar com você!

— Lave sua boca, garota! — Ele acerta um tapa no meu rosto, mas eu não sinto mais nada quando ele me bate.

Faz tempo desde a última vez, mas comecei a me sentir anestesiada depois da décima.

— Como você tem coragem de dizer isso de mim? — Minha mãe não parece triste e sim brava com o que eu disse.

— Fala sério, há duas horas você ameaçou me afastar da minha irmã, a pessoa que mais amo no mundo, e agora está me oferecendo chocolate?

— Saia daqui agora! — ele exige, então caminha até a janela quando ouve o portão ranger. — Era só o que me faltava...

Pego as sacolas sobre a bancada e as jogo no chão e, antes de chutá-las para longe, tudo é distorcido e há um zunido alto nos meus ouvidos. Pego uma faca sobre a pia e furo as latas de cerveja sobre a bancada, estou agindo descontroladamente, mas não me importo com nada agora. Quero que vejam o quanto é errado, o quanto foderam com a minha cabeça.

— Fui eu! — Mackenzie grita no corredor. — Fui eu quem pegou o dinheiro!

Nós três a encaramos, meu pai está possesso, minha mãe parece surpresa e eu estou triste.

— Sua traidora! — grita minha mãe e anda até ela, acertando um tapa em seu rosto.

Vejo o pincel rolar pelo chão e uma mancha de tinta amarela marca sua bochecha sobre o hematoma que ainda sequer saiu. Corro até minha mãe e puxo seus cabelos quando a vejo erguer o braço disposta a bater outra vez. Meu pai se apressa em me agarrar, seus braços enlaçam minha barriga e sou puxada para trás. É tudo rápido demais, mas ouço passos de outra pessoa e tudo acontece em poucos segundos.

Um soco acerta o rosto de meu pai.

Minha mãe pula para longe.

As mãos de alguém me amparam com carinho e proteção.

Mackenzie sorri.

E só há uma pessoa capaz de deixá-la feliz assim.

Tales.

— Filho de uma puta! — meu pai grita.

É um enorme erro citar a mãe de Tales e ele deveria saber, mas, quando seu corpo magro cai no chão, tenho certeza de que agora ele sabe.

— Fale mais uma vez dela e você será um homem morto — responde entredentes.

Observo as mãos de minha mãe puxarem ele para trás, mas estou em choque. Ela vai até o meu quarto e começa a arremessar minhas roupas para fora, elas caem nos pés de Kenzie no corredor. Vejo as lágrimas correrem livremente sobre o rosto da minha irmã e sei que tudo o que tentei adiar está acontecendo rápido demais bem diante dos meus olhos. Eu fui expulsa de casa. Eu perdi Mackenzie.

— Mãe, por favor, não faz isso! — minha irmã implora.

— Tire essa imunda daqui! — meu pai grita.

— Vá para onde quiser, aqui você não vive mais. Se não sou boa o bastante, então vá! — ela grita do quarto.

— Por favor, mamãe, por favor! — implora entre soluços.

Não consigo me mover, é como se eu tivesse perdido a fala, como se não fosse capaz de me dar um passo sequer. Não penso em nada, apenas observo todos agirem como loucos, como eu me sinto agora, enquanto um zumbido alto ecoa dentro de minha cabeça, abafando as vozes de todos.

— Você roubou meu dinheiro, sua irmã está influenciando você, Mackenzie.

Roupas e mais roupas são arremessadas no chão. Kenzie se ajoelha sobre elas e chora como eu nunca vi antes. Nem mesmo como quando ela apanhou.

— Levante-se! — nossa mãe ordena. — Engula o choro. Você parece uma maldita criança mimada.

— Culpa dessa daqui. — Meu pai aponta.

As mãos de Tales me puxam até a porta e eu cambaleio. Não sei o que fazer. Se eu sair por essa porta, sei que nunca mais voltarei. Os olhos de minha irmã estão presos nos meus agora e ela suplica, no chão, as mãos sobre os joelhos dobrados. Vejo seus lábios se movendo com a palavra “por favor” sendo repetida dezenas de vezes, mas não há voz.

Ao meu lado, o braço de Tales é estendido e Kenzie corre até nós, seu pequeno corpo e eu somos puxados contra os músculos dele em um abraço. Os bracinhos dela prendem ele com força, um deles passam sobre minha barriga, mas ainda estou imóvel. As roupas continuam a ser arremessadas e TJ está sussurrando algo que não consigo escutar. Não sei o que estou fazendo, mas um minuto parece uma eternidade.

Minha mãe entra no quarto dela e chuta uma mala enorme para dentro da cozinha, meu pai está fumando um cigarro na janela, e acho que Tales está esperando as coisas para poder me deixar em algum lugar, eu não

sei, é como se estivesse fora de mim. Não posso perdê-la, não posso estar longe dela. De nenhuma forma posso deixar que isso aconteça. TJ murmura algo para a minha irmã e se afasta de nós.

— Arrume suas coisas — minha mãe fala para mim. — Você não merece que eu faça isso. Além do mais preciso voltar a pintar. — Ela bate na cabeça. — Droga, Elizabeth eu estava tão concentrada! — pragueja.

Tales caminha até as minhas roupas e se abaixa, seu jeans é levemente apertado, mas desce na parte de trás quando ele se abaixa. O tecido de sua blusa se molda aos seus músculos e meus olhos ficam presos na imagem à minha frente. Nele juntando cada peça de roupa minha e as enfiando dentro da mala. Há calma em seus movimentos e sei que, apesar de tudo, está tentando se conter para não assustar minha irmã.

Ouçó o som de meu pai rindo e olho para ele, que vira a cabeça em negação, para ambos os lados. Ele acende outro cigarro e eu me pergunto como que não morreu ainda por conta de um câncer, parte minha desejou isso em alguns momentos e esse pensamento me abomina. Tenho medo de onde minha mente é capaz de me levar quando estou com raiva porque não quero ser como ela.

— Agilize essa merda e suma de dentro da minha casa, seu sobrenome me dá náuseas.

— O gosto do sangue em sua boca, depois que eu quebrar seus dentes, *irá* lhe causar náuseas — TJ retruca e Kenzie toca meu braço com medo do que pode acontecer.

Meu pai é ousado e sorri, mas Tales o ignora e, quando enfia tudo o que pode na mala, ele bate com os ombros nos de minha mãe e entra no meu quarto, ignorando todas as objeções. Não sei o que ele faz lá, mas leva alguns poucos minutos, então volta com outras sacolas e dentro delas posso ver meu notebook e mais um monte de coisas que uso todos os dias e me pergunto como ele é capaz de pensar em tudo enquanto eu sequer consigo pronunciar algo.

Sinto uma coceira no meu rosto, acho que são lágrimas porque meus olhos agora estão embaçados. A mão de Kenzie está sobre a minha, mas não tenho força para segurá-la, sinto-me morta, meu coração está partido agora e não faço ideia de como irei consertar isso. Cambaleio para trás, estou tonta, fraca e há um peso no estômago que me faz querer vomitar.

— Vá! — Meu pai faz um gesto com as mãos como se nos enxotasse. — Corra para ele como uma puta. É isso que você sempre foi para ele, uma *puta*! — repete.

Tales para em frente à minha irmã e se ajoelha, então a abraça e sussurra algo, a encaro sorrir e acenar, esperançosa, e quero saber o que ele disse.

— É isso que garotas como vocês são para um Jackson. *Putas*.

— Mackz, feche os olhos e tape os ouvidos, macaquinha — ele pede e minha irmã o faz.

— Se eu ouvir que você encostou um único dedo em Mackenzie, eu vou meter você tão fundo em uma cadeia que vai ter seu cu como um brinquedo para todos os caras que gostam de lidar com o seu tipo. — Há tanta força em suas palavras que as tornam verdadeiras. Vejo meu pai empalidecer pela primeira vez na vida. — Tipos que se acham machos até que estejam embaixo de outro. — Tales ri como o diabo.

Isso me lembra seu irmão Tyson.

Então ele acerta outro soco em meu pai e ele cai no chão, imóvel.

Ouçó minha mãe gritar.

Tudo fica preto.

Eu apago.



Abro os olhos, o excesso de claridade me cega e eu gemo, levantando um braço para proteger meus olhos. Minha cabeça lateja e não faço ideia de onde estou. Olho para os lados mas tudo é muito claro, branco demais, meus olhos levam algum tempo até se acostumarem com a luminosidade, então eles capturam uma bolsa de soro elevada ao lado da minha cama. Estou em um hospital particular, posso perceber isso pela forma como tudo é novo e como os equipamentos parecem caros demais.

Há em peso sobre os meus pés e, quando tento me mexer, olho para lá e me surpreendo com o que vejo. Seus cabelos estão uma bagunça e sua boca entreaberta enquanto um som leve a deixa. Um de seus braços está estendido sobre minhas pernas e sua mão prende uma delas como se eu fosse capaz de fugir.

Não lembro de como vim parar aqui, mas me conforto ao vê-lo comigo. Seus olhos se abrem, é o tom de verde mais bonito que há no mundo e o mesmo de sua camisa. Suas sobancelhas se arqueiam e ele abre um sorriso, que apenas ele é capaz de dar. Há milhares de tipos de sorrisos no mundo, mas o de Tales Jackson é único.

— Porra, Shakespeare, você me assustou. — Ele cambaleia até mim, esfregando o rosto.

Forço a minha mente, mas não consigo me lembrar de nada.

— Água. — Minha boca está seca e é a única coisa que desejo no momento.

Tales caminha até a mesinha ao meu lado e me entrega um copo com água.

— Está limpa, eu acabei de pegar.

Levo o copo até meus lábios, bebo tudo o que há dentro dele e entrego de volta, enfiando a cabeça no travesseiro fofo atrás de mim.

— O que aconteceu? — pergunto confusa.

— Você está grávida — responde, sem expressão alguma em seu rosto.

Engasgo, e vejo o copo sendo apontado contra o meu rosto.

— É impossível — digo.

— Por que você não está transando? — pergunta com um sorriso.

Filho da puta.

— Não acredito que você usou *isso* para perguntar se estou saindo com alguém.

— Deu certo, você não está. — Uma covinha se aprofunda em sua bochecha.

— Eu não tenho tempo para encontros e você sabe disso melhor do que ninguém. — Desvio o olhar para as persianas fechadas.

— Somos dois então — consigo capturar em sua entonação que ele quer que eu absorva essa informação.

Isso não deveria significar nada para mim, mas algo se acende em meu peito.

— Você entrou em estado de choque — começa, segurando minha mão. — Está sobrecarregada e aguentou muita merda sozinha por tempo demais até que... chegou no seu limite.

— Não consigo me lembrar de nada — bufo, meus olhos queimam e minha garganta se fecha.

Kenzie.

— O médico explicou, disse que é normal.

— Como Kenzie está? Como foi que tudo aconteceu? — Tento forçar a minha mente, mas tudo é confuso.

— Ela vai ficar bem, vamos pensar em algo, uma forma para ajudá-la agora que você não estará mais lá.

Abro minha boca, mas nada sai. Sinto lágrimas quentes correrem sobre o meu rosto. Odeio chorar, isso me faz sentir vulnerável demais. Não gosto de me sentir inferior ou fraca. O polegar de Tales faz pequenos círculos no dorso da minha mão e quando ele percebe que estou chorando, passa as costas da mão para secar meu rosto.

— Eles me expulsaram de casa.

No momento em que digo isso, as cenas explodem de uma só vez em minha cabeça e ela lateja.

— Sim, não foi nada bonito. Sinto muito por bater em seu pai.

— Você bateu no meu pai? — quase grito.

— Três vezes.

— Bom, eu não sou a favor da violência, mas provavelmente ele mereceu.

Os olhos de Tales caem sobre sua mão contra a minha pele. Ele a encaixa na curva do meu pescoço.

— Sinto muito, realmente não quis fazer isso com Mackz em casa, mas perdi o controle...

— Todos nós perdemos. — Dou de ombros e mais lágrimas caem. — Droga, eu odeio chorar...

— Sabe, você pode chorar como uma garota de vez em quando — brinca.

Deus, como senti falta de suas provocações.

— *Sabe*, nós mulheres somos mais fortes do que brutamontes como você.

Ele ri e é lindo.

— Eu sei, por isso você não tira aquela camisa da Arya Stark^[2].

— Que horas são agora? Preciso ir trabalhar, o Benny vai me matar e...

— Pelo amor de Deus — me interrompe. — Você tá falando sério mesmo?

— Eu nem sei como vou pagar por isso. — Aponto para todos os lados. — Olha só para esse hospital, Tales.

— Você não tem que se preocupar com isso, nem com Benny, eu já liguei pra ele.

— Ele odeia você.

— Eu sei, mas obriguei Glenda a te cobrir essa noite e ele aceitou.

— Sua irmã? — Franzo o cenho. — Ela não era uma garota da igreja? Sabe preparar *drinks*? — pergunto assustada.

— Sim e não, mas ela é boa em convencer alguém, então tenho certeza de que vão aceitar uma boa e velha cerveja.

Comprimo um sorriso e seus olhos caem sobre os meus lábios.

— Você entrou em estado de choque, Shakespeare, me assustou pra caralho.

— As coisas estão difíceis demais. Eu não sei mais o que fazer.

— Pode aceitar a minha ajuda. — Seus olhos encontram os meus.

Sei o quanto está disposto a me ajudar, ele sempre está, mas também sei a confusão que nós dois fazemos quando começamos a passar muito tempo juntos.

— Sabe, você não vai estalar os dedos e ter tudo resolvido. Há coisas que eu terei que lidar pelo resto da minha vida, ou quase isso.

— Está falando da sua mãe?

— O que importa? Ela é somente mais uma das coisas.

Apesar de tudo, me sinto mal por falar dela como se fosse um fardo, porque sei que não tem culpa de seu transtorno, mas também sei que ela não é uma boa pessoa, que nunca foi, que sempre pensou apenas nela, sempre foi assim. Foi o que minha avó repetiu para mim até sua morte. Que eu não me culpasse por suas escolhas e que não me sentisse culpada por minhas decisões sobre elas.

— Nós vamos pensar em um jeito de lidar com tudo, de você ter Mackz de alguma forma.

— Sou alguém que trabalha dois turnos em um bar, Tales. Não tenho um diploma, mal consigo me sustentar e...

E, de repente, estou consciente da minha nova realidade.

Aonde diabos eu vou morar?



Tales retira minhas coisas do porta-malas de seu carro, ele encaixa a alça da mala grande em seu ombro esquerdo e com a mão direita, pega as outras sacolas. Faço menção de ajudá-lo quando dou um passo para a frente, mas sou repreendida com uma carranca e o som da porta sendo batida com força. Ele passa tudo para o mesmo lado e coloca seu braço direito, agora livre, sobre o meu ombro.

Seus dedos apertam meu braço e ele beija o topo da minha cabeça enquanto me conduz até a casa. Como se não estivesse carregando peso algum, ele sobe a escadinha da frente e gira a maçaneta, liberando a passagem. Uau. É muito mais do que eu me lembrava. Estive em sua casa em algumas festas, mas sempre era algo rápido o suficiente para que eu não visse algo que eu sabia que não iria gostar.

Também recorri a ele umas duas vezes, mas entrei em sua casa uma única vez, e agora, aqui estou eu, de novo, deslumbrada com tudo. E sóbria, diferente da primeira experiência. É tão bonito que me sinto desencaixada, perdida. Meus pés tocam no chão do hall, é um mármore tão liso que posso jurar que não há emendas. Lembro da madeira velha e gasta que reveste o meu e, mais uma vez, sou levada à Kenzie.

Há um lustre composto por centenas de pingentes em formato de gotas que parecem diamante, ele é maior do que eu e se posiciona no centro

do hall, perto de uma única escada que leva ao andar de cima, mas não vamos para lá. Ele me puxa até a sala e coloca minhas coisas sobre um sofá de quase três metros que acomodaria uma família inteira para uma tarde de filmes. Por um momento, penso na foto que Tales me mandou uma vez, dos três irmãos sentados nele, e sinto minhas bochechas queimarem.

É uma bela foto.

— Então... — Ele passa sua mão na nuca e me olha sem jeito.

— Eu nem sei o que dizer — digo. — Ainda não assimilei tudo o que aconteceu.

— Tire o dia para descansar. Max liberou Glenda da oficina hoje também para que ela cobrisse você no bar.

— Ela não precisa fazer isso — enfatizo.

Minha garganta se fecha. Não estou acostumada a ter pessoas fazendo coisas por mim.

— Ela está gostando da experiência, são apenas dois dias, ela vai sobreviver.

Ele revira os olhos, mas eu o conheço muito, muito bem.

— Você revirou os olhos para parecer indiferente, mas só faz isso quando está omitindo algo. Você está pagando ela.

— Ei, Sherlock, que tal ficar com a parte em que arruma as coisas e eu com a parte que prepara algo para nós comermos?

— Quanto? — insisto, cruzando os braços.

— Trezentas pratas — confessa.

— Porra, Tales, isso é muita coisa.

Ele dá de ombros.

— Ela gosta de maquiagens caras.

Suspiro, derrotada, também sei que essa quantia não é nada para ele.

— O que quer comer? — Abre a geladeira com uma mão e coloca outra na cintura.

Seu quadril cai para um lado e sorrio com a imagem. Ele olha sobre os ombros e seus lábios se repuxam quando me pega no flagra.

— Não estou com fome — respondo.

— Você tá magra demais, tem se alimentado direito?

— Bom, quem tá comendo não tá reclamando.

Tales abre a boca, no entanto, ele não diz nada por um longo tempo.

— Até parece. — Um sorriso convencido estampa seu rosto. — Não era você que não tinha tempo pra encontros?

— *Touché.*

Sento em uma das banquetas que contornam a mesa e posiciono meus cotovelos sobre ela, observando Tales desfilar pela cozinha. Ele abre um pote que tirou de dentro da geladeira e grunhe antes de jogá-lo dentro da pia. Vejo molho de algo respingar nos duzentos copos sujos que estão espalhados sobre ela.

— Acho melhor pedir algo. — Retira seu celular do bolso. — O que você gosta de comer no *iFood*?

— Eu nem tenho espaço suficiente no celular para baixar o aplicativo, quem dirá dinheiro sobrando para pedir algo.

Ouçó um suspiro baixinho enquanto ele continua deslizando seu polegar em busca de opções e depois do que eu acho tempo demais para fazer um simples pedido de comida, ele o coloca sobre a mesa e usa seus

próprios pés para empurrar seus sapatos para longe, então retira a sua camisa e... Deus.

— Eu estou um lixo — murmura, esfregando o tecido verde no rosto para limpar o suor.

Bom, se ele se sente como um lixo, o que deve pensar sobre minha aparência? Minhas bochechas ainda estão um pouco quentes quando ele volta a abrir a geladeira em busca de algo.

— Quer uma cerveja?

— Achei que tivesse crescido — brinco, mas parte minha quer saber o quanto ele mudou no último ano.

— Gente grande também bebe, você sabia? — Pega duas garrafas e as abre.

— Eu acho que não tenho opções, certo? — Estico meu braço para pegá-la, mas ele puxa de volta.

— Oh, droga, você tá tomando remédios... — pragueja. — Eu sou um péssimo enfermeiro.

Passo as mãos no rosto.

— E eu sou péssima cuidando de mim mesma. — Abaixo a cabeça e pouso minha testa sobre o mármore frio. — Ou de qualquer outra pessoa.

Tales não bebe a cerveja que pegou para ele, em vez disso, coloca as duas garrafas sobre a bancada já repleta de coisas e se senta à minha frente. Isso me faz erguer as sobrancelhas, surpresa, enquanto o espio entre o espaço livre.

— Vá tomar um banho enquanto a comida não chega — sugere. — Vou deixar suas coisas no seu quarto, podemos comer assistindo um filme.

— Isso parece um sonho — confesso.

Tales abre um sorriso pequeno, mesmo o conhecendo bem, não sei o que significa. Ele parece tão diferente. Imediatamente, empurro os pensamentos para longe, não posso cometer esse erro outra vez. Sei o que ele é capaz de fazer comigo, o quão longe pode arrastar minha mente. Não quero essa distração agora enquanto tento recomeçar a minha vida.

— Se precisar de um amigo, de dinheiro, um ombro ou uma boa noite de sexo... — Seus dentes estão expostos e seus olhos repuxados enquanto uma covinha marca a sua bochecha. — Ou se quiser se casar comigo em Vegas amanhã e tentar a guarda de Mackz, qualquer coisa. Eu estou bem aqui, Shakespeare.

Fico parada por quase um minuto inteiro o encarando, há um sorriso em seu rosto, mas também há algo que me diz que qualquer uma dessas opções podem ser reais se eu decidir. Eu diria “Ele só pode ser louco” se eu não o conhecesse, mas o conheço, por isso sei que ele é louco o suficiente para isso. Mas e eu? O que quero?

Um amigo?

Dinheiro?

Um ombro?

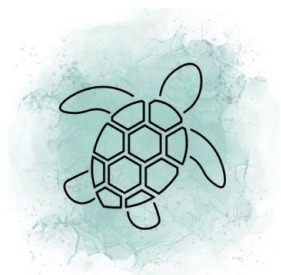
Um boa noite de sexo?

Um marido?

A guarda de Kenzie?

Bom, eu diria que todas as opções, ou quase todas elas. Só que ele é ninguém menos que Tales Jackson e já partiu o meu coração.

Várias vezes.



Procuro por meus artigos de higiene pessoal, mas não há nada na mala, então pego uma camisa larga masculina que uso para dormir e um short de pijama e levo comigo para o banheiro. É estranho estar aqui novamente, e sóbria, mal consigo lembrar do quarto, apenas de tudo o que senti dentro dele, sobre a maldita cama, quando, por um momento, acreditei que nossas diferenças não poderiam interferir no nosso relacionamento.

Tiro minhas roupas suadas e me encaro no espelho, nua, meus olhos correm sobre meu corpo, estou realmente mais magra agora, e reconheço que não ando me alimentando tão bem quanto deveria. Minha pele também parece branca demais, que destacam ainda mais as tatuagens que tenho espalhadas pelo corpo, mas não tenho tempo para me bronzear, não tenho tempo para nada além do trabalho, até mesmo com Kenzie estou deixando a desejar.

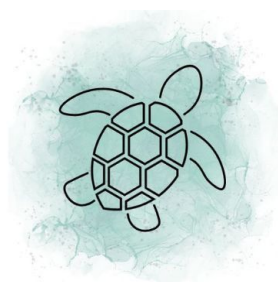
Meus dedos correm sobre o mármore da pia, é tão bonito e tão grosso que não precisa de uma cuba, ela é esculpida nele mesmo. Não há armários em nenhuma parte, mas vejo que os artigos de higiene dele estão dentro do *box* em um nicho feito na própria parede. Olho para o chuveiro sem fazer ideia de como liga, porque não há registro em nenhum lado. É tudo tão perfeito que sinto que estou sujando apenas por estar aqui.

Penso na minha casa, na cortina de plástico que impede que a água molhe o piso gasto e antigo que reveste o chão. Em como ela bate no vaso sanitário e gruda nele o tempo inteiro por ser apertado demais e pelo trabalho que me dá tendo que colocá-la de molho no cloro para retirar o caruncho, uma vez que ninguém além de mim lembra de abrir o basculante para ventilar o ar.

No momento em que piso do lado de dentro do *box*, o jato de água me acerta no rosto e eu levo um susto. Olho incrédula para o chuveiro que, de alguma forma, tem um sensor. Uma música começa a tocar em algum

lugar e sorriso, não é de felicidade, mas sim porque estou desacreditando que seja possível. Pego um sabonete líquido e esfrego na palma da mão fazendo espuma e começo a esfregar pelo meu corpo.

É o maldito cheiro dele. Eu fecho os olhos e deixo a água cair sobre mim enquanto uma voz suave canta acima de mim uma música sexy e me pergunto se ele já se masturbou ouvindo ela. Não sei o que acontece comigo. Talvez seja a falta de sexo, o cheiro dele por toda a parte ou porque não consigo parar de pensar em suas mãos em mim o tempo todo, mas meus dedos escorregam sobre a minha barriga e fazem um caminho até o meio das minhas pernas, então eu simplesmente caio fora de mim.



— Eu espero que essa blusa não seja de nenhum cara com quem você já transou.

Ele me assusta ao entrar no quarto. Estou esfregando os cabelos em sua toalha branca agora e minhas bochechas queimam quando lembro do que acabei de fazer há poucos minutos em seu banheiro. Tales estreita seus olhos para mim como se estivesse desconfiado de algo. Ele está com uma bermuda fina e agradeço o fato de não ter saído pelado do banho, porque nunca conheci uma pessoa que gostasse tanto de nudez quanto ele.

Meus olhos se perdem por alguns segundos no V que marca seu abdômen e, pelo volume que vejo logo abaixo dele, sei que não há nenhum tecido por baixo dela, ou seja, zero cueca. Encaro três sacolas de comida em suas mãos, mas ele limpa a garganta, obrigando-me a olhar para cima. Estou com fome agora, mas com certeza não é o cheiro da comida que me deixa com água na boca. É ele inteiro. Tudo o que representa.

— Não é da sua conta — respondo.

— Então não vai negar? — insiste.

— Não, eu não vou. — Sorrio, erguendo a toalha no ar. — Onde coloco isso?

— No aquecedor de toalhas que há no banheiro. — Ele a pega de minhas mãos.

Observo Tales colocar as sacolas sobre a cama, então ele desfila até o banheiro e estende o tecido sobre um ferro que tem formato de zigue-zague e eu suspiro. Puta merda, não é possível. Enquanto eu mal tenho grana para comprar cordas novas para o meu varal, que suja minhas roupas brancas com a poeira acumulada nelas, o filho da puta tem um aquecedor de toalhas.

— E então? O que vamos assistir? — desconverso, quebrando a tensão sexual que se forma entre nós dois.

Ele ri.

— Me diga você. — Começa a abrir as caixas.

— Vou procurar uma comédia ou algo assim — atropelo as palavras, desesperada.

Pego o controle da televisão e aponto para a tela, procurando algum filme, mas me distraio quando ele se curva até a borda da cama para pegar o refrigerante que está dentro de uma das sacolas. Seus braços parecem maiores agora, suas costas estão mais musculosas e apenas a pele em sua barriga se dobra. Uma genética tão boa e três. Três filhos da puta sortudos. Tales olha para a TV e depois para mim sobre os ombros, exatamente com o lado do rosto onde uma covinha profunda o carimba.

— E então, Shakespeare? — Seu sorriso se amplia. — Quando vamos a Vegas?



Capítulo 10

Acordo com algo pesado sobre mim e abro os olhos, a televisão está ligada, mas o quarto está claro o bastante para eu saber que está amanhecendo. Olho para o lado e o vejo enroscado em mim. Seu braço e perna me prendem contra ele e sua cabeça se afunda em minha nuca. Ouço sua respiração pesada contra os meus cabelos, que se espalham sobre o seu rosto. Torno a fechar os olhos e suspiro. É como regredir.

Ficamos assim dezenas de vezes, às vezes somente nós dois, em outras, com Kenzie em nosso meio. Todos os caminhos sempre nos levavam a um único lugar, e sempre terminávamos juntos, mesmo que não estivéssemos *juntos*. Como amigos apenas, mas sempre nós. Sempre um de nós dois cedia, sempre um pedia desculpa, um ligava primeiro, um de nós fazia uma piada para amenizar a situação. Até que os dois acabavam machucados.

Nós juramos que não procuraríamos mais um ao outro, mas cá estamos nós, e aqui está o sentimento que nunca se foi. A vontade que nunca passa. O desespero que não some. O anseio que permanece. O amor que ainda sinto por ele. Inclino minha cabeça para o lado, sinto tanta vontade de tocá-lo que chega a doer meu peito. Tales se mexe e retira a cabeça do meu ombro, afundando-a em meu travesseiro. Seu peito continua a subir e descer lentamente e sei que está em um sono profundo.

Lentamente, viro meu rosto em sua direção, estamos cara a cara, o quarto mal iluminado, o seu cheiro espalhado por todos os cantos. Seu braço continua sobre minha barriga enquanto eu o observo. Meus dedos coçam com vontade de correr sobre seu rosto, por cada traço, cada desenho. Pelo nariz tão bem desenhado, pelo maxilar forte e marcado, sobre suas sobrancelhas grossas e bem desenhadas, pelo contorno perfeito dos lábios.

Mas eu não posso, minha garganta se fecha, sinto um peso no estômago. Lágrimas pinicam em meus olhos. Você já esteve ao lado de alguém e ainda assim sentiu que está longe demais dela? Tales é a única figura masculina que tenho, ele é a única pessoa que sabe sobre tudo e que sempre, sempre, fica ao meu lado, mesmo assim, eu estou sempre dando um jeito de foder com tudo. Estou sempre colocando minhas prioridades entre nós.

Eu nunca pude ser uma namorada, passar finais de semana fora e voltar apenas na segunda, sair para jantares, ir ao cinema, eu nunca poderia ser quem ele precisava há quatro anos, ou quem precisa agora. Tenho uma vida complicada, a qual exige muito de mim, um emprego em um horário difícil e compromissos em casa com Kenzie. Além disso, uso meu tempo livre durante o dia para ajudá-la com as atividades da escola.

Inclino minha cabeça para a frente, meu coração está batendo forte demais com o medo dele acordar, mas preciso disso, preciso dele, raspo o meu nariz lentamente sobre o seu e suspiro baixinho, sentindo sua respiração pesada acertar minha boca. Entreabro os lábios e deslizo meu nariz sobre sua bochecha, sentindo sua pele lisa e recém-barbeada. Meu corpo está trêmulo, no entanto, sinto ele se aquecer, cada célula do meu corpo grita para eu acordá-lo, mas meu cérebro me impede e recuo.

Salto da cama, Tales não se move, meu coração está batendo como um louco mas não olho para trás, deixo o quarto e corro em direção às escadas, o mais longe que posso. Não há ninguém na casa e ela parece um mausoléu, silenciosa e vazia demais. Não é à toa que ele parece tão perdido. Minha respiração começa a normalizar quando estou na cozinha. Está escuro ainda quando encho a chaleira elétrica com água e procuro tudo o que preciso para passar um café.

Estou agitada demais e apenas uma coisa me acalma quando estou assim: limpeza. Sorte a minha que a cozinha parece um chiqueiro. Enquanto passo o café, começo a retirar os potes e pratos de dentro da geladeira, grunhindo ao abri-los e sentir o cheiro de podre. Certamente ele não tem uma empregada nem ninguém que faça isso, e obviamente, a única coisa que tem feito, é usar o eletro para estocar restos de comida.

Lavo cada um deles, passo um pano com produtos de limpeza que achei no armário, lavo todos os copos sobre a pia e os coloco no escurridor. Não sei como funciona sua lava-louças porque há mais de dez botões nela, por isso faço o trabalho sozinha. Encontro uma escova de dentes junto com uma palha de aço no armário embaixo da pia e começo a esfregar os cantos do mármore claro.

Minha cabeça está limpa e me sinto muito melhor quando vejo o sol nascer no céu, iluminando o interior da cozinha. Me sirvo com outra xícara de café e coloco mais um pouco de massa na frigideira e observo o *waffle* ficar consistente. O cheiro me lembra Mackenzie e meu coração aperta. Procuro por algo que possamos usar como calda e encontro xarope de bordo e geleia de morango.

Kenzie adora geleia, qualquer sabor, ela coloca tanto que digo que em vez de estar comendo *waffle* com geleia, está comendo geleia com *waffle*. Desligo o fogão e viro a frigideira e a massa desliza para o prato, compondo uma pilha perfeita. Viro em direção à mesa e coloco o prato sobre ela, ao lado do xarope e da geleia. Pego a esponja e limpo o que está sujo, enquanto me abaixo para guardar a escova e a palha de aço dentro da pia novamente.

— Porra — ouço Tales sussurrar. — Você vai prolongar minha ereção matinal dessa forma.

Escorrego e bato com a cabeça na prateleira dentro do móvel.

Merda.

Vejo seus olhos correrem por toda a cozinha, desde a bancada que estava repleta de copos sujos à mesa montada com um café da manhã

delicioso. Ouço um suspiro baixinho escapar de seus lábios e aproveito que ele está olhando em direção à mesa posta para correr meus olhos sobre ele. Parece tão sexy e perfeito dentro de um jeans justo e uma camisa social branca, que sinto vergonha de como estou parecendo.

— Beth... — Ele esfrega as mãos sobre o rosto. — Por que você fez tudo isso?

Sinto meu peito murchar. Não sei o que essa decepção significa, mas parte minha acredita que ele possa achar que estou fantasiando nossa relação, como se fosse um casal perfeito, que talvez eu esteja romantizando minha estadia em sua casa, mas não estou, isso não tem nada a ver conosco e sim com minha saúde mental.

— Tales, eu... — Coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e desvio os olhos para a pilha de *waffle*.

— Você não precisa limpar meu lixo porque está ficando aqui. — Por que ele parece tão bravo com tudo isso?

— Você sabe que não tem nada a ver com isso, eu só precisava ocupar minha cabeça.

— Por quê? Por que apenas não relaxa um pouco?

Levo meu polegar até a boca e mordo minha unha.

— Tudo isso é novo pra mim, eu tô perdida. — Dou de ombros e desvio o olhar outra vez, porque estou prestes a chorar.

— Eu sei. — Ele se rende, respirando fundo. — Eu só não quero que você ache que tem alguma obrigação...

— Eu preciso disso, você me conhece, sabe o quanto eu gosto de...

— Esfregar as coisas. — Comprime os lábios em um sorriso. — Você poderia ter usado todo esse entusiasmo matinal para... você sabe... — Ergue as sobrancelhas.

— Por que você tem que empurrar todas as nossas conversas para isso? Nem todas as garotas estão dispostas a abrirem as pernas para você o tempo inteiro, Jackson.

Sorrio, agradecendo o fato de que conseguimos mudar o rumo da conversa e que as lágrimas que se formaram em meus olhos, não caíram.

— É, eu sei. — Ele caminha até mim. — Você tem que aprender a relaxar um pouco. — Ele me surpreende quando me puxa para um abraço. — Quando foi a última vez que leu um livro? Que escreveu algo?

Sua pergunta me faz pensar e nem mesmo eu fazia ideia de que havia se passado tanto tempo. Meu rosto afunda em seu peito, mas tento não me movimentar muito, não quero amassar sua camisa. Meus dedos correm sobre suas costas e aproveito só um pouquinho quando toco a curvatura entre suas costas e bunda.

— Tem muito tempo — confesso.

— Então leia algo, você não tem que limpar nada. — Não sei se é a rouquidão sexy em sua voz ou a forma como cuida de mim, mas não consigo me afastar.

Sinto sua boca contra os meus cabelos e ele os beija.

— Prometo que irei tentar. — Obrigó-me a afastar dele.

— E... uau. — Tales empurra meus ombros, direcionando-me até uma das banquetas. — Eu realmente posso me acostumar com isso todos os dias.

— Não se acostume mal porque, quando eu partir, posso deixar um vazio insubstituível em sua vida — brinco.

Estou sendo uma falsa dramática, mas não o vejo sorrir, em vez disso, seus olhos caem em qualquer lugar, menos em mim.

— Onde está sua xícara? — pergunta.

Aponto para a bancada, ele caminha até ela, joga o resto de café frio dentro da pia e a enche com um café quentinho, então pega um *waffle* e coloca no meu prato. Parece agitado demais quando faz o mesmo para ele. Está pensando, eu sei, somente uma pessoa ansiosa reconhece outra.

— O que eu devo fazer agora? — mudo de assunto. — Preciso ver a Kenzie, mas eles não irão deixar.

— Espere ela enviar uma mensagem, sei que vai fazer assim que estiver segura e longe dos olhares dos seus pais — responde. — Eu vou pensar em algo.

— Não é como se eu pudesse ter sua guarda, TJ, sabe, eu nem tenho onde morar, trabalho em um bar onde, quanto mais eu mostrar meus peitos, mais gorjeta ganho e nem um maldito diploma eu tenho.

Ele me olha por um segundo antes de retornar sua atenção ao prato à sua frente.

— Você pode se casar comigo, podemos tentar a guarda dela, você pode usar o alcoolismo do seu pai e a instabilidade emocional da sua mãe. Além disso, ele também bate em vocês duas.

Abro a minha boca, mas nada sai, estou em choque. Ele realmente estava falando sério sobre Vegas e meu cérebro sequer consegue raciocinar direito. Parece tão insano quanto errado e, além disso, não é garantido e há muitas chances de dar errado.

— Você não está falando sério.

— Podemos voar agora mesmo se quiser.

Por um segundo, apenas um, penso em me levantar e correr para fazer as malas, mas então Benny vem a minha mente. Não posso faltar mais um dia, não posso correr esse risco. Barnett vem logo em seguida, o dinheiro que preciso juntar para pagá-lo e que irá exigir de mim dois meses inteiros. Também tem Mackenzie, que merda de exemplo estarei dando a ela? Como meus pais iriam reagir a mim tentando tirar a guarda deles?

— Eu nunca faria isso com você, Tales, acredite, você não quer estar envolvido nisso.

— Pensa bem, Beth, posso incluir Mackz no meu plano de saúde, posso incluí-la no meu seguro de vida... Isso pode dar certo.

Há grandes chances de dar errado e também irá precisar de um dinheiro que não tenho agora. Advogados custam muito dinheiro e é tudo o que menos tenho.

— Assim como também pode não dar. É muito dinheiro, viagens, casamento, advogados, você é louco...

— E rico — ele ri, tentando me incentivar. — E solteiro...

Fico em silêncio, porque não sei como responder a isso.

— Aproveite que eu ainda não tenho uma esposa ou filhos, porque seria difícil convencer minha mulher a me deixar casar com outra.

Ele brinca, mas não acho graça. Na verdade, esse pensamento me apavora. Tales com outra mulher. É mais fácil quando se trata apenas de sexo, mas amor? Eu não sei como ficaria se soubesse que ele se casaria com outra mulher, mas, sem dúvidas, não seria bonito, porque apenas um comentário sobre isso é capaz de fazer meu peito se rasgar de dentro para fora.

— Eu...

Quero falar a ele sobre os meus medos, sobre como me pareço com minha mãe, sobre tudo o que me abomina, mas então me lembro de que não é um pedido real, ele está apenas me ajudando, não é como se realmente fôssemos nos casar porque nos amamos e queremos passar o resto de nossas vidas juntos.

— Pense sobre isso. — Ele enfia o último pedaço do seu *waffle* na boca e beberica seu café, então me encara. — Ou escreva sobre isso, Shakespeare, como achar melhor, eu só... eu...

Por um momento, penso que ele vai dizer as palavras que já disse uma vez, e meu peito se enche de esperança, mas então fecha a boca e olha seu relógio de pulso.

— Eu preciso ir.

Assinto, nossos olhos se encontram por alguns segundos, mas ele não diz nada. Desejo que me dê um beijo antes de ir ou que apenas coloque suas mãos sobre mim mais uma única vez para que eu tenha forças para lidar com tudo pelo resto do dia, mas ele não o faz, em vez disso, ele pega seu notebook sobre a bancada e sai, me deixando sozinha e completamente desorientada.



Capítulo 11

Não tento escrever algo, ler um livro ou assistir a um filme, em vez disso, assim que termino de tirar a mesa do café, mudo de roupa e vou até o bar para um turno dobrado. Preciso conversar com Benny e explicar o motivo de eu ter faltado ao trabalho, embora eu saiba que Tales já o fez, além, é claro, de cuidar para que eu fosse substituída e que minha ausência não interferisse no funcionamento do bar.

O calor de julho me deixa ofegante e tenho certeza de que o sol me dará um belo bronzeado com marcas de mangas de camisa. Ao longo do caminho, meus pensamentos oscilam entre a proposta insana de Tales e a falta que sinto de Kenzie. Não sei viver sem ela e a preocupação de que esteja bem está me corroendo por dentro. Penso em passar na minha casa para tentar vê-la, mas temo que as coisas percam o controle como da última vez.

Tudo o que minha irmã menos precisa é ter o estresse de estar no meio de outra briga e por isso, por ela, por sua saúde mental, decido não ir. Com a cabeça baixa, tentando bloquear o sol do meu rosto, sigo em direção ao bar. Olho mais uma vez no celular, mas ainda não há nenhuma mensagem dela e sei que ainda não pode estar sozinha na segurança de seu quarto para que use o aparelho que mantém escondido de nossos pais.

Isso me deixa preocupada por não ter tido contato, mas feliz, por saber que ela é inteligente o bastante para manter meu aconselhamento de como e quando usá-lo. O dinheiro dos remédios de minha mãe ainda está no fundo da minha bolsa e não sei exatamente se o uso para juntar ao que devo dar a Barnett ou se tento uma receita com o médico. De qualquer forma, sei que ela está disposta a não tomá-los mais.

Roxana ergue as sobrancelhas quando me vê entrar pela porta, mas a ignoro indo diretamente até o escritório do Benny. Dou duas batidas na porta e espero até que abra, mas, em vez disso, há apenas uma brecha com espaço apenas para sua cabeça repleta de cabelos brancos. Ele ergue as sobrancelhas como Roxy e isso me irrita, porque não há motivos para surpresa se eu nunca, nunca, falto ao trabalho.

— Estou ocupado agora, depois eu falo com você. — Ele aponta para o bar. — É sexta-feira, os universitários estão de férias, então você sabe o que fazer. — Sinto suas mãos puxando um pouco mais o tecido da minha blusa para baixo, revelando um pouco da minha pele.

— Mostre os peitos.

— Mostre o seu potencial — ele me corrige.

— Sim, meu potencial está bem à mostra, graças a você.

Ele ri.

— Aquela banda daqueles garotos esquisitos com cabelos coloridos irá tocar essa noite. — Aponta para o pequeno palco improvisado que montou há poucas semanas.

Semicerro os olhos, porque o meu cabelo é verde agora e eu espero realmente que ele não esteja me chamando de esquisita com isso.

— Então vamos aproveitar um pouco mais meu potencial. — Dou mais uma puxada na blusa. — Homens são tão manipuláveis, que quase sinto pena de encher meu bolso de gorjetas.

Ele sorri antes de enfiar sua cabeça para dentro de volta, nesse meio tempo, posso ver os sapatos lustrados de um fornecedor, ou quem quer que seja, mas os reconheço, são os mesmos da outra noite.

— Então você está viva. — Roxy se aproxima.

— Sim, para o seu azar. — Caminho até o balcão.

— O seu amigo gostosão esteve aqui outra vez, você é uma garota de sorte. — Ela bate os cílios postiços. — Ele é seu namorado?

Quero dizer que sim, mas não quero fazer papel de trouxa caso ele tenha flertado com ela.

— Gosto de caras difíceis — ronrona.

Sinto vontade de rir, mas comprimo os lábios enquanto higienizo minhas mãos. Difícil? Bom, ela realmente não conhece Tales.

— Sim, os difíceis são mais atraentes — brinco.

Dois clientes se sentam na banquetta à minha frente e pedem duas cervejas.

— Então eu posso ir em frente? — insiste.

— Você não faz o tipo dele. — É tão impulsivo que não sou capaz de evitar.

Odeio o quão oferecida pode ser, mas odeio ainda mais o medo que sinto ao pensar nele aceitando sair com ela.

— E qual o tipo dele? *Você?* — Há tanta ironia em sua voz que eu ficaria incomodada se não soubesse que ela é uma cadela.

— Qualquer uma que não seja você.

E, de repente, me dou conta do quão estúpida e patética estou sendo discutindo por causa de um cara. Não sou esse tipo de garota, não sou aquela

que briga para marcar território, mas percebo que estou disposta a mijar nas pernas de TJ se isso fizer com que ela não se aproxime dele.

— SÉrio? Porque eu não vi ele desviar os olhos dos meus peitos quando apareceu por aqui.

Reviro os olhos enquanto uso minha mão para passar um pano sobre o balcão que ela nunca limpa.

— Deve ser porque eles estão saltando para fora.

— Sim, como os seus — diz.

Minha mão para de se mover, estou inclinada para a frente e com a cabeça baixa e meus olhos caem sobre os meus seios. O que estou fazendo com a minha vida? É o que me pergunto. Olho à minha volta, para a minha mão, para Roxana, por toda a pele exposta não tão diferente de mim. Quem ela realmente é? Do que ela realmente está atrás? É então que percebo que nunca me interessei em saber.

Estou tão concentrada em minha vida que me esqueço de que há um mundo à minha volta e que ele não para de girar. Eu conheci o Tales, tivemos uma experiência juntos, depois brigamos por sermos diferentes, então ele pediu para que eu indicasse sua amiga Ky, um ano e meio depois, enquanto nos procurávamos como melhores amigos sempre que as coisas apertavam para nós, eles acabaram juntos.

Por seis meses, eu ouvi Kyra falar sobre como o cara que eu amava era bom de cama, sobre suas dúvidas por estar transando com seu melhor amigo, tudo o que eles faziam juntos. Então decidi me afastar, não pude deixar de agir de forma estranha com ela, e também não pude deixar de pedir para que ele evitasse me procurar. Éramos amigos, mas eu sabia que havia mais, e por isso eu me mantive longe enquanto ele estava com ela.

Tudo isso porque minha vida está sempre em segundo plano. Eu nunca pude realmente ser quem ele precisava, meu pai atormentou minha vida quando descobriu que eu estava saindo com um Jackson e exigiu que eu desse um fim se não quisesse sair de casa, estar por conta e longe de Kenzie.

Todo o ódio por sua família por ter trabalhado para o seu pai e ter sido demitido da noite para o dia.

Foi quando nosso dinheiro começou a apertar. Ele foi para a rua, minha mãe teve uma crise, que pode ter sido desencadeada pela nossa instabilidade financeira e, em seguida, uma gravidez. Eu tinha dezesseis anos quando minha mãe engravidou da minha irmã. Nossa família já havia sido arruinada antes mesmo de Jimmy Jackson demitir meu pai, ela esteve arruinada no momento em que ele começou a beber e nos agredir.

— Rox? — Viro-me para a garota que detesto, mas que sequer conheço.

Eu percebo nesse momento que escrevo sobre sentimentos, mas que não sei lidar com eles. Escrevo sobre enxergar o próximo enquanto ando com os olhos fechados, que escrevo sobre pré-julgamentos enquanto não faço ideia de quem ela realmente é, e aqui estou eu, julgando suas atitudes sem saber o motivo dela agir dessa forma.

— Fala. — Ela ergue as sobrancelhas, preparada para outra discussão.

— Eu gostaria de conhecer melhor você.



Capítulo 12

A noite foi extremamente cheia e corrida, mas entre uma garrafa de cerveja e um *drink* preparado, nós conversamos. Falamos sobre tudo, pela primeira vez na minha vida, me abro com alguém. Talvez seja injusto pra caralho com quem esteve no meu lado esse tempo todo e que nunca conseguiu nada de mim, como Kyra, por exemplo, mas agora é diferente, porque é a primeira vez que consigo enxergar um futuro, que me sinto liberta, embora essa sensação me abomine.

Não quero me sentir liberta porque Kenzie nunca foi um fardo para mim, mas saber que há alguma possibilidade de um dia conseguir sua guarda, agora me parece mais real tendo isso saindo dos lábios de Roxana. Ela sabe tudo agora, assim como também sei que foi assediada pelo marido de sua mãe aos quinze anos e por isso saiu de casa um ano depois, quando conheceu um menino de dezoito e eles começaram a namorar. Ela ficou com ele até seus dezoito anos, então percebeu que só estava em um relacionamento para fugir de algo pior.

E agora ela está por conta própria. Trabalhando em um bar que lhe paga bem quando seu peito está à mostra. Mas ela não liga, está morando com uma amiga agora e quer ir à faculdade. Isso me faz pensar porque estive tanto tempo ocupada com outras coisas, que nunca pensei realmente em estar em uma universidade. De qualquer forma, todo mundo sabe que o que quero e sei fazer de melhor é contar histórias, por isso eu ficaria feliz em fazer

algum curso de elaboração de roteiro ou escrita criativa, aprofundar mais no que amo fazer.

Quem sabe um dia, eu possa correr atrás dos meus sonhos, mas primeiro preciso arrumar minha vida. Achar um lugar só meu, tentar interditar minha mãe talvez fosse uma boa, além disso, posso arrumar provas de que meu pai agride minha irmã. Se o colocasse atrás das grades, talvez minha mãe, ela e eu pudéssemos viver juntas. Posso lidar com minha mãe, o que não posso é lidar com os dois ao mesmo tempo, ou, pelo menos, é isso que repito para mim o tempo inteiro.

Que ela pode ser salva.

— Você está longe... — Rox murmura, amarrando seus cabelos no topo da cabeça, em um coque firme.

Ela acende um cigarro. Olho para ele, posso sentir o gosto em minha boca, a calma que me proporciona. Desvio o olhar para os meus pés, para as unhas que preciso fazer porque estão mal-cuidadas.

— Estou pensando em Mackenzie, não a vejo desde que saí de casa. Também não tive contato com ela...

— Queria poder ajudar você. — Ela traga a fumaça e inclina a cabeça em direção ao céu antes de soltá-la. — Você quer?

— Sim, mas não posso, larguei essa merda tem um tempo.

— Oh... — Ela parece culpada. — E então? O bonitão vai vir buscar você?

Assinto.

— Ele mandou uma mensagem avisando que viria.

— Ele parece interessado.

— Somos melhores amigos. — Não que eu não tenha dito isso antes a ela.

— Você diz isso como se precisasse acreditar em suas próprias palavras.

E eu preciso.

— As coisas são como são.

— *Complicadas*. — Ela sorri e ergue as sobrancelhas três vezes seguida. — Como dizia à sua amiga... Kyra, não é?

Sorrio. É bom ter alguém, uma pessoa que sabe sobre tudo, é como poder se olhar no espelho, você consegue ver com seus próprios olhos o que todos estão vendo quando você sai na rua. Ter Roxy repetindo minhas falas é como se eu estivesse ouvindo sobre outra pessoa, e isso apenas mostra o quanto sou omissa comigo mesma.

— Você iria a Vegas, Elizabeth? — Ela dá uma última tragada no cigarro antes de jogá-lo na caixa de areia.

Vejo o carro de Tales chegando na entrada no estacionamento e ela assovia baixinho. É ostensivo demais, eu sei, é fora da minha realidade, como se eu não fosse boa o bastante para entrar dentro dele. Como se minhas roupas sujas de cerveja pudessem contaminar o couro impecável dos assentos.

— Eu não vou. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha, então percebo que ainda fico nervosa sempre que ele está por perto.

— Essa não é a minha pergunta.

Dou um passo à frente, mas sinto suas unhas afundarem no meu braço quando ela me impede de ir.

— O que quer saber? — A encaro.

Ouçoo o carro chegando.

— Você iria se fosse real e não apenas por sua irmã?

Abro a boca, mas não sei ao certo o que responder.

— Isso nem faz sentido. — Puxo o meu braço de volta.

— Eu já tenho uma resposta. — Seus lábios se repuxam em um sorriso presunçoso.

— Boa noite, Roxy. — Entro no carro.

Não encaro Tales porque estou revirando os olhos para a minha nova amiga enquanto ela mantém seu dedo do meio erguido para mim.

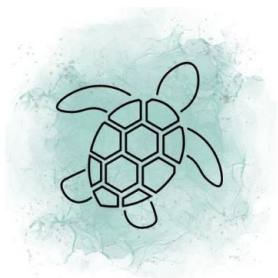
— Achei que vocês se odiassem — ele murmura e olho para ele pela primeira vez.

Tales está apenas com uma bermuda rosa bebê, que usa para ficar em casa, e seus cabelos estão bagunçados para todos os lados. Solto o ar dos pulmões, é inacreditável como sua beleza e tudo o que ele representa para mim ainda me faz perder o fôlego, como se eu o estivesse vendo pela primeira vez, naquela noite fria e coberta por neve, enquanto eu fumava um cigarro e me esquivava dele.

— É, eu também. — Me encosto no banco e fecho os olhos por dois segundos.

— E o que mudou? — pergunta.

— Eu — respondo. — Acho que eu mudei.



— O que está fazendo? — pergunto quando o vejo dobrar a esquina da minha casa.

Minhas mãos começam a suar e, quando o carro para longe dos olhos do meu pai, eu estou tremendo. Agarro minha bolsa contra o peito como se fosse minha tábua de salvação. Sua mão toca meu joelho com cautela, então ele segura meu rosto com as duas mãos e seus olhos encontram os meus, me dando apoio.

— Primeiro de tudo, se acalme — ele murmura.

Quero dizer a ele que não sou capaz de fazê-lo, tampouco com suas mãos em mim e estando tão perto para beijá-lo.

— Tudo bem — assinto.

— Respire fundo. — Ele respira fundo e, quando solta o ar dos pulmões, seu hálito fresco acerta meu rosto.

Fecho meus olhos por um segundo, respirando fundo, preciso me acalmar.

— Nossa macaquinha está no seu quarto esperando por você.

— Obrigada.

Sinto sua testa tocar a minha e seu nariz roça no meu antes de deslizar sobre ele, tocando um pouco abaixo do meu olho esquerdo, sinto uma lágrima escapar e ela corre até encontrar seus lábios, então ele a beija. Meu coração está batendo tão forte agora que não sou capaz de lembrar a última vez em que me senti dessa forma, como se ele vivesse fora de mim.

— Vá, eu vou logo em seguida, preciso pegar algumas coisas no porta-malas.

Junto forças para me afastar dele e corro até a janela do meu quarto, que está entreaberta para mim. Kenzie aparece no meu campo de visão e, quando ela sorri largamente, é como se todo o resto do mundo não existisse. Ela pula para o lado de fora e me abraça forte. Tento não chorar, tento ser forte por ela, mas não consigo, o choro é involuntário e escapa sem que eu possa evitar.

— Como você está? — Há um nó em minha garganta que deixa minha voz embargada.

— Bem, eu estou bem.

Toco o seu queixo, procurando por algum sinal de agressão, mas não encontro nada.

— Como estão as coisas? E mamãe? — pergunto baixinho.

— Ela gastou todo o resto do dinheiro. — Cruza os braços. — Eu falei para economizar, mas papai encheu os armários de cerveja.

Respiro fundo.

— Você tem o que comer? — pergunto.

— Tenho alguns pacotes de bolacha ainda — responde com um pequeno sorriso.

Sei que está tentando não me preocupar. Tiro algumas notas no bolso de trás do meu short e entrego para ela.

— São minhas gorjetas de hoje. — Enfio em sua mão e forço seus dedos a se fecharem, segurando cada uma delas.

— Você precisa economizar para pagar aquele cara — sussurra.

— E você precisa comer. — Eu a puxo novamente em outro abraço.

Gostaria de mantê-la para sempre em meus braços.

— Ei, macaquinha. — A entonação que ele usa para falar com ela aquece meu coração.

— Tales! — Ela corre até ele.

Tales está de camiseta agora e ele carrega algumas sacolas, as quais larga no chão antes de se abaixar para pegar minha irmã no colo. Mackenzie

some no meio de seus braços.

— Shhh... falem baixo os dois! — Os repreendo.

Eles me ignoram enquanto se abraçam e, mesmo que eu esteja triste com tudo, ainda posso sorrir ao ver os dois dessa forma.

— Eu estou com ciúmes — sussurro, e tenho os dois olhando para mim.

— De mim ou do Tales? — Kenzie pergunta e eu a repreendo com um olhar.

Vejo o sorriso convencido de TJ se formar e mordo meus lábios para comprimir o meu.

— Dos dois — respondo. — O que é isso? — Aponto para as sacolas no chão.

— Salgadinhos, biscoitos, *Chips*, enlatados, chocolate e tudo o que ela pode esconder em seu quarto — responde.

Não sei o que dizer, parte minha quer ajoelhar aos seus pés e beijá-los por ser tão incrível, mas a outra, quer brigar com ele por comprar porcarias.

— Tem algumas barras *saudáveis* — ele informa.

Isso mostra o quanto me conhece.

— E, quando tudo isso passar, você vai poder cuidar da alimentação dela — insiste.

— Obrigada — sussurro em sua direção, mas seus olhos estão repuxados enquanto ele sustenta um sorriso para a minha irmã.

Mackenzie eleva os dois braços para apertar seu rabo de cavalo e posso ver duas marcas roxas próximas às axilas. Eu puxo seu braço em minha direção.

— Você mentiu.

Ouço a respiração pesada de Tales ao meu lado e ele começa a andar de um lado para o outro, impaciente.

— Não estou, eu juro... — ela garante e confio em sua palavra.

— Foi só uma batida, eu engatei a manga da blusa na fechadura então bati o braço.

Suspiro, aliviada. Ela vive fazendo isso o tempo inteiro.

— Entre, esconda bem essas coisas e use o celular apenas quando for seguro — peço, puxando-a em outro abraço.

— Amo você. — Seus bracinhos me prendem pela cintura. — Vocês — corrige.

Sinto os braços de Tales contornando nós duas e sua cabeça pousa sobre os meus cabelos.

— Nós também te amamos, macaquinha. — Ele se curva e beija seus cabelos.

— Vá, antes que eles acordem. — Dou um tapinha em seu traseiro.

Tales coloca ela para dentro, junta as sacolas do chão e as entrega pela janela, então sussurra algo em seu ouvido. Kenzie assente e ergue sua mão para mim, acenando antes de fechar tudo. Observo TJ de pé, ainda encarando a janela mesmo que as cortinas estejam fechadas. Ouço um estalo em minha mente, minha consciência bate palmas para mim.

Ele será um pai maravilhoso um dia, e esse pensamento me derruba. Sinto lágrimas em meus olhos e minha garganta se fecha. O pensamento de Tales estando casado e sendo o pai de uma criança me apavora. Sei que, quando esse dia chegar, não o terei mais sempre que precisar, talvez em momento algum. Ele não poderá mais ser a primeira pessoa na qual penso em ligar quando as coisas se apertam, ou quando me sinto sozinha.

Ele será apenas o cara que amei.

Mas que fui fraca o suficiente para deixar ir.



— O Benny anda tão esquisito — comento para Roxy.

Ela olha sobre os ombros e encara a porta fechada de seu escritório.

— Total — concorda. — Tem um cara que não sai lá de dentro.

— Eu achei que era algum fornecedor, mas o cara *definitivamente* não sai de lá, você também reparou? — sussurro.

Ela assente.

— Sim, eu mal consigo falar com ele.

— Quem acha que é? — Coloco dois copos de cerveja sobre o balcão para os clientes que se sentam à nossa frente.

— Olha, eu não faço ideia, mas pensei tanto sobre isso nos últimos dois dias que elaborei minhas teorias. — Roxy pega duas garrafas de cerveja e entrega para os caras.

Ergo as sobrancelhas.

— E quais são? — pergunto.

— Bom... — Cruza os braços. — Eu acho que é algum namorado.

Isso me faz engasgar com a própria saliva.

— Isso ou ele está vendendo o bar. — Dou de ombros.

— Será? — sussurra, como se alguém a nossa volta estivesse interessado na nossa conversa.

— Olha, faria sentido.

Roxana semicerra os olhos, pensativa.

— Faria mesmo — comenta.

— Claro que sim, ele demitiu o Jacob no final do mês, nosso *único* segurança.

Observo dois garotos indo em direção às mesas de bilhar, um deles ergue as mãos para Roxana e ela bufa.

— Oh, é mesmo! — Parece refletir. — Ele já estava há alguns anos aqui e realmente não fez sentido algum.

O garoto assovia para que ela leve duas cervejas até eles.

— Qual o problema desses idiotas em virem até aqui? — Revira os olhos.

— Quer que eu leve? — pergunto.

Essa nova interação entre nós deixa tudo mais fácil. Gosto de quem Roxy é de verdade e estou realmente feliz em poder conhecê-la.

— Não, tudo bem. — Seu quadril empurra a porta do freezer. — Eu apenas vou inclinar meus peitos em suas caras preguiçosas e conseguir uma grana fácil.

— Nada melhor que lidar com homens. — Sorrio. — São tão idiotas.

— Quem são os idiotas? — Benny deixa o seu escritório.

— Meus pais — respondo.

Roxy morde os lábios escondendo um sorriso.

— E aí, Benny? Qual é a boa? — indaga sobre os ombros, enquanto rebola sua bunda até os garotos.

Há um sorriso nos lábios dos dois, um deles passa a língua sobre eles como se estivesse salivando e observo ela inclinar a cabeça para trás em uma risada, então retorna até o balcão, sustentando um sorriso e algumas notas nas mãos.

— Fácil demais, homens pensam com a cabeça errada, basta acharem que se darão bem e suas carteiras estarão abertas para que usemos quantas notas acharmos necessário.

Benny sorri orgulhoso.

— Vocês são garotas inteligentes — ele diz. — Usem isso no futuro, e pelo resto de suas vidas. — Faz um gesto com as mãos, dispensando sua fala. — Ou apenas enquanto trabalharem aqui.

— E então, o cara misterioso ainda tá lá dentro? — Roxana pergunta e eu arregalo meus olhos em sua direção.

— Vocês também podem cuidar mais de suas vidas no futuro.

— Por que está falando como uma despedida? — pergunto, conheço Benny o bastante para saber que ele realmente está soando como se fosse uma despedida.

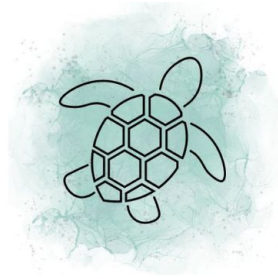
— Em breve, meninas. — Ele vira de costas e enfia as mãos nos bolsos da calça. — Em breve saberão sobre as boas novas.

— Eu sabia — Roxana sussurra para mim.

Comprimo os lábios em um sorriso.

— Sabia, porra nenhuma, você achou que ele fosse gay.

Nós caímos na gargalhada, até que, de repente, ouço um estalo em minha mente. Novidades significam mudanças e eu realmente não posso perder esse emprego agora.



Roxy está com o carro de sua amiga com quem ela divide um apartamento e me deixa em casa, ou melhor, na casa de Tales. Tenho uma cópia das chaves e livre acesso, por isso, depois de tomar um banho relaxante em seu chuveiro cantor que não possui registro, me deito em sua cama e puxo as cobertas e os lençóis até o pescoço. São duas horas da manhã e não faço ideia de onde ele está. Assim como todo o resto das pessoas que deveriam morar com ele.

Sei que seu pai, que nunca aparece, a essa altura da vida acho que nem deve mais morar nessa casa, Max e Ky acabaram de comprar um apartamento, Tyson não sai do apartamento da Tray, mas e Glenda? Sei que ela namora o cara que trabalha na oficina de Max, mas ela e Tyson nunca aparecem? Não é à toa que Tales parecia tão transtornado quando me procurou no bar. Uma mansão solitária para um cara que não sabe ficar sozinho. Parece assustador.

Ligo a televisão na *Netflix*, mas não sou capaz de me concentrar, porque minha mente vaga para longe. Aonde Tales está? Não faço ideia, mas o pensamento dele com outra mulher me deixa incomodada, e quando vejo, já tenho todas as minhas unhas roídas e outra promessa quebrada. Minha consciência tenta me lembrar de que somos apenas amigos, mas meu coração me diz que é mais que isso, que sempre foi. E é exatamente por isso que sempre recuo.

Porque não sei ser sua amiga, não sei deitar minha cabeça no travesseiro sem pensar no que ele está fazendo. Com quem está saindo. Não sei agir casualmente, fingir que não estive paranoica toda vez em que pensei nele com alguém. Não sei ser meio algo, meio amiga, meio amante. Ou sou tudo, ou completamente nada.

Continuo olhando as opções, mas nada me agrada, tenho tanta série atrasada, que sinto preguiça ao pensar em maratona alguma delas. Além disso, minha mente está cheia, penso onde Tales anda, na grana que preciso juntar para o Barnett, na situação de Kenzie e a saudade que sinto dela, no que minha mãe anda aprontando sem os remédios e nas mudanças que Benny pretende fazer no bar.

É tanta coisa ao mesmo tempo que minha mente começa a girar, tenho meu carro na oficina há tempo o suficiente para temer que o mecânico ache que desisti dele. Não terei dinheiro nos próximos três meses para consertá-lo, não faço ideia do que fazer com ele. Talvez possa ligar e perguntar quanto podem me pagar por ele no estado em que está, e aí conseguirei pagar o agiota. É uma boa opção e a primeira vez que penso sobre ela.

Desligo a televisão e encaro minha mala que está no chão do closet, vejo metade do meu notebook para fora. Tem tanto tempo que não entro na minha conta na qual publico frases e textos, que talvez tenha perdido metade dos meus seguidores. Amo escrever, mas não poder manter uma rotina de escrita me deixa frustrada. Além disso, não quero fazer por obrigação, precisa ser algo natural, espontâneo, precisa ser com o coração.

Pego o notebook e o posiciono em meu colo, vejo uma luz brilhar no fundo do túnel, é minha inspiração chamando. Uma coisa que não posso negar é o quanto escrevo quando Tales e eu estamos juntos. Há um bilhete entre o teclado e a tela e ele escorrega para fora. Conheço essa letra e me pego sorrindo como uma idiota enquanto corro meus dedos sobre a escrita à caneta: *“Temos a arte para não morrer da verdade. Use todo o seu coração, Shakespeare”*.

O fato dele citar Friedrich Nietzsche não me surpreende, porque ele é a porra de uma caixa de surpresa. Se usou o Google ou leu um livro de

Nietzsche não muda o peso que as palavras têm sobre mim. Tales sabia que eu o faria mais cedo ou mais tarde e isso apenas serve para me motivar ainda mais. Ligo o aparelho, abro um arquivo antigo do livro o qual estava escrevendo, releio o último capítulo e começo a digitar loucamente exatamente de onde parei.

“... porque ela é forte e destemida, é o tipo de mulher que é capaz de influenciar mil outras, e, a cima de tudo, tem o que todas deveríamos ter: amor-próprio. Ela se coloca em primeiro lugar e diz que se amar é ter a chance de ser quem você quiser e escolher ser você mesma”.



Capítulo 14

Acordo com um ruído no quarto, não faço ideia de que horas são, mas sei que é Tales. Ele esbarra em algo e murmura um palavrão, então ouço a porta do closet correr e o som das corrediças das gavetas trabalhando ao serem abertas. Ele faz bastante barulho ao tropeçar em minha mala no chão e ouço uma leva de palavrões. Me encontro nervosa, odeio a forma como me sinto agora.

Culpada por estar bem aqui, não sei o que isso significa para ele, mas vejo que em partes, mesmo que pequenas, estou atrapalhando, fazendo com que ele perca sua privacidade. Talvez ele quisesse ter trazido uma garota para casa essa noite. Pensar nisso me deixa nervosa e eu me mexo na cama, mesmo que não queira que ele saiba que estou acordada.

Ouço a porta do banheiro ser aberta, mas não o ouço fechá-la. O barulho do chuveiro ecoa através do quarto e de onde estou, sou capaz de sentir o cheiro do seu xampu. Fecho os olhos por um momento, meu coração está uma bagunça dentro do peito e minha mente é culpada por isso. Desejo ir até ele, tirar minhas roupas e sentir suas mãos sobre mim, mas também sei que não posso misturar as coisas.

Transar com ele irá complicar coisas que já estão complicadas demais. Eu sei, mas também não posso controlar o que sinto, a ansiedade que me corrói, a vontade que tenho de ir até ele, tudo é tão forte que me

sufoca, que esmaga meu peito e me causa falta de ar. É o que ele me faz sentir, o que nunca tive ou terei com ninguém mais, é a química imensurável que não permite que eu fique longe por muito tempo, que me arrasta até ele e que me obriga a levantar da cama.

Caminho silenciosamente até a porta do banheiro, meu coração está batendo tão forte que dói, mas estou certa do que quero, e é ele. A luz principal está apagada, mas há uma iluminação baixa que sai do gesso no teto. Vejo sua silhueta, é tão sexy e viril que rouba meu fôlego, mas não é isso que me deixa vulnerável. Tales está de pé, um jato forte de água cai em suas costas, mas ele mantém sua cabeça baixa e apoiada no mármore que reveste as paredes.

É triste, ele não é assim, e vê-lo dessa forma faz um nó se instalar em minha garganta. Sei que não é apenas um banho, ele está pensando, não está bem, por isso estou cem por cento certa quando deslizo minha blusa sobre a cabeça e desço minha calcinha até meus pés. Ele está de costas para mim, tão concentrado em seus pensamentos que não ouve meus movimentos. Não há mais volta, estou dentro do *box* do banheiro e os respingos tocam meus seios.

Dou um último passo à frente e minhas mãos tocam suas costelas. Ele se contrai assustado, mas então dá um suspiro tão pesado que posso jurar que está aliviado. A água acerta meu rosto, por isso abaixo a cabeça e colo minha bochecha em suas costas, deslizando as mãos até que estejam em frente ao seu abdômen. Ele continua com a cabeça baixa, e a forma a qual seu corpo recebe o meu me diz que era tudo o que queria.

— Seja lá o que estiver tentando fazer, apenas continue. — Sua voz é uma súplica.

Pressiono meus lábios em suas costas e roço meu nariz sobre sua pele encharcada. É tão bom e parece tão certo, que desejo viver em um mundo onde eu tenha apenas esse momento.

— Tales... — Minhas mãos correm sobre sua pele desnuda e pressiono meus seios contra seu corpo.

O grunhido que ele deixa escapar é tão cru e instável que acerta diretamente o meio das minhas pernas.

— Porra, Shakespeare. — Ele se vira.

É tão rápido que me pega desprevenida e, quando me dou conta, meu corpo está sendo esmagado contra a parede.

— Vamos fazer isso, só mais uma vez — murmuro.

Meu coração chutaria minha bunda se tivesse pernas, porque ele sabe que vai se partir em breve.

— Isso não é certo — sussurra, mas seus lábios já estão esmagando os meus.

Me afasto um pouco, empurrando o seu nariz com o meu, apenas o suficiente para que eu o responda.

— Nada em nossa vida parece ser, mas olha só onde estamos.

— Mais uma vez... — repete, então me pressiona ainda mais contra a parede.

E não tenho mais como dizer nada, suas mãos estão presas nas laterais da minha cabeça e ele suga meus lábios com força. Não sei o que fazer com minhas mãos, porque tudo nele é um convite e sinto vontade de tocar em todos os lugares ao mesmo tempo. Nossos dentes se chocam, seu corpo me prende com mais pressão e sinto seu pau completamente duro contra minha barriga. Parecemos completamente desesperados um pelo outro.

— Deus, Beth, isso é tão bom quanto me lembrava.

Sim, isso é, e por isso que nunca fui capaz de esquecer.

— Sim...

Tales se afasta um pouco e enfia sua mão em minha nuca, me arrastando com ele para fora do banheiro, mas sem desgrudarmos um do outro. Sugo e mordo seus lábios, ele geme, eu ofego, ele continua me puxando. Sinto suas mãos alcançarem a parte de trás da minha coxa e ele me ergue no ar, antes de me jogar na cama. Bato a cabeça em algo, é meu notebook, mas Tales o derruba no chão.

Quero dizer a ele para ter cuidado porque não posso pagar por outro, mas sinto seu membro totalmente rígido entre minhas pernas e perco as palavras, o ar, o chão. Sei o que está prestes a acontecer. Um momento pequeno que irá me atormentar por mais alguns meses, ou anos. Não quero preliminares, não temos tempo para isso agora porque estamos enlouquecidos com o desejo de nos fundirmos um ao outro.

Não preciso de sua língua entre minhas pernas agora, preciso do seu pau, e ele entende isso, porque nossos corpos conversam entre si sem que precisemos verbalizar. Tales se curva sobre mim em direção à mesa de cabeceira e sei que está indo pegar camisinha. Sinto que vou gozar tão rápido que talvez ele nem tenha tempo de me penetrar, porque a pressão que faço com meu clitóris contra ele é tão forte, que é capaz de me deixar vir.

— Merda... merda, merda. — Ele me encara e paro de me mover.

Estou tão ofegante e cega com o tesão que sinto no momento que mal posso me conter.

— Eu não tenho camisinha.

— O quê? — grito. — Como assim, *você* não tem camisinhas?

— Eu joguei todas fora.

Encaro o seu pau, ainda completamente duro contra mim.

— Ah, não, não... por que diabos você faria isso?

Enfio a mão nele e me surpreendo com o tamanho, mesmo que já tenha visto e tocado antes.

— Porque eu não estou transando com ninguém, é meu novo eu.

Eu teria rido se não estivesse quase implorando para que ele me fodesse agora.

— Está tentando ser um celibatário? Justamente agora? Sério?

Ele enfia seus lábios contra o meu pescoço.

— Não com você. — Até mesmo sua voz é o bastante para mim.

Posso facilmente gozar apenas escutando ele dizer sacanagens no meu ouvido.

— Apenas faça o que tem que fazer — estou implorando.

Ouçoo um suspiro de alívio deixar seus pulmões e sei que ele está tão desesperado quanto eu agora.

— Eu estou limp...

— Confio em você. — É tão natural e espontâneo que me assusta.

Tales se posiciona entre minhas pernas e o que vem em seguida é como um tiro certo no meu coração. Ele me penetra, forte, sólido e de uma só vez, tão fundo que meu gemido ecoa por seu quarto. O sinto por completo, grande, duro e macio dentro de mim e sei que não preciso do apoio dos meus dedos para chegar lá, porque ele me preenche e pressiona em cada lugar certo.

— Puta merda... — ele sussurra, mas não se move.

Eu pressiono os dedos em seus quadris e rebolo embaixo dele, levando-o para a frente e para trás, seu corpo me obedece, está indo no meu ritmo. Outro palavrão escapa de seus lábios e sei que é a forma dele expressar o que está acontecendo agora. Não há nada a ser dito além de palavrões. Continuo me movendo contra ele, tão devagar e forte que sinto o orgasmo chegar.

Abro meus olhos e o encontro olhando para mim, não há sorriso em nossos lábios, porque estamos apavorados com a forma a qual somos bons juntos. Sua testa toca a minha e ele continua se movendo lentamente, e toda vez que seu quadril choca com o meu, ele o pressiona forte contra meu clitóris. Curvo meu quadril contra ele, então Tales começa a se mover rápido quando percebe que vou gozar.

É tão forte e desesperado que a cama bate com força diversas vezes contra a parede.

— Porra, isso nunca aconteceu tão rápido — ele murmura, ofegante.

— Tales, espera, eu preciso...

— Porra... — Ele mete mais uma, duas... — Caralho, eu preciso tirar...

Pressiono meu quadril com mais força contra ele e sinto o orgasmo me atingir, então inclino para cima, erguendo meu corpo inteiro e deixando um gemido alto escapar, ao mesmo passo em que Tales se move rapidamente para fora de mim. Meus olhos estão presos em suas mãos, mas o jato quente corre entre seus dedos e pulam até minha barriga, me sujando inteira.

Conforme nossas respirações cessam e seu corpo cai ao lado do meu, começo a me dar conta do que fizemos. Nós estamos morando juntos, e acabamos de transar, o que só vai resultar em uma coisa ruim, ou em mim tendo que pegar minha mala e arrastá-la para fora da mansão quando não souber lidar com ele saindo com outra pessoa. É exatamente por isso que não ficamos juntos, porque nunca sei lidar com as possibilidades. Porque não sei confiar.

— Merda, isso foi... — ele sussurra, estarrecido.

— Um erro — o interrompo. — TJ isso foi um erro.

Levo minhas mãos ao rosto e sinto lágrimas queimarem meus olhos juntamente com o medo que sinto de perdê-lo outra vez. Encaro seu rosto, mas o pequeno sorriso que estava em seus lábios há dois segundos agora foi substituído por uma linha rígida.

— Sim, Beth... Foi um puta erro. — Ele se levanta e caminha até o banheiro.



Capítulo 15

Me sinto péssima agora, não somente por ter dito a Tales que o que fizemos foi um erro, mas porque o tenho me evitando durante todo o dia. Depois que ele saiu do banho na noite passada, o observei marchar para fora do quarto. Tales não dividiu sua cama comigo, sequer olhou em minha direção até agora. Mas o que eu posso dizer? Ninguém quer ouvir após o sexo que “foi um erro”, não tão rápido, pelo menos, nós sequer havíamos nos limpado ainda e eu já estava arrependida.

Eu teria surtado se fosse comigo, mas acontece que fazer mal a alguém que você ama dói muito mais do que quando ela faz mal a você. Pelo menos é como me sinto, culpada, porque ninguém deveria se sentir mal por falar a verdade, certo? Mas por que é que eu me sinto dessa forma então? Nós dois sabemos que realmente foi um erro, que estamos lidando de forma errada com algo que já está uma bagunça.

Como é que eu vou lidar com isso agora? Como vou falar para ele como me sinto em relação a Mackenzie, se mal posso olhar em sua cara? Como é que vou deitar e chorar em seu ombro se, quando estou perto demais, quero beijá-lo? E é exatamente por isso que você não pode transar com seu melhor amigo, e eu melhor do que ninguém, deveria saber, porque já estivemos nessa posição. Então me afastei.

O que é tudo o que não posso fazer agora.

E também não é o que quero.

Forço ainda mais a pressão que faço ao esfregar as emendas do mármore branco, odeio como é capaz de aparecer tanta sujeira nelas, o que é isso? Silicone branco? Essas coisas deveriam ser mais práticas de limpar. Ou serem pretas, assim não apareceria a sujeira. Bato o dedo na quina e praguejo, mas não paro de mover a mão, em um ritmo rápido. Esbarro em um pote com água e o derrubo no chão, então me abaixo para secá-lo. Não quero pensar em Tales, ou em mim, ou no sexo glorioso que fizemos ontem.

Não posso pensar nisso, no quanto quero largar o que estou fazendo e me jogar sobre ele. O quanto sinto que preciso de um abraço seu agora, ou como desejo correr meus dedos sobre os traços do seu rosto e beijar cada um deles. Não deveria estar fazendo isso comigo mesma, me corroendo por dentro, desejando tanto algo que nunca vai acontecer. Essa enxurrada de pensamentos me deixa agitada e eu esfrego o chão usando ainda mais força. Preciso de um psicólogo, preciso de ajuda, eu sei, mas também não tenho tempo, nem dinheiro agora.

Ouçoo passos atrás de mim, viro minha cabeça e vejo uma garota um pouco mais nova que eu, de pé. Suas mãos estão na cintura e ela usa uma saia curta e justa que me faz invejar suas pernas lisas e levemente bronzeadas do sol. Seus cabelos loiros quase brancos caem sobre os seios empinados e eu abro a boca, estarecida. Ela é muito mais bonita pessoalmente.

— Oh, uau... — ela murmura.

— Você é Glenda. — Continuo no chão.

— Bom, é uma novidade para mim ter uma garota de quatro no chão e não ter um dos meus irmãos sobre ela. — Um sorriso diabólico se forma em seus lábios e sou atraída a sorrir também.

Bom, seja lá quem eles haviam puxado, sem dúvidas todos os Jackson haviam herdado o mesmo tom de sarcasmo. O que é muito confuso de dizer, porque Jackson é o sobrenome de Jimmy, que é o pai adotivo. Então Tales e Tyson são um Jackson, e eu acho que ele registrou o Max

também como seu filho e deu a ele o seu sobrenome. Então, tecnicamente, ela não é uma Jackson, porque o pai deles não a reivindicou como filha, embora trate as duas como tal. É confuso pra caralho a situação dos cinco, dito que Maeve ainda vive na Pensilvânia. Eu acho.

— Você me lembra alguém, eu acho que é Tyson Jackson. — Levanto-me e estendo a mão.

— Eu sou um pouco de cada. — Dá de ombros.

— Ah, é? — Me vejo curiosa a seu respeito.

— Tenho a facilidade de fazer amigos, como TJ, sou tão explosiva quanto Ty, e tenho a capacidade de manter a paz entre todos, como Max.

— Então você seria um homem perfeito, se não for tão galinha quanto os três juntos, claro.

Ela ri, os ombros balançando.

— Nah, eles estão amarrados pelas bolas agora. Suas fases de galinhagem já passaram faz tempo.

— *Dois* deles apenas. — Passo a mão nas laterais das coxas, secando-as.

— Isso é você quem está dizendo, não eu. — Há uma arrogância em suas palavras que a torna muito confiante.

— Obrigada por me cobrir no bar.

— Não tem de quê. Além disso, consegui arrancar uma grana do TJ.

Sorrio.

— Você não trabalha hoje.

— Recebi uma ligação hoje cedo, parece que não irão abrir. — Alcanço minha xícara de café e a encho outra vez. — Algumas mudanças

serão feitas por lá e apenas espero que não inclua meu traseiro sendo demitido.

— Você vai ficar bem, eu aposto.

— Espero que sim. — Levo minha xícara até a boca.

— Aliás, Roxana é uma vadia. — Glenda joga suas chaves sobre a mesa.

— Era o que eu pensava sobre ela. — Me abaixo para juntar o pano que deixei no chão.

— E o que mudou? — pergunta, abrindo a geladeira e pegando uma garrafa de cerveja.

— Mudou que eu percebi que o mundo não gira apenas à minha volta.

— E o que isso quer dizer?

Gosto de como ela parece interessada realmente em nossa conversa, em mim. É como se Glenda quisesse me conhecer.

— Quer dizer que, às vezes, nós julgamos as pessoas por quem achamos que elas são, e elas são quem são exatamente por isso, porque as julgamos.

— Então você acha que, se nós tentássemos conhecer essas pessoas antes disso, talvez elas fossem diferentes? — pergunta, levando a garrafa até os lábios rosados.

— Eu acho que sim, afinal, nossas atitudes sempre são um reflexo de outras. Você sempre age com alguém de acordo com a forma que ela trata você.

O sorriso em seu rosto é tão grande agora, que me deixa confusa.

— Eu sabia — diz de forma convencida.

— Sobre o quê? — pergunto confusa.

— Que você não poderia ser menos do que é, ou TJ não seria apaixonado por você.

Abro minha boca para dizer algo, mas ouço passos atrás de mim e meu coração congela. Não quero me virar e encará-lo, não depois de tê-lo me evitando durante todo o dia. Mas também sei que não posso simplesmente me despedir dela e sair dessa forma, não posso fazer isso na frente de sua irmã, então apenas fico parada como uma estátua.

— Parece que alguém lembrou o caminho de casa — Tales diz sem humor algum.

— E parece que há um pedaço de pau enfiado em algum lugar.

Arrisco um olhar em sua direção e perco o meu fôlego ao vê-lo com grandes fones de ouvidos encaixados em sua nuca. O suor escorre por todos os músculos do seu abdômen e eu acompanho o fio que vai do fone até o aparelho celular em sua mão. Seus dedos se movem depressa para desligar o som que posso ouvir de onde estou e o observo puxar uma regata branca pendurada em seu ombro para secar seu rosto.

Minha boca está seca agora, conforme meus olhos se perdem sobre ele, as sensações de ter suas mãos sobre mim são muito vivas, quase reais. Dou um passo para trás e esbarro na cafeteira, chamando atenção dos dois para mim. A tensão sexual é tão grande que talvez eu precise de alívio. Tudo é diferente agora que lembro tão vividamente como é tê-lo entre minhas pernas.

Putá merda.

Glenda abre um sorriso enorme e Tales coloca a mão sobre o ombro magro dela, puxando-a para junto de si em direção à rua. Não sou capaz de ouvir o que ele diz, mas ouço algo sobre ela não contar isso a ninguém. As palavras ficam marcadas como fogo em minha memória. Por que não contar? O que sou para ele? Um segredo? E quanto mais os vejo se afastar,

mas estou certa do que disse a ele na noite passada, de que foi a melhor coisa que ele poderia ter escutado de mim depois do que fizemos.



Capítulo 16

Glenda se foi há uma hora, são nove horas da noite e me sinto como uma estranha no ninho. Estou com fome, quero tomar um banho, mas não sei como faço isso sem falar com Tales. Não posso simplesmente entrar em seu banheiro ou abrir sua geladeira. Também não sei iniciar uma conversa sobre o que aconteceu na noite passada. Sinto muito, mas não sei ser essa pessoa, por mais que eu tente.

O que devo fazer? Chamá-lo e dizer: “Sabe, ontem quando eu disse que o que fizemos foi um erro? Então...”. Não sei fazer isso, vivi minha vida inteira omitindo o que sentia, engolindo desaforos, deixando de falar sobre como me sentia na busca de tentar fazer o que era melhor para todos. O problema de não falar sobre si mesmo é que chega uma hora que você não se conhece mais.

Não faço ideia de onde Tales está, estou a tarde inteira em seu quarto, mas não ouvi nenhum sinal de sua presença nesse andar. Largo o meu notebook sobre a cama depois de salvar meu arquivo, estive escrevendo por horas a fio e me sinto totalmente satisfeita com o rumo que meu romance está tomando. As coisas deveriam ser tão fáceis na vida real. Um pedido de desculpa *deveria* ser algo natural.

Desço as escadas em busca de Tales e, conforme me aproximo do andar de baixo, meu coração começa a bater de uma forma diferente. Eu

costumo pensar que ele bate de duas formas: uma, quando estou longe dele, outra, quando estou perto. Uma me deixa segura, porque gosto do previsível, mas a outra, a outra me lembra de que estou viva, e não apenas sobrevivendo.

Não o vejo na sala, nem na cozinha, então abro a porta dos fundos e desço as escadas, em direção à piscina. Ele está lá, está escuro, mas o calor de julho é quase insuportável, mesmo à noite. Ele não me ouve, está com seus fones de ouvido, deitado em uma espreguiçadeira, apenas com uma bermuda que se mantém grudada em sua pele. Há uma garrafa de cerveja no chão ao seu lado, mas não o vejo tocar nela nenhuma vez enquanto sigo até ele.

— Oi. — Sento ao seu lado e puxo seus fones para baixo.

— Oi. — Sua voz é baixa, mas controlada, não sei o que isso significa.

— Eu... — Levo a mão até minha boca e mordo a pele do lado da unha.

Ele semicerra os olhos e um vinco se forma entre suas sobrancelhas.

— Você... — Me incomodo com o quanto ele parece frio.

— Eu sinto muito — sussurro e desvio o olhar para a água iluminada da piscina.

— Sente? — Há falsa surpresa em seu tom e isso me ofende.

— É claro que sim. — O encaro.

— Então por que nem consegue olhar pra mim? — Ele se senta e ficamos perto o bastante para me deixar nervosa.

— Eu não sei. — Olho para minhas mãos enquanto as deslizo várias vezes sobre minha coxa, como se estivessem molhadas.

— Porque não acha realmente que está errada, você continua tendo o mesmo pensamento de ontem à noite, só que está mal por me fazer sentir mal.

— Não é verdade — retruco.

— Não? Então, você acha que o que fizemos foi certo? — pergunta e, julgando sua entonação, ele não espera menos do que uma resposta.

— Tales...

— Eu não sou o único que fodeu o que a gente tinha. Nem tudo foi culpa minha.

— Eu sei, mas eu sou quem sou, não sei ser diferente, porque a vida me fez assim. — Cruzo os braços, estou incomodada com isso.

Porque era exatamente sobre essa situação que eu me referia quando assumi o erro que cometemos.

— O primeiro passo de uma mudança é você assumir o seu erro.

Abro minha boca para dizer algo, mas acabo apenas refletindo suas palavras. Meu erro não foi ter transado com ele, foi não saber lidar com isso.

— O que quer ouvir de mim? — Levanto, cruzando os braços sobre os seios.

Um riso amargo deixa seus lábios e ele corta o meu coração.

— Você já disse tudo o que queria. — Tales me encara sobre os cílios e seus olhos verdes brilham.

— Eu realmente sinto muito — digo entredentes.

— Tudo bem — assente, mas não é o suficiente.

Tales não está sendo sincero, não está tudo bem, posso sentir isso em sua voz, em sua expressão corporal, mas também o conheço bem, ele não

quer mais falar sobre isso e eu o respeito, mesmo que uma parte minha queira me jogar aos seus pés e me desculpar verdadeiramente pela forma que agi.

— A comida chegou — ele avisa, então começa a caminhar em direção a casa.

— Como sabe? — O sigo.

Ele não responde, apenas vira a tela do celular para mim e mostra o entregador através das câmeras. A forma como ele continua me tratando me machuca, porque não estou acostumada a tê-lo fazendo isso. Sinto falta de suas mãos sobre mim, de seu braço sobre meu ombro, do beijo que ele deposita no topo da minha cabeça. Paro de andar quando vejo que estou quase correndo para acompanhá-lo.

De repente, ele para, aperta um botão no celular e diz algo ao entregador antes de se virar para mim.

— Nós dois fizemos algo ontem, chame de fazer amor, trepar, foder, do que quiser, mas nós fizemos.

Sinto meu rosto queimar, assim como os meus olhos que estão repletos por lágrimas acumuladas, por isso evito piscar, não quero que ele me veja chorar.

— Somos duas pessoas que se amaram um dia e que confundiram as coisas. — Ele faz uma pausa. — De novo.

Que se amaram.

Um dia.

— Foi bom, porra, sim, foi bom pra caralho, mas como você disse, realmente foi um erro, Beth, mas não pelos motivos que você acha.

— Por quais? — pergunto, baixinho.

Ele sorri, mas não há humor.

— Isso sequer interessa, não é? — Ele dá de ombros. — Pra que complicar as coisas? Vamos apenas esquecer o que fizemos e seguir em frente.

Desvio os olhos, encarando o céu. Minhas lágrimas estão prestes a caírem e não quero deixar que isso aconteça. Não posso permitir que ele veja o quanto suas palavras estão fodendo comigo. Há um aperto tão grande no meu peito, que me deixa apavorada porque eu sabia o quanto ainda o amava, mas não fazia ideia de que era ainda mais do que antes.

— Tudo bem — assinto.

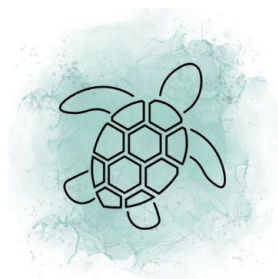
Ele solta um suspiro e eu posso jurar que está decepcionado.

— Vá tomar um banho, Shakespeare, enquanto eu arrumo a mesa. — Tales estica seu braço e me puxa contra ele.

Minha bochecha toca seu peito e eu sinto o seu coração batendo forte contra mim.

— Eu vou — sussurro.

Mas tudo o que quero é nunca mais deixá-lo ir.



— Você deveria comer coisas mais saudáveis. — Aponto uma batata para Tales. — Lembro que, quando conheci você, havia muito mato em seus pratos.

Estamos sentados sobre o tapete felpudo da sala de estar, um filme aleatório passa na TV a cabo e a comida que ele pediu está espalhada por todas as partes.

— Eu tive meu tempo tentando ser vegetariano, mas acontece que carne é muito bom.

Sorrio, lembro dele falando sobre estar tentando não comer carne naquela época.

— Você não precisa ser vegetariano para ter uma alimentação saudável, é só cortar o excesso de frituras, olha só isso. — Ergo meu pão no ar.

É um pão com dois hambúrgueres e tudo o que tem direito – e cabe – dentro dele. A gordura escorre e pinga no prato. É uma delícia, mas sabemos onde exatamente isso vai parar. Barriga, culotes, veias e coração.

— Por favor, não seja essa pessoa — responde, com a boca cheia.

Esses pequenos momentos que temos é o que me apavora. Como pode alguém falar com a boca cheia de comida e parecer tão sexy e adorável?

— A pessoa que não quer que você tenha um infarto aos quarenta anos?

— Kyra já faz o bastante falando sobre excesso de carboidratos.

Amo a Kyra, ela é definitivamente uma amiga, mas sinto um ciúme tão grande quando o ouço falar sobre ela, que não tenho como esconder em meu rosto.

— Ela é linda de qualquer forma, não deveria se preocupar com isso.

Tales ergue os olhos para mim por um momento, então desvia para a televisão.

— Sim, ela é.

Sinto minhas bochechas queimarem porque sou uma idiota que sente ciúmes o tempo todo, o que é patético, já que sequer estamos juntos. Tales e

eu terminamos de comer em silêncio, o que é algo estranho, uma vez que ele é alguém que fala sem parar.

Guardo o resto da comida na geladeira e lavo os talheres que sujamos enquanto ele junta as embalagens vazias e as joga no lixo.

— Você quer assistir um filme? — pergunto.

Ouvir o som da minha própria voz depois de tanto tempo me mostra que sou sempre eu quem começa o diálogo e isso me incomoda. Era essa estranheza que eu queria evitar, era sobre isso que eu estava falando.

— Sim, pode ser. — Tales pega um pano para secar os talheres que lavei e os coloca na gaveta.

Caminho de volta até a sala e me sento no sofá, TJ vem logo atrás, está segurando algumas guloseimas que pediu com a comida e o tanto de caloria que carrega entre os dedos me apavora. Ele se senta no tapete no chão, *não ao meu lado*, e quero acreditar que não é porque está me evitando.

— O que quer assistir? — Ele abre uma pasta de filmes que gravou.

— Sexta-feira 13? — rio, quando vejo o nome gravado na tela da TV.

— Meu irmão tem gostos *singulares*, você não entenderia.

Jogo minha cabeça para trás, porque não posso deixar de rir da forma na qual ele imita Grey. É uma citação que eu cansei de repetir para ele ao longo dos anos e que decorou. Não posso ver seu rosto completo de onde estou, mas, desse ângulo, sou agraciada por sua covinha perfeita.

— Então me explique. — Puxo a manta sobre minhas pernas e me acomodo.

Tales abre um pacote de uma confeitaria conhecida aqui em Boston e observo erguer um *cupcake* no ar. A cobertura de *chantilly* em formato de sorvete na cor verde chama minha atenção porque é o mesmo tom de verde dos seus olhos, dos meus cabelos. Há várias estrelinhas coloridas presas no

topo e é tão lindo que tenho pena de comer. Ele me entrega o bolinho, mas não se vira para mim.

— Mackenzie ama *cupcake* — comento.

— Podemos levar um pra ela no meio da noite — ele responde. — Mas acho muito arriscado ficar indo lá toda hora.

— Eu sei... sim, é. Meu pai pode nos ver e ele ficaria possesso.

— Sim.

— É... — Suspiro. — Às vezes, me pergunto quando tudo isso vai acabar.

— As coisas não acontecem da noite para o dia, Beth, você tem que ser forte. — Ele inclina para trás.

Tales não está mais agindo carinhosamente como quando cheguei nessa casa, mas ele também não está me evitando tanto quanto fez durante todo o dia.

— Eu estou sendo, a vida inteira.

— Eu sei...

— Eu só queria que ela atingisse a maioridade logo e que pudesse ficar comigo.

— Sério? E quanto a você? Está vivendo apenas pensando que sua vida irá começar quando você tiver 35 anos?

Suas palavras me irritam.

— O que quer que eu faça? Viva a minha vida como se meu pai não lhe batesse? Como acha que eu estou me sentindo agora? Depois de ter comido tanta coisa enquanto ela está sobrevivendo a bolachas?

Tales solta um suspiro alto e passa a mão sobre o rosto.

— Porra...

— É, uma porra...

— Sinto muito. — Ele larga o doce ao seu lado.

Nenhum de nós consegue comê-lo agora.

— Sabe, o que me deixa mais irritada agora é que eu não faço ideia de como será amanhã. Estou sem planos.

— Você pode ficar aqui o tempo que quiser.

Não conto a ele que preciso de dinheiro para pagar o agiota porque sei que ele iria querer fazer isso e não posso, não posso conviver com isso. Estou morando de favor em sua casa sem contribuir com nada, eu me sentiria ainda pior se estivesse devendo dinheiro a ele.

— Obrigada.

— E quanto aos remédios da sua mãe? — Tales coloca seu cotovelo sobre o sofá e mais um tijolo do muro que construiu cai aos nossos pés.

— Eu não sei, acho que ela vai cair em si em breve.

— Deve ser muito fodido...

— Não há mais cartões disponíveis para ela estourar, seu nome também está arruinado então... bom, acho que ninguém irá liberar algum crédito a ela. Isso me deixa mais tranquila.

— Ainda assim, tem a casa — diz preocupado.

Um riso amargo deixa meus lábios.

— Eles não são tão burros. Ninguém além de mim tem um emprego fixo, eles sabem que não podem pagar por um aluguel.

— Por que você não mora aqui? — ele sugere casualmente.

Seu comentário me faz engasgar.

— Tipo pra sempre? — Estou rindo agora, mas é porque estou nervosa.

— Sei lá, até quando você se sentir bem. Além disso, você pode tentar a guarda de Mackz se tiver residência e estabilidade.

— Estabilidade morando de favor e mostrando os peitos para ganhar dinheiro?

— A gente pode pedir pra Mackz filmar alguma coisa, a forma como eles a tratam, sei lá, você pode mostrar o histórico médico da sua mãe, também pode usar o alcoolismo do seu pai.

— Ainda assim, eu seria apenas a irmã. Ninguém tira a guarda de uma mãe assim tão facilmente.

— Por que não interdita ela?

— Pra quê? O que ela podia fazer com relação às dívidas, já fez. Estou pagando por tudo ainda.

Não digo a ele que agiotas não se importam se uma pessoa foi interditada ou não.

— Então qual é o seu plano? — Seus olhos verdes buscam os meus e ele os mantém fixos em mim.

— Quem disse que tenho um? — Mordo meu lábio inferior e jogo minha cabeça para trás.

— Você vai esperar ter trinta e cinco anos para chamar Kenzie para morar com você? Isso não parece fazer muito sentido.

— O que quer que eu faça? A coloque em um avião e a sequestre? Eu não tenho dinheiro para fazer um passaporte comum, quem dirá um falso.

Sua mão desliza até seus olhos e ele permanece dessa forma por um minuto inteiro.

— Você não podia ser menos complicada? — Ele sorri.

— Se eu fosse, talvez não teria graça.

— Sabe, é bem difícil ficar bravo com você — murmura.

Encaro seus lábios, eles estão repuxados em um pequeno sorriso.

— Obrigada.

É engraçado como um homem desse tamanho pode ser tão adorável. Sinto vontade de tocar nele. De beijá-lo. E quero fazer isso o tempo inteiro, no entanto, não o faço. Apenas o fico encarando, nós dois ficamos assim por um tempo. Nossos pensamentos estão longe e sei que ele também está pensando em uma forma de trazer Kenzie.



Quando desço do carro, Roxy está na frente do bar fumando um cigarro. Um sorriso diabólico surge em seu rosto antes dela soltar a fumaça em direção ao céu. Usando uma saia jeans curta e uma blusa frente única, sei que terá tudo o que precisa hoje: dinheiro. E eu espero que também tenha. Seus olhos observam o carro de Tales deixar o estacionamento.

— Tales ficou olhando para você até que chegasse até mim antes de sair — ela diz.

Sinto meu coração se aquecer.

— Talvez ele estivesse olhando pra você. — Ajeito minha bolsa nos ombros.

— Nah... — Leva o cigarro até os lábios, preso entre dois dedos com unhas grandes e rosas. — Achei seu blog ontem, você escreve bem pra caralho.

— É isso que faz em suas folgas? Pinta as unhas e *stalkeia*^[3] pessoas?

— Não necessariamente nessa ordem. — Ela pisca para mim.

Seus cílios são longos e pretos, mas acho que ela não teria energia para aplicá-lo todos os dias então penso sobre eles serem daqueles que precisam de manutenção mensal.

— Então você gosta de ler? — Dou alguns passos em direção à porta.

— Não, mas gosto do que você escreve.

Roxana dá uma última tragada antes de jogar o cigarro na caixa de areia. Sinto o alívio em não ter mais que presenciá-la fumando porque isso me deixa agitada, ainda posso sentir o gosto dele na minha língua e o pensamento me faz querer pedir um a ela. Mas não o faço.

— Sério? — pergunto animada.

— Parece real. — Ela abre a porta e espera eu passar. — Não gosto de todas aquelas merdas sobre mocinhas que precisam ser salvas. Eu prefiro as que se salvam sozinhas.

— As que são como nós? — brinco, observando-a vir logo atrás.

— Sim, as que lutam para sobreviver e que sabem que não precisam de ninguém além delas mesmas.

Sorrio para ela, orgulhosa de mim mesma por ter conseguido fazer com que se encontrasse em minhas palavras.

— Que silêncio — comento, seguindo até balcão do bar. — Eu não sei... Parece...

— Que algo estranho está acontecendo — completa.

— Sim... — digo. — Minha intuição não falha... Acho que algo...

— Muito estranho vai acontecer.

Dou um empurrão em seu ombro e Roxy solta uma gargalhada.

— Você parece minha alma gêmea quando...

— Completo suas frases — ela diz entre gargalhadas.

— Pare com isso, Roxy, é tão...

— Legal!

— Irritante! — corrijo. — Sua colega de apartamento deve odiar você.

— Nah, Rachel me ama.

— Bem, algo que não consigo entender.

Um sorriso sacana surge em seus lábios.

— Você gosta de mim, não precisa mais fingir.

— Acredite, eu não estava fingindo antes. — Coloco minha bolsa no armário.

— Bem, você também é bem irritante quando quer. — Seus saltos ecoam através do bar vazio. — Onde está o Benny? — Roxana caminha até a sala dele.

— Deve estar com o senhor sapatos lustrados — sussurro.

Ela morde os lábios segurando o riso e bate outra vez na porta.

— Bom, eu... será que abrimos o bar então? Sei lá, parece estranho fazer isso sem ele aqui.

— Não, eu acho melhor a gente esperar. Algo está acontecendo, não acho que estamos aqui para trabalhar hoje.

— Certo, então talvez a gente pudesse abrir uma cerveja. — Ela ergue as sobrancelhas, sugestivamente.

— Isso, e aí depois nós vamos direto até a sala do Benny assinar nossa demissão.

Sento em uma das banquetas.

— Sabe, nós podemos sair para beber qualquer dia desses, o que acha? — Roxy se senta ao meu lado e bate suas unhas na mesa.

— Parece divertido se você não for uma daquelas que precisam ser arrastadas para casa no final da noite, ou que vai embora com algum cara e deixa a amiga a pé.

— Nah, a parte do ser arrastada eu não posso negar. — Pisca. — Mas eu não saio com estranhos, nem deixo minhas amigas na mão.

— Isso seria ótimo, se eu tivesse dinheiro. Ou roupas decentes.

Não estou me fazendo de vítima nem nada, em outra época, eu até podia me dar ao luxo de algumas cervejas de vez em quando, mas agora, a única coisa que consigo pensar é na dívida que tenho com Barnett.

— Quando você pagar esse idiota que emprestou dinheiro à sua mãe então. — Dá de ombros.

— Seria legal. — Apoio minha cabeça nas mãos e suspiro.

— Você acha que Benny irá fechar? Que faliu ou algo assim?

O pensamento me assusta.

— Eu não faço ideia.

Nós duas viramos a cabeça quando ouvimos o som da porta de entrada se abrir. Benny segue até nós, está calmo e há um pequeno sorriso em seu rosto. É estranho vê-lo sem que sua cabeça esteja prestes a explodir. Ele para em frente a nós duas e solta um pequeno riso.

— O que diabos está acontecendo? — pergunto.

— Não iremos abrir hoje. — Suas mãos alcançam meu decote e ele puxa a blusa para cima, tapando meus seios.

Faz o mesmo com Roxana.

— Por quê? — ela pergunta curiosa.

— Esta semana inteira o bar não estará funcionando porque alguns ajustes estarão sendo feitos. — Ele coloca a mão na cintura.

— Eu preciso desse dinheiro, Benny, não posso ficar uma semana parada.

— Eu também, tenho que pagar minha parte no aluguel na semana que vem — Roxy intervém.

— Vocês irão receber, meninas, não se preocupem com isso.

Nós duas suspiramos aliviadas.

— E como isso vai acontecer? Por que você está vendendo o bar?

— Isso tem me deixado de cabelos brancos. Eu preciso me aposentar.

— Não, o que precisa é de uma namorada — digo. — Você não pode nos deixar.

— Vocês terão uma nova pessoa à frente de tudo.

— Não queremos uma nova pessoa, Ben, queremos você — Roxy quase cantarola.

Assinto.

— Não pode fazer isso.

— Eu já fiz — suspira.

— E não nos contou, quando foi que fez isso?

— Por isso tem um cara no seu escritório? — Roxy pergunta depois de mim.

— Sim, nós estávamos negociando... Vocês sabem que eu preciso de descanso se não quiser estar dentro das mortalhas que minha ex-esposa escolheu quando soube que eu tinha hipertensão.

Comprimo os lábios tentando não rir.

— Merda, Benny. — Passo as mãos no rosto. — Eu gostava de você.

Ele sorri, parece surpreso, mas satisfeito.

— Eu não estou morto, Elizabeth. Ainda não. — Com um pequeno sorriso que move seu bigode branco, ele ergue o braço para checar as horas. — Ele já deve estar chegando.

— Ele quem? — Roxy pergunta.

— O novo patrão de vocês — responde.

Nós três encaramos a porta ao mesmo tempo quando ouvimos o som dela se abrindo. Vejo seus sapatos lustrados, sua roupa limpa e engomada e a postura impecável que esconde o que há por trás dela. Meu coração erra algumas batidas, minhas mãos estão molhadas de suor, meus olhos queimam.

— Oh, Deus! — Roxy exclama baixinho. — Eu quero dar pro meu chefe.

Um sorriso se forma nos lábios dele, os mesmos que me beijaram ameaçadoramente no estacionamento há poucos dias. Ele coloca sua pequena mala sobre a mesa que há entre nós quatro. Roxana não consegue parar de olhar para ele, enquanto eu estou petrificada, sem reação.

— Boa noite, Benny. — Ele estica seu braço.

— Boa noite, Barnett.

Roxy engasga ao meu lado ao ouvir o nome, mas ainda não consigo me mexer.

— Essa é a minha deixa. — Benny sorri orgulhoso. — Você já tem seu papel assinado. — Aponta para Barnett e depois para nós duas. — Vocês continuam contratadas e eu — aponta para o próprio peito — preciso me deitar em minha poltrona e assistir NBA.

— Benny... — sussurro, mas paro quando vejo as sobrancelhas de Barnett erguerem. — Descanse, você merece.

— É o que eu vou fazer e talvez, apenas talvez — ele sorri —, eu tome algumas cervejas. — Pisca.

— Não se esqueça de que você toma remédios controlados — Roxy comenta, mas ele já está caminhando até a porta.

— Até mais, garotas.

Nós duas nos entreolhamos antes de encararmos nosso novo chefe. Barnett está impecável como sempre, dentro de uma camisa social branca que mantém as mangas dobradas para cima. Vejo os olhos de Roxana vagarem por ele inteiro e sei que sua aparência, apesar de ser mais velho, é algo que será difícil de lidar. Só que ela não tem noção do tipo de pessoa que ele é.

— Bom... — Ele caminha até o bar e inclina seu corpo até uma prateleira de vidro na qual sustenta algumas garrafas. — Vamos começar melhorando a qualidade de nossas bebidas.

— É um bar para universitários, Barnett, seus pais não podem pagar por seus estudos, moradia e ainda dar a eles o luxo de beberem uísque caro. Garotos gostam de sexo, bilhar e cerveja barata.

Ele me olha com um pequeno sorriso.

— É uma boa observação, Elizabeth. — Despeja o líquido em seu copo. — Aceitam?

— Não bebemos em serviço — respondo.

— Vocês não irão trabalhar hoje. — Ele pega mais dois copos.

— Não? — Roxy parece tão confusa quanto eu.

— Não, nem o restante dessa semana. — Barnett segura os três copos e caminha graciosamente até nós.

— Eu não posso ficar uma semana sem trabalho, você sabe que tenho dívidas.

— Não se preocupe com isso. — Coloca os copos sobre a mesa.

Roxy pega o dela e beberica, observo os olhos de Barnett caírem sobre seus lábios e isso me deixa nervosa. Ele não é nenhum psicopata, que eu saiba, mas me incomoda com a forma na qual ele parece sentir atração por ela. Não tem nada a ver com o beijo que ele me deu no estacionamento, aquilo foi apenas para me dar um recado.

— Não tenho como não me preocupar, meus próximos dois meses de salário irão quase inteiros para uma dívida que não é minha.

— Eu já disse, Elizabeth, não se preocupe com isso — insiste. — Por que você não bebe e relaxa um pouco? — A forma como empurra meu copo em minha direção me diz que não tenho opção e não gosto disso.

Entorno-o, bebendo tudo de uma única vez.

— Sobre o público do Coyotes ser de universitários... Bom, algumas coisas irão mudar por aqui. O bar fica próximo a BU^[4], mas também é Boston, há centenas de executivos que precisam de um lugar para ir quando estão muito estressados.

— E o que isso quer dizer? Que o Coyotes irá se tornar um bar de luxo? — pergunto.

— Algo assim — responde. — Hoje mesmo o pessoal irá começar, vão trabalhar dia e noite na reforma do bar e na próxima semana, faremos a inauguração.

— E qual será nossa função aqui? Faremos a mesma coisa? — Roxy pergunta.

Um sorriso se forma no rosto dele.

— Eu contratei outras três garotas. Duas de vocês irão ficar no balcão principal, mas três farão atendimento nas mesas ou onde nossos clientes quiserem. — Seu sorriso aumenta.

— O que isso significa? O que quer dizer com onde eles quiserem?

Barnett ignora minha pergunta.

— Também teremos um pequeno palco onde acontecerá algumas danças sensuais nos finais de semana.

— Danças sensuais? — quase grito. — Somos um clube de *striptease* agora?

— O meu trabalho é servir bebidas, não ficar nua para homens casados, que acham que suas mulheres que dão tudo de si não são boas o suficiente.

— Não é muito diferente do que você faz. — Ele aponta para os meus seios.

— Eu não danço por dinheiro, Barnett, eu não vou subir em um palco e fazer isso.

— Oh, não? E quem vai pagar suas dívidas se não fizer? E você, Roxana, está disposta?

Olho para Roxy e ela dá de ombros.

— Quanto isso vai me render?

— Certamente muito mais do que você ganha agora e tudo o que vai precisar fazer é usar uma roupa... que cobre um pouco menos do que você usa agora.

— Não tenho problemas em mostrar um pouco de pele — ela responde. — E também tenho sonhos que necessitam de dinheiro.

— E você vai alcançar seus objetivos se souber rebolar e manter um sorriso sexy.

— Eu não vou transar com ninguém. — Ela cruza os braços sobre os seios. — Nunca, em nenhuma hipótese.

Ele sorri, mas há algo em seu sorriso que me diz que ele sabe que, em algum momento, se quiser, irá convencê-la a mudar de ideia.

— Droga! — Passo a mão no rosto. — Nada contra, Roxy, mas isso não é algo que eu quero pra mim... Um decote, tudo bem, Barnett, mas eu não serei a pessoa que sobe em um palco e rebola para um monte de homens que eu não faço ideia quem são.

— Você só precisa desligar a sua mente.

— Eu sinto muito. — Levanto-me e empurro o copo para o centro da mesa. — Eu não vou fazer isso.

— Tudo bem, apenas não se esqueça do trato que tem comigo — me lembra, como se eu pudesse esquecer por um segundo sequer.

— Qual o seu problema comigo, afinal, por que está fazendo isso? — Sinto lágrimas queimarem os meus olhos.

— Não tem a ver com você, Benny precisava se aposentar e eu queria investir. Foi apenas uma coincidência, garota. Além do mais, metade de Boston me deve algo.

— Você tem seus juros diários os quais eu irei pagar. Posso fazer isso em dois meses.

— Ou pode fazer em menos de um se dançar para mim.

— Nem fodendo que eu farei isso.

— Você que sabe. — Seu dedo desliza pela borda do copo fazendo círculos. — Tem uma semana para decidir, depois disso outra pessoa terá o seu lugar.



Faço todo o trajeto até minha casa a pé. Depois da minha conversa com Barnett, fiquei apenas tempo o suficiente para pegar minha bolsa e então caí fora. Ainda é dia quando me esgueiro entre os arbustos do quintal em direção à janela no quarto de Mackenzie. Seco as lágrimas que caem sobre o meu rosto e enfio minha cabeça entre o vão da janela.

A visão de minha irmã deitada na cama lendo um livro infantil enche meu coração de amor e esperança. Seus olhos se arregalam e ela solta um pequeno gritinho com o susto que levou. Ouço minha mãe perguntar algo a ela, e Kenzie responde que um gafanhoto pulou por sua janela, então ela fecha a porta.

— Beth. — Seus bracinhos me agarram pela janela e ela afunda sua cabeça em meu pescoço.

— Como você está? — pergunto.

— Bem... — há algo em sua voz que confessa a mentira que acaba de contar.

— Você mente muito mal, o que houve? — insisto.

— Ele me bateu ontem — sussurra.

Meu coração afunda no peito. Ontem, enquanto eu comia todos os doces que ela ama e assistia a filmes, Kenzie estava aqui, comendo sabe Deus o que e passando o inferno com nosso pai. Me sinto culpada, sinto raiva de mim mesma por não fazer nada, mas não sei, eu não sei o que fazer.

— Escuta bem o que eu vou dizer, seja lá como foi, o que fez, não deixe de fazer, suas atitudes nada tem a ver com o fato dele agir dessa forma com você, okay?

Ela assente.

— Tudo bem...

— Então se foi por causa de um maldito desenho... continue desenhando. — Seguro seu rosto entre minhas mãos. — Se foi porque dormiu até tarde, continue dormindo. Não para irritá-lo, mas para que você não deixe de ser quem é.

— Como você faz — ela afirma.

— Não, Kenzie, não seja como eu. — Beijo sua testa. — Seja muito melhor.

Alguém diferente de mim, alguém que sempre saiba o que fazer. Seus bracinhos me prendem com força quando alguém bate na porta do quarto. Tento me soltar, mas ela segura com força. Um soluço escapa dos meus lábios, ela choraminga e implora, não está sendo forte agora, nem eu, tudo o que eu quero é entrar e implorar perdão para os meus pais, apenas para que me deixem ficar.

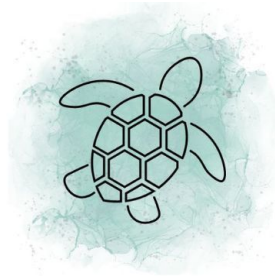
Para sempre, cinco minutos ou mais alguns poucos segundos, qualquer tempo a mais. Mas os conheço, minha mãe talvez, mas ele, bom, ele cuspiria na minha cara antes de me chutar para a rua, depois bateria nela de novo. Puxo suas mãos para longe de mim usando mais força do que gostaria. Ela chora alto quando se afasta.

Minha mãe grita atrás da porta.

Eu murmuro adeus.

Eu não sabia.

Mas agora sei o que fazer.



Ainda é cedo quando chego na mansão, abro o portão usando minha chave e sigo em direção à porta de entrada. Avisto seu carro no quintal e sei que ele já chegou do trabalho. Não sei quanto tempo vaguei pelas ruas, mas muitos quilômetros foram percorridos entre o bar e minha antiga casa e depois até aqui.

O sol quente de julho em plena tarde deixa minhas bochechas e nariz ardidos e me recrimino por não usar protetor solar. Comprei um há tanto tempo, que deve estar vencido, no entanto, deve ser melhor do que nada. Minha mente viajou tanto enquanto eu andava de um lado para o outro, que, nesse momento, coisas aleatórias e banais ocupam minha cabeça.

Como, por exemplo, a roupa que esqueci de tirar da secadora ontem, ou na lasanha que gostaria de fazer porque sei que TJ gosta. Tudo para não pensar nos braços de Kenzie me prendendo com força, para não lembrar da minha nova situação no trabalho, para esquecer por um momento da quantidade de coisas que tenho para pagar ou em como vou tirar minha irmã daquela casa.

Passo na cozinha para tomar um copo de água e observo alguns suplementos sobre a mesa, grito por ele, mas não obtenho resposta. A casa está silenciosa demais, por isso abro a porta em direção à saída e ao passar por ela, meu corpo colide com o dele e seus braços me prendem com força. Inclino minha cabeça para cima e encaro seu rosto.

Minhas mãos estão sobre seu abdômen e o contato de sua pele contra os meus dedos me causa pânico. Não quero olhar para baixo porque tenho medo do que vou encontrar, por isso não o largo, não me afasto. Há um brilho diferente em seus olhos quando ele sorri e mordo os lábios com força quando sinto algo contra o meu estômago, então me obrigo a olhar.

— Você tá pelado — murmuro.

— É o que parece... — Seu sorriso é tão grande e cafajeste que preciso me concentrar para não sorrir de volta.

— Por que diabos você tá pelado no quintal? — Não me afasto.

— Eu estava fazendo yoga — responde.

Arregalo meus olhos.

— Sério? Tipo yoga mesmo? Pelado?

Minhas mãos formigam com a necessidade de correr sobre seu corpo.

— Claro que não, não acredito que você acreditou nisso. — Se afasta e...

Meu Deus

— Oh! — Não sou capaz de desviar o olhar.

— Meus olhos estão aqui em cima, Beth — ele brinca.

— Tales... — O encaro.

— Sim... — Há um sorriso em seu rosto que quero arrancar a tapas.

Ou beijos.

— Eu quero me casar com você.

Ele engasga.

Minhas bochechas coram.

Ele continua pelado.

Tento não olhar.

— Uau, okay... — sua risada parece sufocada. — Eu já fui pedido em casamento antes quando alguma garota olhou pela primeira vez o meu... bem, você sabe... Mas você já o viu antes.

Ele está brincando, não faz ideia de que estou falando sobre Vegas e, de repente, eu me sinto patética, como se nunca tivesse sido sério. Óbvio que ele estava brincando. Como eu pude ser tão burra? Meu rosto queima com a vergonha que sinto e comprimo os lábios em um sorriso falso para que ele pense que eu estava brincando sobre isso.

— Vá tomar um banho, eu vou preparar algo para nós dois — murmuro.

— Bom, Max e Tyson me convidaram para...

— Oh! — Desvio o olhar para a janela e encaro as folhas das árvores que balançam em sintonia, pensando no quão idiota sou.

— Se você quiser, eu posso ficar.

— Não. — Faço um gesto dispensando seu comentário. — Vá lá, são seus irmãos, divirtam-se.

Há um sorriso tão forçado em meu rosto, que meus músculos doem.

— Eu estava nadando, só para você saber.

— Pelado? — Por um momento, minha mente viaja com essa imagem.

— Há uma regra contra isso? — pergunta.

— Não, eu acho que não.

— Eu vou tomar um banho agora, então... — há relutância em suas palavras e eu me pergunto se parte dele deseja ficar comigo hoje.

— Claro, vai lá. — Me esforço para não implorar para que ele fique.

Assinto, TJ passa por mim e eu me viro para encará-lo de costas. Seus músculos desenham um caminho perfeito até sua bunda durinha. De frente é sexy, mas de costas... puta merda, é muito melhor. Ele caminha com toda a sua glória em direção às escadas e a única coisa que faço é observar. Tales olha para trás e me pega olhando, então um pequeno sorriso discreto se forma em seus lábios e ele abaixa a cabeça antes de sumir na escada.

Nesse momento, sinto-me confusa de todas as formas que poderia. Mackenzie, meus pais, o bar, o dinheiro de Barnett e agora, TJ saindo em uma segunda-feira para jantar com os irmãos? Meu queixo treme e um grunhido escapa de meus lábios. Cruzo os braços sobre os seios e encaro meus próprios pés, pensando na vergonha que sou e na ingenuidade quando acreditei que Vegas era real.

Não sei quanto tempo passa, mas ouço o chuveiro ligar e desligar e continuo de pé, sem saber o que fazer.



Estamos todos no apartamento que Max e Kyra compraram juntos. Ela prepara diversos tipos de salada enquanto meu irmão assa a carne na churrasqueira elétrica. Tracy caminha até sua amiga e rouba um tomate cereja e Ty sorri para ela de onde está, como se ninguém além de dela existisse aqui. Os quatro sorriem uns para os outros e isso começa a me incomodar.

Dou um gole na minha cerveja, mas sinto que preciso de algo mais forte. Jogo minha cabeça para trás, alcanço o controle remoto e ligo a TV no canal da NBA, prefiro olhar para um bando de macho suado agora a ter que ver a putaria que estão fazendo na minha frente. É tanto sorriso e mãos em todos os lados, que até mesmo eu me sinto desconfortável.

— Vocês estão prestes a fazer um ano, não estão? — Ky pergunta à sua amiga e ela sorri.

— Sim, no próximo mês — responde.

— Uau, passa muito rápido... — Max comenta e os quatro concordam.

— Sim, muito — ela responde e caminha até Tyson, que a prende entre os braços e beija o topo da sua cabeça.

— Nós faremos dois anos em novembro — Kyra informa animada e, enquanto abre a pequena gaveta da cozinha, dá um beijo rápido na boca do meu irmão.

— Nossa, isso tudo é tão surreal... Às vezes, nem sou capaz de acreditar em tudo. — Ela aponta para o meu irmão. — Max, Glenda, Maeve.

— Porra, sim, isso é muito louco! — Tyson responde.

— Algum de vocês tem remédio para o estômago? Eu juro que tô me sentindo muito enjoado — gemo, enfiando minha cabeça nas almofadas sobre o sofá. — Espere, eu acho que vou vomitar.

Tracy revira os olhos, Kyra murmura um palavrão e meus dois irmãos sorriem.

— Dói? — pergunto. — Estar amarrado pelas bolas deve ser algo totalmente desconfortável. — Dou outro gole na minha cerveja.

— Não tão desconfortável quanto você tá agora — Max sussurra com um sorriso.

— Nah... — Me acomodo no sofá. — Estou me divertindo observando vocês.

— Há quanto tempo não faz sexo, TJ? — Kyra pergunta e eu a fuzilo com o olhar.

— Provavelmente há menos tempo que você, baby. Dizem que o sexo esfria depois do casamento.

Suas bochechas coram, mas não é de vergonha e eu posso apostar que Max e ela devem ter se esgueirado em algum momento dessa noite para o banheiro.

— Se você diz... — Max dá de ombros. — Você sabe que temos câmeras em todos os cômodos.

— Eu não gosto de pornô amador. Prefiro os que começam com um entregador de pizza.

— Deveria ter ao menos se aliviado usando suas duas melhores amigas. — Ky ergue as mãos no ar. — A palma e a mão. Talvez não estivesse agindo como um cuzão durante a noite toda.

— Não que minha vida sexual seja da sua conta. — Dou de ombros. — Mas eu estou bem, obrigado.

— Sabe o que achei estranho? — Ky pergunta. — Eu passei na frente do Coyotes ontem e estava fechado. Ia dar um beijo na Beth, faz um tempo desde a última vez.

— Eles não abriram ontem, estão fazendo algumas mudanças, algo assim. — É tão natural que não percebo que acabei de me entregar.

As sobrancelhas dos quatro se erguem e, então, percebo que Glenda realmente não mencionou nada sobre Beth estar morando em nossa casa. Tyson passou algumas vezes por lá, mas ela estava no bar, por isso eles não se encontraram ainda. Não que eu queira guardar segredo, mas também sei o quanto irão pegar no meu pé e dizer que isso não vai dar certo.

Porra, como se eu não soubesse. É claro que não vai dar. Beth vai estar comigo pelo tempo que ela precisar, mas, Deus, a hora que ela precisar ir vai ser feio, sim, vai ser um retrocesso, como se tudo o que fiz tentando esquecê-la tivesse sido em vão e lá estarei eu, fodido de todas as formas possíveis depois de perceber que preciso de Beth em minha vida todos os dias.

— Então você tem visto ela? — Tray pergunta.

Desvio os olhos para meu celular, estive tão concentrado em tentar me manter longe dela hoje quando tivemos nosso encontro no qual eu estava totalmente nu, que acabei me esquecendo de perguntar o que ela estava fazendo em casa tão cedo. Digito uma mensagem perguntando sobre isso porque as coisas começam a fazer sentido na minha cabeça agora. Será que ela perdeu o emprego?

— Okay, não fale se não quiser — Tray murmura, mas sei que está chateada.

— É, porque é isso que *amigos* fazem — comento.

Tyson abre um pequeno sorriso.

— É, Tracy e eu fomos amigos também, e adivinhem, acabamos no banco de trás do meu carro.

— Tyson... — Ela cora.

Reviro meus olhos até sentir que eles estão prestes a saltarem da minha cara.

— Esse lance de amizade não funciona quando rola sentimento — Kyra intervém.

— Pensei que tivesse superado ela.

Sorrio, porque nunca serei capaz de fazê-lo.

— Ela é minha amiga, Max, e precisa de mim agora.

— E você? — Tyson chama atenção, pronunciando as palavras com revolta. — Do que *você* precisa? Ela se importa com isso?

— Ty... — Tracy toca seu antebraço.

Ela sabe? É algo que me pergunto, mesmo que a resposta esteja na frente dos meus olhos.

— Só tome cuidado para não se machucar — Kyra encerra o assunto e agradeço-a com um olhar que ela compreende.

A campainha toca e todos se entreolham, é quase como fizeram há dois dias, mas agora, todos parecem frustrados, o que apenas significa uma coisa.

— Grace... — Kyra puxa sua colega para um abraço.

Passo a mão pelo rosto e esfrego com força os dedos contra meus olhos. Acontece que os quatro estão arrumando encontros arranjados para mim há meses e é isso que fazem. Simplesmente agem naturalmente até que alguma garota saia de algum lugar. Eu já a conheço, Grace esteve conosco na última reunião que tivemos, no sábado.

Eu não estava a fim e até agora, achava que tinha deixado muito claro que não estou contente, além disso, assim que cheguei, passei meia hora falando sobre a merda que fizeram no sábado quando armaram isso para mim. Agora faz sentido que nenhum deles tenha dito algo, porque aqui estamos nós, em um segundo encontro armado.

Preciso dizer o que aconteceu da última vez? Passei minha maldita noite inteira pensando em Beth e em uma forma de me livrar dos cinco. Sequer consigo acreditar que essa mulher esteja realmente aqui depois da forma indiferente que a tratei. Bebi tanto naquela noite que precisei de uma carona. Além disso, bom, todo mundo sabe como terminou.

Elizabeth entrou no chuveiro comigo e terminou de me arruinar, não, espere, ela o fez quando terminamos de fazer o melhor sexo da minha vida e ela disse que foi um erro. Pensar no que ela fez me dá vontade de levar Grace para a cama e fodê-la com todas as minhas forças, mas isso é quem eu era, quem fui um dia, não sou mais essa pessoa hoje e não é mais o tipo de sexo que quero fazer.

Quero fazer sexo violento sim, com bastante tapa e muita força, mas quero que isso seja com Beth, depois de uma briga sobre algo que, no fundo, sei que ela tem razão, porque ela sempre tem.

Me sinto um idiota agora, enquanto observo a mulher caminhar até mim, porque não consigo pensar em outra coisa que não seja em Elizabeth e, então, percebo que estou tão amarrado pelas bolas quanto meus irmãos.

De repente, minha mente estala e eu caio na real.

Puta que pariu!

Como pude ser tão burro?

Certamente porque eu não penso tão bem quando estou pelado.



Não sei quantas horas se passaram depois que TJ saiu, mas estou deitada na sala, meu notebook está aberto ao meu lado, mas a tela se apagou, sem esperança de que eu o use. Não tenho inspiração alguma, não sei o que inserir no próximo capítulo porque qualquer coisa que eu escreva terá o chute na bunda que levei de TJ, influenciando a escrita, uma vez que é só no que consigo pensar.

Tento direcionar minha mente para o outro lado, mas não há nada que seja realmente bom ou interessante em minha vida, então me concentro no filme que escolhi para ver, *Como eu era antes de você*, e me pergunto por que, quando estamos tristes, procuramos por coisas que nos deixam ainda pior? Por que não uma comédia romântica?

Sem dúvidas, eu estaria me sentindo melhor assistindo algum filme com Adam Sandler, mas, em vez disso, esgotei todo o meu estoque de lágrimas de uma vida inteira assistindo ao momento em que Will dança de cadeira de rodas com Lou em seu colo. Todo mundo sabe o fim que essa merda vai ter, lendo o livro ou não, é um final óbvio.

Mesmo assim, mesmo lendo a história e assistindo ao filme dezenas de vezes, ainda há esperança de que algo diferente aconteça. O chamado impossível. O filme já foi gravado há muito tempo e você acha que num

passa de mágica as coisas irão mudar e Lou acabará se casando com Will e os dois serão felizes para sempre vivendo em Paris.

Isso se chama esperança, o ser humano é programado para esperar, esperar, esperar e morrem esperando. Passam a semana inteira dizendo que irão começar uma dieta na segunda, passam a vida acreditando que seus maridos irão deixar de trair. Tudo porque sentem esperança. O tempo todo. A esperança é frustrante quando o que você espera nunca chega.

É como me sinto agora, esperando por algo que nem sei exatamente o que é. Quero ligar para Tales e implorar para que ele volte e quero me jogar aos seus pés e dizer que o amo. Quero ignorar o que sinto por ele e nos poupar de todo o drama que um relacionamento no meio de tudo isso irá causar. Mas também quero dizer a ele que é a única pessoa que eu escolheria para ficar.

Que nosso sexo foi um erro, mas não pelos motivos que ele acha que foi. De qualquer forma, mesmo não sabendo como agir quando estou com ele e mesmo sendo contraditória na maior parte do tempo, tenho plena consciência de que ficar com ele é tudo o que eu não deveria fazer se quiser manter minha sanidade. Seria misturar demais as coisas. A prova disso? Bom, sou eu agora, me sentindo idiota por acreditar em Vegas.

Seco as lágrimas que correm livremente pelo meu rosto. As cenas no filme não param, mas já não estou prestando mais atenção em nada, e nem preciso, sei que ele vai morrer, que sente vontade de fazer coisas com ela que nunca será capaz e que não, nem que eu deseje com todas as minhas forças, o final não será diferente dessa vez.

Ele escolhe morrer, porque tem recursos para fazer tudo o que gostaria, mas não tem saúde para isso. Em vez disso, ele deu à garota que mudou sua vida, a oportunidade de viver em seu lugar, sendo e fazendo tudo o que tem vontade. Algumas pessoas conhecem o amor, mas possuem pouco tempo para desfrutá-lo ao lado de quem ama, outras, morreram sem saber o que é ser amado de verdade.

O que é pior? Nunca o conhecer ou estar frente a ele e observá-lo partir? Eu diria que o que não é visto não é lembrado. Você não sofreria se

soubesse o que está perdendo, por isso eu escolheria sem dúvidas nunca ter a chance de viver um amor ao lado de alguém. Porque eu sei, com todas as minhas forças, o que é ter dias perfeitos escorregando entre os seus dedos enquanto você se afunda em autodepreciação.

Ouçoo um ruído vindo dos fundos da casa e, antes que eu possa me levantar para checar, Tales entra correndo em direção às escadas. Abro minha boca para dizer algo, mas meus movimentos no sofá o faz frear os passos, ele escorrega e quase perde o equilíbrio. Seu peito sobe e desce rapidamente, ofegante, enquanto seus olhos vagam sobre o meu rosto e ele une as sobrancelhas.

— O que foi? O que aconteceu? — Lenvanto, preocupada. — Aconteceu alguma coisa com Kenzie?

— Não, não que eu saiba, o que foi? Por que você tá chorando? — pergunta.

Nós dois nos encaramos por alguns segundos. Sinto alívio por saber que não tem a ver com minha irmã, mas também me sinto nervosa por estar com ele em um momento como esse, quando estou tão vulnerável.

— É só o filme. — Aponto para a televisão e seus olhos acompanham meu movimento.

— Will, sério? Você não superou isso ainda? — pergunta. — O final não irá mudar apenas porque você quer, Beth.

— É, eu sei. — Dou de ombros.

— Eu tô começando a achar que você tem uma queda por magrelos. — Ele coloca as mãos na cintura.

— Você sabe que eu tenho. Magrelos e mal-humorados. — Cruzo os braços quando não sei mais como me comportar. — Coisas impossíveis.

— Sabe do que a gente precisa? — Ele muda o peso da perna pela décima vez.

— De alguns *cupcakes* verdes? — fungo.

— Não. — Ele enfia as mãos no bolso da frente.

Está escuro, mesmo assim seus olhos brilham no tom de verde mais lindo que existe.

— De um filme de terror? Respondermos a algum quiz sobre o outro?

Um sorriso enorme se forma em seus lábios e ele chega até seus olhos, que se repuxam graciosamente.

— Também não. — Se aproxima.

Meu coração bate rápido demais agora e uso as mãos para secar meu rosto ainda úmido.

— Comida japonesa? Por favor, não diga sexo... — imploro, porque sei que não terei como resistir se ele começar algo agora.

— Eu não quero ser o seu erro, se eu algum dia puder ser algo pra você, quero que seja o seu acerto.

Meus lábios entreabrem, para que uma lufada de ar escape entre eles.

— Você sabe que não foi o que eu quis dizer, sabe que não é um erro... Eu só... não posso fazer isso, não podemos começar algo no meio de uma bagunça.

— Eu não sei, Shakespeare, foi o que você disse. — Para de andar quando estamos frente a frente.

Seus cabelos estão uma bagunça e tenho certeza de que foi o resultado da quantidade de vezes que passou a mão entre eles.

— Eu só disse isso pra afastar você — confesso.

Ele deixa um suspiro escapar e posso jurar que está aliviado.

— Que tal a gente conversar quando algo não estiver funcionando?

— Foi você quem me evitou quase um dia inteiro.

Tales passa a língua sobre os lábios, umedecendo-os e eu me perco em seus movimentos.

— Estamos brigando de novo? — pergunto.

— Não. — Ele se ajoelha e eu perco o ar. — Estamos indo nos casar em Vegas.

Perco o ar.

— Por que você está de joelhos?

— Vamos fazer isso por Kenzie. Eu sei que não sou a pessoa que você quer ver todos os dias na hora de acordar, mas podemos manter uma fachada, por ela. Vamos tentar fingir por ela.

Meu coração está dividido por dois sentimentos conflitantes que me despedaça. De um lado, ele bate feliz por saber que ele está disposto a isso, que confia em mim e nos ama a ponto de colocar toda a sua vida em jogo, e do outro, ele bate lentamente, triste por saber que tudo isso não é realmente por mim, por me amar como mulher e sim como amiga.

— Você não precisa ficar de joelhos para me pedir falsamente em casamento.

— Se vamos fazer algo errado, então que seja do jeito certo. Porra, tirando a parte do anel que eu não tenho.

Tento conter o sorriso, mas ter Tales de joelhos me pedindo em casamento é algo que pensei que nunca teria.

— Como assim, você não tem um? — brinco. — Você não acordou nesta manhã e pensou “Hoje vou pedir minha melhor amiga em casamento”?

— Isso é um sim? — ele pergunta. — Por que meu joelho tá doendo pra caralho.

— Sim, isso é um sim. — Sinto as lágrimas queimando meus olhos e logo elas começam a descer sobre minhas bochechas.

Tento me lembrar de que isso não é real, mas então também penso que em pouco tempo seria uma Jackson e puta merda! Como ser mais real do que isso?

— Bom, eu beijaria você agora se isso não fosse complicar as coisas. — Suas palavras me atingem com força e eu dou um passo para trás quando ele se levanta.

— Só que isso complicaria.

Ele assente.

— Eu sei. — Tales me puxa para um abraço. — Vamos focar em Mackz agora.

— Sim... obrigada, Deus, obrigada. — Eu o prendo forte entre os meus braços.

TJ se abaixa minimamente apenas para tocar a parte de trás da minha coxa, então ele me ergue em seu colo. Prendo minhas pernas em sua cintura e enterro minha cabeça em sua nuca.

— Isso é o que todas elas dizem depois do sexo — ele murmura, sei que está com um sorriso no rosto, mesmo que não possa vê-lo.

— Imagine só se você as pedisse em casamento.

Ele ri baixinho.

— É bem provável que eu me case apenas com você. — Ele começa a andar.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Arrumar as malas — responde empolgado. — Estamos indo a Vegas!



Somente quando estamos dentro do avião e a voz perfeitamente controlada ressoa através do alto-falante, é que me dou conta do que estou fazendo. Estamos voando para Vegas. Estamos nos casando. O avião decola, a cidade fica para trás, eu me seguro com força no meu assento, os nós dos meus dedos ficam brancos, meu estômago embrulha e meu coração acelera.

Uma Jackson.

No que eu estava pensando? Tales se mexe ao meu lado e limpa a garganta, chamando minha atenção. Sua mão puxa a minha para o seu colo e seus dedos deslizam, acariciando minha pele. Solto o ar com cautela, não quero que veja o quanto estou nervosa. Encaro através da janela, minha garganta queima, preciso me controlar.

— Você precisa relaxar, Shakespeare. — Sinto sua respiração no meu pescoço.

Inclino minha cabeça para o lado.

— É o dia do meu casamento — brinco. — Todas as noivas ficam nervosas.

— Não deveria. — Aponta para seu rosto, depois para o corpo. — Olha só para o seu noivo, ele é perfeito, você está fazendo a coisa certa. — Pisca.

Comprimo meus lábios, segurando um sorriso.

— É, ele é — concordo.

Nossos olhos estão presos um no outro. Há tanto que eu gostaria de dizer, que queria que ele soubesse. Tales é perfeito sim, não somente por causa do seu rosto ou corpo, mas pelo que há dentro dele, por seu coração.

— Você sabe que poderíamos ter feito isso em um cartório, certo?

Tales dá de ombros.

— Nós precisamos de fotos para o caso de alguém dizer que é uma farsa.

— Não estamos querendo um *green card*, TJ, é a guarda de uma criança.

— Sim, o que é muito mais difícil de conseguir — afirma.

Seu polegar pressiona minha mão e o contato de nossas peles me causa arrepios.

— E Vegas é o lugar mais romântico para nos casarmos e provar que não é uma farsa — contraponho, com sarcasmo.

— Você é uma escritora cheia de ideias, uma romancista. É claro que você sonha com Vegas. — Ele dá de ombros.

Ergo as sobrancelhas, surpresa com sua escolha de palavras.

— E desde quando Vegas é romântico? — pergunto.

— Você é uma escritora contemporânea, eu já li algumas sinopses enquanto acompanhei você em livrarias. Há um milhão de livros sobre Las

Vegas e aposto que já leu sobre cada um deles.

Não posso evitar o sorriso em meus lábios. É isso que amo nesse homem, ele me enxerga, sabe do que eu gosto e ele nunca esquece.

— Sim, eu li muitos deles — confesso.

— Eu não sou nenhum astro do rock, você sabe. Talvez Tyson se pareça mais com um.

Seus olhos verdes vagam sobre o meu rosto.

— Tyson não faz meu estilo — confesso, em um sussurro.

Suas sobrancelhas perfeitas se arqueiam e um pequeno sorriso sarcástico se forma nos lábios.

— Há quem diga que ele faz o estilo de todas as garotas — comenta.

É, isso é verdade, Tyson Jackson é um pedaço quente do inferno, mas ele não é Tales, ele não tem seu coração. Talvez Tracy tenha dele algo que ninguém nunca teve, é o único motivo que explica o fato de estar tão apaixonada por Ty, no entanto, não posso falar sobre o que eu não conheço.

— Não o meu. — Meu queixo raspa seu ombro.

— E qual o seu estilo? — Não sei se está brincando ou sendo convencido, mas quando abro a boca para responder, a comissária de bordo nos interrompe.

— Desejam algo para beber? — ela pergunta, com um sorriso perfeito no rosto.

— Sim, um uísque para mim. — Tales inclina seu rosto em minha direção. — E você?

— Estou bem, obrigada — respondo.

Não sei como essas coisas funcionam, é a primeira vez que estou dentro de um avião e não faço ideia se o que é oferecido precisa ser pago ou não.

— Um champanhe para ela, por favor — pede.

A aeromoça sorri antes de se afastar.

— Precisamos estar bêbados quando pousarmos, um casamento em Vegas só é um casamento se for regado a álcool.

Ele abre um sorriso largo, que se expande ainda mais quando temos nossas bebidas nas mãos.

— E então, que tal jogarmos nosso jogo preferido? — propõe.

— Você sabe que não pode ficar nu dentro de um avião, certo?

— Claro, vamos fazer isso com roupas, mas vamos beber sempre que acertarmos a pergunta.

Dou uma gargalhada, mas me polio quando um casal a nossa frente se inclina para olhar em minha direção.

— Não faz sentido, Tales, isso só funciona quando erramos.

— Nós sabemos tudo um do outro, baby, nunca vamos ficar bêbados se jogarmos da forma correta.

Reflico por momento, faz total sentido.

— Tudo bem, vamos lá. Minha cor preferi...

— Verde — me interrompe. — Minha cor prefe...

— Verde — respondo.

Nós dois tomamos um gole de nossas bebidas ao mesmo tempo.

— Cachorro ou gato? — pergunto.

— Gato — responde.

— Cachorro — digo sua preferência.

Nós dois bebemos.

— Se eu fosse para uma ilha deserta, o que levaria? — pergunto.

— Sua revista autografada pelo Justin Bieber.

Eu dou uma gargalhada muito, muito alta.

— Vai se foder, TJ! — Tapo minha boca, mas não sou capaz de parar de rir.

Ele inclina sua cabeça e a encosta no encosto, o sorriso em seus lábios nunca desmancha.

— Você errou — aviso. — E aquela revista é... meu Deus, é autografada por ele!

Sua expressão nesse momento é impagável. Tales enruga o nariz e revira os olhos. Eu poderia jurar que está com ciúmes e é adorável.

— Vá lá, case com ele. — Ele bebe um gole da bebida.

— Ei! Você só pode beber quando acertar!

Seus olhos se arregalam e ele comprime os lábios.

— Foi mal — diz. — E eu? O que eu levaria?

— Eu não faço ideia — respondo. — Uma boneca inflável? — brinco.

— Errou, eu levaria um celular para assistir a vídeos pornô o dia inteiro. Se for para viver o resto da minha vida em uma ilha, então que eu passe o meu tempo com *Asa Akira*^[5].

— Sim, e cinco horas depois, quando a bateria descarregasse, você iria carregá-lo aonde? — pergunto, entre risadas que não consigo conter.

As sobrancelhas de Tales se erguem e ele reflete sobre isso.

— Eu não tinha pensado nisso — admite.

— Claro que não, isso é o que acontece quando se pensa com a cabeça errada — retruco.

— Eu levaria uma revista pornô então, e usaria mais a imaginação.

— Uau, okay, então seu plano é passar o resto da vida usando as mãos? — pergunto incrédula.

— O que mais eu faria?

— Você poderia levar alguém com você — respondo.

— Isso seria egoísta demais — murmura. — Eu nunca arruinaria o futuro de uma pessoa por um capricho meu.

Suas palavras me atingem como um soco no estômago.

— Tales... — murmuro e imediatamente sinto as lágrimas queimarem em meus olhos.

— O que foi? O que eu disse demais? — pergunta.

— Isso é exatamente o que estou fazendo com você agora — respondo. Seguro minha taça com tanta força entre os dedos que temo que ela se parta. — Estou sendo egoísta com você, arruinando seu futuro por um capricho meu.

O suspiro que deixa escapar toca meu rosto e fecho os meus olhos. Sinto seus dedos tocarem meu queixo e ele o direciona para cima, usando o polegar e o indicador.

— Isso não é sobre um capricho, é sobre as agressões que sua irmã está sofrendo. Okay?

Sinto as lágrimas correndo sobre minhas bochechas e imediatamente os lábios dele as amparam enquanto ele reveza de um lado ao outro, dando pequenos beijos.

— Okay — murmuro.

— Sobre confiança, sobre lealdade, sobre amizade — completa.

Assinto. Meus olhos encontram os seus, ele se afasta minimamente.

— É sobre amar alguém e estar disposto a fazer tudo por essa pessoa.

Perco o ar, sinto que estou voando, nas nuvens, e realmente estou, mas não porque estamos dentro de um avião, e sim porque suas palavras têm um impacto forte sobre mim. Minhas mãos prendem a sua e eu a seguro com força. Não sou forte o suficiente para falar que o amo, então desejo com todas as minhas forças que ele sinta isso. Seus lábios tocam a minha testa, solto uma lufada de ar e agradeço a Deus por ter colocado alguém como ele em minha vida.



Não faço ideia de que horas são, decidimos não olhar nossos celulares, esquecer tudo o que nos prende e tudo o que exige que estejamos de volta em breve. Tales tirou dois dias no escritório, então ele precisa estar sóbrio na quinta-feira apenas, no entanto, terá trabalho sendo levado para casa durante o final de semana.

É de manhã, cochilamos durante algum tempo na madrugada dentro do avião. O motorista nos deixou em frente à placa *Welcome to Fabulous Las Vegas*, e matamos quase duas horas em uma fila de mais de cem pessoas para que pudéssemos registrar uma foto.

Vegas é tão linda quanto nos filmes e mal posso esperar para que a noite caia sobre a cidade. Quero ver as luzes das quais tanto ouvi falar, quero a vibração das vidas sendo vividas verdadeiramente. Quero a experiência de um casamento em alguma capela louca como nos livros, mesmo que isso pareça imprudente.

Tales puxa nossa mala com uma mão e passa seu braço sobre os meus ombros.

— Eu quero ir à *The High Roller* — digo empolgada, tentando absorver cada detalhe.

— Como minha noiva ou esposa? — brinca, mas suas palavras me deixam assustada.

— E isso importa? — rio. — Caramba, eu gostaria de bater uma foto lá em cima.

— Eu gostaria de *foder* lá em cima.

Dou uma cotovelada em sua costela.

— Pare de pensar em sexo.

— Nós estamos indo nos *casar*, eu posso ao menos sonhar com nossa lua de mel?

Sua risada é amenizada pelo som da quantidade de turistas que circulam nas ruas, todos falando ao mesmo tempo.

— Você sabe que não vamos realmente nos casar — lembro-o, encarando meus pés.

— Não? Oh, certo... — Ele dá de ombros. — Vou tentar me lembrar disso quando você começar a assinar como Elizabeth Jackson.

— Meu Deus... — sussurro.

— Que tesão do caralho. — diz. — Puta merda, eu posso ficar duro agora mesmo só de pensar em você com uma caneta na mão fazendo isso.

Enfio minha mão sobre sua boca. Seus olhos encontram os meus, estão repuxados, de modo que posso saber que há um sorriso lá.

— Pare com isso — o repreendo.

É mais fácil para mim fingir que não gosto disso do que assumir que sim, é realmente um tesão do caralho saber que assinarei como Elizabeth Jackson a partir de amanhã.

Oh, meu Deus.

Tudo em Las Vegas é unido ao outro, é tanta informação para assimilar, que seu cérebro leva um bom tempo para identificar o que é realmente cada coisa, cada loja, cada porta que dá acesso à *outra coisa*. Agora, estamos em frente a algo muito, muito grande, um prédio imenso que engole tudo à sua volta.

Sua arquitetura romana se destaca através das colunas de sustentação, e se localiza na *The Strip*. Estou tão deslumbrada com cada detalhe que talvez minha boca esteja aberta em um enorme “O”, que por incrível que pareça, se abre ainda mais ao ter meu reconhecimento. Eu freio meus passos antes de atingirmos as amplas escadarias e Tales me dá toda a sua atenção.

— Oh... Meu... Esse hotel não é aquele do filme...

— *Se beber não case*, sim, é, e acredite, não é uma indireta.

— Tales, isso é...

— Demais? — Ele me puxa. — E a mala tá pesada pra caralho, então se puder se apressar.

— Caro! — grito.

De repente começo a ficar desesperada. Faria muito mais sentido aceitar que ele pagasse pela dívida com Barnett e me casar com ele em um cartório do que voar até Vegas e pagar por um hotel que sem dúvida, *sem dívidas*, tem a diária de hospedagem que custa mais do que devo.

— Beth, porra, para de falar de dinheiro.

— TJ, olha só... isso é tão surreal...

Olho à nossa volta, as pessoas passam de um lado para o outro, gritando, bebendo em copos enormes e coloridos, gravando vídeos em diversos idiomas, alheias a tudo que não seja turístico.

— Você quer voltar? Quer ir para casa? Porque, Beth, se você quiser, a gente pega o próximo voo e volta para Boston.

Nego com um aceno e ele toca a lateral do meu rosto.

— Eu quero fazer isso — respondo.

Com você... Eu quero me casar com você mesmo que de mentira, porque é com você.

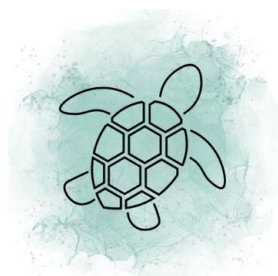
— Se tiver alguma dúvida...

— Meu Deus! — Coloco minha mão na boca. — É o hotel do filme...
— repito.

Ele solta um risinho e encara o nome *Caesars Palace* gravado em vermelho no alto do edifício.

— Vamos logo então, porque temos um monte de coisa pra ver.

Nós dois nos afastamos e encaramos o hotel novamente, então alguém vestido de Homem-Aranha passa entre nós.



— Olha isso! — digo eufórica, quando as cortinas começam a abrir sozinhas depois que Tales aperta algo na parede.

— Isso é maneiro... — Ele caminha até o meu lado.

— Oh, meu Deus, Tales... Temos a Torre Eiffel como vista! — Coloco as mãos no vidro.

— Isso não é incrível? — brinca. — Temos uma cidade romântica bem aqui.

Por um momento, me pergunto como seria se estivéssemos juntos, me pergunto se ele me beijaria agora, depois de um comentário fofo como esse. E se nossos beijos se aprofundariam, se acabaríamos transando na cama que está bem atrás de nós.

— Então, nós vamos ficar no mesmo quarto? — pergunto.

Cada palavra que compõe essa frase me assombra. A tradução dela soa algo como: “Então... nós... sexo, sexo, sexo, sexo?”.

— É basicamente o que estamos fazendo em casa — ri.

— É, sim, mas não estamos bêbados *em casa* — o lembro.

— Não estamos bêbados agora — rebate.

Posso vê-lo revirando os olhos através do espelho ao lado da janela, enquanto abre uma garrafa de uísque sobre o pequeno bar.

— *Ainda* — insisto.

— Eu posso dormir no sofá. — Tales aponta para a direita, então leva o copo até a boca. — Não tenho problema com isso.

Minha mente grita: “*a quem você quer enganar? Você não estava bêbada quando se esgueirou para baixo do chuveiro com ele*”. É, eu não, mas ele sim.

— Não, tudo bem — murmuro.

— Sério, Shakespeare, se você achar que não consegue resistir a mim... — Ele tira a camisa e joga sobre a cama, parte dela cai sobre minhas coxas.

Olho para ela, prendo a respiração, mas me obrigo a abrir minha boca para que o ar saia quando meu pulmão começa a queimar.

— Eu entendo, sério, posso apenas dormir bem ali. — Ele abre o botão da sua calça jeans e a empurra para baixo.

Meu rosto está em chamas agora.

— O que você está fazendo? — pergunto, mas minhas palavras saem estranguladas.

— O que você acha que estou fazendo? — Tales prende os dedos no elástico largo da sua cueca boxer e me encara com um pequeno sorriso.

Me torturando?

— Está tentando provar algo para si mesmo? — pergunto, concentrada em não deixar que meus olhos me traíam.

— Não. — Ele puxa tudo para baixo e seu... bom, seu pau pula para fora e estou quase salivando quando sou traída pelo meu autocontrole. — Eu

já provei.

E com isso, Tales caminha totalmente nu até o banheiro.



Uma dica: quando forem a Vegas *não se casem*. Mentira, não é essa, embora seja uma ótima dica. Vão a cassinos, os donos querem vocês bêbados, porque, quanto mais bêbados estiverem, mais gastam dinheiro em jogos. Só que você pode ser estratégico, ou seja, você pode gastar um dólar em um caça-níquel e ganhar uma bebida. Ou várias.

Nunca bebi tanto por tão pouco, ou nada, porque era TJ quem estava bancando tudo e honestamente? Eu já nem me importava mais, pela primeira vez eu não estava surtando por ele gastar dinheiro comigo. Tales e eu decidimos apenas viver o momento. E é o que estamos fazendo.

— Tales! *It's Sugar!* Oh, meu Deus, precisamos passar lá.

— Nós estamos indo nos casar agora — Tales responde, ansioso.

— E daí? — Dou de ombros. — É a *It's Sugar!* — respondo animada.

— Sim, eu entendi quando você disse da primeira vez.

— Foi você quem recusou a limusine e insistiu que fôssemos a pé até a capela — o repreendo, puxando pelo braço em direção à loja de doces.

— Eu gosto da ideia de desfilar com você vestida de noiva pelas ruas, isso é a coisa mais legal que já fiz na minha vida.

Eu dou uma gargalhada.

Acontece que, quando saí do banho hoje mais cedo, havia um vestido de noiva sobre a minha cama, e mais, nossa limusine foi cancelada porque Tales Jackson insistiu para que andássemos a pé até a capela. E é exatamente por isso que ele está segurando meus sapatos de salto nesse momento. Também é por isso que vai ter que me acompanhar à loja de doces.

— Nós bebemos mais hoje do que durante a vida inteira — o repreendo.

— Fale por você — ele ri e reviro meus olhos.

Oh, é mesmo!

— Por favor, apenas não se atrase para o nosso casamento — ele insiste.

— Saímos uma hora e meia antes exatamente para isso.

— Sim, porque eu queria beber mais alguma coisa antes.

Tales tira seu braço do meu ombro e eu me afasto, andando pela loja.

— Beba e pare de encher o saco. — Aponto para seu *Yard Cup* rosa.

— Você é tão mandona... — Ele ajeita seu terno.

Não faço ideia de onde ele tirou um vestido de noiva e um terno, mas uma coisa é certa, ele fica muito gostoso dentro de um e eu tento, realmente, não ficar olhando muito.

— O que vai querer? — Pego uma cestinha e olho sobre os ombros.

O sorriso em seu rosto é enorme.

— Você nua e coberta pelos doces com tema *Stranger Things*^[6].

Soltou um grunhido enorme e ele sorri, bebendo no canudo.

— Eu sei que deveria estar brava por você dizer que me quer nua, mas sério? *Stranger*? Isso inclui aquele doce novo com formato de sapo monstro?

— Aquilo não é um sapo, é um axolotl^[7], uma salamandra.

— Oh, meu Deus... — Eu o encaro.

Ele fecha seus olhos e geme baixinho, como se estivesse pensando.

— Eu tenho um lugar específico para pôr aquilo.

— Você é nojento demais. — Pego um doce gigante. — Eu quero um *Twix* gigante. — Pego a embalagem e a trago no meu peito, balançando-a como um bebê.

— Isso tem um metro, Beth — ele me repreende, enquanto escolhe seus próprios doces.

— Exatamente. Porque é para viagem. — Sorrio, sugestivamente.

— Nós podemos passar aqui antes de voltarmos.

— Não dá, a loja abre depois das dez da manhã, nosso voo é às dez.

Enfia o doce em sua cesta e ele fica quase inteiro para fora.

— Que legal, estamos indo nos casar cheios de sacolas. — Ele enfia algumas barras de chocolate junto.

— Sim, estamos indo nos casar cheios de sacolas de doce porque é do que gostamos.

— Estamos tendo nossa primeira briga de casal, amor? — pergunta.

— Eu acho que sim. — Jogo meus braços sobre seus ombros e os doces escapam para fora da cesta. — Me desculpe, querido, eu só queria poder comer alguns doces no caminho.

— Oh, meu Deus, vocês acabaram de se casar? Podemos tirar uma foto? — uma mulher com seu marido e dois filhos pequenos perguntam.

— Claro — ele responde, me puxando para perto.

Um cliente ao nosso lado se oferece para bater a foto e nós gritamos X enquanto eu beijo o rosto do meu futuro marido.

— Me mande no e-mail se puderem. — Tales tira um cartão de visita do bolso.

— Claro, envio assim que estivermos no hotel — o homem diz.

— Parabéns pelo casamento! — A mulher acena e os quatro se afastam com grandes sorrisos no rosto.

— Por que diabos você está carregando cartões de visitas? — pergunto, juntando meus doces do chão.

Eu piso na bainha do meu vestido e me atrapalho com o véu, tropeçando nele, que me segura e deixa os sapatos caírem. Estamos tão bêbados, que ficarei feliz se Tales não for meu juiz de paz enquanto eu estiver casando com o Elvis.

— Um homem de negócios nunca sai sem seus cartões.

Penso em algo para dizer, mas nada do que dizemos faz sentido, então o puxo até o caixa, onde ele paga pelos doces.

— É a melhor loja do mundo — murmuro.

— Podemos voltar aqui quando viermos renovar nossos votos — ele brinca.

Ou espero que esteja brincando.

— Nós nem nos casamos ainda — digo.

Todos nos encaram enquanto andamos pela Strip. Tales amarrou a sacola dos doces no cordão do Cup e meus sapatos agora estão em algum lugar lá dentro. Paramos para recarregar nossas bebidas e arrumo um copo igual para mim.

— Podemos ir à roda-gigante depois que nos casarmos? — pergunto, abrindo um saco de jujubas com formato de ursinhos.

— Depende. — Um sorriso malicioso se forma em seus lábios, mas ele se desfaz quando tropeça.

— Do quê? — pergunto, embora saiba que há algo sexual no meio.

— Vamos consumir nosso casamento lá? — Ergue as sobrancelhas, sugestivamente.

— Depende, se você continuar com esse terno. — Antes que eu possa pensar, as palavras deixam a minha boca.

Viro para o lado, para que ele não veja o quanto estou chocada comigo mesmo.

— Hummm... — ele geme. — Então, você me acha gostoso de terno?

— Você é muito presunçoso — respondo.

Sinto seu braço sobre meu ombro.

— E gostoso — ele murmura em meus ouvidos. — E seu marido.

— Ainda não é meu marido — rebato.

— Mas sou gostoso — insiste.

— Estamos prestes a chegar na capela, Tales, se você continuar de gracinha não haverá casamento algum.

Ele solta uma risada alta.

— Nem fodendo que você deixa Las Vegas sem estar casada comigo.

Eu viro meu rosto em sua direção, seus lábios estão perto demais dos meus e quero beijá-los bem agora.

— Olha! Uma noiva! — Ouvimos alguém gritar. — Podemos tirar uma foto? — uma das garotas que está em um grupo de pessoas mais ou menos da nossa idade pergunta.

— Claro — respondo.

— Ei, Homem-Aranha! — Tales grita e o super-herói se vira. — Venha até aqui!

Ele faz um gesto como se tivesse lançando teia em nossa direção antes de começar a andar, então nos posicionamos e um casal que está passando na hora, tira a foto. Tales entrega seu cartão de visitas para uma das meninas e pede para que lhe envie.

— Isso é tão divertido! — digo animada.

— Porra, sim, é sim! — Sinto seus lábios tocarem minha cabeça.

Nós dois estamos ofegantes quando chegamos em frente à capela, seus olhos verdes encontram os meus e ele sorri, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Dizem que dá azar ver a noiva antes de casamento — murmura, então puxa minha mão até seus lábios e a beija.

— Acho que é tarde demais pra isso. — Eu viro nossos punhos e faço o mesmo, então nós dois suspiramos e encaramos a capela.

É agora.



Capítulo 24

Espero do lado de fora, meu coração está batendo muito rápido e sinto meu estômago se contorcer. Não foi uma decisão tomada pelo efeito do álcool, já estávamos aqui para isso quando começamos a beber. Em quinze minutos no máximo, seremos o senhor e a senhora Jackson. Sejam pelos motivos que forem, seremos casados.

Ouçó o barulho estridente de um microfone sendo ajustado e, então, a voz similar à de Elvis Presley ecoa através dos alto-falantes quando ele começa a cantar *Can't help falling in love*. Perco o ar, o chão, a noção, o tempo, as batidas do coração. Caminho até a porta e viro-me para o altar.

*Homens sábios dizem
Que só os tolos se apressam
Mas eu não consigo evitar
Me apaixonar por você*[\[8\]](#).

Ele anda até mim, cantando, caminhando com uma personalidade distinta que somente ele tem, os passos conhecidos, as peculiaridades de cada movimento que me faz abrir um sorriso enorme, porque estou vivendo um sonho agora.

*Se eu ficasse
Seria um pecado
Se eu não consigo evitar
Me apaixonar por você?*[\[9\]](#)

Seu cinto espalhafatoso grita em meio à sua roupa em um azul chamativo e suas costeletas me fazem sorrir de felicidade. Ele segura seu microfone em uma mão e carrega um buquê na outra. Elvis estica o braço e me entrega. É verde. Como meu cabelo. Como os seus olhos. Como a minha cor preferida.

*Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer*[\[10\]](#)

Meus olhos encontram Tales me esperando no altar. Nada do que ele fez revela que estamos vivendo uma mentira. Até mesmo eu posso jurar que isso é verdade. Seus lábios se repuxam em um pequeno sorriso e juro, eu juro, que posso ver seus olhos brilhando de onde estou.

*Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você*[\[11\]](#)

Elvis está com seu braço enlaçado no meu e, por um segundo, penso em como seria se estivesse me casando verdadeiramente agora, sendo levada até o altar por um pai de verdade. É algo que sei que nunca terei, mas de qualquer forma, se for para outra pessoa além de Tales esperar por mim lá em cima, eu prefiro que continue sendo assim.

Porque verdadeiramente ou não, é Tales que tem que estar no altar.

E ele está.

Esperando por mim.

*Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você^[12].*

Elvis diz algo, mas eu não presto atenção porque não consigo tirar os olhos dele. Não era para ser romântico dessa forma, mas tudo o que Tales faz parece ser certo, e se ele nem está intencionalmente fazendo eu me apaixonar por ele, então eu me pergunto o que é capaz de fazer se estivesse realmente tentando.

Respiro fundo e me vejo surpresa ao perceber o quanto ele parece nervoso também. TJ muda o peso, revezando de perna duas vezes, ele enfia as mãos no bolso, mas tira em seguida. Elvis pergunta algo, mas não presto atenção, estou nervosa demais agora, porque estamos realmente fazendo isso. Não há mais volta.

— Os votos! — Elvis grita, cantarolando e eu levo um susto.

— Ela não... — Tales indaga. — Eu acho que ela...

— Tales Jackson — começo, soltando todo o ar junto com as palavras. — Você é meu melhor amigo, é meu ombro, meu braço direito, você é a *minha* pessoa. — Observo um pequeno sorriso se formar em seu rosto. — Você é tudo o que eu preciso nos momentos em que eu mais *preciso*.

Eu sei que há lágrimas em meus olhos agora, mas não me importo, porque, mesmo que o nosso casamento seja uma mentira, tudo o que eu sinto por ele é a mais pura verdade.

— Dizem que o amor bate na porta de uma pessoa uma única vez na vida, eu tentei durante anos provar que estavam errados — ele dá de ombros —, mas eles estão certos quanto a isso. O amor bate uma única vez. — Tales encara seus pés por um segundo, então retorna até meus olhos. — Você pode

não abrir a porta pra ele, mas ele vai continuar lá, esperando até que você o atenda. O amor não vai embora.

Sinto um soluço escapar e lágrimas correrem sobre o meu rosto. Tales ainda me ama. Não estamos nos casando por amor, mas amamos um ao outro e estamos nos casando.

Nós trocamos as alianças, terminamos nossos votos, nos emocionamos, rimos, Elvis cantarola, então ele diz:

— E, com os poderes concedidos a mim pelo estado de Nevada, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Eu o encaro com os olhos arregalados.

Tales mantém um sorriso presunçoso no rosto, que me traz a certeza de que ele já tinha pensado nisso.

— Bom, parece que você *precisa* me beijar agora.

Elvis cantarola um trecho de uma de suas músicas e praguejo por tudo ser tão incrível. Tales me puxa com precisão e ele me gira em um movimento rápido, me deixando inclinada, uma posição de filmes românticos, ou como nos malditos livros perfeitos que eu leio.

Quando você está exausta, sentindo-se pequena

Quando as lágrimas estiverem em seus olhos

Eu enxugarei todas elas

Estou ao seu lado

Quando os tempos se tornarem tempestuosos

E os amigos simplesmente não podem ser encontrados^[13]

Seus lábios encontram os meus, é terno e suave, é mágico, mas também é duro e desesperado e ele se obriga a me levar de volta para cima, antes de enfiar seus dedos entre os meus cabelos e me apertar com força contra ele, tornando tudo desesperador. Tales geme baixinho, eu levo meu

braço com o buquê até sua nuca, abraçando-o forte. Elvis interrompe a música e limpa a garganta, nos trazendo à realidade.

Estamos ofegantes e com sorrisos no rosto quando nos afastamos.

E mais.

Estamos casados.



A limusine nos deixa próximo ao hotel e estamos indo em direção à *High Roller*^[14] agora. Ergo a bainha do meu vestido e encaro meus pés.

— Meu Deus, Tales, eu não acredito que me casei descalça.

Tales ri, então ergue seu braço e me mostra sua mão com aliança.

— Eu não acredito que me *casei*.

— Podemos pedir a anulação pela manhã antes de voltarmos.

— Um caralho que vamos. — Ele passa o braço sobre meu ombro e ergue sua mão novamente, esfregando sua aliança no meu rosto.

— Olha, isso, puta merda... No fim das contas, eu sou o único dos três que não tem sequer uma namorada e fui o primeiro a me casar.

Ainda estou em choque com a forma na qual nos deixamos levar na cerimônia. Sim, nos casamos, e sim, por motivos diferentes, mas havia tanta verdade em nossas palavras que pareceu real. Me sinto casada com Tales de formas que eu não deveria sentir.

— O que vamos fazer quando chegarmos em Boston? — pergunto, enfiando a mão na sacola de doces pendurada na tira do seu *Cup* rosa.

Pego um pacote de bala de gelatina de ursinho.

— Eu vou colocar o trabalho em dia.

— Sobre isso, Tales... — Balanço minha mão no ar, mostrando minha aliança. — Vamos contar a todos que nos casamos por amor ou por Kenzie?

Ele fica em silêncio por um longo tempo.

— E não dá na mesma? Me casar com você por Mackz não é por amor? — Ele dá de ombros.

É claro que sim.

— Sim, mas não o tipo de amor que faz você se casar com alguém.

— Estamos casados agora — afirma.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Olha, quase não tem fila para a roda-gigante — ele muda de assunto e me puxa pela mão.

Ouçó uma mulher ao nosso lado murmurar o preço e quase caio para trás.

— Vinte e dois dólares por pessoa? Isso é um roubo. Vamos voltar.
— Viro de costas.

— Você pensou que era de graça? — pergunta, bem-humorado.

— É claro que sim.

Ele me puxa de volta.

— São apenas vinte e dois dólares, Beth, não faça drama por isso.

Quero dizer a ele que posso comprar muita comida com esse dinheiro ou pagar alguma conta, mas sei que é algo que ele está cansado de saber.

— É quase um dólar por metro de altura.

Sua risada enche meu coração.

— Você é uma boa observadora. — Tales aponta para uma placa. — Olhe só, até treze anos não paga.

— E daí? — pergunto.

— Quanto tem de altura? 1,55m?

— O que tem a ver minha idade com minha altura?

— Você pode fingir que tem doze anos. — Dá de ombros. — Passa fácil, fácil, ainda mais com seu cabelo verde.

— O que tem de errado com o meu cabelo? — Coloco uma mecha para trás da orelha.

Por que eu me importo que ele o ache feio?

— Nada de errado, aliás, eu acho muito sexy. — Ergue as sobrancelhas, sugestivamente. — Mas sobre sua altura...

Dou um tapa em seu braço.

— O que vão pensar de você casado com uma criança de treze? — Bato nele com o buquê.

— Você precisa se livrar disso. — Ele aponta para as flores.

Como outro ursinho de gelatina na cor verde, então pego um vermelho e dou na boca de TJ.

— Não há ninguém para jogá-lo. Vou guardar comigo até elas murcharem.

Ele aponta para a sacola de doces, os copos e o terno pendurado.

— Você já não acha que temos coisa demais para levar pra casa? Vamos ter que pagar excesso de bagagem no voo apenas por causa do seu *Twix* gigante.

— Não exagera. — Como outro ursinho verde.

Os meus preferidos.

— Eu tenho uma ideia. — Ele se vira para trás. — Ei, todos vocês! — grita para as pessoas que estão atrás de nós e caminhando à nossa volta.

— O que diabos está fazendo? — murmuro.

— Ei, olhem só... — Tales balança suas mãos. — Estão vendo essa mulher linda ao meu lado? — pergunta. — Eu acabei de me casar com ela.

Ouço risadas, assovios e algumas palmas.

— E não temos ninguém para jogar nosso buquê!

— Cale a boca — imploro. — Meu Deus, que vergonha... — Enfio o buquê na frente do meu rosto, me escondendo e ouço algumas risadas.

— Será que vocês podem se aglomerar aí atrás e tentar pegá-lo?

— Tô fora de casamento. — Um garoto da nossa idade pula para o lado.

— Então tire a foto. — Tales entrega seu celular desbloqueado a ele. — Aliás, sábia decisão, garoto. — Ele pisca e a multidão dá risada.

É por isso que ele sempre foi o garoto mais popular do colégio.

— Então é isso, eu vou contar até três! — ele grita.

As pessoas estão ansiosas agora e todas elas possuem grandes sorrisos. Eu me viro de costas, ansiosa, e Tales começa.

— Um...! — Ele faz uma pausa dramática e eu me abaixo para impulsionar o buquê. — Dois...! — Outra pausa e muitos risos eufóricos. — Três!

Jogo sobre minha cabeça o mais alto que consigo e me viro para olhar quem irá pegá-lo. Uma mulher ergue seus braços para cima e começa a pular, animada, então a outra ao seu lado a abraça e as duas se beijam. Todos começam a gritar, aplaudir e sinto lágrimas queimarem em meus olhos. Não me lembro da última vez que me senti tão feliz quanto me sinto hoje.

Eu as aplaudo e sibilo parabéns e elas me surpreendem quando caminham em nossa direção e pedem uma foto. Tales agradece a todos e algumas pessoas retornam à fila, enquanto outros acenam, nos desejam parabéns e caminham em outra direção. O garoto que fugiu do buquê tira uma foto nossa com as meninas e eu as abraço e desejo boa sorte a elas.

Chega a nossa vez na roda-gigante e nós entramos com outras pessoas. Tales pega a minha mão e me leva até o vidro e nos inclinamos juntos para ver Las Vegas de um outro ponto de vista. É lindo, incrível, mágico. E quanto mais alto estamos, mais a cidade parece brilhar. Meus olhos se enchem de lágrimas, porque Kenzie iria amar isso.

— Olha só, eu realmente pensei que caberia apenas nós dois aqui e que ficaríamos a sós — Tales sussurra em meu ouvido. — Mas você leu a placa? Capacidade de quarenta pessoas. Seria a maior suruba da história.

Engasgo com uma bala.

— Você é nojento — sussurro.

— E você se casou comigo mesmo assim.

Envolvo minhas mãos em sua cintura e apoio minha cabeça em seu peito. Não me importo se tudo isso é uma mentira, porque sei que temos apenas hoje para isso e que amanhã iremos acordar com uma puta ressaca e nos perguntando se fizemos a coisa certa. Então tudo vai ficar estranho entre nós, mas conversaremos sobre nos concentrar em conseguir a guarda da minha irmã.

— É, eu me casei — afirmo.

Ele parece tenso, talvez surpreso, mas, em poucos segundos, sinto suas mãos em volta de mim e ele me abraça forte, com sua boca apoiada no topo da minha cabeça. Nós dois nos encaixamos tão perfeitamente, que parece surreal.

— Ei! — Alguém chama atenção e nós nos viramos. — Que tal uma foto todos juntos? — o homem sugere.

— Ah, meu Deus, eu quero — grita uma garota, aparentemente tão bêbada quanto eu estava antes do casamento.

— Parece incrível — murmura outra sentada no banco vermelho da cabine.

— Não é todo dia que encontramos noivos andando pelas ruas — o garoto da foto comenta.

— Ou que estamos na fila de algo e pegamos um buquê. — A mulher do buquê o ergue no ar.

Então, as pessoas começam a vir até nós, nos abraçar e se posicionar para as fotos enquanto alguém fica com seus celulares registrando o momento. Não sei quantas delas foram tiradas, mas Tales passou seu contato para cada um deles e pediu que as enviassem. Meu coração se anima com isso, com a atenção que ele está dando a esse momento e que ele me dá, se anima por tudo o que ele é e tudo o que está disposto a fazer por mim.





Tales e eu cambaleamos pelas escadas do hotel em direção ao nosso quarto. Estamos exaustos, mesmo assim, ele pula um degrau e para na minha frente, então eu salto e grudo minhas pernas em seus quadris, o que só é possível porque estou usando um vestido de noiva modelo princesa. A escada rolante nos leva para o nosso andar e apoio minha cabeça em sua nuca.

Estamos casados e isso se repete em minha mente o tempo inteiro. Sou uma Jackson agora, seja pelo motivo que for, sou Elizabeth Jackson. Puta merda. Por que estou sorrindo tanto enquanto penso nisso? Encaro minha aliança em meu dedo. Tenho uma aliança que Tales me deu porque estou casada com ele. Estou casada com TJ. Caramba.

— Por que está olhando sua aliança? — Tales pergunta, bem-humorado.

Droga.

— Porque ela é bonita?

Tales ergue seus braços no ar e faz um coração para mim, usando seus dedos. Não posso evitar a gargalhada que deixo escapar e imediatamente ela se mistura ao som da sua risada.

— Estou sendo romântico, porra.

— Está?

Ele grunhe.

— O que foi? Preciso entrar em uma briga ou estar enterrando meu pau em alguém para parecer másculo? Porque posso fazer qualquer um agora mesmo e você sabe muito bem que sou bom nos dois.

— Ah, é... e você vai me trair? Você é casado comigo agora.

Tento parecer descontraída, mas acontece que estou morrendo de ciúmes.

— Sim, eu sou. — Ele inclina sua cabeça para mim e tenho a visão de sua covinha marcando a bochecha.

Não sei exatamente o que Tales quer dizer com isso, se ele está dizendo que será fiel a mim ou se quer transar comigo essa noite. Ele para de andar quando estamos na frente do nosso quarto. Tales insere o cartão na porta e ela destrava com um click, então ele caminha até a cama, fica de costas para ela e eu solto seu corpo, caindo perfeitamente sobre o colchão macio.

— Oh, meu Deus, isso é tão bom... — murmuro.

Ouçoo o barulho das coisas caindo sobre o chão e sei que é toda a tralha que ele carregou até aqui. Eu o observo, enquanto se despe. Vejo sua camisa ser arremessada sobre a poltrona, vejo ele abrir sua calça e a empurrá-la para baixo, vejo ele tocar o cóis da sua boxer e então...

— Você está gostando do show, não é? — Tales pergunta, interrompendo seu *striptease*.

— Pra falar a verdade sim — respondo.

O que há de errado com as bebidas servidas em Vegas? Me pergunto se as balas de gelatinas eram afrodisíacas também.

— Eu preciso de um banho — ele sussurra, fechando seus olhos.

— Eu também — respondo, mas então percebo que cometi um erro dizendo essas palavras.

As lembranças do nosso banho juntos agora estão presentes em minha memória e, pelo sorriso, sei que na dele também.

— Eu preciso de ajuda pra tirar esse vestido — murmuro, levantando.

— Eu te ajudo. — Tales me vira de costas para ele, segurando meus quadris com força. — Você é a noiva mais linda que eu já vi.

Sinto seus lábios pressionando a parte de trás da minha cabeça.

— Você não deve ter visto muitas outras noivas antes — sussurro.

Ele ri.

— Não eu realmente não vi, mas não teria feito diferença de qualquer forma.

TJ se afasta, suas mãos deslizam para cima, até perto da minha nuca, então ele começa a abrir meu vestido. Meu coração afunda no peito, gosto de estar vestida de noiva, gosto da sensação de saber que acabei de me casar com ele e não estou pronta para que isso acabe. Não quero dormir apenas para acordar e saber que isso terminou.

— Tales... — murmuro.

Sinto as lágrimas começarem a queimar meus olhos.

— Sim...? — Ele continua abrindo.

— Eu não quero que essa noite acabe — confesso.

Ouço seu suspiro pesado atrás de mim.

— Porra, eu também não. — Sua testa encosta na minha cabeça enquanto ele continua a abrir o vestido.

Fecho os meus olhos, as lágrimas escorrem sobre minhas bochechas e eu fungo. Sei que é errado desejar estar com ele, porque complicaria tudo. Nós transamos há pouco tempo e sabemos o quanto isso afeta nosso relacionamento, mas cá estamos nós, caminhando em direção ao mesmo erro.

— Pronto — sussurra, terminando de abrir.

Tales não se afasta, seu nariz roça delicadamente nos meus cabelos e ele inala. Deslizo minhas mãos até as mangas do meu vestido e as puxo para baixo. Ouço um gemido baixinho e sinto a pressão de suas mãos contra minha cintura. Cada pequeno movimento nosso é algo grandioso. O tecido pesado cai aos meus pés e agora estou apenas com uma calcinha de renda branca.

— Puta merda. — Tales se afasta minimamente.

Seu olhar deixa rastro sobre o meu corpo.

— Tales... você sabe que isso é...

Ele tapa a minha boca com uma mão e puxa meu quadril contra ele com a outra. Seu nariz roça a lateral do meu rosto e ele rosna em meu ouvido. Sinto seu pau tocar minha bunda e não posso evitar pressioná-la contra ele.

— Vamos só fazer isso mais uma vez. — Seus dedos tocam a renda da minha calcinha.

— Só mais uma vez... — repito. — Só hoje. — Empurro meu quadril para a frente, dando permissão para que ele a retire.

O elástico corre sobre minhas coxas enquanto ele beija o local por onde passa. Sinto seus dentes correndo sobre minha pele, então ele morde minha bunda e eu gemo.

— Vem cá. — Ele dá um tapa forte onde mordeu e minha pele se arrepia.

Fico na sua frente, pressionando meus lábios contra os dele ao mesmo passo em que Tales me levanta. Cruzo minhas pernas em sua cintura. Ele suga meu lábio inferior e geme, é alto, como um animal, ele está faminto. TJ me leva para o banheiro, ainda no colo e vejo nosso reflexo no espelho assim que entramos.

Ele se inclina comigo no colo e liga a banheira de hidromassagem, me pergunto como tem tanta força e energia depois de um dia como esse. Mas ele tem, puta merda, e agora está me colocando sobre o mármore gélido da pia. Tales mordisca meus lábios, deslizando os seus sobre minha bochecha, clavícula, seios.

— Porra, eu gosto tanto de beijar você... — Sua respiração contra minha pele me faz arrepiar.

Inclino minha cabeça para trás e gemo baixinho.

— Cada pedaço seu... — Suas mãos apertam minhas coxas com força.

— Tales... por favor... — estou implorando agora.

— Diga o seu nome, Beth, quero foder você enquanto diz o seu nome. — Ele me puxa com força para a beirada do mármore e meu sexo encontra o seu.

Rebolo me esfregando nele, seu pré-goço faz com que deslize com mais facilidade para cima e para baixo.

— Por que quer ouvir meu nome? — pergunto, inclinando minha cabeça para o lado.

Ele mordisca meu pescoço.

— Quero me enterrar em você e quero gozar ouvindo dizer o seu nome — insiste.

Isso me deixa confusa, mas gosto que se sinta excitado com isso.

— Elizabeth...

Ele sorri, a iluminação está baixa, mas posso ver o brilho em seus olhos e a forma como seus lábios se repuxam. Há uma covinha em sua bochecha e a forma como ele me olha nesse momento, faz eu me apaixonar ainda mais por ele.

— Não temos camisinha? — pergunto.

Ele nega com a cabeça e eu grito, porque é tarde demais, Tales já está dentro de mim.

— Oh! — Jogo a cabeça para trás outra vez.

Sinto seus lábios em meus seios e seu polegar pressionando meu clitóris.

— Puta merda... — sussurro.

— Eu sei, porra, sim... — Ele se enterra em mim, com força.

Pressiono minhas mãos em suas costelas e o puxo para mim.

— Droga, isso é tão bom...

— Você é gostosa pra caralho... — Ele me pega pela nuca e me puxa para ele.

Sua mão desliza até minha bochecha e ele pressiona o polegar e os quatro dedos em cada lado, apertando meu rosto enquanto me beija.

— Diga a porra do seu nome! — exige.

— Elizabeth — gemo.

Ele rouba meu fôlego.

— O seu nome inteiro agora, diga o seu nome de casada.

Putá merda.

Não posso evitar o sorriso em meus lábios.

— Elizabeth Jackson... — sussurro.

— Puta que pariu! — Ele se enterra tão forte em mim, que solto um gritinho.

Sorrio, satisfeita.

— Fala de novo — exige.

— Elizabeth... — provoco. — Jackson.

— Isso é a coisa mais quente que já ouvi. — Seus lábios encontram os meus novamente.

Ele engole um gemido meu, prendo minhas mãos em sua nuca, estou gozando agora enquanto rebolo contra ele em um aperto tão forte que exige muito de nós.

— Inferno, Beth, eu vou gozar agora, porra...— rosna em meu ouvido, mas não sai de dentro de mim.

— Uau... — sussurro.

Então se afasta minimamente, deixando um beijo carinhoso em meus lábios. Tales empurra meus cabelos para trás e me envolve em um abraço. Não falamos nada. Sabemos o que sentimos um pelo outro e nada precisa ser dito. Não precisamos deixar as palavras tornarem tudo desconfortável. No

entanto, o medo que sinto de perdê-lo agora é algo que jamais experimentei na vida.



Há um silêncio estrangulador durante todo o nosso voo de volta para casa, o único som que fazemos é causado pelo embrulho do doce gigante que comprei para a viagem e que dividimos, passando de um para o outro até que ele estivesse pela metade. Não estamos realmente desconfortáveis com o que fizemos na noite passada, mas estamos cientes disso.

Durante todo o trajeto de táxi até a mansão, não consigo parar de pensar no que aconteceu. Estar perto dele, ser protegida por ele, saber que o tenho ao meu lado, me fez sentir segura de uma forma que nunca serei capaz de explicar, e agora, saber que sou sua esposa, me traz uma certeza absurda do amor que sinto por ele.

No entanto, aqui estou eu, arrumando desculpas para desviar meus olhos dos seus, para ficar a uma distância segura dele, perto o bastante para senti-lo comigo, longe o bastante para que não deixemos passar disso. Preciso focar em Mackenzie agora, visitá-la em primeiro lugar. Preciso checá-la, ver como ela está, não posso ter o drama de amar um Jackson agora. De estar em um relacionamento com ele.

Esfrego meu rosto, encarando a porta de entrada, enquanto levo minha mala para dentro. A quem eu estou querendo enganar? O drama de estar em um relacionamento com Tales? Quem disse que ele quer estar em um relacionamento comigo? Porque ele com certeza não me disse nada. E

durante nossa cerimônia de casamento, com muito álcool ou não, ele me falou sobre amor, não sobre compromisso.

— Você está bem, Shakespeare? — Tales passa seu braço sobre o meu ombro de forma protetora.

Envolvo sua cintura com o meu braço e pouso a cabeça nele, enquanto andamos em direção à casa.

— Sim...

É nosso primeiro contato direto desde que... E eu não consigo parar de agir de forma estranha. Por que estou pensando tanto nisso? Parecemos um casal agora, só que não somos realmente. Tales não me beijou pela manhã, não entrelaçamos nossos dedos durante o voo ou dentro do carro até aqui. Além disso, dissemos que era uma última vez.

— Eu tô cansado pra caralho e com uma ressaca do inferno.

“E casado!”, minha mente grita mesmo que ele não possa ouvir.

— É, é como me sinto — sussurro.

Só que isso é o menor dos meus problemas.

— Vamos até Kenzie agora? — ele pergunta, tirando as chaves do bolso.

— É o que eu ia fazer agora mesmo — afirmo. — Você não precisa fazer isso, tome um banho e descanse.

— Não, tudo bem, eu estou bem, posso fazer isso.

— Eu prefiro que você fique e descanse, além disso, você tem assuntos da sua empresa para resolver também.

— Bom, sim, tenho alguns e-mails para responder.

— Faça isso então. — Nós entramos dentro de casa.

Deixo um suspiro escapar. Moro aqui agora, por um prazo indeterminado. É como se minha vida estivesse começando do zero nesse momento. Preciso vender meu carro, pagar Barnett, lidar com minha situação no trabalho, procurar um advogado para lidar com Mackenzie, marcar um médico para minha irmã e descobrir se minha mãe voltou a tomar seus remédios ou não.

— Vá com o meu carro. — Ele estica o braço e pega as chaves penduradas no porta-chaves ao lado da porta de entrada.

Solto uma risada, mas ela sai estrangulada.

— Nem pensar. — Eu a pego e a coloco no lugar.

— Se eu falasse isso pra Tracy, ela estaria dentro do carro agora mesmo, cantando pneu — ele ri.

Sinto ciúmes disso, é tolo, eu sei, mas acontece que ela está feliz com Tyson e eles formam um casal perfeito, assim como Max e Kyra.

— Bom, Tracy não deve ter um monte de dívidas para se preocupar. Eu nunca poderia pagar pelo conserto do seu carro. — Assim que as palavras saem da minha boca me arrependo.

Sei que a única coisa que ele está fazendo é tentando facilitar as coisas para mim.

— Eu sinto muito, eu não quis ser estúpida. — O encaro. — Eu só não ficaria confortável, só isso.

— Tudo bem...

— Puta que pariu! Isso é uma aliança no dedo de vocês?!

Nós dois nos viramos para Glenda ao mesmo tempo. Sua boca está aberta em um enorme “O”. Ela inclina seu corpo para ver de perto, então puxa a minha mão com força e cola seu rosto em minha aliança para enxergar melhor.

— Vocês... se casaram em Vegas? — pergunta, depois de correr os olhos sobre nós dois e as malas.

— Não.

— Sim — TJ responde ao mesmo tempo que eu.

— Eu não acredito! — ela grita. — Por que diabos vocês não me convidaram? Eu sempre quis ir a Vegas! Seus irmãos deveriam estar lá! — Ela parece realmente chateada.

— Eu sinto muito, maninha — ele responde. — Mas queríamos que fosse algo só nosso.

— Meu Deus, eu sabia... — ela sussurra, colocando a mão sobre a boca. — Não acredito que você desencalhou! — Glenda se joga em seus braços e ele a segura. — Parabéns!

— Obrigado. — Ele beija o topo da sua cabeça.

— Max e Ty sabem? E Maeve? Já ligou pra ela? — pergunta, entusiasmada. — Vamos dar uma festa ou algo assim?

Tales grunhe.

— Estamos exaustos e não, ninguém ainda sabe de nada, portanto... — ele faz um gesto como se estivesse fechando um zíper invisível na boca — calada.

— Eu sabia... Cara! — Glenda coloca as mãos na cintura e nos encara, sorridente. — Aquela vez que você bebeu e acabou chorando e dizendo q...

Tales salta sobre ela e cobre sua boca, então a arrasta para a cozinha. Eu os sigo até lá.

— Acho que já deu por hoje, o que está fazendo em casa? Que tal você ir para a casa do seu namoradinho e passar o resto da semana lá? — ele

sugere. — Elizabeth e eu queremos aproveitar nossa lua de mel — completa.

— Mas...

— Nada de *mas*, isso não é algo ao qual não esteja acostumada. Pegue suas tralhas e dê o fora.

— Seu filho da puta ingrato! — ela grita. — Até Beth vir pra cá, você ficava implorando para eu não ir à casa dele.

— Não me meta nisso! — Ergo minhas mãos no ar, em rendição.

— É verdade, Beth, ele ficava pedindo, implorando para eu ficar aqui com ele.

— Cale a porra da boca! — Ele a prende contra ele, forçando a mão contra a boca dela.

Glenda acerta uma cotovelada em sua barriga e ele arqueia o corpo para a frente.

— Dê o fora e mantenha sua boca fechada sobre isso.

— Você não vai contar mesmo? — pergunta incrédula. — Que tipo de irmão você é? — insiste.

— O pior dos três. — Ele beija sua testa. — Que pena que você já está de saída.

Ela bufa.

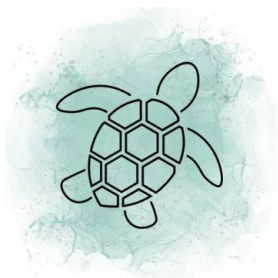
— Eu estou indo ver a Kenzie. — Aceno para os dois. — Fique — dirijo-me à Glenda. — Afinal, você também mora aqui — repreendo Tales com o olhar.

— Eu levo você. — Ele dá um passo em minha direção.

— Não, tudo bem. — Ergo meu celular no ar. — Estou chamando um Uber.

— Tenha cuidado... — nossos olhos se encontram por um segundo — *baby*.

Não posso deixar de sorrir agora, pensando que me casei com um grande filho da puta provocador.



— Mãe — eu a chamo assim que estou na frente da minha antiga casa.

Ela me encara sobre os ombros, suas sobrancelhas se erguem, surpresa. Por um segundo, vejo-a vacilar, mas então ela retoma sua postura e me lança um olhar de superioridade.

— O que foi, o riquinho chutou você? — pergunta com um grande sorriso.

— Não, ele se casou comigo — respondo.

Ela solta uma gargalhada alta.

— Até parece. — Minha mãe se vira de frente para mim.

Vejo Kenzie na porta e ela arregala seus olhos quando me vê, logo atrás dela, meu pai aparece. Há uma lata de cerveja em sua mão e isso me faz querer vomitar. Tenho nojo das lembranças que isso me traz. A repulsa que sentia ao saber que o encontraria sentado no sofá depois de um turno cansativo no trabalho.

— Bethhhh! — Minha irmã corre em minha direção.

A mão de minha mãe a puxa pelo braço no meio do caminho e seu corpo é parado bruscamente. Ouço a risada do meu pai.

— Se casou com ele? — pergunta, não há expressão em seu rosto.

— O quê? Você se casou? — Kenzie pergunta.

Sorrio para ela.

— Ela está blefando — minha mãe responde. — Eu não sou a única louca aqui.

Sinto raiva da forma como ela fala da própria doença, mas sei que está sendo irônica. De qualquer forma, nunca tratei sua bipolaridade como loucura, em vez disso, sempre busquei um tratamento adequado, além de muitas consultas e acompanhamento médico.

Mostro minha mão, a aliança brilha contra a luz do sol.

— Você se casou com o... — Kenzie pergunta com cautela. — Tales?

Abro um sorriso ainda maior para ela. Não estou aqui para provocar ninguém, mas sinto que preciso passar segurança a ela.

— Sim. Eu me casei com ele.

Meu pai rosna, atrás dela.

— Um Jackson. — Ele aponta a lata em minha direção. — Eu achei que os Jackson nunca se casassem com suas *putas*.

Suas palavras embrulham meu estômago.

— Não fale palavrão na frente da sua filha! — eu o repreendo.

— Minha filha — repete. — Vocês podem ir todas para o inferno — murmura, então entorna sua cerveja e joga a lata nos pés da minha mãe.

Ela está imóvel, ainda sem reação quando meu pai entra.

— Me deixe abraçar minha irmã — peço. — Por favor.

Observo sua mão pressionar a pele de Kenzie com força.

— Eu estou aqui porque quero o melhor pra ela — insisto. — Você foi ao médico? Conseguiu outra receita?

Ela assente. Encaro Mackenzie e ela concorda também, comprovando. Sinto um peso enorme sair das minhas costas porque tenho uma coisa a menos para me preocupar agora.

— Eu vendi um quadro antes mesmo dele estar pronto — ela responde, orgulhosa de si. — Consegui pagar a consulta médica e os remédios para o próximo mês.

O fato dela estar confessando isso agora me deixa satisfeita, mas sei que leva algum tempo até eles voltarem a fazer efeito.

— Você não precisa desse inútil. — Aponto para a casa. — Vamos dar o fora daqui, vamos dar um jeito, começar do zero.

— Você sabe que eu o amo — ela diz.

— Ama? Como consegue amar um homem que chama sua filha de *puta*?

— Minha filha? — ela dá uma risada sem humor. — Ele não chamou *você* de puta.

— Como que não? Você não ouviu? É surda? Como consegue tapar seus olhos e ouvidos para isso? — pergunto, indignada.

— É melhor você ir — ela diz.

Os ombros de Kenzie caem em derrota e, antes que ela possa reagir, minha irmã escapa do seu aperto e corre até mim, se jogando em meus braços.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida — ela sussurra em meus ouvidos.

— Tudo vai melhorar — digo de volta. — Eu prometo.

— Eu sei... Eu acredito agora.

The background of the chapter title is a decorative collage. It includes several playing cards (aces of hearts and spades, a queen of hearts, a king of spades, and a queen of spades), two dice, and a silhouette of a couple. There are also small icons of a ring and a flower. The text 'Capítulo 28' is written in a large, black, cursive font in the center of the collage.

Capítulo 28

No caminho de volta para a casa, passo na oficina e negocio meu carro a um valor bom para ambas as partes, em seguida, chamo um motorista de aplicativo que me deixa em um caixa eletrônico no qual posso depositar o cheque. O dinheiro estará em minha conta no mais tardar, na segunda, então poderia ir até o bar à noite e entregá-lo ao Barnett.

Também preciso acertar minha situação no bar, disse a ele que não dançaria de forma alguma, mas se não tiver um emprego, como vou pagar minhas contas? Além disso, mesmo que eu não esteja vivendo na casa dos meus pais, precisarei checar se as contas estão sendo pagas.

Gasto todo o pouco dinheiro que tenho com outro motorista até a mansão. Recusei a carona de Tales porque quero dar espaço a ele, desde o dia em que voltamos a nos falar, ele não tem feito nada além de me ajudar, por isso, acho que precisa de um tempo para ele. Não quero que suas decisões sejam precipitadas, quero que tenha a chance de pensar sobre elas.

Quando o carro para na frente dos amplos portões, meu coração parece agitado e me pergunto o motivo de estar tão nervosa apenas por saber que o verei em poucos segundos, depois de passar tanto tempo com ele. Conhecendo-o há tantos anos, é isso que acontece quando estamos juntos e é exatamente por isso que não funcionamos como amigos.

Porque meu coração sempre me trai.

Abro a porta da frente e deixo meus sapatos na entrada, penduro minha bolsa no gancho ao lado das chaves e encaro a televisão ligada. Há um jogo dos *Patriots*^[15] passando, mas o volume está baixo. A bunda do *quarterback* aparece quase em tamanho real na tela gigante e lembro das fotos de TJ de uniforme, ou quando ele vestiu um uniforme antigo apenas para que eu pudesse ver como ficava.

Sorrio.

Ainda uso meu vibrador pensando nele naquela calça.

Não há ninguém no sofá, nem em qualquer outro cômodo da casa, então pego uma muda de roupa no closet do TJ e entro no chuveiro, que começa a tocar assim que eu o ligo, mas dessa vez eu sei como desligá-lo, então o faço. Não quero nenhum som além dos meus pensamentos agora.

Uma parte minha se sente muito melhor por saber que minha mãe voltou a tomar os remédios e que consegui a grana para pagar o Barnett. No entanto, preciso me concentrar em sair para procurar um emprego amanhã e sexta, para que eu possa recusar oficialmente a mudança de cargo como dançarina.

Eu não quero dançar.

Nada contra quem o faz para ganhar a vida. Ou quem o faz por amor. Mas não sou essa pessoa, não gosto de ser observada, não gosto de chamar atenção, às vezes até mesmo gostaria de usar um pseudônimo para que meus leitores não relacionassem meu rosto ao que eu escrevo, porque sou assim, essa sou eu.

Além disso, não duvido que ele possa estar metido com prostituição, quem é que vai saber? Não quero ficar e descobrir, não quero meu nome atribuído ou metido em algo polêmico. Quero ser uma escritora de romances e o mais importante, quero a guarda de Mackenzie.

Então é isso, procurar um emprego, encontrar um emprego, dizer não a Barnett. Procurar um advogado. Encontrar um advogado, conseguir a

guarda de Kenzie. Eu agradeceria se fosse tão simples assim. Mas, e depois que eu conseguir tudo isso? Quando tiver Mackenzie? Eu me separo de Tales? Eu arrumo um lugar para viver com ela? Porque, definitivamente, não poderemos ficar casados para o resto de nossas vidas.

Depois de lavar os cabelos, desligo o chuveiro e visto minha camisa larga. Me pego sorrindo ao lembrar de TJ perguntando se era de algum cara. Sim, ela era mesmo, no passado, um sexo casual ruim pra cacete. Pelo menos rendeu uma camisa, já que não me rendeu um orgasmo.

Desço as escadas em direção à sala e encontro Tales deitado no sofá, ele está de banho tomado, seus cabelos estão molhados e espalhados por toda parte e ele usa apenas boxer e meias brancas. É tentador demais, tirando a parte das meias, claro, mas não posso dizer que Tales está fazendo isso porque quer me provocar.

Porque ele passa a maior parte do tempo sem roupas.

Seu peito sobe e desce em um ritmo lento, o volume da televisão está alto, por isso encontro o controle remoto e abaixo. Pego a manta dobrada sobre a poltrona e o cubro. Tales se mexe quando me sento ao seu lado, mas não acorda. Ele coloca sua mão para cima e, quando sente minha perna, ele desliza, colocando sua cabeça sobre minhas coxas.

Meu coração bate tão rápido que aquece meu corpo inteiro, minhas bochechas estão fervendo agora e me pergunto como posso me sentir assim depois de já ter beijado ele, transado com ele, *casado* com ele. Depois de conhecê-lo tão bem da forma como o conheço.

Encaro seu rosto, não sei o que fazer com as minhas mãos.

Quero tocá-lo, traçar cada centímetro, memorizar cada detalhe – não que eu não o tenha feito antes, não me importo com o que está passando na televisão agora, posso ver *Julian Edelman*^[16] tirando seu uniforme ao vivo que não me importo. Posso enfiar a mão entre os cabelos dele?

Não seria estranho? Pareceria que eu estou tentando fazer da gente um casal? Será que ele acharia que eu acho que estamos realmente casados?

Quer dizer, nós estamos, mas... por que tudo agora parece estranho? Eu não quero que ele ache que estou forçando-o a estar comigo de verdade. É tão confuso e estou pensando tanto sobre isso que, quando me dou conta, minhas mãos estão erguidas no ar.

Respiro fundo.

Vou fazer isso, amigos se tocam o tempo inteiro, casado comigo ou não, ele sempre passou seu braço sobre os meus ombros e caminhou ao meu lado. Mesmo nos momentos em que ele era mais infantil e imaturo, até hoje, um homem formado e tão diferente e mudado desde a última vez, quando decidimos nos afastar.

Enfio uma mão em seu cabelo, empurrando os fios para trás. Corro o polegar sobre suas sobrancelhas, depois sobre nariz mais bonito que já vi, ele tem o formato certo. Talvez porque é dele, eu não sei, tudo parece perfeito demais. Sua pele é tão lisa e perfeita. Não há cicatrizes, manchas, nem mesmo um maldito sinal. Quem em nome de Deus tem uma pele tão bonita como essa? Corro o dedo sobre seus lábios.

Eu estava me perguntando se era uma boa ideia tocar seus cabelos, e cá estou eu, contornando os lábios. Traço o formato, é carnudo e *beijável* pra cacete, é uma boca que eu gostaria de beijar o tempo inteiro.

Mas no que estou pensando?

Preciso parar, sair daqui, mas não consigo.

Não consigo parar de olhar para ele.

Seus olhos se abrem e ele encara os meus imediatamente, é como se ele soubesse exatamente onde estão. Paro de mover minha mão, minha respiração se perde, meu coração erra as batidas, minhas bochechas esquentam. Ele estava realmente dormindo? Algo me diz que não. Não digo nada, porque não sei exatamente o que dizer agora.

Puxo minha mão para fora, mas ele ergue seu braço e puxa o meu em sua direção, então coloca minha mão sobre seu rosto novamente e meu coração se aquece com isso. TJ vira de lado, ficando com o rosto colado em

minha barriga, ele a beija, fecha os olhos, enquanto eu volto a mexer em seus cabelos.

— Como Mackz está?

E é exatamente por isso que ele é a pessoa mais fácil de amar que existe no mundo.

— Eu não sei, decidi entrar pela porta da frente. Só que nem consegui chegar na metade do caminho.

Ele abre os olhos e se ajeita, se movendo a uma distância boa para poder me encarar.

— Você chegou a vê-la?

— Pude dar um abraço nela quando se esgueirou do aperto das mãos de nossa mãe.

Ele solta um suspiro alto.

— Eu sinto muito.

Continuo movendo meus dedos em seus cabelos.

— Tudo bem.

— Mas você acha que ela está bem?

Deixo escapar um riso sem humor.

— Olha pra mim, Tales, você acha que sou alguém que “está bem”? Mackenzie pode estar fisicamente saudável, o que acredito que nem isso está, mas ela nunca ficará mentalmente bem.

— Eu sinto muito.

— Eu sei. — Encaro minhas mãos entre seus cabelos, a intimidade que eu amo. — É só que... — fecho os olhos — são tantas coisas nas quais

devo me concentrar agora...

Ele sabe que isso o inclui.

— Você precisa focar no que é mais importante, em Kenzie.

— Sim, eu sei. Podemos começar procurando por um advogado na segunda.

— Eu já o fiz assim que pousamos.

Abro meus olhos.

— Eu só terei parte do dinheiro na segunda... — Penso no cheque que tenho para compensar e que usarei parte para pagar Barnett e outra para contratar um advogado.

— Não se preoc...

— Eu não posso aceitar, Tales. Isso é demais, eu não...

— Ele é irmão do meu pai. Ele fará isso brincando, é algo simples para alguém como ele.

Solto um longo suspiro.

— Minha mãe vai enlouquecer. — Sinto lágrimas queimarem meus olhos. — Não era o que eu queria. Eu queria nós três em uma casa.

— Isso não vai acontecer enquanto ela ficar largando os remédios o tempo inteiro e agindo como age.

— É a bipolaridade... — murmuro.

— Eu sei — garante. — Mas o fato dela aceitar seu pai agredir vocês duas não tem nada a ver com isso.

Eu o encaro.

— Como não?

— Isso tem a ver com o ser humano que ela é, Beth, eu li muito sobre isso nos últimos anos.

— Você leu? — Afasto minhas mãos dele. — Por quê? Por que você leu sobre isso, Tales?

Sinto que estou começando a perder o controle. Ele se senta ao meu lado, virando para mim.

— Por que eu queria entender — responde, pacientemente.

— Por mim? Por que parte sua teme que eu tenha o mesmo transtorno? Você acha que sou bipolar?

Seus ombros vacilam.

— Acha que todas as vezes que cedi a você e depois me afastei tem a ver com bipolaridade? — continuo.

— Por um momento, eu achei que sim — responde, com firmeza.

Há maturidade em suas palavras.

— Por quê?

— Do nada você se afastava. — Ele dá de ombros. — Você me dava tudo e, então, sumia e me deixava sem nada.

— Você era um cara de vinte e um anos que queria uma vida normal, Tales. Eu não sumia por causa da minha mente... Quer dizer, de certa forma sim, porque eu repassava nosso relacionamento na minha cabeça o dia inteiro... mas não era isso que fazia eu me afastar de você.

— O que então?

— Era a necessidade que você tinha de estar com alguém e eu não podia ser essa pessoa.

— Você sempre foi a única pessoa que eu queria estar — ele admite e meu coração erra as batidas.

— E quando eu tinha que fazer turnos dobrados? Eu mal podia responder às suas mensagens...

— Eu ia até você no bar — ele murmura.

— Com um monte de garotos e garotas. Garotas que faziam de tudo para estarem em sua cama. — Passo a mão no rosto. — Elas não tiravam as mãos de você.

— Isso não é verdade — responde, mas sei que é da boca para fora.

— Você sabe que é. — Dou de ombros. — Elas eram pessoas solteiras que podiam dar o que você queria na hora que queria. Eu não podia competir com isso.

— Você não precisava competir com ninguém.

— Ah, é? Foi por isso que você terminou com uma garota na sua cama? Porque não precisava de ninguém além de mim? — Me levanto.

Estou tão brava agora que meu rosto inteiro está em chamas. Odeio falar sobre o passado, sobre tudo o que fizemos um ao outro.

— Você me deu um fora — ele se defendeu.

— E você não esperou duas horas para enterrar seu pau em alguém.

Ele fica de pé, então olha para baixo, me encarando.

— Eu estava realmente mal, Elizabeth, você sabe que sim.

Sim, eu sei que sim. Ele me amava, eu não dava a ele o que queria. Não tinha tempo para nós, para ele, não tinha ânimo e nem tentava mudar. Minhas preocupações eram sempre as mesmas, as mesmas de hoje inclusive, e elas sempre me fizeram tomar más decisões. Escolhê-las em primeiro

lugar. Além disso, ele não podia me ajudar porque eu omitia, não contava quase nada a TJ sobre minha vida.

— Meu pai odeia sua família. Eu não podia estar com você ou eu perdia a Kenzie.

— Do que diabos você tá falando?

— Meu pai trabalhou nessa casa há alguns anos — começo. — Ele trabalhou por um longo tempo, então, do nada, seu pai o demitiu, no momento em que nós mais precisávamos de dinheiro.

— Você tem certeza? — Há muita confusão em seu rosto.

— Minha mãe estava grávida quando ele foi demitido. Eu não sei explicar, ela perdeu o controle de sua mente depois disso.

Ele abre a boca para dizer algo, mas então a fecha.

— Eu nunca quis dizer isso a você porque eu sabia que parte sua se sentiria culpada por minha situação e eu não queria que tudo o que você fazia por mim, fosse algum tipo de culpa ou sei lá o quê.

— Eu não fazia ideia.

— Eu sei. — Sorrio. — Por isso sei que tudo o que fez por mim foi porque você é essa pessoa... *incrível* que é.

— E porque eu amo você — ele diz, casualmente, como se essas palavras não tivessem o poder de afetar a forma como meu coração bate.

E ele está batendo muito rápido agora.

— Que ano foi isso? — pergunta.

— Dois mil e doze.

— Eu tinha dezesseis, mas não me lembro do seu pai por aqui.

— Você deveria estar trancado no quarto sujando suas meias.

— Eu tinha uma caixa de lenços — ele solta um pequeno riso. — Uma caixa com cem lenços por semana. Eu tocava muita punheta.

É a primeira vez que eu sorrio. Seus ombros balançam quando ele deixa escapar uma risada.

— Eu ainda faço muito isso, se é isso que está se perguntando. — Ele cutuca minha cabeça com o indicador.

— Oh, por favor, eu não quero saber.

— Espera... — ele muda sua expressão. — 2012? Foi o ano em que minha mãe... foi quando ela faleceu. Meu pai não estava bem naquela época.

Ergo minhas sobrancelhas.

— Eu sinto muito.

Ele sorri de forma genuína.

— Eu sei. — Tales olha para os pés. Sei que ele não gosta de falar sobre ela.

— De qualquer forma... É isso. — Dou de ombros. — Minha família odeia a sua. Não sei quais foram os motivos do seu pai, mas sei que provavelmente ele deve ter um. Meu pai é uma pessoa ruim agora e não era diferente naquela época.

— Posso perguntar a ele se você quiser.

— Não! — Me apresso. — Eu não quero que ele pense que est... — Coloco a mão sobre a boca. — Você vai contar a ele sobre nós? Quer dizer... Você é um homem casado agora. E seus irmãos? E aonde eu vou dormir? E... Meu Deus... eu...

Seus olhos caem sobre minha camiseta e ele estreita os olhos por um momento, Tales se inclina sobre o sofá, pega uma camiseta dele, então a

empurra contra o meu peito.

— Vamos conversar, mas primeiro você vai trocar isso.

— O quê? Por quê? — indago, confusa.

— Porque mulher minha não usa camiseta de outro homem.



Nos últimos cinco dias, enrolei Tales o máximo que pude com relação ao meu emprego. Ele acha que o Coyotes está apenas em reformas, mas não sabe realmente o que irá acontecer lá. Não faz ideia de que Barnett está movendo nossos traseiros para o palco, e até eu tomar uma decisão definitiva, não contarei isso a ele.

Minha resposta até um tempo atrás era um grande não. No entanto, a falta de oportunidade em arrumar outro emprego, acabou me fazendo mudar de ideia. Eu não tinha muitas opções além dessa e estar em casa esperando um emprego bater em minha porta era um luxo que não podia me dar.

Por isso, por ter a responsabilidade com Kenzie, enfio meu celular em minha bolsa e digo para mim mesma que essa é a melhor decisão a ser tomada. Estou fazendo isso por ela, apenas ela. Vou me ajoelhar aos pés de Barnett e pedir a ele qualquer outro tipo de emprego, vou contar a ele sobre minha irmã e talvez, se eu me humilhar um pouco, posso ter sua compaixão.

Se ele tiver um coração em algum lugar.

— Shakespeare? — Tales grita quando estou na porta.

Ele usa um terno agora e isso me lembra o nosso casamento.

— O que faz tão cedo em casa? — pergunto, correndo meus olhos sobre ele, a forma como parece tão mais velho com aquelas roupas.

Alguém tão diferente de um ano e meio atrás.

— Eu estou voando para Nova Iorque, temos uma reunião pela noite e outra pela manhã.

Algo dentro de mim murcha ao saber que ele não estará em casa esta noite.

— Quando você volta?

— Amanhã, se tudo ocorrer como o planejado.

Dou um pequeno sorriso, já estou ansiosa por esse momento.

— Tudo bem. Tenha um bom voo. — Dou um passo à frente e o envolvo em um abraço.

Percebo que ele não esperava por isso quando seus músculos se contraem, mas é preciso de apenas dois segundos para que ele se acomode em meus braços.

— Eu estarei em casa em breve.

A forma como pronuncia as palavras me faz parecer realmente a esposa de alguém.

— Aguardarei ansiosa. — Me afasto.

— Mesmo? — ele prolonga a conversa e isso me pega desprevenida.

— Não seja presunçoso. — Dou um tapa em seu ombro.

Tales abre um sorriso enorme que alcança seus olhos. Um dia parece uma eternidade agora e me pergunto como pude sobreviver ao último ano.

— Eu não posso evitar.

— Tudo bem, eu sabia que era assim quando decidi me casar com você.

— Agora não há mais volta, *baby*.

Por que parece que meus pés estão pregados no chão?

— Eu preciso ir — afirmo.

— Eu te levo. — Tales ergue um braço para pôr sobre mim, mas eu o dispenso.

— Não, eu tô bem, além disso, há algumas coisas que preciso fazer primeiro.

— Eu posso fazer isso com você.

— Não, está tudo bem.

Tudo o que menos quero é Tales perto do Coyotes. O bar provavelmente já deve ter outra fachada com outro nome agora e me pergunto o quão indecente pode ser. Não quero que ele veja comigo, preciso assimilar minha situação sozinha, absorver tudo com calma, tomar minhas decisões antes que eu o envolva nisso.

— Tá me traindo ou algo assim? — brinca.

No entanto, há um fundo de verdade na pergunta. Posso ver que parte dele se pergunta se estou indo ver outro cara, então simplesmente deixo as palavras escaparem:

— Alguém que tiver você nunca vai precisar de outro cara, TJ.

Ele parece realmente abalado, assim como eu. Certamente não pretendia estar confundindo sua cabeça, mas tem se tornado mais difícil a cada dia não estar apaixonada por ele.

— Você tem a mim — ele murmura.

E de repente, há uma pedra sobre meu estômago. Não sei realmente o que isso quer dizer, porque pode significar que ele está sendo fiel ao nosso falso casamento e que está disposto a torná-lo real ou que está apenas entrando no jogo de falso marido.

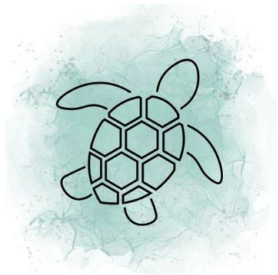
— Eu preciso ir. — Meus joelhos vacilam.

Ele encara meus lábios entreabertos.

— Então vá logo ou vou acabar beijando você.

Quero dar outro passo em sua direção e sentir seus lábios contra os meus, quero me jogar em seu colo e gritar que o amo do tamanho do mundo e quero pedir a ele para nunca mais me soltar, mas, em vez disso, forço meus passos para longe dele e peço baixinho para que eu esteja tomando a decisão certa.

Com relação a tudo.



Tem uma hora que estou no antigo Coyotes, ele agora possui outro nome. Há poltronas vermelhas em formato de C que ocupa cada canto do local, na frente há uma mesa de madeira robusta e basicamente, todas permitem que os convidados tenham acesso ao palco principal.

Além disso, há grandes gaiolas suspensas no teto onde terá algumas garotas dançando. Me pergunto que tipo de prostíbulo isso se tornou, mas não quero ser preconceituosa, nem julgar as meninas que estão caminhando de um lado para o outro ansiosas para o show de abertura.

Rox tem suas unhas pintadas de roxo e me pergunto como ela sabia a cor da roupa que usaria hoje. Parte minha pensa que talvez esteja tendo

contato com Barnett e isso me assusta. Aparentemente há algo acontecendo entre eles, porque seus olhos não o deixam por um segundo e, surpreendentemente, ele não para de encará-la também.

— O que você está fazendo com ele, Roxy? — pergunto baixinho a ela.

Seus olhos encaram seus pés, calçados por sandálias de salto alto.

— Eu não sei — murmura. — Mas nada aconteceu.

— Mesmo? — insisto.

Ela assente.

— De qualquer forma, parece prestes a acontecer — digo.

Roxy encara Barnett outra vez. Ele é realmente bonito, embora um pouco mais velho, no entanto, não é o tipo de pessoa que ela deveria estar envolvida.

— Eu me sinto muito envergonhada por isso, sei quem ele é, você já me falou sobre ele, sobre aquela noite no estacionamento.

Eu concordo, deixando um suspiro escapar.

— Não quero que você se machuque.

O sorriso que Roxy dá corta o meu coração.

— Eu já estou machucada, Beth, não há forma disso piorar. — Sua unha roxa toca sobre seu coração e sinto vontade de chorar por ela.

— Acredite, sempre há.

— Eu sei que os lobos se vestem de cordeiros, mas há algo, quando estamos sozinhos, que não condiz com o que você diz sobre ele.

Eu entendo, sou uma escritora e, em todos os livros que leio, dificilmente não escolho o vilão. Eles têm algo que nos faz querer mudá-los. Eu sou o tipo de mocinha que gosta dos garotos que precisam ser salvos. Eles são as melhores histórias que nós poderíamos contar.

— Só tenha cuidado. Acho que você já é grandinha o bastante para saber o que quer e para se cuidar sozinha.

Ela dá um pequeno sorriso.

— De qualquer forma, não é nada além de olhar. — Ela dá de ombros.

— Tales e eu também costumávamos nos olhar bastante.

— E nem posso acreditar que você foi realmente a Vegas. — Ela pega minha mão e encara meu anel com um largo sorriso.

— Elizabeth — Barnett chama minha atenção. — Eu estou livre agora. — E com isso, ele entra no escritório.

— Eu vou lá conversar com ele — afirmo.

— E o que decidiu? — pergunta.

— Eu não sei.

Eu me afasto, estou tranquila com isso. Não é algo que quero, mas quanto mais tempo passo aqui, menos sei realmente o que quero ou devo fazer. Entro no escritório. Barnett me encara atrás de sua mesa. Sua cadeira é luxuosa e grande o bastante para que o engula. Ele aponta para que eu me sente.

— Eu preciso lhe entregar isso. — Dou a ele um bolo de dinheiro.

— Como conseguiu isso? — pergunta.

— Eu vendi o meu carro.

Seu suspiro me pega desprevenida.

— Você poderia pagar trabalhando aqui. As pessoas cometem erros se desfazendo de suas coisas.

— Eu mal podia pagar pelo conserto, de qualquer forma.

Apoio minhas costas no encosto atrás de mim.

— Sabe. — Ele inclina seu corpo para a frente. — Você me ligou aquele dia e disse o que eu deveria ou não fazer, isso realmente me irritou. Eu não podia simplesmente aceitar a forma como falou comigo. Eu não posso baixar a guarda ou ninguém nunca irá pagar o que me deve.

Suas palavras me deixam ansiosa demais. O que é isso? Uma explicação?

— Você é muito parecida comigo, Beth.

— Não, eu não sou. — Me inclino sobre a mesa. — Eu não preciso ameaçar ninguém para conseguir o que quero.

— Mas você *sabe o que quer*. É nisso que nos parecemos tanto.

— Você usou o nome da minha irmã. — As palavras deixam um gosto amargo em minha boca.

— Eu nunca a machucaria, apenas estava me divertindo um pouco com você.

— Não é divertido quando se está do outro lado — afirmo. — Você não tem noção do que é ter a minha vida.

Ele solta um suspiro pesado.

— E você sabe algo da minha? — Barnett se joga para trás. — As pessoas são moldadas pelas consequências de suas decisões e cada uma delas levam você a um determinado caminho.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que você só precisa tomar as decisões certas para estar no lugar certo.

— E era aqui que você queria estar? Foi por isso que chegou até aqui?

Um sorriso estranho se forma em seus lábios.

— Não. Eu cheguei exatamente aqui por fazer o contrário. — Ele se levanta e empurra o dinheiro em minha direção. — Eu fiz apenas escolhas erradas na minha vida.

— Eu não quero o dinheiro de volta. Isso é a coisa certa a se fazer e, se você quiser receber da próxima vez, não empreste mais dinheiro a minha mãe. Ela não tem o controle de sua mente, tampouco dinheiro ou alguma forma pra pagar você.

Ele assente.

— Você está tentando outra vez me dizer o que fazer? — Seu tom de voz sai brevemente ameaçador.

— Sim, eu estou.

Ele dá um pequeno sorriso.

— Você é uma boa garota, eu gostaria realmente de ter você aqui.

Ergo minhas sobrancelhas.

— Eu não quero estar mexendo minha bunda dentro de algo que mal a cobre, Barnett, mas eu posso fazer qualquer outra coisa. Posso limpar as privadas, se for isso que você me der.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Prefere limpar a merda de homens ricos a dançar para uma dúzia deles?

Assinto.

— Uau. — Ele joga a grana dentro de uma gaveta e então a chaveia.
— Todas as vagas estão ocupadas agora. Não tenho como voltar atrás com seus contratos.

Sinto o peso da realidade me acertar.

— Posso entrar em contato com você, caso alguém dê pra trás?

Confirmo.

— Eu ficaria muito agradecida se o fizesse.

— Tudo bem... — Me viro para deixar o escritório.

— Tente uma única vez, talvez não seja o monstro de sete cabeças que acha que é.

Isso me faz pensar.

— Não acho que eu mudaria de ideia.

— Você só vai saber se tentar.



Não há nenhuma coreografia específica, em vez disso, Barnett me pede para dançar sobre um círculo suspenso na altura do palco, ele fica um pouco ao lado do bar e posso descer dele com facilidade se quiser. Isso me tranquiliza. Estou nervosa, não posso negar. Odeio exposição e agora estou seminua e encarando dezenas de homens engravatados.

Parece indecente as formas como alguns deles me encaram. É nítido que estão me julgando agora, o quanto pensam que estou disposta a ocupar suas camas. É nojento, porque essa não sou eu. Não é isso que quero, e sequer preciso fazer um único movimento para saber disso.

Minha falta de roupas me deixa desconfortável, mas tento parecer segura quando olho para o chão e tento calcular a pouca altura, que agora, de salto, não parece tão pouca assim. Estou usando um short de lycra tão pequeno quanto uma calcinha confortável e um top que cobre apenas meus seios.

Encaro Roxy, que remexe seus quadris acompanhando a música, então encaro Barnett na porta do escritório e me pego surpresa ao encontrá-lo encarando ela. Não há nenhuma expressão em seu rosto e me pergunto se está gostando ou alguma parte dentro dele está com ciúmes dela. Isso me deixa intrigada, mas empurro os pensamentos porque não é da minha conta.

Me inclino para abrir o fecho da minha sandália e a retiro, então, quando estou prestes a pular, eu o vejo. Meu pulso acelera, meu estômago se contorce e me sinto enjoada. Tales está passando pela porta e sequer tenho tempo de cair fora, porque, imediatamente, seus olhos caem sobre mim. Há dezenas de pessoas aqui, mas ele me viu primeiro que qualquer uma delas.

Posso ver diferentes reações sobre seu rosto, a primeira delas é surpresa, mas, em poucos segundos, sou capaz de perceber o quanto ele parece bravo. Pulo de onde estou, ouço alguns assovios e alguém toca o meu cabelo. Tales caminha em minha direção como um leão prestes a atacar sua presa e me apavoro com medo do que se passa em sua cabeça agora.

Alguém puxa de leve meu cabelo e murmura algo obsceno em meu ouvido, mas não presto atenção no que é. De qualquer forma, não tenho tempo para isso, Tales está em cima dele. Seus braços o prendem pelo colarinho e ele empurra o corpo do homem sobre o balcão.

Alguns copos quebram ao cair no chão. As pessoas se agitam e Barnett grita algo em nossa direção. O cara diz algo para Tales, mas ele o cabeceia no nariz, como um animal. Isso me lembra a quantidade de brigas em que já entrou neste mesmo lugar. Puxo-o pelo braço em direção à rua antes mesmo que o segurança possa chegar até nós.

Aceno para Barnett avisando que já estou lidando com ele e quando o vento sopra meu rosto, no estacionamento, me pergunto o que diabos eu fiz. No que eu estava pensando. No entanto, outra parte minha está furiosa por essa reação, porque Tales é casado comigo, mesmo que pelos motivos errados, mas isso não dá a ele o direito de pensar que sou sua propriedade.

— O que porra você pensa que está fazendo? — ele grita.

Há sangue em seu rosto, mas sei que não é o dele.

— Não grite comigo — peço, mantendo meu tom de voz controlado.

— Um caralho! — Ele passa o antebraço sobre o rosto e respira fundo, várias vezes tentando se controlar. — O que diabos são essas roupas? — pergunta. — Você é algum tipo de prostituta agora?

Abro minha boca, mas não sou capaz de dizer nada.

— Puta merda... — Ele se inclina, colocando as mãos sobre os joelhos.

— Primeiro. — Eu dou um passo à frente. — Nunca mais fale comigo dessa forma — o alerta.

Seus olhos encontram os meus, ele parece arrependido pelas palavras, sabe que ultrapassou os limites.

— Eu sinto muito.

Meu coração amolece.

— Tudo bem, apenas não o faça mais.

Tales toma sua postura, então encara o céu, respirando fundo outra vez.

— Você despertou o inferno fora de mim. — Ele tira seu paletó e coloca sobre os meus ombros. — O que diabos é tudo isso? O que aconteceu com o Coyotes? Isso parece um prostíbulo.

Passo os olhos sobre o estacionamento, procurando seu carro.

— O que você tá fazendo aqui? — pergunto.

— Você esqueceu suas chaves.

— Oh...

— Er... — Ele desvia o olhar. — O que você está fazendo, Elizabeth?

Aponto para o seu carro.

— Podemos falar lá dentro?

Ele assente e eu o agradeço. Uma vez dentro do carro, sob as películas escuras que nos protegem de olhares acusadores e curiosos, eu

começo.

— Barnett é agiota — começo. — Há algum tempo, quando minha mãe largou os remédios e perdeu o controle, ela pegou uma grana com ele. Não somente com ele, mas, enfim, eu levei muito tempo para pagar. Só Deus sabe como alguém como ele sabe persuadir uma pessoa.

Tales suspira baixinho, ainda posso senti-lo tenso.

— Agora, quando minha mãe largou os remédios outra vez, a primeira coisa que fez novamente foi contatar Barnett. Foi por isso que brigamos, que saí de casa. O dinheiro que Kenzie pegou dela era do agiota, ela pegou de volta para que eu pudesse devolver o que ainda tínhamos. A dívida e os juros seriam menores para eu pagar.

— Você não tinha que pagar por isso — esbraveja.

— Claro que eu tinha. Ele já havia estado dentro da minha casa, conhecia Kenzie, eu temia por ela. — Me viro para ele. — Eu vendi o meu carro assim que chegamos de Vegas. Ele estava na oficina há muito tempo, e como eu ainda pago por alguns empréstimos que minha mãe tirou no meu nome da outra vez, eu não tive como pagar pelo conserto.

— Porra, você mentiu pra mim, Beth! Você disse que não tinha mais o carro há muito tempo. Eu poderia ajudar você.

— Eu não sou sua caridade, Tales, você não tem que abrir sua carteira para mim toda vez que estou com problemas. Não é por isso que eu... — Engulo as palavras. — Enfim... — suspiro. — Me desculpe por mentir pra você.

Ele assente.

— E o que toda essa merda hoje tem a ver?

— Benny vendeu o bar pra ele.

— Quando? — pergunta, pensativo.

— No dia que decidi sobre Vegas.

Seus olhos encontram os meus.

— Foi por isso então que você aceitou? — Ele parece um pouco chateado.

— Ele disse que eu tinha até segunda para dar uma resposta sobre minha nova função aqui. — Aponto para as minhas roupas.

— Era dançar ou nada? — Tales pergunta.

Eu confirmo.

— Eu recusei imediatamente, vendi meu carro e lhei o que devia antes do prazo porque tinha certeza de que não faria isso.

— Mas você fez?

Nego.

— Ele pediu uma única chance, disse que talvez eu pudesse mudar de ideia. Eu subi no pequeno palco, mas, quando olhei para baixo, eu não pude fazê-lo. — Passo a mão sobre o meu rosto. — Eu estava tirando os sapatos para pular quando você chegou.

— Você sabe que eu sou mente aberta sobre essas coisas...

— Sim, eu sei — confirmo.

— Mas eu levei a porra de um susto. Você não me avisou sobre isso, e não é dessa forma que quero que façamos. Você precisa ser sincera comigo sobre tudo.

— Eu sei. — Desvio o olhar. — Mas não é fácil pra mim passar uma vida inteira resolvendo um problema enquanto me enfio em outro. É cansativo, vergonhoso. Eu não quero o seu dinheiro.

— Não tem nada de vergonhoso no que você faz. Pensar sempre em alguém em primeiro lugar e tomar todas as suas decisões baseadas no que é melhor para essa pessoa é motivo de orgulho, não de vergonha. O que você faz por Mackz é a coisa mais bonita que eu já vi.

As lágrimas presas começam a cair sobre minhas bochechas e eu desvio o olhar, inclinando meu rosto para o lado. Ele sabe muito bem que odeio chorar na frente dos outros.

— Eu estou cansada dessa merda — murmuro.

— Eu sei. — Ele estica o braço e junta uma lágrima com o polegar.

— Por isso nos casamos, porque eu quero tomar conta de você.

Encaro-o.

— Você não cansa? — pergunto. — De tentar me ajudar enquanto eu me afundo cada vez mais?

Tales dá um pequeno sorriso, encarando meus lábios.

— Se tem uma coisa na vida que eu tenho absoluta certeza, Beth, é que eu nunca vou me cansar de você.

Mordo meus lábios, é exaustivo tentar resistir a ele.

— Vamos dar o fora daqui, eu tô atrasado, meu voo é em menos de uma hora.

Ele liga o motor, peço um minuto para que possa pegar minha bolsa, mas ele diz que vai até lá. Admiro sua coragem, depois do que ele fez lá dentro, mas sei que isso não é problema para nenhum Jackson. Ele estaria pronto para outra briga por muito menos. Vejo o segurança o barrar na porta, mas dois minutos depois, Roxy entrega minhas coisas a ele.

Tales caminha até o carro, abre a porta de trás e joga as coisas sobre o banco, então ele se senta ao meu lado e me encara. Há conflito em seu

rosto e eu me pergunto o motivo. Ele dá vida ao motor, mas antes de acelerar, ele pergunta:

— Você vai voltar?

— Eu preciso de um emprego, e antes que diga que vai me ajudar financeiramente, quero que saiba como me sinto em relação a isso.

Tales assente.

— Você tem sua dívida com ele paga agora. Não volte pra essa merda, vou tentar ajudar você a encontrar algo.

Eu relaxo no banco.

— Tudo bem — assinto.

Ele parece realmente aliviado.

— Vamos fazer isso funcionar. Vamos encontrar algo, vamos conseguir Mackz e vamos ficar bem. Tudo bem? — Ele me encara uma última vez.

— Obrigada — murmuro.

— Eu que agradeço. — Tales acelera, há um pequeno sorriso em seu rosto. — Só Deus sabe como minha vida estava tediosa até que você chegou.

Não posso evitar sorrir com suas palavras, porque ele é o único dos irmãos que consegue se beneficiar de um momento de merda.



Capítulo 31

A casa está vazia, por isso verifico se tudo está trancado antes de ir tomar um banho. Faço isso o mais rápido que posso, então enrolo uma toalha nos meus cabelos e outra em meu corpo. Quero comer algo e cair no sofá, escrever um pouco. Preciso bater a meta de escrita que estipulei para esse mês.

Se tudo der certo, no começo do ano, quem sabe posso fazer uma publicação independente e ver no que dá. Durante os últimos dias, os dois trechos que postei sobre meu livro fizeram sucesso em minha página onde eu publicava alguns pequenos contos e poemas, e isso totalmente me encorajou.

Deixo o banheiro em direção ao closet onde minhas coisas estão. TJ tem ficado no quarto de Max desde que chegamos de Vegas, mas suas coisas estão em seu closet. Queremos dar espaço um ao outro e por isso ele tomou essa decisão, embora ele tenha sorrateiramente se esgueirado para debaixo das minhas cobertas nas últimas duas noites.

E se eu falasse que prefiro ele dormindo longe de mim, eu estaria contando uma grande mentira. Entretanto, esse espaço é algo do qual precisamos, é algo que preciso se não quiser acabar totalmente dependente de sua presença, embora eu basicamente já esteja. Tenho poucos dias dentro dessa casa, mas não consigo mais imaginar minha vida longe daqui. Não tem a ver com o luxo que me cerca, nem todos os recursos disponíveis, tem a ver

com Tales e o que ele significa para mim. Tem a ver com o quanto sou capaz de me sentir segura e completa perto dele.

Pego uma blusa dele, há um sorriso tolo em meu rosto quando lembro da noite em que chegamos de Vegas e ele me fez trocar de blusa.

— Ei. — Ouço sua voz e me viro surpresa, enquanto passo a blusa sobre a cabeça.

— Oi, o que houve com a reun...

— Diabos... — Ele corre seus olhos sobre meu corpo de forma confusa.

Meus olhos desviam sobre seus braços tatuados.

— Oh, meu Deus! — Junto a toalha do chão e cubro minhas pernas, embora sua camisa bata na metade de minhas coxas. — Max?

— O que inferno você tá fazendo aqui, Beth? — pergunta.

E, pela forma como fala comigo, sei que não é Max e sim Tyson.

— Eu estou passando uns dias aqui. — Escondo minha aliança.

— Oh, porra, sim. — Ele dá um sorriso estranho como se algo fizesse sentido. — Por isso ele está tão estranho.

— Como assim? — pergunto.

— Esquece, eu estou caindo fora. Só vim pegar umas coisas. — Tyson sai do quarto e eu vou atrás dele.

— Espere — o chamo. — Como você está?

Ele parece surpreso.

— Estou bem. — As palavras saem com dificuldade e não posso deixar de rir.

Pergunto-me o quanto Tracy é capaz de arrancar dele. Mas a resposta é clara. Tudo.

— Como Tracy está?

Ele continua andando.

— Bem — responde, friamente.

— Qual o seu problema comigo? — pergunto.

De repente essa é uma pergunta que eu deveria estar fazendo a mim mesma. Por que é que estou tão preocupada com a forma como ele me vê? Por que é que parte minha deseja a aprovação de Tyson Jackson pela primeira vez na vida?

— Nenhum, desde que você não volte a foder a mente do meu irmão.

Eu freio meus passos quando estou em frente ao seu quarto. Suas palavras me chateiam e há um peso estranho sobre meu estômago.

— Nós somos amigos.

— Tracy e eu também éramos. — Ele pega algumas roupas no armário e joga sobre a cama. — Aí eu acabei com meu pau enterrado em minha amiga e ela acabou arrancando meu coração do peito.

— Mas vocês estão bem agora.

— Sim, mas tive o inferno fora de mim até que isso acontecesse. — Tyson se inclina até a prateleira de cima e paga um par de tênis preto. — Eu não quero que meu irmão passe pelo que eu passei.

— Seu irmão está bem — garanto.

— Está? — Ele me olha. — Mesmo?

— Sim, ele está. — Cruzo os braços sobre os seios.

— Bom, então por que diabos ele não tem atendido as porras das minhas ligações?

— Talvez você devesse perguntar a ele.

— Como, se ele *não atende a porra das minhas ligações*? — pergunta, entredentes, repetindo a frase.

— Eu não irei magoá-lo, Ty — murmuro.

— As pessoas não se magoam intencionalmente, Beth. As coisas acontecem por si só. — Ele enfia suas coisas em uma mochila.

Me pergunto quanto tempo mais ele vai ficar nesse vai e vem antes de pedir Tracy em casamento. Isso aconteceu com Kyra há pouco tempo, sei que em breve estará acontecendo com ele também.

— Eu não estou fazendo nada para m...

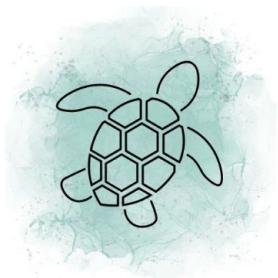
— Não? Mesmo? — Tyson sequer me espera completar a frase. — Porque tomar banho em nossos chuveiros, desfilar com nossas camisas e nos dar um beijo involuntário quando a gente menos espera, parece algo simples, mas é capaz de foder com qualquer controle que uma pessoa possa ter sobre sua própria mente.

Eu me encolho.

— Eu amo meu irmão e vivi o inferno apenas para fazê-lo feliz e protegê-lo de qualquer merda que alcançasse sua bunda. Então, se você estiver disposta a ficar e amá-lo da forma como ele merece, tudo bem, você é muito bem-vinda. Mas se está aqui de passagem porque não tem onde ficar, então é melhor recolher suas coisas e dar o fora.

Ele me olha nos olhos, sei que está agindo assim por causa do meu passado com seu irmão e não posso julgá-lo. Eu estaria fazendo a mesma coisa com Kenzie. Então apenas assinto e deixo o seu quarto, em direção ao de Tales. Encosto minha cabeça na porta assim que a fecho, mas ele leva

apenas um minuto para descer as escadas, então a porta da frente se fecha com uma batida e ele se vai.



A vida de um escritor é uma merda. Talvez a de um iniciante, não sei, não escrevo romances a tempo suficiente para saber como as coisas funcionam a longo prazo. Mas, basicamente, você sente uma onda de inspiração carregar você e faz tudo o mais rápido possível para finalmente se sentar em frente ao notebook e mandar ver, no entanto, basta uma única coisa para que essa inspiração deixe você tão rápido quanto chegou.

É como me sinto agora, sentada, em frente à televisão, assistindo a um filme que peguei pela metade e que não faço ideia qual é. Nem mesmo reconheço os atores. De qualquer forma, sequer me importo que não os reconheça, ou que estarei fodendo minha meta de escrita, porque tenho as palavras do irmão mais filho da puta rondando minha mente:

...então é melhor recolher suas coisas e dar o fora.

É isso mesmo? Eu rio, apesar de não achar graça. O que isso significa? Que estou aqui apenas pelos motivos errados que Tyson falou? Esfrego meu rosto e deixo meu corpo cair para trás. A quem estou querendo enganar? Só estou nessa casa porque o amo e porque parte minha, por mais que eu negue, possui esperança de que, em algum momento, nós dois cairemos em si.

Todo mundo sabe que eu não tenho para onde ir. Estou tentando enganar a mim mesma? Estou enganando Tales? Não estou enganando ninguém e apenas lidando com isso um dia de cada vez. O que diabos estou fazendo? Eu estava tão decidida mais cedo, agora cá estou eu, deitada, sozinha e deprimida. Até que escuto o som de uma mensagem chegando e pego o celular:

Marido: *Ei, o que está fazendo?*

Não posso evitar a gargalhada que dou.

Eu: *Tales, eu não acredito que você mudou
seu nome na minha agenda.*

Marido: *Me desculpe, foi mais forte
do que eu.*

Giro de braços, cruzando as pernas para cima enquanto digito.

Eu: *Espero que tenha mudado aí também.*

Ele me envia um print^[17] da tela e meu nome aparece como “amor da minha vida”. Não posso evitar meu sorriso.

Marido: *Não mudei, continua o mesmo
de sempre.*

Meu coração acelera.

Eu: *Você me deixa sem palavras. Além*

*disso, nunca sei quando você tá falando
sério.*

Marido: *Você é uma escritora, deveria saber
o que dizer sempre.*

“Não quando é sobre você”, penso.

Marido: *O que tá fazendo?*

Eu: *Deitada, tive uma onda de inspiração,
mas ela se foi.*

Marido: *Quer conversar sobre isso?*

Não quero contar a Tales sobre minha conversa com Tyson porque não quero que arrume confusão com seu irmão, além disso, ele não fez nada errado o defendendo e cuidando dele. Isso me magoando ou não.

Eu: *É só cansaço.*

Marido: *Eu sinto sua falta. Isso é louco?*

Perco o ar.

Eu: *Sinto a sua falta também.*

Estou sorrindo tanto agora, que minhas bochechas doem.

Marido: *Mesmo?*

Assinto, embora ele não possa me ver.

Eu: *Você não deveria duvidar disso.*

Eu: *Gostaria que estivesse aqui.*

Marido: *Mesmo? O que estaria fazendo
comigo se eu estivesse?*

Eu: *Por que você tem que levar tudo
pra esse lado?*

Marido: *Só me dê isso, por favor.*

Eu não respondo, porque não quero levar as coisas por esse caminho agora. Não tivemos nada desde Vegas e estamos tentando não misturar as coisas, no entanto, cá estou eu, ansiosa para começar um sexo por chamada.

Me remexo no sofá.

Marido: *Nós estamos casados, eu prometi fidelidade a você, Beth, e estou sem sexo desde Vegas.*

Meu coração está batendo tão forte agora, que perco o ar. Não quero pensar em Tales com outra pessoa, porque isso me deixa enjoada.

Eu: *Eu não quero ficar no seu caminho.*

Marido: *Então eu posso estar com outra pessoa? Porque há uma garota sentada ao meu lado agora mesmo no bar no hotel.*

Algo se revira em meu estômago e isso me deixa tão ansiosa que sinto uma leve tontura. Eu não sei se ele está blefando, não sei se isso é uma piada ou se é algo que ele realmente faria.

Marido: *Não é o que quero fazer.*

Ele continua. Não é o que quer fazer, mas é o que fará? Ou não é o que quero fazer se você me der mais?

Eu: *Vá em frente.*

Por que diabos estou me sabotando agora? Eu me sento no sofá, empurrando as pernas para fora. Há lágrimas acumuladas em meus olhos.

Marido: *É o que devo fazer?*

Marido: *Tudo bem pra você?*

Me pergunto se ele realmente fará isso ou se está apenas me testando.

Estou tão nervosa agora que arremesso meu celular sobre o sofá e bato os pés até seu quarto. Quer saber? Espero que ele vá para o inferno com essa garota essa noite. Meu estômago se contorce outra vez, lágrimas escapam sobre minhas bochechas e corro até o banheiro quando não posso segurar o vômito. Caio de joelhos e abraço a privada, então vomito outra vez.

É o que mereço por ser uma covarde de merda.



Passo o dia de cama, me sentindo como uma idiota arrependida. Fui uma covarde na noite passada e, em vez de dizer a ele como realmente me sentia com relação a ele sair com alguém, deixei que o homem que amo fosse para a cama com uma garota qualquer que conheceu em um bar.

Não faço ideia de que horas são agora, sequer abri as cortinas hoje. Estico meu braço sobre a mesa de cabeceira, mas lembro de que meu celular ficou no sofá na noite passada. Odeio a forma como me sinto, além disso, meu estômago está arruinado por algo que comi. Talvez tenha sido o salgado que comprei depois de sacar o dinheiro no caixa eletrônico antes de ir entregá-lo ao Barnett.

É por isso que não gosto de comer em lugares que não conheço. E é por isso que passei metade da noite vomitando e a outra metade dormindo sobre o vaso sanitário abraçada a ele. Quer dizer, por isso e porque apenas o pensamento de Tales com alguém me causa náuseas.

Estou muito brava agora. Passei o dia remoendo a noite passada. Como ele pôde? Sequer olhei meu celular depois daquilo, odeio o que estou sentindo, odeio o que senti e, nesse momento, o odeio também. Solto um gemido. Que grande mentira de merda.

— Ei. — Ouço sua voz.

Meu coração gela, mas mal tenho força para virar em sua direção. Tales contorna a cama e fica de frente para mim. Está usando uma calça cinza de moletom e seus fones de corrida estão pendurados no pescoço, o que me diz que ele já chegou há algum tempo.

— Você estava dormindo quando cheguei, então saí para uma corrida.

Não respondo, porque não faço ideia do que dizer. Estou chateada demais para falar alguma coisa.

— O que tá acontecendo, Shakespeare? — Ele joga o celular e os fones sobre a cama e se senta na beirada do colchão.

— Eu não estou me sentindo bem, quero ficar sozinha, por favor — peço com educação.

Tudo o que menos quero agora é ter TJ e seu pau bem usado na noite anterior, me vendo vomitar.

— O que você tem?

— Nada.

— Você tá agindo como uma criança.

— E daí? — Me viro de lado e o movimento faz meu estômago revirar.

— Deus do céu — ele suspira. — O que diabos deu em você?

Quando não respondo, ele continua:

— Cadê a porra do seu celular? Mandeí mil mensagens pra você.

— No sofá — murmuro.

— Sua última visualização foi ontem à noite, depois você sumiu. O que houve?

Não respondo.

— Beth... — Ele toca meu rosto. — Puta merda, você tá queimando de febre.

Fecho os olhos.

— O que você tem? — Tales puxa minhas cobertas. — Você já está quente demais. — Ele se levanta e vai até o banheiro.

Em menos de um minuto, está de volta com uma toalha úmida. Ele a coloca sobre minha testa.

— Deve ter sido algo que comi — resmungo.

— Você está assim desde ontem?

Nego.

— Começou na madrugada.

— Merda. — Ele posiciona o pano várias vezes. — Eu não acredito que não estava aqui.

Suas palavras afundam em meu peito.

Claro, porque você estava fodendo alguém.

— Tanto faz. — Empurro sua mão.

Quero chorar agora. Sinto o peso da minha vida me acertar com um belo chute na bunda. Não quero ser dramática, mas é necessário apenas algo para me tirar dos trilhos ultimamente e me pergunto quando me tornei essa pessoa tão pessimista.

— Beth — ele insiste.

Meu estômago dói, me levanto, corro até o banheiro e me debruço sobre meu mais novo melhor amigo: o vaso sanitário. Vejo as pernas de Tales e o empurro, mas ele insiste em se manter presente e a próxima coisa que sinto são suas mãos erguendo meus cabelos enquanto eu vomito.

— Vai pra lá, por favor.

Fecho a tampa, dou descarga e limpo a boca com papel higiênico.

— Uma porra que eu vou. — Ele se senta atrás de mim e me puxa contra ele.

Estamos os dois no chão do banheiro, minhas costas tocam seu peito desnudo, eu sinto seu cheiro, sinto suas mãos, seus braços e ouço sua voz murmurar:

— Acho que deveríamos ir até um médico.

— Não... Eu tô bem.

— Você está incluída no meu seguro de saúde, Beth, não precisa se preocupar.

As lágrimas começam a cair e não me importo que esteja chorando outra vez. Não me importo com nada. Nem que eu esteja fazendo barulho demais, ou que pareço realmente horrível agora.

— Beth...

Busco forças e me levanto, então escovo meus dentes pela centésima vez. Posso vê-lo me observar pelo reflexo no espelho.

— Eu só não quero falar, tudo bem?

As palavras de Tyson se repetem em minha mente.

As imagens de Tales transando com outra mulher também.

— Não quer realmente ir ao médico? — insiste.

— Não. — Caminho até a cama e entro embaixo das cobertas. — Só preciso me deitar e dormir até isso passar.

— Tudo bem — murmura. — Eu vou ficar aqui com você.

Tales ergue as cobertas e se deita ao meu lado. Ele me puxa para junto dele, passa um braço sobre mim, entrelaça nossas pernas. Um encaixe perfeito que só tenho com ele. Mesmo assim, permiti que ele estivesse com alguém e isso está me matando. Fecho os olhos, tento controlar meu desespero, mas é em vão e outra vez, eu caio no choro, até que finalmente adormeço.



Capítulo 33

Passo o resto da semana tentando me recuperar da minha infecção estomacal, mas as coisas acontecem lentamente, e em alguns momentos, meu estômago me mostra o quanto ainda está fraco. No entanto, tenho Tales tentando me agradar de todas as formas possíveis, fazendo sopas, que, honestamente, são muito ruins, e me fazendo massagem nos pés.

Ainda estou muito chateada com ele, não toquei no assunto sobre a garota do bar e apaguei todas as mensagens que ele me mandou naquele dia e no seguinte porque não queria mais pensar nisso. Sabia que se lesse traria toda aquela sensação à tona e eu somente queria esquecer que praticamente o empurrei para ela.

Caminho em direção às escadas, estou sem comer a tarde inteira e preciso preparar algo, contudo, o simples pensamento de colocar algo na boca é capaz de me fazer querer vomitar novamente. Ouço vozes na cozinha e freio meus passos, minha meia escorrega no piso da escada e caio de bunda. Mordo os lábios para não gritar um palavrão.

— Até quando ela vai ficar aqui? — Tyson pergunta.

Ou eu acho que é ele.

— Sobre isso... — TJ começa. — Há algo que preciso falar com você.

— Fala logo — pede.

Agora sei que é Tyson, posso reconhecer a forma explosiva na qual pronuncia cada palavra.

— O que diabos você fez? — alguém pergunta bem-humorado, acho que é Max.

— Do que tá rindo? — Ty pergunta. — Aposto que você sabe do que diabos ele tá falando.

— Eu não sei nada — responde, rindo.

Alguém arrota, então ouço o som de vidro bater contra o mármore.

— Fala logo que merda você fez. — Tyson exige.

— Eu me casei com ela.

Há um longo silêncio, então alguém ri. Pela forma como o riso sai desesperado, acho que é Ty.

— O meu rabo que você casou.

— Eu me casei — Tales garante.

— Sério? — Max pergunta. — Você realmente se casou com ela?

— Casei, porra, vocês são surdos ou o quê?

Alguém puxa uma cadeira para se sentar.

— Como assim, casou? — Tyson pergunta. — Você é louco?

— O sujo e o mal lavado falando do imundo? — ele ri. — Você e Kyra compraram um apartamento — diz, em tom acusatório. — E você,

Tyson, nem sequer dá o trabalho de dormir uma noite em casa. Só não se casou com Tracy ainda, porque se sente mal por eu estar sozinho aqui.

— Isso não é verdade. — Tyson resmunga.

— Não? Você só vem uma vez ou outra, pegar algumas roupas ou algo que ainda está aqui. Qual foi a última vez que se sentou no sofá, ou que fez uma refeição nessa mesa? — ele pergunta, alterando o tom de voz.

Tyson fica em silêncio.

— É diferente, nós estamos em um relacionamento há bastante tempo.

— Oh, sim, e Beth e eu nos conhecemos agora — ironiza.

Inclino mais quando não posso ouvir os murmúrios.

— Não, vocês se conhecem há anos, mas olha toda a merda que já fizeram um ao outro. — Ty parece incrédulo com nosso casamento.

Me pergunto se não teria sido mais fácil dizer logo a verdade.

— Claro, porque seu relacionamento com a Tracy foi muito saudável — ele debocha. — Os dias que você passou no quarto se afogando no próprio vômito quando ela partiu para New Haven. Ou as vezes em que você foi rastejar atrás dela no campus. Ou todas as vezes em que ela veio no Dia de Ação de Graças. E todos os dias em que você bebia como um filho da puta até perder a consciência, por causa dela.

— Isso não é sobre mim — murmura.

— Não, não é, mas eu preciso lembrá-lo de que seu relacionamento não era perfeito, já que não consegue olhar para o próprio rabo.

— Cara... — Max começa. — Eu só desejo que você seja feliz. Se você a ama e sabe que ela é capaz de sentir o mesmo por você, tudo o que posso fazer é torcer pra que dê certo.

Eu sorrio.

— Obrigado — Tales suspira.

— Eu não consigo acreditar nessa merda... — Outra vez, ouço o som do vidro contra a mesa. — Vocês o quê? Se casaram em Vegas?

— Sim.

— Maneiro! — Max exclama.

— Isso nem faz sentido, Tales. — As palavras de Ty são acusatórias.

— Por quê? — TJ pergunta, impaciente.

— Você tava em um encontro há menos de duas semanas.

Menos de duas semanas...

— Quando se casaram? — Max pergunta.

— Há dez dias — responde, entredentes.

— Então você precisava estar se relacionando com ela por algum tempo antes disso — ele acusa.

— Ela se mudou pra cá há duas semanas — Tales informa.

— Então quer dizer que, quando você foi aos dois encontros, vocês estavam juntos? Você e Beth estavam juntos quando você foi ao apartamento de Max?

Meu coração está batendo muito rápido agora.

— Um caralho — responde. — Eu não queria estar em uma porra de encontro, vocês armaram tudo pra mim.

Encontro? Tales estava se encontrando com alguém mesmo depois que me mudei? Forço minha mente. Minha memória me lembra das duas vezes em que ele foi ao encontro dos irmãos. Levo a mão até a boca. Na

noite em que ele chegou bêbado... Ele estava no apartamento de Max em um encontro.

Nós transamos naquela noite.

Ele estava com alguém antes de mim.

Desço os degraus. Sei que devo estar branca como um fantasma, mas odeio que eles estejam falando de mim pelas minhas costas. Meus pés tocam o último degrau e tenho três rostos idênticos olhando em minha direção. Não preciso de mais do que dois segundos para identificar Tales. Ele está com o quadril encostado na bancada, há uma cerveja em sua mão.

Tales está com uma bermuda, sem camisa, seus cabelos estão apontados para todos os lados, seus olhos me encaram com cautela. Olho para Max, ele usa uma bermuda preta e uma regata cavada na cor verde-musgo. Sus olhos também encaram os meus de volta. Desvio o olhar para Tyson, todo de preto, há uma caveira estampada na frente da sua camisa e ele está descalço. Não há expressão em seu rosto.

Agora que estou aqui, não sei exatamente o que fazer. Odeio saber que Tales estava com outra pessoa na noite em que transamos, principalmente porque fui eu quem o procurou. Fui eu quem se esgueirou para dentro do seu chuveiro e agora me sinto patética por ter feito isso. Sinto como se tivesse levado uma agulhada no meu coração.

Não digo nada, porque não há nada a ser dito. Foi um erro ter descido, mesmo que tenha sido impulsivo, então apenas dou um pequeno suspiro, abaixo a cabeça e subo de volta, degrau por degrau, pensando em Tales com outra mulher. Não tenho como evitar. Isso me enjoa. Ouço-o correr atrás de mim e gritar o meu nome. Ouço os dois dizendo que estão indo embora e, em seguida, a porta da frente bate.

— Beth — Tales murmura.

— Eu tô cansada — confesso, virando para ele.

— O quê? — pergunta, posso ver o pavor em seus olhos. — Do que você tá falando?

— De tudo isso. — Aponto para mim e depois para ele, várias vezes.

— Você se arrependeu?

Faço que não.

— Então o quê? — Tales parece confuso.

— Você esteve em um encontro, TJ, naquela noite.

Ele assente.

— Eu não sabia, Kyra armou pra mim.

Encaro meus pés.

— Como se sentiria no meu lugar? Se fosse você quem tivesse me procurado naquela noite? E se agora ficasse sabendo que eu estava com alguém e que, se você não tivesse ido atrás de mim, nada teria mudado?

— Me sentiria péssimo, eu sinto muito por não contar.

Ele passa as mãos no rosto.

— É como eu me sinto agora — afirmo.

— Sinto muito — repete.

— Eu sei que você e eu não temos realmente isso. — Ergo a mão com a aliança no ar. — Mas isso não me faz sentir menos.

— Eu sei.

— Você viajou a trabalho, conheceu uma garota no bar e praticamente esfregou ela na minha cara antes de levá-la pra cama. — As palavras saem estranhas, estranguladas.

— Do que voc...

— Você me chateou com isso, Tales, eu realmente não preciso saber com quem você passa seu tempo. — Pressiono os lábios quando eles tremem. — Eu não quero que você faça mais isso.

— O quê? — Ele parece confuso. — Do que diabos você está falando? — Ele dá um passo à frente.

— Da mulher ao seu lado no bar.

— Isso não faz sentido — murmura. — Eu mandei um milhão de mensagens depois falando sobre o marido dela ao lado.

— O quê? — quase grito.

— Eu fiz aquilo porque... Porra... Eu estava tentando tirar algo de você e... — Tales olha para o lado, posso ver o quanto parece bravo agora — você cagou pro fato de eu estar fodendo alguém.

— Vocês não transaram? — pergunto, confusa.

— O marido dela não tinha cara de quem gosta de compartilhar.

Abro a boca em um “O”.

— Você não leu minhas mensagens seguintes? — Parece incrédulo.

— Não. Eu as apaguei sem ao menos ler. Aquilo me deixou chateada demais, eu não queria que você transasse com ela.

— Então por que disse que não se importava? — Ele parece bravo.
— Eu tava te testando, Beth, e você sequer ligou.

— Eu...

— O que estamos fazendo? — ele me interrompe.

Suspiro.

— Eu não sei.

— Isso não tá funcionando... — Tales esfrega o rosto. — Você tá fodendo com a minha cabeça.

— Me desculpa. — Dou um passo à frente.

— Se a gente quer que isso dê certo, pela Kenzie, talvez precisemos criar algumas regras.

— Como assim? — pergunto confusa.

— Eu não procuro mais você, respeito seu quarto, sua privacidade, seu espaço. Nós podemos conviver como dois estranhos aqui, podemos falar sobre o que é realmente importante e relacionado a Kenzie, apenas isso, porque, quanto mais estamos perto um do outro, mais a gente acaba se magoando e...

Antes que Tales possa completar, eu me jogo sobre ele e pressiono minha boca na dele. Minhas mãos o prendem com tanta força que duvido que, mesmo com tantos músculos, seja capaz de me afastar. Sinto seus lábios se repuxarem e ele dá um sorriso, o barulhinho que sai de sua boca preenche meu coração. Ele me beija como se sua vida dependesse disso.

Minhas costas batem contra a parede, enquanto ele continua me beijando. Sinto um ponto entre minhas pernas latejar e em poucos segundos sou capaz de sentir a umidade se formar nesse mesmo lugar. Ele geme em meus lábios e é tão gostoso, que me pergunto como pude simplesmente me afastar dele depois de Vegas. Não sei exatamente o que esse beijo significa, mas sei o que eu quero. Tales ri outra vez.

— O que foi? — pergunto, recobrando o fôlego.

— Nada... — murmura, mordiscando meu pescoço. — É só que eu estava blefando sobre me afastar de você.

Seguro seu rosto com as duas mãos e o afasto. Não posso evitar meu sorriso.

— De qualquer forma, eu acho que funcionou — sussurro.

Ele assente.

— Beth... — seus olhos encaram meus lábios — apenas me diz que você também quer isso...

— Eu quero — confirmo, acariciando seu rosto com meu polegar.

— Não agora, não hoje à noite, eu tô falando sobre todos os dias.

Confirmo com um aceno.

— Eu quero isso mais do que qualquer coisa no mundo.

Ele solta um suspiro de alívio.

— Na verdade... — Faço uma pausa. — Mais do que qualquer coisa não... porque eu quero a guarda da Kenzie e ela é mais importante agora. Mas, depois disso, você é o que eu mais quero.

Ele me dá um sorriso pervertido e me aperta ainda mais contra a parede.

— Eu acho que posso lidar com isso.

No fim das contas, por mais errado que pareça, ele sabia que tinha que me pressionar, porque ele havia me deixado escapar no passado por não fazer isso.



— Beth... — ele geme, com sua boca colada à minha. — Eu não quero mais fazer isso se não formos levar adiante.

TJ se afasta, seus olhos encaram os meus.

— Você sabe o quanto eu posso ser difícil, não sabe? — pergunto, observando um sorriso se formar em seus lábios.

— Eu também não sou a pessoa mais fácil do mundo — admite.

— Bem, eu acho que você é a pessoa mais fácil que eu conheço.

Ele parece surpreso. Seu corpo ainda prende o meu.

— É? Você acha? — pergunta, presunçoso.

Assinto.

— Sim.

— O que mais? — Sua covinha se aprofunda na bochecha e eu a beijo.

— Você quer fazer isso mesmo? — Afasto-o. — Você tem certeza, Tales? Você sabe como minha família é complicada. Meu pai, a minha mãe, a responsabilidade com a minha irmã. Eu não tenho um emprego, não tenho uma casa... eu não sou uma boa candidata.

— Eu posso lidar com sua família, porra, sim, eu sei que não será fácil, mas...

— Minha mãe... você tem noção? Eu vivo internando ela... Ela vive perdendo o controle da sua mente... isso é como uma rasteira quando estou bem, e eu simplesmente caio junto. Você está pronto para os meus altos e baixos? Você vai saber lidar comigo quando eu apenas não quiser falar com ninguém?

— Eu vou — ele garante.

— Você é muito jovem, Tales, eu não quero te dar esse fardo. Se eu conseguir a guarda de Kenzie, posso me mudar e nós começamos a tentar a partir desse momento...

— Eu quero você agora. E não quero que vá embora com Kenzie quando conseguirmos sua guarda, porque sei que nós vamos.

— Isso é loucura. — Eu me afasto. — É casamento. — Arregalo meus olhos, andando de um lado para o outro.

— Já estamos casados.

— Droga, sim, eu sei... Mas, você tem noção? É isso que quer? Estar amarrado a mim pelo resto da vida?

— Por que eu não iria querer isso? Eu sempre quis você na minha vida, eu sempre quis Kenzie e agora eu quero isso mais do que nunca.

Eu rio, desesperada.

— Eu sou tudo, menos perfeita. E se... — As palavras prendem em minha garganta.

— Você não é como sua mãe — Tales completa.

— Como você... Como sabia que eu perguntaria isso?

Ele ignora minha pergunta.

— Você não é, mas, porra, se for, nós vamos dar um jeito. Eu não sou como o seu pai, isso é o mais importante.

Respiro fundo.

— Eu não quero ser um fardo pra você.

— Por que você não faz apenas o que quer? Uma vez na vida, por que apenas não se deixa levar? Se é ficar comigo que quer, então só fique. A menos que não seja o que você queira.

— Eu quero. — As palavras são urgentes e ele sorri. — Droga, eu não quis soar tão desesperada. — Sorrio, encarando os pés.

— Fico feliz que se sinta assim. — Ele me puxa, me prendendo em seus braços. — Eu amo você, Beth, e tudo o que eu mais quero na minha vida é estar com você e Kenzie. Não me importo quantas vezes tenhamos que cuidar da sua mãe, ou quantas vezes precisarei quebrar o nariz do seu pai. Tudo o que eu quero é acordar e ter você ao meu lado. É saber que você vai estar bem aqui quando eu chegar do trabalho.

— Você não pode ficar quebrando o nariz dele o tempo inteiro.

Ele suspira.

— Você está tornando as coisas difíceis.

Sorrio.

— Talvez de vez em quando.

— Melhor assim. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Vamos lutar pela nossa macaquinha, vamos conseguir um emprego para você; e nas

horas vagas, você pode se dedicar ao seu livro.

— E quanto a você? Quando você terá algo de mim?

Tales segura o meu rosto com as duas mãos.

— Você precisa parar de pensar nos outros e começar a se colocar em primeiro lugar, Elizabeth.

— Obrigada. — Seguro o rosto de Tales com as duas mãos. — Vamos fazer isso... — Pressiono meus lábios nos seus. — Vamos tentar.

— Vamos... — Um sorriso repuxa contra a minha boca.

As palavras que murmuramos são um choque, porque elas significam que nosso casamento é real.

— Nós estamos casados... tipo... de verdade? — pergunto.

— Bom, você tem meu sobrenome e está no meu seguro de saúde, então bom, sim, já era verdade desde o início.

— Deus, eu sou oficialmente uma Jackson agora? Eu não...

É uma situação estranha, porque nos casamos para tentar a guarda de Kenzie, então mesmo que queiramos dizer que estamos namorando, não podemos, porque estamos casados por um bem maior. Então é isso, estamos casados e ponto. Não existe marido e mulher que estão namorando.

— Beth, nós estamos casados, você tem uma aliança em seu dedo, o meu sobrenome e nós começamos do final, mas se isso for formalizar o que teremos daqui para a frente, então tudo bem... — Ele se abaixa na minha frente.

O sorriso em seu rosto alcança seus olhos e o meu coração.

— Oh, Deus! — Levo uma mão à boca. — Você precisa parar de se ajoelhar para mim — murmuro.

— Você aceita ser minha esposa de verdade?

— Sim, eu aceito. — Puxo-o de volta para cima, e quando ele se levanta, suas mãos prendem a parte de trás da minha coxa e ele me ergue junto.

Prendo minhas pernas em sua cintura, pressiono minha boca contra a sua e o beijo como se o mundo dependesse disso. Tales deixa um gemido alto escapar, ao mesmo passo que me leva para o seu quarto. Nosso quarto. Somos um casal de verdade agora. Somos marido e mulher. Ele tranca a porta atrás dele e me coloca na cama, me cobrindo com o peso do seu corpo.

— Eu amo você — murmuro, segurando seu rosto com as duas mãos.
— Eu amo muito, amo muito você.

Ele fica imóvel por um tempo, apenas absorvendo as palavras, há lágrimas em nossos olhos, mas elas estão lá porque, quando se sente algo tão forte quanto o que sentimos, não há como evitá-las.

— Eu amo você, Beth, porra, sim... — Ele suga meu lábio inferior, então arranca minha calça e calcinha, me deixando apenas de blusa. — E eu vou foder você bem agora, porque não posso mais esperar.

Empurro o cós da sua bermuda para baixo, mas ele não a tira completamente. Estamos desesperados um pelo outro e somente quando ele alcança uma camisinha sobre a mesa de cabeceira e desliza para dentro de mim, percebo o quanto eu precisava senti-lo.

— Bem, vejo que recarregou seu estoque, você não está sendo muito convencido quanto a isso?

Ele ri, se movendo com mais agilidade.

— Bem, se houvesse um por cento de chance, eu preferiria estar prevenido. — Sua boca toca meu pescoço e ela desliza até meus seios, sobre o tecido da camisa.

— Oh, isso é tão bom...

— Sim... — Ele se afunda mais e mais em mim, em movimentos rápidos e repetitivos.

O som do meu gemido preenche o quarto.

— E parece tão certo... — Tales sussurra.

— Estar com você é a coisa mais certa que eu já fiz na minha vida — afirmo. — Preciso que nunca se esqueça disso.

— Porra, Shakespeare, como eu poderia esquecer? — Ele sorri, pressionando os quadris.

Eu o envolvo, empurrando seu corpo para o lado e montando nele. Suas mãos apertam minha cintura, me guiando no vai e vem. Inclino a cabeça, apoiando as duas mãos em seu peito. Seus dedos deslizam para dentro do tecido e encontram meus seios. Eu gemo, forçando meu clitóris com força contra ele.

— Isso é tão bom — ele geme. — Foder você é tão bom...

Droga, sim, é muito bom.

Ele se apoia na cabeceira enquanto mete repetidamente, forte e duro, a cama bate contra a parede enquanto gememos no mesmo ritmo. É o som do nosso sexo, do melhor sexo, é o som do quanto não podemos ficar longe um do outro.

Mordo seu ombro, seu quadril pressiona o meu com muita força e eu me movo proporcionando meu próprio prazer, enquanto sinto seu pau se contrair dentro de mim. Estamos gozando juntos. Solto uma respiração pesada, afrouxo o aperto das minhas pernas contra sua cintura, ele cai ao meu lado.

Nossas respirações preenchem o silêncio que se instala. Nenhum de nós diz nada. Sequer nos movemos, apenas permanecemos silenciosos e ofegantes, deixando que o peso de tudo o que foi dito em nossa conversa caia sobre nós.

Tomamos uma decisão hoje, e ela não tem nada a ver com sexo, tem a ver com o nosso futuro, e agora, bem, agora temos um juntos.



— Tales? — Uma voz chama minha atenção e eu me remexo na cama. — Tales?

Ouçoo algumas batidas na porta. Abro os olhos e, através do espaço entre as duas cortinas do quarto, posso constatar que já é de manhã.

— Tales? — Empurro seu braço de cima de mim.

O peso do seu corpo me deixa sufocada e eu me sento na cama, empurrando meus pés para fora. Não me sinto bem outra vez. A pessoa do outro lado continua batendo.

— Tales? — Me sento de lado e pressiono o indicador sobre seu ombro várias vezes. — Tales?

Ele não se move. Levanto, visto uma calcinha limpa e minha calça que está no chão e, quando sei que ele não acordará, arremesso um travesseiro nele.

— Oi? — pergunta, sonolento.

— Tem alguém batendo na porta. — Aponto na direção.

Ele empurra o edredom branco com os pés e se senta de costas para mim. Está completamente nu. Os músculos de suas costas me encaram e me sinto satisfeita por ter me casado com um cara tão gostoso.

— Tales? — o homem chama outra vez.

— Pai, já vou! — anuncia, enquanto se levanta.

Oh.

Meu.

Deus!

— Pai? Você disse pai? — Começo a andar de um lado para o outro.

— É, bem sim... É ele. — Tales procura sua bermuda no chão, então a veste sem ao menos vestir uma cueca antes.

— Vou esperar você lá embaixo — avisa, com sua voz ficando distante a cada passo.

— Tales, ele vai... Deus, você já contou a ele? — pergunto, estou desesperada.

— Não. Talvez Tyson tenha contado ontem, você viu como ele reagiu.

— Oh, Jesus...

Ele dá de ombros.

— Apenas desça comigo, eu vou apresentar você a ele.

— Não! — rebato. — Você precisa ir antes e ter essa conversa com ele, apenas depois eu entro nessa história.

— Porra, não, se eu for primeiro ele vai me matar.

Perco o ar. Coloco a mão sobre a barriga, sinto que estou prestes a vomitar outra vez.

— Você tá branca. Ainda não se sente melhor do estômago?

Nego com um aceno.

— Talvez devêssemos ir a um médico então. — Ele desliza a mão sobre minha testa, medindo minha temperatura. — Não há mais nenhuma febre desde aquela noite, mas você ainda parece mal, às vezes.

— Seu pai está lá embaixo prestes a saber que você se casou e está preocupado com meu estômago? — Me afasto, andando de um lado para o outro, novamente. — Eu não acredito... pensei que isso demoraria mais para acontecer.

Tales pega minha mão.

— Ele é seu sogro, nós estamos casados porque nos amamos, por Kenzie, por tudo o que sentimos um pelo outro e porque, no final das contas, a gente sempre acaba correndo um para o outro. Apenas desça lá e seja quem você é comigo.

— Por que você sempre sabe o que dizer? Seu pai é assim? Aprendeu isso com ele?

Observo Tales abrir a porta, sua mão pressiona a minha e ele me puxa para fora.

— Minha mãe. — Ele faz uma pausa, me puxando em direção às escadas. — Ela sempre dizia as coisas certas.

Sinto uma pontada em meu peito.

— Eu gostaria de ter conhecido ela — murmuro.

— Bem, acredite, eu daria tudo para ter esse momento, mas aqui está você e... sua chance de conhecer o meu pai.

— Tales... eu...

— Pai! — ele diz animado.

Sua mão solta a minha e ele envolve o homem em um abraço apertado, que dura quase um minuto inteiro. Eu os observo durante todo esse tempo e confesso que parte minha sente inveja por ele ter tido uma mãe perfeita, ter um pai que o ama e irmãos que entram em brigas por ele.

— Bem, e quem é essa? — Jimmy Jackson pergunta.

Minhas bochechas coram, minhas pernas tremem e meu estômago se contorce.

— Ela é o amor da minha vida — TJ diz em alto e bom som, com seu braço sobre o ombro do pai.

É a primeira vez que eu o vejo pessoalmente, já vi uma ou duas fotos dele, mas há algo extremamente familiar em seus traços. Eu semicerro os olhos e tento buscar em minha mente de onde exatamente o conheço e parece que ele faz o mesmo comigo.

— Tales — o repreendo.

Há tanta semelhança entre eles que não posso dizer que ele é filho de outro cara. Talvez seja a postura impecável, a arrogância e autoconfiança que todos eles possuem, eu não sei, mas Jimmy Jackson é muito, muito familiar para mim.

— Elizabeth. — Estendo minha mão para ele, omitindo que possuo seu sobrenome agora.

Tales comprime os lábios em um sorriso presunçoso.

— Jimmy Jackson. — Ele parece cauteloso.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Jackson. — Sorrio.

Ele assente em vez de responder e pego o momento exato em que uma expressão de confusão corre sobre o rosto do Tales.

— Eu vou passar um café. — TJ aponta para a cozinha.

— Bem, se você não se incomodar eu posso fazê-lo — ofereço.

Seu pai me observa o tempo todo. Eu o conheço? Será que ele já esteve no bar? Deus! Será que ele já me viu do outro lado do balcão onde mostro mais pele do que o normal? Afasto meus pensamentos para longe quando ouço a voz de Tales.

— Tudo bem — ele responde com um pequeno sorriso encorajador.

Sei que me conhece bem o bastante para saber que estou querendo me manter ocupada enquanto minha mente explode.

— Com licença. — Eu me afasto, mas me surpreendo quando Tales me prende em seus braços e beija o topo da minha cabeça ao passar por ele.

Quando estou na cozinha, ouço um pequeno murmúrio e me concentro nele.

— Tyson ligou pra você, não foi? — Tales pergunta.

— Por que ele ligaria? — seu pai responde com outra pergunta.

— Bem... eu... — TJ gagueja.

— Eu tive uma reunião desmarcada e é o primeiro final de semana em meses que não tenho de trabalhar, então pensei em ver meus filhos. Acho que isso não é nenhum pecado.

— Claro que não — Tales ri.

— Eu mandei algumas mensagens à noite, mas apenas Max respondeu. — Ele faz uma pausa. — Como sempre.

— Eu não consigo responder enquanto durmo, pai, acho que Tyson também não é capaz disso.

Jimmy grunhe.

— Bem, aqui estou eu, você quer explicar o que ela está fazendo aqui? — Jimmy murmura.

Isso me faz dar dois passos em suas direções.

— Você a conhece? — Tales pergunta.

— Bom... eu... bem... — ele limpa a garganta. — Eu já a vi antes, seu pai trabalhou para mim.

Ele lembra de mim? Me aproximo mais. Meu estômago continua dando voltas e respiro fundo, levando o enjoo para longe.

— Então você se lembra dele? — Tales pergunta.

— Você sabe sobre ele? — o pai pergunta, surpreso.

— Sim, soube há pouco tempo. Beth e eu nos conhecemos há quatro anos, mas ela apenas me contou isso agora.

— Ela é a Beth? — Ele parece chocado. — A sua Beth?

— Bem, agora mais do que nunca.

Fico onde estou, estou em choque, com os pés presos no chão.

— Vocês estão namorando? — Ele parece surpreso, mas há mais do que isso.

Ele parece bravo.

— Não — Tales responde, sua voz é firme. — Nós estamos casados, pai.

Minhas mãos estão trêmulas quando passo o café. Há um silêncio estrangulador que se infiltra por todos os cômodos da casa. Os únicos sons que ouço são das gavetas que abro e fecho em busca de talheres, das portas dos armários quando procuro pela louça e da porcelana que toca o mármore da mesa enquanto organizo tudo.

Os dois entraram no escritório há vinte minutos e tenho o café passado e tudo apenas esperando por eles. Parece enlouquecedor. Por que ele não gosta de mim? Bem, porque meu pai é meu pai. Aposto que sua demissão não foi recebida com um simples “Tudo bem, obrigado”. Além disso, algo que me diz que há muito mais.

Talvez seja apenas intuição, ou quem sabe é porque passei os últimos dez anos tendo meu pai nos meus ouvidos me lembrando disso. Eu não sei, tudo parece exagerado demais apenas para um emprego que não deu certo. No entanto, não é por isso que estou aqui, não é pela minha família, muito menos por dinheiro, é por mim.

— Beth. — A voz de TJ me tira de meus devaneios.

— Oi. — O encaro.

Seus ombros estão caídos e ele parece chateado, entretanto, não diz nada, porque seu pai vem logo atrás. Seus olhos correm sobre meus cabelos e praguejo mentalmente por tê-los verdes agora. Não que a cor do meu cabelo devesse importar realmente, mas estou tão nervosa desejando sua aprovação, que sequer sei como agir.

— Vou passar as coisas para a mesa da sala de jantar — ele anuncia.
— Tyson e Max estão vindo.

Ergo meu olhar em sua direção. Minhas bochechas estão pegando fogo agora.

— Eu vou fazer mais ovos com bacon então — alego, me virando de costas.

Através do vidro da janela em frente à pia, vejo seu pai pegar algumas coisas sobre a mesa e ir em direção à sala de jantar.

— Tudo bem, se você estiver bem com isso. — Suas mãos pousam em meus ombros.

— Sim — respondo.

Sua boca toca minha cabeça e ele me abraça, por trás.

— Fique tranquila, é só muita coisa para absorver agora, dentro de algum tempo teremos todos acostumados e Kenzie ao nosso lado.

Suas palavras são como músicas para os meus ouvidos e isso me anima tanto, que me faz sentir confiante. Beijo seu antebraço, que está cruzado sobre minha clavícula, me prendendo em um abraço de urso.

— Eu amo como você é otimista.

— Agora é você, Mackz e eu contra o mundo — ele sussurra em meus ouvidos. — Não há mais volta.

Me viro em sua direção e o abraço forte.

— Obrigada.

Quando me afasto, seu pai está nos observando da porta. Eu desvio o olhar, ele caminha até a mesa para pegar algumas xícaras, Tales se afasta depois que Jimmy sai outra vez.

— Bem, eu vou fazer os ovos, então. — Sorrio. — Ainda bem que temos muitos, porque, Deus, vocês três juntos devem precisar de um galinheiro inteiro.

Seu sorriso enche meu coração.

— Eles estão trazendo algo também, não precisa se preocupar.

Assinto.

— E quanto a Kyra e Tracy? — pergunto, aflita.

— Tracy está ocupada com seu trabalho e Kyra... — ele suspira. — Ela me ligou mais de dez vezes ontem à noite depois que Max esteve aqui. Ela quer saber sobre o nosso... — TJ ergue a mão no ar. — Você sabe o quanto ela é insistente.

— Eu sei. — Começo a preparar os ovos.

— Ela ligou para você também.

— Meu celular está em algum lugar. — Respiro fundo outra vez.

Estou ansiosa demais.

— Ela não virá, disse que vai dar esse primeiro momento para meu pai e irmãos, mas ela quer algo em breve.

— Tudo bem — concordo. — Eu só quero que isso acabe logo.

Tales assente antes de deixar a cozinha, e alguns minutos depois, ouço o motor do carro de Tyson e a Harley de Max rugindo através do pátio. Eles entram na casa como dois tornados. Seus sapatos estão revirados na porta de entrada, as sacolas com pães e alimentos para o café da manhã estão sobre a mesa e o casaco de Max está jogado sobre o encosto de uma das cadeiras.

— Ei, Beth, bom dia. — Max me puxa para um abraço e eu me surpreendo.

Me pergunto se Kyra mandou que ele agisse dessa forma.

— Ah, oi... — O envolvo em um abraço.

— Ei! *Eu* sou o Tales.— TJ grita, entrando na cozinha.

Nós dois sorrimos.

— Calma, eu estou apenas o cumprimentando — brinco. — Além do mais, eu nunca confundiria você. — Pisco.

— Bem, não é tão difícil. — Max ergue os braços tatuados no ar.

— E você teria problemas comigo. — TJ cruza os braços sobre o peito. — Se isso acontecesse de novo.

Mordo os lábios para omitir o sorriso, bem, Max havia beijado a namorada de TJ um dia e mais do que isso, está praticamente casado com ela agora.

— Como Ky está? — puxo assunto.

— Curiosa — ele ri. — Para dizer o mínimo.

— Estarei ligando para ela em breve — garanto, mexendo os ovos.

Ouçó mais passos e encaro sobre os ombros, o rosto de Tyson. Ele não parece exatamente feliz em me ver. Não há expressão alguma em seu rosto, assim como no de seu pai, logo atrás.

— Estou acabando aqui — murmuro, mas ninguém além de TJ sorri.

Passo os ovos com bacon para uma travessa e a ergo no ar, mostrando que está pronta. Tales coloca sua mão sobre minha lombar, me conduzindo até a sala de jantar e uma vez lá, nós nos sentamos à mesa. Me sirvo com um pouco de café preto sem açúcar, porque é a única coisa que sou capaz de ingerir, visto que meu estômago ainda está se recuperando.

Todos permanecem em silêncio, até que Tales questiona:

— E então, pai, você fica até quando?

Seu pai me encara por um segundo e desvio o olhar.

— Vou ficar apenas essa noite, preciso me preparar para uma reunião na segunda. — Ele faz uma pausa. — Se não tiver problema algum, claro.

— Por que teria? — Tales ri, tentando dissipar a tensão. — É sua casa.

— É de vocês — seu pai responde. — E suas esposas.

Paro minha xícara na metade do caminho e ergo o olhar. Todos estão olhando para mim agora. Tales suspira ao meu lado, sua mão toca meu joelho e ele dá um leve apertão.

— Nós podemos nos mudar também. — Ele sorri, olhando para mim. — Podemos comprar algo para nós se você quiser privacidade, ou se estiver pensando em se aposentar aqui.

Tyson ri, mas é de uma forma ofensiva.

— Tudo bem, *irmão*? — TJ pergunta.

— Sim, claro que sim, por que não estaria?

Eu não sei exatamente o que está tentando fazer, mas seu silêncio me diz que ele apenas está observando e fazendo seus próprios julgamentos.

— Você pode viver aqui com Tracy se quiser, eu não preciso dessa casa.

Coloco minha xícara sobre a mesa.

— Eu estou bem vivendo com ela no nosso apartamento minúsculo. Você sabe que eu estou me fodendo para o luxo.

— Cuidado com o palavreado, Tyson — seu pai o repreende.

— Talvez vocês pudessem discutir isso em outro momento. — Max ergue o garfo até a boca. — Isso está uma delícia, Beth — elogia.

— Obrigada — agradeço.

E todos sabem que não estou agradecendo o elogio.

— E então, Beth, o que você faz da vida? — seu pai pergunta.

Os três irmãos respiram fundo.

— Eu trabalho em um bar.

Não há expressão em seu rosto.

— Certo... — Ele parece decepcionado agora.

— É onde Kyra trabalhava — Max me defende.

— Oh, Coyotes, certo? — pergunta. — Então você estuda na BU? Já se formou?

Isso me faz gemer.

— Não, Sr. Jackson, eu não pude estudar. Apenas trabalho em um bar. Trabalhava, eu me demiti na segunda.

Suas sobrancelhas estão muito erguidas agora.

— Então você não tem planos para o futuro? O que pensa em fazer?

— Eu não faço ideia — afirmo.

— E o que fez você não querer estar em uma faculdade? — ele prolonga o assunto.

— Eu não disse que não queria estar em uma — respondo, com educação.

— Então quais foram os seus motivos? — Ele coloca a xícara sobre a mesa de forma impecável.

A calma em sua voz me atormenta.

— Eu estive ocupada com minha irmã mais nova. Eu não pude ir à faculdade porque estava... bem, eu a criei.

— E sua mãe? — ele pergunta.

— Pai... — Tales o repreende.

— Eu só estou tentando conhecer minha nora. — Ele encara seu filho. — Você se casou em Las Vegas com a garota que arrastou você para o fundo do poço vezes o suficiente para eu achar que não o traria mais de volta. Eu apenas quero saber mais sobre isso.

Arrasto minha cadeira, ficando de pé. Encaro Jimmy, meu estômago se contorce outra vez. Quero gritar a ele que está errado sobre mim, que não sou meu pai, que não quero essa maldita casa e que foda-se porque um diploma não me define. No entanto, apenas peço licença e digo para Tales ficar com o pai e os irmãos, mas ele não me obedece e vem atrás.



— Tales, por favor, não piore as coisas... — ela me repreende assim que atravesso a porta do quarto, logo atrás dela. — Fique lá embaixo com a sua família.

— Foda-se, Beth, eles estão ofendendo você — esbravejo.

— Não. — Beth ergue o indicador no ar. — Eles apenas estão te protegendo.

Há uma pausa.

— Você sequer tomou o seu café.

— Eu não estou me sentindo bem. — Ela aponta para a porta. — Volte lá e lide com eles, por favor.

Gosto da forma como ela é mandona, mas sei que não é o momento agora para isso, eu estou furioso com a forma que meu pai a tratou.

— Um caralho que eu vou deixar você sozinha aqui. — Caminho até ela e a envolvo em um abraço. — Você não mereceu as coisas que ouviu.

— Quem se importa?

— *Eu* me importo.

— Eu estou acostumada a ser insultada de qualquer forma. Viver com meus pais me ajudou nisso.

Seu comentário corta a porra do meu coração porque há indiferença em sua entonação e ódio que ela ache isso normal.

Ouçoo seu suspiro pesado.

— Eu sinto muito por isso. — Empurro seus cabelos para trás.

— Eu... Isso vai ser muito difícil, Tales, eu não posso viver em um mundo no qual estarei entre você e sua família. Eu não faria isso nem por Mackenzie.

Eu me afasto, encarando-a.

— Isso é apenas todos lidando com algo que fiz da noite para o dia. Eu era um solteirão até ontem, agora há uma aliança ostensiva em meu dedo anelar e uma esposa em nossa casa.

— Eu não me importo que você tenha uma casa como essa, ou que sua conta bancária seja recheada, eu não quero o seu dinheiro — repete seu discurso como se fosse preciso.

— Você não tem que dizer isso pra mim, Elizabeth, eu conheço você.

Suspiro.

— Eu sei, sinto muito. — Beth passa as mãos sobre o rosto, então caminha até a janela. — Eu preciso de ar...

Ela parece pálida agora, mais do que o normal. Sua boca está arroxeada quando ela abre os vidros e o vento acerta seu rosto, então ela inclina a cabeça e toma fôlego. Eu a admiro por um instante.

— Você não parece bem — comento.

— Só estou nervosa com tudo o que tem acontecido.

— Você não está bem desde que eu voltei de Nova Iorque — repreendo-a. — Você precisa de um médico, Elizabeth.

Sinto pânico com o pensamento de estar passando pela mesma coisa a qual passei aos dezesseis anos, quando minha mãe começou a sentir os primeiros sinais da doença e se foi logo em seguida. Minha mente me leva para uma época em que eu tive meu coração despedaçado com a perda da pessoa que mais amava no mundo e agora, isso me deixa louco. Eu não sobreviveria em um mundo sem Elizabeth.

— Eu preciso de Kenzie — ela sussurra. — Eu sinto sua falta em cada segundo do meu dia, eu não sei lidar com sua ausência.

— Um dia de cada vez — murmuro. — Ela vai estar segura em breve.

— Eu não... — Beth solta o ar com força, então usa sua mão como leque. — Não queria prejudicar você.

— Você não está fazendo isso, Beth.

— Como não?! — Ela me encara, perplexa. — Sua vida estava perfeita até eu chegar e arruinar tudo. Droga, Tales, eu só estou tornando tudo difícil...

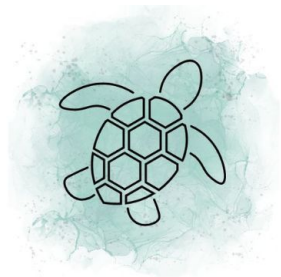
Sorrio, me aproximando dela outra vez.

— Porra, sim, porque é muito ruim ter você na minha cama todas as noites. — Sorrio, segurando seu rosto com as mãos. — E é ainda pior tê-la preparando meu café da manhã ou com as mãos afundadas nos meus cabelos enquanto assistimos um filme.

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios.

— Você tá certa, pegue suas coisas e dê o fora, porque minha vida se tornou um inferno. — Não sou capaz de me conter.

— Sabe... — Suas mãos envolvem minha cintura e ela pousa a cabeça em meu peito. — Sua mãe teria muito orgulho de você se estivesse aqui.



Elizabeth decide ficar no quarto enquanto desço para encarar meu pai e irmãos. Ela apenas sorri e diz que estará bem enquanto escreve algo e, por mais que eu saiba que é uma porra de uma mentira enorme, ainda assim, me arrasto para o andar inferior, porque sei que não sou mais uma criança e preciso manter a situação da melhor maneira. Os três estão em uma conversa quando chego no final da escada, então apenas freio meus passos e os ouço por algum tempo.

— Eu sei, Jimmy, mas você deveria pegar leve com os dois — Max murmura.

— Eu não acho que ela tenha boas intenções.

— Bom... — Max ri. — Seu filho não é conhecido por esse motivo também quando se trata de garotas.

Filho da puta.

— Eu não quero colocar sua herança em risco. Essa casa está no nome de vocês — meu pai afirma.

— Ele nunca faria isso. Se ele se casou com ela é porque tem um motivo — meu irmão garante.

Fico feliz que Max tenha achado seu caminho, porque, porra, ele é alguém que eu realmente preciso na minha vida.

— Ele se casou porque certamente estava pensando, mas não com a cabeça de cima — nosso pai rebate.

Tyson ri, sei que é ele, porque ninguém mais ri com tanto escárnio.

— Eu só não quero que ele se case com alguém apenas para se machucar.

Me pergunto o motivo de papai não ter dito a eles quem ela realmente é.

— Eu acho que ele está bem grandinho, não está? — Tyson me surpreende ao falar. — Além disso, se há alguém que ama uma mulher, porra, esse alguém é Tales.

Porra.

Uau.

— Eu achei que você não gostava dela. — Max resmunga.

— Eu gosto de garotas como a Beth — Tyson alega. — Elas sabem o que querem.

— Esse é o problema — papai retruca.

— Bem, acho que eles estão nessa há tempo o bastante. Ela já teve outras chances, não tem motivo de se casar com ele por interesse apenas agora e porra... — ele aumenta o tom de voz — vocês já viram como ela olha pra ele?

— Beth o ama, Jimmy — Max responde. — Ela realmente o faz.

Tyson faz um barulho com a garganta, concordando.

— Vocês estão certos disso? — papai pergunta.

Meus dois irmãos concordam em uníssono:

— Porra, sim.

— Sim.

— Já terminaram de falar sobre mim? — Entro no cômodo.

As três cabeças se viram em minha direção.

— Tales... — meu pai começa. — Só estou me preocupando com você — ele garante.

— Você a ofendeu, pai — o acuso.

Tento manter a calma porque não sou desrespeitoso com ele, mas sua indiferença com a forma como ele tratou Elizabeth está me tirando do sério.

— Eu estou protegendo você, eu conheço mulheres como ela.

Eu rio.

— Conhece? Desde quando? — pergunto. — Antes ou depois de mamãe? Porque, bem, você esteve com ela durante sua vida inteira. Quando exatamente?

Ele desvia o olhar.

— Você mal a conhece. — Ele caminha até o bar e enche um copo com uísque.

Tyson e Max erguem as sobrancelhas, mas nenhum deles o repreende por estar bebendo tão cedo.

— Você está enganado — garanto. — Vocês mal a conhecem. O que sabem sobre Elizabeth? Vocês não fazem ideia — digo entredentes.

E eles realmente não fazem.

— Eu não quero que voc...

— Que eu o quê? — pergunto. — Eu não me lembro de você ter ficado puto quando percebeu que Max e Kyra estavam apaixonados, e, porra, ela estava comigo, apesar de tudo.

Ouçoo o suspiro pesado de Max. Não, eu não tenho ressentimentos sobre isso, droga, claro que não, todos nós sabemos que o que tive com Ky foi apenas... nós confundindo as coisas.

— Tales... — Tyson murmura, com cautela.

— Foda-se — respondo. — Porque eu também não o vi, pai, repreendendo Tyson por estar afundado em álcool todas as vezes em que Tracy chutava o rabo dele.

Os três estão me encarando, nenhum deles parece bravo, porque sabem que eu tenho razão.

— TJ... — meu pai começa.

— Então por quê? Por que Elizabeth? — aumento o tom de minha voz. — Por que você demitiu o pai dela? Qual a história de vocês? — pergunto.

— O quê? — Tyson pergunta, confuso. — Do que você tá falando?

— O que o pai da Beth tem a ver com isso? — Max indaga.

Nós três viramos para o nosso pai.

— Ele trabalhou nessa casa por alguns anos, então papai o demitiu. Eu não sei o motivo, mas eu ficaria muito feliz em saber. — Cruzo os braços sobre o peito.

Eu posso lembrar dele se forçar minha mente para aquela época, mas nós estávamos tão concentrados em nós mesmos que tudo não passa de uma vaga lembrança.

— Ele era um cara difícil — ele alega.

— Bem, ele ainda é — rio sem humor. — Eu fodi o nariz dele por isso.

— Você bateu no seu sogro? — Max parece realmente surpreso.

— Porra, sim, ele mereceu.

Tyson suspira.

— Você sabe que eu odeio violência — papai alega.

— Ele bateu em você? Ele roubou ou ameaçou você? Por que você o mandou embora, pai? — insisto.

— Tales... — ele me repreende. — Eu só estou protegendo nossa família.

— Passando todo o seu tempo fora? — Estou quase gritando agora. — Aparecendo uma vez no mês para me repreender por amar alguém? Ninguém aqui tem a porra do direito de tomar decisões por mim. Vocês estão felizes, estão alheios, longe dessa casa, ninguém aqui realmente se importa se movo meu traseiro sozinho para a cama ou se quero companhia para algo mínimo como assistir um jogo na ESPN^[18]. — Faço uma pausa. — Cada um de vocês tem uma vida e eu não estou os criticando por terem escolhido as mulheres com quem passam seu tempo.

— Ele tem razão — Max murmura. — Você tem minha bênção nisso, você sabe. Eu estou realmente feliz por você ter encontrado alguém.

— Eu sei.

Tyson abre a boca, mas a fecha em seguida. Ele cruza os braços sobre o peito e encara seus pés. É sua forma de dizer que sente muito, eu sei, não preciso realmente ouvir uma palavra de sua boca porque eu o conheço bastante para saber isso.

— Bem, se você a ama e está certo de que ela está com você pelos motivos certos, então você tem minha aprovação — meu pai murmura, dando um longo gole em sua bebida.

Eu o encaro por alguns segundos, então, antes de sair, eu murmuro:

— Eu não estava pedindo sua aprovação.



— Eu não acredito que estou realmente indo. — Me olho no espelho.
— E me sinto horrível dentro dessas roupas.

Os olhos de Tales me encontram através do espelho.

— Você tá linda. — Ele sorri.

— Não estou. — Cruzo os braços. — Não tenho todas as minhas maquiagens aqui e minhas roupas são tão... — Rolo meus olhos sobre o meu reflexo.

— Você nunca precisou de maquiagem pra ser perfeita.

Suspiro.

— Sua opinião não conta, porque você me ama — contraponho.

— Sim — ele ri. — Eu amo.

Um sorriso se forma em meus lábios também.

— Tracy e Kyra devem estar tão... bonitas.

Me sento na ponta do colchão.

— Bem, mesmo se houvesse uma forma de fundirem as duas e formarem uma única mulher, ainda assim elas teriam metade da sua beleza.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você conquistava todas as garotas com essas falas? — Ergo um dedo no ar. — Espere! Não responda!

Ele ri.

— Eu me casei com a única que importava.

Mostro minha aliança para ele.

— Sim, você se casou. — Viro a mão para mim e a encaro por alguns segundos também. — É uma pena que sua família me odeie.

Vejo-o se encolher.

— Eles não a odeiam, Beth. Kyra, Tracy e Max adoram você e Tyson, bem, ele tem a sua própria forma de aceitar alguém. Ky é sua melhor amiga há anos e você não o vê fazendo gentilezas para ela.

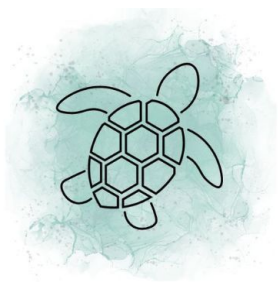
Suspiro. Ele está certo. No entanto, não comento com ele sobre minha pequena conversa com Tyson no dia em que Tales viajou a trabalho.

— Ainda tem o seu pai.

— Ele me deu sua bênção. — Ele enfia uma camisa e se olha no espelho, enfiando as mãos no bolso para conferir o visual.

— Bem, sim? — pergunto surpresa.

— De sua forma, mas ele está lidando com isso — murmura. — Você precisa ficar calma. Esse jantar hoje vai ser... bom. — Tales se vira para mim. — Apenas relaxe, você tá linda e, a propósito, eu mal posso esperar para te foder quando chegarmos em casa.



Assim que chegamos ao camarote que os Jackson reservaram em uma boate de Boston, eu avisto os quatro. E uau, os dois casais parecem exatamente perfeitos um para o outro. Tyson está todo de preto, como sempre, suas botas são parecidas com as que seu irmão Max usa, no entanto, ele está com uma camisa justa, cinza escuro, enquanto meu... marido está com uma polo branca, que agarra todos os seus músculos e que eu mal posso esperar para arrancá-la de seu corpo.

O segurança encara Tales, então olha sobre os ombros, observando os outros irmãos antes de arregalar os olhos. Eu sou capaz de entendê-lo perfeitamente. É mais fácil quando são dois, mas três? Droga, parece que seu cérebro está dando PT. Ainda posso lembrar da primeira vez que vi Max sobre aquela moto. Ou quando Benny viu os três pela primeira vez. Eu gostaria realmente que Kenzie tivesse essa experiência.

Sinto a mão de Tales apertar forte a minha, então subo alguns degraus, observando as garotas. Kyra está com o cabelo amarrado no alto da cabeça e há um topete perfeito, que a faz parecer tão destemida e sexy, além disso, seu rosto livre dos fios, faz destacar os olhos marcados com preto. Ela usa um vestido de alças finas que revelam bastante seus seios. O braço de Max pousa sobre seus ombros e ela leva um copo até a boca no momento em que seus olhos caem sobre mim.

Ao seu lado, Tracy está com uma mão apoiada na perna de Tyson e ela usa uma saia de pregas, curta, com uma blusa do Nirvana, que, provavelmente, ela mesmo customizou. Há um nó no tecido na parte da frente e as mangas foram tiradas. Seus cabelos estão curtos logo abaixo das orelhas e o batom vermelho em sua boca faz com que sua pele pareça ainda mais leitosa. Há uma tatuagem enorme em sua coxa direita agora e, de onde estou, posso ver outras por seus braços.

Eles parecem exatamente perfeitos um para o outro. Me pergunto o que eles enxergam quando olham para mim e Tales e meu estômago se contorce com essa ideia. Ky é a primeira a se levantar e caminhar até mim. A música está alta o bastante para que precisemos aumentar o tom de voz se quisermos nos comunicar e ela me envolve em um abraço apertado quando diz:

— Eu estou tão brava e feliz! — ela grita.

Fecho os olhos por um segundo, porque sim, Deus, eu sinto muita falta de tê-la em minha vida.

— Eu sinto muito por não contar nada.

Nós nos afastamos um pouco.

— Como você está? — ela pergunta.

Eu penso sobre isso por um momento, é a primeira vez que o faço e eu me pergunto se isso tem a ver com o processo de mudança pelo qual estou passando. As pessoas geralmente não querem realmente saber como você está, mas ela é a Kyra, uma amiga, então sim, ela se importa comigo e eu me vejo surpresa quando respondo:

— Eu estou infeliz com algumas coisas que estão acontecendo na minha cas... Na casa dos meus pais — me corrijo. — Mas estou feliz por ter Tales ao meu lado.

Um sorriso enorme se forma nos lábios de Kyra.

— Você parece diferente. — Seu sorriso aumenta.

— Eu me sinto diferente — afirmo. — Eu realmente estou trabalhando nisso.

Ela me puxa para outro abraço e, quando se afasta, parece realmente emocionada.

— Deixa eu ver isso. — Ky puxa minha mão e confere minha aliança. — Uau, Vegas. Eu nem acredito que não estávamos presentes... — Ela parece chateada.

— Vocês estarão quando formos renovar nossos votos — Tales me surpreende quando nos interrompe.

Renovar os votos?

Uau.

— Certo... — Kyra parece tão surpresa quanto eu quando o puxa para um abraço. — Parabéns pelo casamento. — Ela sorri. — Eu espero que vocês sejam muito felizes.

Seus olhos estão cheios de lágrimas agora.

— Obrigado — ele agradece, se afastando, então me envolve pela cintura e beija o topo da minha cabeça.

Os olhos de Kyra alternam entre nós dois e o sorriso não deixa seu rosto. Ela parece realmente feliz. Depois de cumprimentar todos, Tales se senta ao lado de Max e as meninas me puxam para um canto, antes de me entregarem um drinque para beber.

— E você? — pergunto a Tracy.

— Eu estou bem, cansada, mas bem. — Ela sorri, colocando uma mecha atrás da orelha.

— Deve ser cansativo passar toda a sua vida praticamente estudando.

Ela assente.

— Depois de Yale, eu realmente me vi perdida quando comecei a trabalhar no ramo, não era o que eu realmente queria fazer — admite.

— Bem, acho que as aulas que ela deu para Tyson durante o ensino médio a fez perceber que queria ser professora.

Nós três gargalhamos. Eu havia ficado sabendo sobre isso em algum momento através de um encontro que tive com Ky.

— Eu consegui entrar na BU e estou puxando algumas matérias para habilitação em licenciatura, consegui um estágio em uma escola também e pretendo dar aulas em tempo integral dentro de pouco tempo.

— Isso parece realmente cansativo. — Beberico minha bebida, mas ela não me cai bem.

— E você? — pergunto a Ky. — Como está na oficina?

Seu sorriso aumenta.

— É um pé no saco trabalhar com o meu... namorado.

— Marido. — Tracy e eu falamos em uníssono.

— Vocês moram juntos, são como marido e mulher — rebato.

— Bem. — Ela revira os olhos. — É realmente um pé no saco de qualquer forma. O importante é que Max tem uma paciência de Jó.

É, ele tem.

— E então, como isso aconteceu? — Tracy aponta para a minha aliança.

Me pergunto quanto ela sabe, mas bem, a resposta é *tudo*. Kyra é sua cunhada agora, além de serem melhores amigas desde sempre. Eu não me importo com isso realmente.

— Bom... — suspiro. — Tales e eu... — faço uma pausa. — Eu nem sei por onde começar — rio. — Nossa história é grande pra caramba.

As duas riem. Olho sobre os ombros, os três irmãos parecem realmente bem um com o outro e há um sorriso no rosto de Tyson, que me diz que ele também está bem com tudo. Isso me faz respirar aliviada.

— Então... — volto a falar. — Meu relacionamento com meus pais começou a ficar complicado justamente quando Tales quebrou sua promessa e me procurou no bar. Acabei em sua casa e isso acabou em Vegas. Tudo aconteceu muito rápido, mas...

— Vocês se amam — Ky murmura.

— Sim — afirmo, desviando o olhar. — Há muita coisa acontecendo, sabe... — Faço uma pausa, refletindo sobre o assunto. — Eu sei que nós nunca demos certo nas outras vezes, mas...

— Não importa quantas vezes deu errado antes de dar certo, porque as coisas têm seu próprio tempo para acontecer. — Tracy coloca uma mão sobre a minha coxa. — Foi assim comigo e Tyson. — Ela sorri. — Nós começamos no ensino médio, isso se arrastou por meses, depois por anos, até que nós simplesmente olhamos um para o outro e dissemos que o momento era aquele. Está funcionando desde então. — Seus olhos caem sobre Tyson e ele sorri para ela, que retribui.

— E foi comigo também — Ky diz, orgulhosa. — Max e eu nos conhecemos, depois precisamos estar longe um do outro para que tivéssemos nosso próprio tempo. Tínhamos questões pessoais para lidar. Eu precisava me encontrar sozinha, como mulher, ele precisava conhecer seus irmãos. Então, em um jantar de Ação de Graças, ele apenas sorriu para mim e eu soube que era nossa hora. — Ela encara Max, que também parece perceber que está sendo observado e pisca em sua direção.

— Parece realmente a maldição dos irmãos Jackson — murmuro para as duas.

Elas dão gargalhadas.

— É o que costumamos dizer — Tracy diz, bebericando.

Eu encaro Tales por um momento, ele parece tão feliz conversando com os irmãos. Seu sorriso é enorme e alcança seus olhos de uma forma que apenas ele se destaca. Ele pega um copo sobre a mesa e o leva até a boca.

Sua aliança grossa brilha em nossa direção. Parece a coisa mais sexy do mundo para mim.



— Meu Deus, desculpe o atraso — alguém grita e nós seis nos viramos para encarar Glenda.

— Porra, você demorou pra caralho. — Tyson diz sobre a música. — Onde estava? — ele parece autoritário falando com a irmã.

Me pergunto como ele será se tiver uma filha mulher no futuro.

— Cadê o seu namorado? — Max parece preocupado quando cruza os braços sobre o peito forte.

— Por acaso, você não veio sozinha, certo? — Tales a repreende, dando um passo à frente, então ele estende a mão sobre o seu rosto. — Por que diabos sua maquiagem parece borrada?

Kyra e Tracy suspiram ao meu lado.

Eu realmente não queria ser Glenda nesse momento.

— Ela esteve chorando — Tracy murmura e Ky concorda.

— Eu só enfiei meu bastão de rímel dentro do olho. — Glenda dá um tapa na mão de TJ.

— Uma porra que enfiou. — Tyson se levanta. — Onde está aquele idiota do seu namorado? — ele rosna.

Coloco minha taça sobre a mesa de centro.

Tracy se levanta e puxa Glenda para um abraço.

— O que houve? — Ky pergunta a ela quando estamos no nosso lado do camarote, longe dos ouvidos dos irmãos, que agora conversam entre si.

Observo seus olhos correrem o andar de baixo em busca de algo.

— Nós terminamos — Glenda murmura.

— O quê? Por quê? — Kyra parece surpresa.

Ela dá um sorriso sem humor, cruzando suas pernas e respirando fundo. Eu me ajeito no sofá. A bebida que ingeri faz meu estômago doer e eu dou um pequeno arroto, então levo minha mão até a boca.

— Desculpe — murmuro. — Eu apenas não me sinto bem.

— O que você tem? — Tracy pergunta, mas eu a dispenso com um gesto. Apontando para que Glenda continue.

— Eu o peguei na cama com sua irmã.

— Mas o quê?! — quem grita agora sou eu.

— É sua meia-irmã. — Tracy pousa a mão em meu ombro, tranquilizando-me. — Pais diferentes que se casaram. A esposa de seu pai tem uma filha e bem...

— Cristo! — Pouso a mão em minha barriga. Kyra parece me avaliar. — Você não pode apenas soltar uma informação dessa assim — rio.

— Sinto muito, eu não quis soar como uma idiota.

— Enfim... — Tracy a encoraja. — Eu sinto muito que você tenha visto isso.

Ky e eu concordamos.

— Tudo bem... — ela funga. — Eu sempre soube que eles nutriam algum sentimento... Porra, sim, é claro como a água... a forma como eles se olhavam...

Ela suspira.

— Você está bem? — pergunto.

— Melhor do que você, aparentemente. — Ela coloca a mão na minha testa. — Você se sente bem?

Encosto minhas costas no estofado atrás de mim.

— Eu acho que preciso de um ar — murmuro. — Me desculpe por sair agora... eu realmente sinto muito que você tenha passado por isso.

O sorriso que ela me dá diz que realmente não está sofrendo tanto quanto eu pensei que estivesse. Ou que eu estaria se tivesse encontrado Tales na cama com alguém.

— Eu vou com você. — Kyra enlaça o braço no meu.

— Estão indo aonde? — Max pergunta.

Ouçõ Kyra suspirar ao meu lado.

— Ao banheiro — ela responde.

— Eu vou pegar algo mais forte no bar — Tales avisa.

Semicerro os olhos em sua direção.

— Não, não vai, porque temos bebidas o suficiente aqui — minha amiga rebate. — Não precisamos de cães de guarda.

TJ me encara.

— Você tá bem? — pergunta.

— Eu estou. — Dou a ele um sorriso. — Apenas preciso de um pouco de ar. — O puxo em minha direção e lhe dou um pequeno beijo.

Ele sorri com os lábios colados aos meus. Sei o quanto está feliz com nosso pequeno show. Droga, sim, quero que todos vejam o quanto eu o amo. Sua mão desliza sobre meu braço, cai sobre a minha e eu caminho, nossos braços se esticam, Kyra me puxa e nosso contato é rompido.

— Uau. — Kyra me arrasta entre a multidão, em direção à saída. — E aí? Quando foi a última vez que desceu? — ela pergunta quando estamos na rua.

O ar frio toca meu rosto e imediatamente me sinto melhor.

— Não entendi — respondo respirando profundamente.

— Sua menstruação — ela vai direto ao ponto.

Suas palavras me fazem abrir os olhos e eu me seguro no parapeito.

— O que diabos tem minha menstruação? — pergunto, entredentes.

Ela ergue suas sobrancelhas bem desenhadas.

— Estou perguntando qual foi a última vez que você menstruou.

— Sim, mas por que você quer saber? — rio, porque não faz sentido.

Ela bufa.

— Quando foi que você se tornou tão atrasada pra sacar uma coisa?
— Sua mão cola na minha testa, medindo minha temperatura.

Me pergunto por que diabos todos têm feito isso ultimamente.

— Eu não... — Forço minha mente. — Não sei, ela nunca foi regulada.

Sequer tenho tempo para controlar isso, além disso, eu nem sequer era ativa sexualmente.

— Você deu dois goles na sua bebida e as duas vezes que o fez, parecia prestes a vomitar, Beth. Você está branca como um papel e passou o tempo inteiro com a mão no estômago.

— Eu estive com uma intoxicação desde a madrugada de terça. Ainda estou me curando.

— Você não está bem e Max comentou algo quando chegou da mansão hoje pela manhã.

— Sério? O que ele disse? — pergunto, curiosa.

— Ele disse que você estava tão nervosa com a presença do Sr. Jackson, que parecia prestes a vomitar quando deixou a mesa e saiu praticamente correndo.

— Ele não foi... nada agradável comigo.

— Eu sinto muito por isso, realmente, eu... Só dê um tempo a ele — ela suspira. — Eu amo o meu sogro, mas com o tempo você vai perceber que Jimmy Jackson é o tipo de pessoa que apenas acerta na segunda vez.

Isso realmente existe?

— Tudo bem... — digo.

Não, não está tudo bem, mas não quero seguir por essa linha agora.

— De qualquer forma, não acho que você esteja realmente com uma intoxicação, Beth, eu acho que você está grávida.



Capítulo 39

Quando volto para o camarote estou em choque. Kyra ainda fala em meus ouvidos, mas eu sequer estou prestando atenção, porque estou ocupada o bastante fazendo contas, e bem, eu não preciso ser um gênio da matemática como Tracy para saber que estou atrasada. No entanto, meu ciclo não é algo garantido e não posso confiar nele para tirar conclusões.

Droga.

Nós não usamos camisinha na noite em que o segui até o chuveiro, ou em Vegas. Faço as contas. Isso seria duas ou uma semana. Se estou enjoada, principalmente pela manhã, ou seja, tenho sintomas que, na minha opinião, não se manifestariam na primeira semana, então se for... se eu estiver, quer dizer que foi na nossa primeira vez.

Eu não faço ideia. Tudo o que sei sobre gravidez aprendi quando tinha dezesseis anos, quando minha mãe engravidou de Kenzie. Há um cansaço sobre mim agora que me esgota, preciso me sentar, ainda me sinto sem ar. Ignoro os três irmãos e sigo até Tracy e Glenda, a mão de Kyra sobre o meu braço deveria me tranquilizar, mas me sinto prestes a surtar.

Tales chama todos para uma foto e eu me posiciono perto dele, forço um sorriso, meu olhar está perdido enquanto eu penso e penso e penso. Não

é possível. Eu não poderia estar grávida, isso nem faz sentido. Começo a entrar em pânico. Tales não está pronto para ser pai.

E eu? Eu sequer consigo dar conta da minha vida e ainda tem Kenzie. Eu nunca abriria mão de lutar por ela. Passo as mãos sobre o rosto. Kyra está louca, isso sequer faz sentido. Eu apenas não estou bem, e ponto, isso não significa uma criança. É uma intoxicação! Ah, é mesmo? Então por que meu maior enjoo é pela manhã? Afasto meus pensamentos para longe.

— Você tá bem? — Tales me puxa pela cintura e eu enfio minhas mãos em sua nuca.

— Eu acho que quero ir... — Apoio a testa em seu peito.

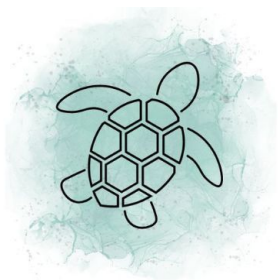
Minha cabeça não para de trabalhar.

— Tudo bem... — Ele se afasta e ergue meu rosto. — Vamos passar para pegar algo para você comer antes.

— Eu não estou com fome — sussurro em seu ouvido.

Ele suspira, então cola os lábios aos meus. Eu seguro seu rosto com as minhas mãos o prendendo em um selinho demorado. Quando ele se afasta, sua testa ainda permanece colada à minha, um pequeno sorriso se forma em seus lábios quando ele diz:

— Obrigado por ter vindo.



Tales passa em um *drive-thru*, em meu colo, há um milhão de sacolas, mas não me sinto bem para comer nada do que tem dentro de cada uma delas, e não é porque meu estômago está sensível, mas sim porque

estou totalmente sem apetite. Encarando a cidade através dos vidros do carro, eu levo a mão até a boca para roer a pele ao lado da unha.

Grávida?

Não.

Isso nem faz sentido.

— Tales... — murmuro.

Não quero contar a ele, até porque isso realmente nem é possível, mas eu sequer sei o que fazer.

— Oi. — Ele coloca uma mão sobre a minha perna e desliza seu polegar sobre minha pele.

Tudo o que ele faz parece perfeito. E se ele me odiar? E se ele quiser optar pelo aborto? As pessoas fazem isso o tempo inteiro, mas Deus, eu não consigo imaginar conviver com algo assim. No entanto, tampouco me imagino com uma criança em meus braços.

— Você... — limpo a garganta. — Sabe, você... estaria pronto para... bem... criar a Kenzie?

Ele ri.

— É isso que está preocupando você? — Ele parece divertido.

Eu assinto.

— Sim — minto.

Isso é o fato de eu estar possivelmente grávida.

— É claro que sim, Beth. — Ele aperta o volante.

— Você é tão jovem para... criar uma criança.

Ele ri.

— Bem, eu quero quatro crianças no mínimo, Beth.

Eu engasgo.

— Você o quê? — grito.

Ela dá de ombros.

— Eu sempre falei sobre isso com você — ele ri.

— Bem, sim, quando estava bêbado, eu não achei que fosse verdade.

Passo as mãos pelo rosto outra vez, estou suando.

— Você sabe que eu gosto de tumulto, eu odeio o silêncio. — Seu suspiro corta o meu coração.

Sim, eu sei.

O cheiro de hambúrguer frito me causa náusea e eu tapo o nariz usando o dorso da minha mão.

— Eu não fazia ideia de que você... Tales, você sequer tinha uma namorada, como podia pensar em quatro crianças?

Ele ri.

— Sei lá, só é algo que eu sempre quis. Nunca foi uma questão pra mim. Quando eu pensava em estar casado, eu nunca imaginei menos do que quatro filhos. Além de animais de estimação, claro.

— Bem, eu espero que você tenha babás e empregadas então se não quiser enlouquecer sua esposa.

Ele me encara, parece decepcionado. Seu olhar cai sobre a estrada escura e silenciosa outra vez e eu me pergunto o que eu disse de errado.

— O que foi? — pergunto.

Vejo os nós de seus dedos ficam esbranquiçados.

— Minha mulher é você, Elizabeth. — Ele para na frente de sua casa e abre o portão.

Tales estaciona o carro.

— Eu sinto muito. — Coloco minha mão sobre sua perna. — Eu sei, droga, eu sei e sinto muito.

Ele encara minha mão.

— Eu quero ter certeza se você está realmente nisso, Beth, não podemos ser meio-termo, eu preciso de tudo ou nada.

— Tudo — digo, sem ao menos pensar. — Você é tudo na minha vida, Tales, eu apenas não estou acostumada a ter alguém me incluindo em seu futuro. Eu nunca tive ninguém além de Mackenzie.

Ele parece conformado.

— Então comece a se acostumar, Elizabeth, porque você está casada comigo agora e, bem, casamentos são pra sempre — ele ri. — E sobre a quantidade de crianças, bem, se isso apavora você, nós podemos negociar.

E, embora eu esteja apavorada agora, eu rio, porque, droga, ele não faz ideia.



Elizabeth está agindo de forma estranha desde que ela saiu com Kyra. Pergunto-me o que diabos ela disse a ela, mas tenho certeza de que, mesmo que perguntasse, não teria uma resposta. Seu rosto está pálido e até mesmo a forma como se movimenta me causa estranheza. Ela parece fraca demais, prestes a desmoronar. Quando saímos do carro em direção a casa, ela pousa seu braço em mim e seus dedos apertam contra o meu braço.

— Tales. — Ela me encara, seus olhos estão arroxeados como seus lábios. — Eu acho que vou...

As sacolas com comida caem aos seus pés e ela vacila. Seus olhos se fecham e ela cai. Sou rápido o bastante para pegá-la antes que caia no chão, mas ela está quase lá e eu a deito com cuidado, pousando a cabeça em meu antebraço.

— Elizabeth? — Toco seu rosto e o balanço para os lados. — Porra, Beth?

Sinto o desespero ao pensar que posso perdê-la. Grito chamando pelo meu pai, mas ele não me ouve, então a ergo e a coloco no banco. Passo o cinto de segurança sobre ela a mantendo segura. Eu entro no carro e atravesso a cidade em direção ao hospital.

Uma vez lá, eu a tiro do veículo e a carrego em meus braços. Seus documentos estão em sua pequena bolsa e eu os entrego na recepção, onde recebo uma ficha para preencher. Não estou pensando direito, mas em um momento os vejo carregá-la para dentro, e no outro, me encontro totalmente sozinho na sala fria de espera.

Envio uma mensagem para Max e Tyson e, dentro de vinte minutos, os tenho ao meu lado. Kyra corre em minha direção e me envolve em um abraço apertado. Todos começam a falar ao mesmo tempo, mas minha mente não funciona com clareza agora, então eu apenas me sento e enterro minha cabeça nas mãos por um minuto inteiro.

— Tales, ela vai ficar bem. — Kyra se ajoelha em minha frente.

Como ela pode parecer tão certa de suas palavras?

— O que você disse a ela quando saíram? — pergunto, entredentes.
— Beth ficou estranha depois que vocês foram ao banheiro.

— Fomos tomar um ar — ela me corrige. — Porque ela não estava se sentindo bem.

Max suspira atrás dela, ele parece... estranho.

— O que você tá me escondendo? — pergunto. — O que vocês sabem? — Eu encaro Tray e Tyson.

Glenda caminha em minha direção.

— Deus... Eu estava achando uma vaga — diz, ofegante. — O que aconteceu?

Um enfermeiro passa por nós e encara um por um, surpreso por ver tantas pessoas de uma única vez, e eu espero realmente que ele não fale nada sobre isso.

— Beth desmaiou assim que chegamos.

— Oh. Tipo, desmaiou mesmo?

Tyson suspira.

— Há outra forma de desmaiar, porra? — ele pergunta.

— Vai se foder, Tyson — ela esbraveja, impaciente.

Acontece que pegamos demais no pé dela hoje graças ao seu namorado cuzão, mas, bem, quem se importa com isso agora?

— Ela não está bem... — Esfrego meu rosto. — Ela está assim durante toda a semana e Deus... — Me sinto um idiota por entrar em pânico agora. — É como se eu estivesse vivendo tudo de novo.

Ninguém além de Kyra e Tyson entendem o que eu quero dizer, porque apenas eles estavam lá. Sinto uma mão em cada ombro.

— Ela vai ficar bem, *brother* — meu irmão murmura. — Porra, sim, ela vai ficar, é a Beth — ele ri. — Aquela garota é forte pra caralho.

— Ela é. — Ky me encara, há um pequeno sorriso reconfortante em seu rosto.

— Eu não posso pensar em passar por aquilo outra vez — alego. — Ela não pode estar doente...

As lágrimas que eu estava tentando evitar caem sobre o meu rosto agora e enterro a cabeça entre as mãos outra vez. Foda-se, ela vai ficar bem porque Beth é forte pra caralho. Ela é a pessoa mais forte que eu conheço e nós somos casados agora. Ela precisa ficar bem por mim, porque ainda temos a vida inteira para ficarmos juntos.

Não faço ideia de quanto tempo se passa e mesmo que eu tenha todos à minha volta, me dando apoio, parece realmente uma eternidade. Quando um médico aparece, Max, Tyson e eu nos levantamos. O médico abre a boca. e encara nós três, parece em choque. Ele pisca, o olhar alterna sobre cada um.

— Bem... Eu realmente acho que estou vendo três. — Ele olha a prancheta em suas mãos.

— Somos trigêmeos — Max responde por nós, uma vez que eu ainda estou em choque.

— Sim, estou certo de que são. — O doutor dá um pequeno sorriso, e o que ele diz em seguida, abala o meu mundo inteiro: — E qual de vocês é o pai?



— Você deve estar errada — rio, descontroladamente. — Isso não faz sentido.

— Você é virgem ou não tem relações sexuais? — a enfermeira pergunta.

Sou capaz de perceber um pequeno sorriso camuflado.

— Bem... não.

— Certo, há um exame em minhas mãos. — Ela balança os papéis no ar. — E ele diz que você está grávida, querida. — Sua mão toca meu braço, há conforto no gesto.

— Você pode refazê-los? — pergunto, as lágrimas começam a cair sobre minhas bochechas. — Eu não posso estar grávida, eu...

Seus olhos caem sobre minha aliança.

— Eu me casei agora — murmuro.

— Parabéns pelo seu casamento. — Ela sorri. — Certamente é um dos três que está na recepção.

— Ele está lá? — pergunto.

— Sim, na verdade... — Ela faz uma pausa. — Eu nunca vi a equipe médica trilhar tanto pelos corredores como hoje. Todos querem vê-los.

Semicerro os olhos, pensando na quantidade de enfermeiras que estão de olho no meu marido. Desejo por um momento que Kyra e Tracy estejam na linha de frente lá do outro lado. Suspiro. No que estou pensando? Acabo de descobrir que estou grávida e enquanto isso minha mente enciumada me leva a uma linha de raciocínio totalmente imatura.

— Porra, onde ela está? — Ouço a voz de Tales e ergo o olhar até a porta.

Seus olhos encontram os meus, seu nariz está levemente vermelho e seus olhos parecem úmidos. Abro meus braços para ele, que caminha em minha direção e se afunda em meu abraço. Eu estou apavorada agora, mas tê-lo comigo é algo que faz qualquer problema parecer pequeno.

— Tales... há algo que eu... eu preciso...

— Vou dar privacidade a vocês — a enfermeira murmura, mas nenhum de nós olha em sua direção.

— Você tá grávida. — Ele se afasta.

Jogo minha cabeça para trás.

Grávida.

Minhas lágrimas voltam a cair sobre o meu rosto e estou soluçando alto agora. É desesperador. Grávida? Isso não pode ser real. Eu nem sequer tenho um emprego.

— Eu sinto muito, Tales, Deus... — Minha voz sai estrangulada.

Sua cabeça pousa sobre minhas pernas, ele parece estar... chorando? Isso parte meu coração.

— Eu não... — começo. — Sinto muito por arruinar sua vida... Eu não fiz isso de propósito, eu não...

Seus olhos encontram os meus.

— Porra, Beth eu pensei que você estivesse doente.

Suas palavras são como um choque para mim.

— Eu estou dizendo que estou grávida.

— Eu sei. — Suas mãos correm sobre meu rosto e ele seca minhas lágrimas. — E eu estou apavorado, porra, sim... — Ele passa a mão no seu próprio rosto agora. — Mas eu pensei que... Deus, era como se eu estivesse voltando no momento em que minha mãe descobriu sua doença...

Uma lágrima corre sobre sua bochecha e isso me pega desprevenida. Não há nada tão lindo quanto um homem como ele chorando. Mostra o quanto aparências podem manipular o que pensamos sobre alguém. Eu amparo a lágrima com o polegar. Ele pensou que eu estivesse doente e está bem com uma gravidez agora. É como se ele olhasse a situação por uma outra perspectiva. Eu realmente gostaria de estar tão tranquila com isso quanto ele aparenta estar, embora tenha assumido que se sente apavorado.

— Eu sinto muito...

— Você me assustou pra caralho. — Ele respira fundo, enfiando outra vez a cabeça em meu colo.

— Eu deveria ter procurado um médico antes. — Acaricio seus cabelos. — Não fazia ideia de como se sentia.

— Tudo bem. — Ele deposita um beijo onde está apoiado. — Eu deveria ter arrastado você pelos cabelos até o hospital como um maldito homem das cavernas.

— Um homem das cavernas? — Isso me faz rir. — Você teria me trazido no colo até aqui, Tales.

— Grávida... — murmura, então solta um grunhido. — Meu Deus.

— Eu sei. Eu acho que... ainda não estou acreditando. É como se, a qualquer momento, eu fosse perceber o peso que isso terá sobre nossas vidas e então estarei pronta para surtar.

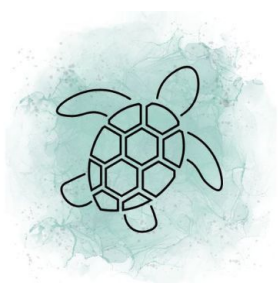
— Você está desidratada — murmura. — Tudo o que precisa focar agora é em se manter saudável — geme. — Se manterem saudáveis. — Tales faz uma pausa. — Jesus Cristo.

— Tudo no que consigo pensar agora é no seu pai recebendo essa notícia — admito. — Ou em... Deus, eu nem sei no que pensar.

Sequer consigo me imaginar com uma criança no colo.

— Só pense que agora você precisa colocar essa criança acima de tudo. — Ele retoma sua postura. — Você não está mais sozinha, Beth, eu sou seu marido e estou ao seu lado agora.

Mackenzie está acima de tudo para mim e ouvi-lo falando isso faz meu coração rachar ao meio. Tenho minha irmã como prioridade desde sempre e agora estraguei tudo. Eu estou grávida, droga, sim, isso não é irreversível, então eu preciso arrumar uma forma de fazer funcionar. Uma gravidez agora não muda o fato de que estou lutando pela minha irmã, mas eu me pego imaginando que talvez eu só esteja pensando assim porque ainda não assimilei.



Hoje, enquanto deixo o quarto de hospital, não tenho mais ninguém na sala de espera. Sei que todos passaram a noite em consideração a mim, e isso realmente me pega de surpresa, porque eu nunca tive pessoas fazendo coisas legais por mim, no entanto, não posso deixar de respirar aliviada ao saber que não precisarei lidar com nenhum tipo de situação constrangedora.

Tyson Jackson acabou de me aceitar, mesmo que de sua forma, e eu simplesmente apareço grávida. Isso deve provavelmente mudar sua opinião sobre mim, eu aposto. E, quando eu coloco meus pés em casa, tudo o que eu consigo pensar é em seu pai e em como iremos contar isso a ele, por isso fico completamente em choque quando ele aparece em minha frente.

— Como você está? — Jimmy Jackson me surpreende.

— Oh... eu... bem.

Tales se retrai ao meu lado.

— Ela vai ficar bem. — Ele passa seu braço pelo meu ombro e o aperta.

Abaixo minha cabeça e encaro os meus pés.

— O que houve? — ele pergunta.

Meu coração começa a bater mais forte. Não quero que briguem por isso, mas, droga, ele acabou de saber que seu filho se casou em Vegas com alguém que sequer namorava, e agora, bem, agora ele será avô. Não posso julgá-lo. Não sei o que é ter uma família, mas sei que eu não estaria feliz se estivessem escondendo coisas de mim.

— Beth, por que não vai tomar um banho? Você deve estar exausta.
— Tales beija o topo da minha cabeça.

Sei que ele quer privacidade e compreendo seus motivos. Parte dele provavelmente teme que seu pai me insulte e outra parte acha que precisa dar ao seu pai o direito de surtar sem que seja julgado por mim. Ele obviamente ama nós dois, e eu realmente posso imaginar o quanto tudo é difícil para ele também.

— Tudo bem — assinto. — Farei isso. — Eu me viro para o seu pai.
— Com licença, senhor.

Jimmy assente e então eu caminho em direção às escadas, só que eu não subo até o final, porque é tentador demais saber que eu posso ficar e ouvir o que ele pensa sobre isso.

— Ela está grávida, pai. — Tales não perde tempo.

Eu tranco o ar.

— Grávida? — ele repete.

Não há nenhum indício de ódio em sua voz, mas também não parece feliz.

— Sim. — Há excitação em sua resposta e isso acerta o meu coração.

Tales parece feliz.

— E como você se sente sobre isso? — seu pai pergunta a ele.

Há uma longa pausa.

— Eu tô cagando de medo.

Oh.

Ouçó o riso dos dois.

— Bem, você realmente deveria cagar — seu pai solta um longo suspiro. — Porque um filho é a coisa mais apavorante na vida de uma pessoa. Desde quando você o segura pela primeira vez, até quando ele chega até você e conta que agora você será avô.

Isso enche meu coração de uma forma que eu jamais poderia descrever.

— Você está bem com isso? — Tales pergunta surpreso.

— Você tem o coração da sua mãe, TJ — Jimmy murmura. — Eu não posso dizer que fiquei feliz com a forma como as coisas aconteceram,

simplesmente alegando ter se casado com ela... — Ele faz uma pausa. — Dos três, eu realmente pensei que você fosse o único que entraria em uma igreja, apesar de ser o que sempre fez mais...

— Merda — Tales completa. — Eu sei, pai, eu sinto muito por isso.

— Eu realmente queria que sua mãe estivesse aqui agora. — Ouço os passos dele e deduzo que estão se abraçando agora, porque ouço o som de alguns tapinhas. — Eu daria minha vida para ver sua mãe segurando essa criança.

As lágrimas caem sobre minhas bochechas e deixo um pequeno soluço escapar. Droga, a vida é injusta de muitas formas. Tales tinha uma família linda, mas sua mãe os deixou cedo demais, enquanto eu tenho meus pais comigo e eles estarão se fodendo para o fato de que terão um neto. Tenho certeza de que meu pai ficaria feliz se eu tivesse feito um aborto.

— Eu também gostaria, pai. — Sua voz está rachada agora e eu sei que ele está chorando. — Eu também daria tudo para que ela estivesse aqui, apesar de eu saber que, de alguma forma, ela realmente está.



Estamos deitados em sua cama, Tales está apagado ao meu lado, temos dormido direto desde que cheguei do hospital e, mesmo que algumas horas tenham se passado, sei que ele precisa de mais um pouco de descanso, visto que passou a noite inteira acordado. Seu braço está sobre o meu peito quando eu me movo para fora da cama.

Ouçoo passos do lado de fora do quarto e sei que Jimmy ainda não partiu, então temo que esteja indo agora. Visto uma roupa e deixo o quarto. Sinto no meu coração que preciso falar com ele antes que vá. Há muitas coisas que eu realmente quero que ele saiba, por isso eu empurro meu orgulho para longe, porque sei o quanto isso é importante para Tales.

Quando desço as escadas o encontro procurando por alguma coisa no armário. Ele não me vê chegar, por isso, quando limpo a garganta, ele deixa a colher de sua mão cair aos seus pés. Seu olhar parece cansado quando ele encara o chão, então caminho até ele, junto o talher e o coloco dentro da pia.

— O senhor já está indo? — pergunto.

Jimmy pigarreia.

— Sim, dentro de uma hora. — Ele faz uma pausa. — Eu estava procurando o pó para passar o café.

— Sinto muito, eu o mudei de lugar porque não alcançava o armário superior.

Posso jurar que há um pequeno sorriso em seus lábios.

— Oh, sim. — Ele se abaixa e pega a lata do café.

— Tudo bem. — Caminho até ele e pego a chaleira. — Eu posso fazer isso, apenas se sente e descanse por essa hora.

— Eu não quero dar trabalho a você — ele diz.

— Eu estou grávida, não doente.

Minhas palavras têm muito peso sobre nós.

Eu estou grávida.

— Minha esposa sempre quis engravidar — seu comentário me pega de surpresa. — Eu vivia dizendo a ela que tudo bem por mim se adotássemos uma criança, mas ela tinha o sonho de ver sua barriga crescer.

Bem, quero dizer a ele que vi minha mãe grávida e não é algo que eu realmente imagino acontecendo comigo. Não há nada de bonito na maternidade além da criança.

— Eu sinto muito por ela — murmuro. — Sinto muito que Helena tenha partido tão cedo.

Ele ergue suas sobrancelhas.

— Você fala dela como se a tivesse conhecido.

Coloco a água no fogo.

— Tales não costuma falar muito sobre isso porque é algo que...

— Eu sei. — Ele me dá um pequeno sorriso.

— Mas tudo o que me disse ao longo dos anos foi absorvido e eu realmente sinto que, de certa forma, a tenho no meu coração.

Ele parece realmente emocionado com minhas palavras.

— Eu sinto muito que tenhamos começado da forma errada. — Ele me surpreende.

— Eu também. — Meu olhar cai sobre meus pés por um segundo. — Há muitas coisas que eu quero que você saiba — admito.

— Como o quê? — Ele parece curioso.

Então eu tomo a maior decisão da minha vida, eu jogo limpo com ele.

— Tales e eu nos conhecemos há quatro anos, durante uma pausa no meu turno no bar. — Faço uma pausa, um sorriso brinca em meu rosto porque gosto de me lembrar daquele momento. — Ele chegou todo atrevido, achando que eu estaria em sua cama naquela noite, só que isso não aconteceu.

Jimmy sorri e a chaleira apita.

— Por que está me contando isso?

Dou de ombros, o cheiro do café me acalma quando eu despejo a água sobre o pó.

— Porque ele é seu filho e porque isso é algo que acho que deve saber.

Ele aguarda dois minutos, até que o café esteja pronto, então eu coloco a jarra sobre a mesa, ao lado de duas xícaras.

— Tudo bem. — Ele serve a nós dois.

— Eu pensava que não, mas eu me apaixonei por Tales muito antes de assumir para mim mesma. — Meus olhos se enchem de lágrimas e eu me

pergunto se tem a ver com a quantidade de hormônios que tenho agora. — Ele tem o maior coração que eu já conheci.

— Ele tem — Jimmy assente, orgulhoso.

— Eu sempre soube quem ele era e esse era o maior motivo de eu não querer nada com ele. Durante muito tempo, ouvi de meu pai sobre sua família e eu tinha uma imagem totalmente distorcida de quem realmente eram, até que eu ouvi, através de Tales, histórias sobre vocês. — Faço uma pausa. — E bem, meu pai é uma pessoa horrível, então eu sempre deduzi que ele tinha uma grande participação em sua demissão.

Jimmy encara sua xícara sobre a mesa e seu silêncio me pega desprevenida.

— Ele... ainda...

— Se ele está vivo? — Observo-o assentir. — Sim, ele está, ainda mais inútil do que naquela época, no entanto.

Ele abre a boca três vezes antes de dizer:

— E sua mãe?

Isso me pega de desprevenida.

— Você a conheceu? — pergunto surpresa.

Jimmy passa a mão sobre o rosto.

— Bem... sim.

— Oh, eu não sabia... — Forço minha mente em busca de algum comentário sobre isso, mas, nesse momento, não consigo me lembrar de nada. — Nós acabamos juntos. — Beberico meu café. — Tales e eu nos apaixonamos, mas, bem, eu não podia realmente ser o que ele precisava que eu fosse. Eu tinha um emprego que exigia muitas horas do meu dia e desde sempre eu precisei colocar comida dentro de casa.

— Uau! — Ele endireita sua postura. — Eu sinto muito.

— Tudo bem. — Sorrio. — É apenas a minha realidade. E, por mais que meu pai tenha repetido que a culpa para eu precisar trabalhar tanto, é da família Jackson — deixo um riso de escárnio escapar —, eu sei que o único culpado é ele.

— Eu nunca quis que a demissão de seu pai afetasse sua vida.

— Você sabia sobre mim? — pergunto.

— Eu sabia que eles tinham uma filha da idade dos meus filhos — ele murmura.

— Tales e eu nos magoamos diversas vezes. Eu não... estava acostumada a ser amada ou amar alguém e, além disso, bem, você sabe como ele era aos vinte e um anos. Eu apenas não podia me dar ao luxo de um relacionamento como o nosso, então, nós apenas decidimos ser melhores amigos.

— Foi uma sábia decisão, eu aposto, porque elas trouxeram vocês onde estão agora. — Ele leva a xícara até a boca.

— Sim — concordo. — Mas nós não nos casamos exatamente por esse motivo, Jimmy.

— Como assim? — Ele está confuso.

— Eu nunca pude estar com Tales ou ser uma namorada para ele, porque eu tenho uma irmã que eu basicamente crio sozinha, uma vez que meu pai não tem um emprego e minha mãe possui transtorno bipolar.

Ele ergue suas sobrancelhas.

— Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Eu tenho. — Sorrio, meu coração se enche ao pensar em Kenzie. — Tales esteve presente em sua vida durante os últimos anos. Ela se chama Mackenzie.

Ele solta um suspiro.

— Oh, sim. — Ele passa a mão no rosto outra vez. — Mackz? Ele me falou sobre ela milhares de vezes.

— Mesmo?

— Quando eu soube que você era a Beth que ele tanto falava, eu, bem, eu apenas esqueci que você tinha uma irmã.

— É, eu tenho, e eu não tinha tempo para outras coisas senão para iria-la. Ela é a minha prioridade, sempre foi, e no fim, ele aceitou isso.

— Mas vocês continuam apaixonados um pelo outro — afirma.

— Eu nunca deixei de amá-lo. Nem mesmo quando ele... — limpo a garganta — teve um relacionamento com Kyra.

— Aquilo foi...

— Eu sei. — Livro ele de expor sua opinião. — Meu pai nunca aceitou meu relacionamento com Tales, nem mesmo amizade, porque ele odiava seu sobrenome, ele repetiu milhões de vezes que você era a causa de ele estar desempregado e minha mãe ter um surto durante a gravidez, devido à falta de dinheiro.

— Eu sinto muito por isso. — Ele parece branco agora.

— Eu sei, só quero que entenda que eu não estou aqui porque quero o seu dinheiro. Eu estou aqui porque muita coisa aconteceu. Meu pai me bateu por muitos anos, agora Mackenzie está sofrendo agressões em sua mão e eu não podia estar com Tales se quisesse viver naquela casa. Eu escolhi minha irmã, porque precisava estar com os olhos nela.

— Deus... — Seus olhos estão marejados agora. — Eu sabia que ele não era um homem decente, mas isso...

— Eu sei. E é por isso que Tales me deu um lugar aqui e me propôs casamento, porque nós queremos tomar sua guarda.

Ele abre a boca, mas nenhuma palavra sai.

— Nós sempre estivemos apaixonados um pelo outro, de qualquer forma, e quando eu comecei a viver aqui, bem... nós começamos a... nos relacionar outra vez, então quando nos casamos, era tão real e... — Uma lágrima escorre sobre minha bochecha — eu realmente o amo, eu o amo com todo o meu coração e nós fizemos isso pelos motivos errados, mas acabamos juntos pelos motivos certos e agora eu...

— Agora você está grávida do homem que ama e ele ama muito você também, Beth, e mesmo que esteja pensando em Mackenzie e que está cometendo uma injustiça com a criança que carrega, eu quero dizer que tudo bem se sua irmã for sua prioridade nesse momento, porque só Deus sabe o que vocês passaram nas mãos do seu pai. — Ele faz uma pausa, segurando minha mão com força sobre a mesa. — E mesmo que o pensamento dele tendo duas crianças me deixe louco — ele ri —, eu não poderia estar mais orgulhoso do meu filho agora.

Suspiro realmente aliviada pela primeira vez desde que ele chegou.

— Eu sinto muito por tudo — murmuro, secando as lágrimas do meu rosto.

— Não, querida — ele ri. — Eu que devo pedir desculpas pela forma que tratei você. Eu realmente sinto muito, Beth. — Ele se levanta e caminha até mim. — Você abriu mão da sua vida pela sua irmã e isso é honroso, eu não poderia estar mais feliz por Tales ter se casado com alguém como você. — Ele me puxa para um abraço. — E meu neto não poderia ter uma mãe melhor.

— Obrigada por isso. — Eu o aperto forte contra mim. — Eu estou feliz que tenhamos acertado isso.

— Obrigado por ser honesta comigo. — Ele se afasta. — Você é realmente perfeita para ele.

Eu sorrio, sem jeito.

— Obrigada.

— Bem, eu preciso ir agora, apenas vou me despedir de Tales primeiro. — Jimmy coloca sua xícara dentro da pia. — Eu mantereí contato nos próximos dias. Vamos encontrar juntos uma forma de trazer Mackenzie para cá. Se ela realmente sofre agressões e se sua mãe tem algum transtorno que torna a guarda dela instável, além de ser omissa sobre as agressões, então nós iremos lutar por ela.

— Obrigada — digo entre soluços. — Isso significa muito pra mim.

Ele assente.

— Quantos anos você disse que ela tinha mesmo? — Ele caminha em direção às escadas.

— Eu não disse — respondo. — Ela tem nove.

Ele para de andar e me encara por um minuto inteiro, mas em seguida, apoiando sua mão na parede, Jimmy Jackson suspeitosamente sobe as escadas.



Capítulo 43

Por que diabos estão todos agindo descontroladamente essa noite? É o que estou me perguntando, enquanto escrevo no meu diário. É algo que criei e mantive apenas para mim, onde relato tudo o que acontece no meu dia. Meus punhos doem agora, porque, diferente de todas as outras garotas da escola, eu não tenho um computador, preciso de papel e caneta.

Além disso, hoje foi um dos dias mais loucos da minha vida inteira e, bem, as coisas sempre foram muito agitadas aqui em casa e, droga, ficarão ainda mais, visto que minha mãe acaba de anunciar que está grávida e, além disso, meu pai foi demitido nessa manhã. Ele me acertou um tapa no rosto quando perguntei o motivo, mas algo me diz que irá repetir pelos próximos meses. É o que ele faz quando algo ruim acontece, ele repete e repete e repete até que nossos ouvidos sangrem.

Mas minha mãe surpreendentemente o ama, ou eu acho que ama, eu não sei, ela vive mudando de ideia sobre tudo, e hoje, mais do que nunca, ela parece... fora de si. Um filho? Um irmão? Eu fecho meu diário e o arremesso na parede como uma adolescente idiota. Nós sequer damos conta de nós mesmos.

Fecho os meus olhos e deixo um soluço escapar.

Uma criança. Pessoas como os dois não deveriam colocar filhos no mundo. Eles mal dão conta de si. Vivemos em um inferno e, Deus, eu mal posso esperar para ter idade suficiente e dar o fora dessa casa. É tudo o que eu quero agora, fazer dezoito, arrumar um emprego e sumir no mundo.

Isso me deixa nervosa, não o pensamento de estar longe de casa, mas o de abandonar minha mãe. Eu sei o quanto sua mente pode tornar as coisas difíceis e também sei que não é sua culpa, no entanto, toda a merda que ela permite que meu pai faça é totalmente aprovada por ela. Não sou capaz de contar quantas vezes ele já me agrediu. Nem quantas vezes ela concordou que era necessário.

Ela o ama.

Eles estão esperando um filho.

Ouçó gritos vindos da cozinha. Louças se quebram quando ela as arremessa nele. Ouçó minha mãe o lembrando de uma traição passada, porque, sim, meu pai é um bêbado que bate na esposa e na filha, mas ele também atribui o título de infiel na sua lista de desonra. Isso foi algo que aconteceu há alguns meses, mas ela o faz lembrar diariamente, assim como vive repetindo que irá se vingar.

Sua mente me faz temer, porque sei aonde ela é capaz de levá-la, principalmente quando não está tomando os remédios, e bem, agora, nesse momento, ela não está. Eu sei disso porque aprendi a conferir suas receitas, calcular a quantidade suficiente para um mês e contar quantos ainda restam. Ainda restam muitos e estamos no fim do mês.

Então eu sei.

Aqui dentro do quarto, há apenas eu, separada por uma porta muito bem trancada, mas do outro lado, na cozinha, há uma esposa com transtorno bipolar que não está tomando os remédios, que foi traída e que está grávida, além disso, agora ela sabe que terá de voltar ao trabalho muito em breve se quiser alimentar uma criança, visto que meu pai perdeu seu emprego sabe Deus por quê.

— Meu? — ele ri. — Um caralho que é, sua vagabunda!

Ouço um tapa e eu realmente desejo que seja ela batendo nele.

Ouço a porta da frente batendo e eu corro em direção à janela, avistando minha mãe atravessar o portão da frente, então faço algo, eu simplesmente pulo para fora. Não entendo a necessidade que sinto de ir atrás dela, porque não costumo me meter em suas brigas. Não que eu seja covarde, porque não sou, mas porque percebi, depois de um tempo, que me meter não iria mudar nada.

Ele iria continuar nos batendo, ela iria continuar aceitando.

Meus pés tocam o gramado e eu corro silenciosamente em sua direção. Há um carro parado na esquina e ela entra dentro dele. Não há nenhuma forma de eu conseguir andar até lá sem que eu chame atenção, então apenas pulo o muro da casa ao lado e atravesso o quintal correndo, então pulo o próximo muro, é um terreno abandonado, e o próximo também.

Eu me abaixo atrás do pequeno murinho quebrado, há alguns tijolos no chão ao lado de um colchão sujo e algumas madeiras velhas. Está escuro, a rua está silenciosa e, dentro do carro, posso ouvir minha mãe gritando, embora não seja capaz de ouvir o quê. O homem sentado em frente ao volante passa a mão no rosto enquanto ela parece surtar. Não há expressão em seu rosto.

Observo-a quando abre a porta e, em seguida, a fecha. Ela parece mais calma agora enquanto caminha em direção à nossa casa. A luz no teto do carro ainda está acesa e eu vejo o rosto dele com clareza. Ele parece um pouco mais velho que ela, é muito bonito e, pelo seu carro, eu diria que rico. Me pergunto se ele poderia estar saindo com minha mãe, se ela finalmente cumpriu sua promessa sobre vingar sua traição.

Algo dentro do meu coração diz que sim, porque ela sempre cumpre uma ameaça. Pelo menos sim até esse momento da minha vida. Eu pulo para o outro lado do muro, os olhos do homem encontram os meus e ele os arregala, erguendo suas sobrancelhas. Droga, algo em sua expressão diz que ele me conhece! A luz se apaga. Eu viro de costas. Ouço o motor do carro. Eu sigo para casa enquanto ele dá a volta na rua em direção oposta.

Abro os olhos.

— Seu pai! — grito.

Tales empurra as cobertas e se senta em um segundo.

— Porra, o quê? Você tá bem?

— Ele... — Forço minha mente. — O seu pai.

— Sim, o que tem? Ele está aqui? — Ele fica de pé. — Alguém ligou? Aconteceu algo com ele?

Tales parece prestes a enlouquecer.

— Se acalme, não, desculpe, eu tive um sonho...

— Caralho, Beth, você vai me matar do coração, porra! — Ele se senta na ponta da cama, então joga seu corpo para trás. — Você só deve estar nervosa por causa da conversa que teve com ele — afirma. — Eu ainda nem consigo acreditar que você teve a coragem de contar tudo.

— Ele merecia saber — murmuro.

Minha mente tenta se concentrar nas lembranças daquela noite.

— Bem, ele saiu daqui meio desorientado, mas aparentemente feliz com o nosso casamento e com o... — Ele fez uma pausa — bebê.

Isso faz meu coração acelerar.

Oh, Deus. Temos realmente um bebê a caminho.

— Sim — murmuro.

Tales se vira de bruços e rasteja até mim.

— A ideia de você com um barrigão me deixa excitado — ele geme, fechando os olhos.

— Não se anime, isso vai ser tudo, menos bonito.

— Bem, eu só consigo pensar em foder você de costas quando não conseguirmos mais fazer mamãe e papai.

— Você fala com tanta propriedade sobre sexo com gestantes. — Sorrio. — Eu devo me preocupar?

Tales sorri, com seu queixo agora apoiado sobre a minha barriga. Eu enfio a mão entre seus cabelos.

— Não. Você é minha primeira nisso.

Encosto minha cabeça na cabeceira.

— Pelo menos em alguma coisa eu sou sua primeira, não é?

Ele beija minha barriga e é a coisa mais linda do mundo.

— Você foi a primeira que teve o meu coração e a primeira que eu engravidei.

Eu respiro fundo.

— E eu espero que seja a única também sobre essas duas coisas.

Ele ri.

— Droga, eu coloquei isso de forma errada. — O som da sua risada ecoa sobre o cômodo silencioso.

— Você é a primeira e única em tudo, Beth.

— Não sou sua primeira quando se trata de sexo.

— Você realmente deveria estar agradecendo por isso então.

Sorrio, fechando os olhos por um segundo.

— Bom... — Ele faz uma pausa, parece um pouco nervoso. — Você... você acha que bem... que teremos uma menina ou...

— Eu não faço ideia — murmuro. — Ele é só um grão de areia nesse momento.

— Não fala assim, é o nosso bebê. — Ele parece chateado. — Você não pode dizer que ele se parece com a porra de um grão de areia.

Isso me faz rir.

— É o que diz o médico. — Respiro fundo.

Pela contagem do exame e por eu não ter tido nenhum sintoma de aborto, o médico disse que era cedo demais para fazer um ultrassom, no entanto, o primeiro exame está agendado para as próximas semanas.

— O médico não sabe de nada. — Ele beija a minha barriga outra vez. — Está ouvindo, garoto? Você é forte como o seu pai.

É a primeira vez que ele fala com o nosso... bebê e é realmente um choque de realidade, entretanto, é como se alguém tivesse acertado minha cabeça me trazendo à realidade. Há uma criança crescendo dentro de mim e ela é nossa.

— E bonito. Você é um cara de sorte porque tem uma porra de genética tão boa.

— Você sabe que não vai poder falar assim quando ele nascer, não sabe? Porra será uma palavra banida do seu vocabulário e dos seus irmãos também.

— Um caralho que vai. Ele é um menino, meninos falam palavrões.

— Caralho também é outra palavra.

— Tá, olha só, ninguém aqui está falando com você. — Ele aponta para mim. — Isso é uma conversa de garotos.

Isso me faz sorrir.

— É? Tudo bem, vou lembrar você sobre essa afinidade quando ele fizer cocô e alguém precisar trocar a fralda.

Isso o faz gemer, mas nós ficamos em um longo silêncio pelos próximos minutos, enquanto ele apenas desliza sua mão sobre o meu ventre, então, quando muito tempo se passa e eu continuo pensando na lembrança sobre o meu passado através de um sonho, ele pergunta:

— O que você sonhou com meu pai?

Realmente empurrei essa conversa para longe, porque eu não sabia se deveria dizer a ele antes de perguntar diretamente ao Jimmy, no entanto, depois de muito pensar, cheguei a conclusão de que, se eu realmente desejo mudar, eu preciso começar a compartilhar, porque não é apenas sobre mim agora. Tales é meu marido e ele precisa saber tudo.

— Não foi um sonho — murmuro. — Foi uma lembrança que tive dele.

— Você... — ele pensa sobre isso — já o viu antes?

— Sim. — Faço uma pausa. — Ele parou o carro na esquina da minha casa e minha mãe entrou dentro, foi na noite em que meu pai foi demitido e que ela apareceu grávida.

— O que isso significa? — Ele parece confuso.

Eu avalio as possibilidades.

— Isso pode significar muitas coisas, Tales. — Ele ergue sua cabeça para me olhar nos olhos. — E se...

— Porra, não, você não pode pensar algo como isso. — Ele parece ler minha mente.

— A gente só vai descobrir se perguntar — digo, pronta para isso.

— Você quer ligar pra ele? — pergunta.

— Não — respondo. — Eu quero ir pessoalmente até lá.



Nós tomamos café em silêncio porque não sabemos exatamente o que dizer. Temos uma passagem de avião para depois do almoço, mas as horas parecem não querer colaborar com nós dois. Tales mantém sua cabeça baixa enquanto come seus ovos mexidos e eu estou enjoada o bastante para sequer olhar em seu prato.

A única coisa que consigo beber é meu café preto, e até mesmo meu adoçante me causa ânsia de vômito. Enfio a cabeça entre as mãos e suspiro baixinho. Tales não disse nada desde a madrugada quando eu joguei minha suposição sobre ele. Não sei se está bravo comigo por pensar algo como isso ou se ele está dessa forma porque sabe que eu estou certa.

De qualquer forma, eu temo qualquer que seja a verdade. Se Jimmy Jackson for realmente pai da minha irmã, isso será um choque e uma puta mudança de planos. E não, não é bem como uma solução para os problemas. Se ele for seu pai, isso será muito triste, isso fará com que os irmãos sofram por Mackenzie por saber que ela passou anos de sua vida sendo criada sem amor enquanto poderia ter tudo nesta casa.

E quando eu digo tudo, não estou falando sobre bens, porque foda-se se ela teria tudo do bom e do melhor vivendo aqui. Eu me refiro ao carinho, proteção e amparo que os Jackson dariam a ela. Em vez disso, Kenzie estava

sofrendo agressões desde que nasceu. Quando ergo minha cabeça, Tales está encarando as mãos, pensativo.

— Você está bem? — Estico minha mão sobre a mesa e a seguro.

Isso o pega desprevenido.

— Eu... não sei o que pensar.

— Não pense muito, vamos esperar apenas para fazer isso quando estivermos em frente ao seu pai.

Ele sorri, sem humor.

— Você não parece muito diferente.

— Eu realmente não sei o que eu quero ouvir.

Ele assente.

— Uma parte quer ouvir que é verdade, que ela é nossa irmã, porque isso seria muito mais fácil — ele suspira. — Mas, outra parte quer que ele grite comigo e diga o quanto essa acusação é sem sentido. Eu não quero pensar nele engravidando alguém logo depois da morte da minha mãe, tampouco renegando um filho.

— E se ele não soubesse? — pergunto.

— Como não? — Tales aumenta seu tom. — Não faz sentido, visto o quanto seus pais não são financeiramente estáveis. Um filho com meu pai traria muito dinheiro a eles.

Concordo, porque havia passado toda a noite pensando isso.

— É, mas... eu me lembro... — semicerro os olhos — daquela noite, e daquela época. Meu pai tinha traído ela, e droga, ela prometeu se vingar da pior forma possível.

— Seu pai é interesseiro demais para deixar essa oportunidade passar.

— Mas sabe o que ele é mais?

Suas sobrancelhas se erguem em curiosidade.

— Um cuzão covarde de merda? — Ele esfrega o rosto.

— Bem sim, mas, acima de tudo, ele é orgulhoso e machista.

— O que isso quer dizer? — Tales me encara, cauteloso.

— Quero dizer que ele nunca daria o braço a torcer, porque ele ficou com ela no fim das contas. Ele faria papel de corno e Deus sabe o que esse título causa em um homem machista.

— Talvez ele nem saiba que ela não é sua filha. — Ele faz uma pausa. — Se esse for o caso. Nem nós sabemos disso, aliás.

— Sim, mas... — forço a mente — eu pensei tanto sobre isso nas últimas horas e há coisas... Bem, há muitas coisas que ele disse ao longo dos anos que não faz sentido e agora posso perceber isso. Meu pai sempre falou com muito ódio sobre sua família e disse algo sobre os Jackson nunca assumirem suas putas.

— Isso não faz sentido, visto que Tyson e eu tínhamos apenas dezesseis quando ele trabalhou aqui. A menos que ele soubesse sobre meu pai ser infiel, mas... — Ele faz uma pausa. — Eu sequer consigo pensar nisso. Deus, Beth, pensar no meu pai tendo casos enquanto minha mãe era viva me faz querer vomitar.

— Isso não é algo com o qual você deva se preocupar. — A voz de Jimmy Jackson ecoa através da cozinha e nós dois nos viramos imediatamente em sua direção. — Eu respeitei sua mãe por todos os anos que ficamos juntos.

— O que está fazendo aqui? — Tales quase grita.

— Você está bem? — Eu me levanto, encarando o Sr. Jackson de perto.

Ele parece péssimo.

— Eu não dormi na noite passada. — Ele caminha até a mesa e coloca café em minha xícara usada, então o leva até os lábios e o assopra.

— Por quê? — Tales pergunta.

— Tales... — Ele encara seu filho, depois a mim. — Há algo que vocês precisam saber.

Sinto um nó se formar em minha garganta. Ele parece miserável.

— Por acaso tem a ver com a Mackenzie, pai?

Jimmy endurece.

— Tales... eu... — seu pai começa, mas as palavras ficam presas em sua garganta.

— Você fodeu a mãe da Elizabeth.

Ele semicerra os olhos para o filho, depois os abre, surpreso.

— Como você...

— Eu me lembrei de você — os interrompo. — Naquela noite em que foi até a minha casa.

— Eu me perguntei se lembraria — ele começa. — Elizabeth... eu acho que há chances d...

— Você sabia? — pergunto. — Você sabia que ela estava grávida?

Ele nega.

— Eu juro por Helena.

Tales se levanta imediatamente, a banqueta arrasta no chão dramaticamente.

— Uma porra que você irá jurar por ela! — Ele se vira de costas e acerta um soco na porta. — Porra! — ele grita e dá um passo à frente, apoiando sua testa no mesmo local, então seus punhos caem ao lado dos quadris.

Isso me pega desprevenida. Há tanto tempo que não o vejo surtar. Isso me lembra que mesmo que Tales tenha mudado tanto, o sangue dos Jackson ainda corre em sua veia e agora, bem, ele está muito puto.

— Eu amei a sua mãe — seu pai diz com convicção.

— Amou tanto, que mal esperou seu corpo esfriar. — Suas palavras são duras e até mesmo eu as sinto.

— Não ouse falar isso pra mim. — Jimmy se levanta. — Você não sabe o que é perder...

— Eu a perdi também! — Tales grita.

Seu pai dá outro passo em sua direção.

— Eu perdi os meus pais também, filho, eu sei o que é perder as pessoas mais importantes de nossas vidas, mas porra... — Ele faz uma pausa. — Você não faz ideia do que é perder a mãe dos seus filhos, o amor da sua vida.

As palavras de Jimmy fazem Tales baixar a guarda. Eu me pergunto se parte dele está tentando pensar no que sentiria caso me perdesse.

— Você não faz ideia do que é amar e estar com uma pessoa por anos da sua vida e depois vê-la partir de uma maneira tão horrível; e depois olhar para os seus filhos e desejar que tivesse sido você, que as coisas seriam melhores se fosse, que eles teriam ficado melhores se tivessem enterrado seu pai.

— Porra, não... — As palavras saem estranguladas da boca de Tales e eu soluço.

— Eu não estava pensando direito, perder sua mãe foi como perder minha própria identidade. Ela era minha vizinha desde a infância, foi minha melhor amiga, eu a amava desde sempre, e então, ela partiu e me deixou dois filhos e eu não sabia o que fazer. — Os olhos de Jimmy estão cheios de lágrimas e elas começam a correr sobre seu rosto. — Eu tinha uma promessa a cumprir, sabia que precisava contar a vocês sobre a adoção em seus aniversários de dezoito anos. Eu trabalhava demais, precisei estar fora muitas vezes e, quando eu me dei conta, estar longe era o melhor que eu podia fazer por vocês, porque eu não fui um bom pai.

— Nós nunca pensamos sobre isso — Tales começa. — Nunca desejamos que tivesse sido você.

— Mas eu sim. — Ele bate no peito. — Eu preferia estar morto a ter que lidar com o luto. A ter que olhar vocês nos olhos e dizer que ela se foi.

Nós três estamos chorando agora.

— Você pode ser o pai de Mackenzie — Tales murmura.

— Eu sei e por isso eu estou aqui. — Ele faz uma pausa. — Eu errei muito na minha vida, mas eu nunca teria omitido sobre Max se soubesse dele, tampouco eu teria renegado um filho. Você me conhece, eu dei meu sobrenome a Maximum, eu o adotei como filho mesmo com a idade que tem. Glenda vive nessa casa e eu a ajudo como se fosse minha, porque ela é sua irmã e tem o mesmo sangue correndo nas veias; e se, em algum momento, Maeve bater em minha porta, eu estarei com os braços estendidos para ela também.

Eu encaro Tales por um momento e meu gesto chama sua atenção, então seus olhos encontram os meus e ele inclina sua cabeça quase que imperceptivelmente. Ele acredita e confia no pai e, apesar de tudo, eu também.

— E então? — pergunto.

Os dois me encaram, mas apenas Jimmy fala:

— Você acha que o seu pai sabe? Porque bem... ele descobriu que tivemos um caso naquela época.

— Eu tenho certeza que sim.

Jimmy corre as mãos sobre o rosto.

— Droga... — ele suspira. — Eu deveria ter...

— Não adianta chorar pelo passado. Se ela é sua filha ou não, minha irmã está sofrendo agressões naquela casa e eu não estou aqui para viver um conto de fadas. Mesmo que eu ame o seu filho, eu cheguei aqui por um único motivo.

A mão de Tales toca meu ombro.

— Eu preciso de uma amostra de DNA — Jimmy murmura.

— Eu posso fazer isso — respondo, já caminhando em direção à porta.

— Ei, ei, mocinha, pode ficando com seu traseiro grávido bem onde está. — Tales aponta para mim. — Eu estou indo lá agora mesmo e você vai ficar bem aqui, porque é arriscado demais.

— Bem, que bom que você não manda em mim, então. — Eu atravesso a porta.

— Merda, você é teimosa pra caralho. — Ele volta para dentro correndo e, em segundos, está do lado de fora comigo. — Entra no carro, então, eu vou te levar.

Freio os meus passos e o encaro com as mãos na cintura. Eu não posso falar sobre feminismo em meus livros e permitir que meu marido aja como se fosse meu dono.

— Por favor — ele pede, então eu assinto antes de entrar no veículo.



Quando o carro para próximo à minha antiga casa, eu corro até lá e me esgueiro pelo gramado em direção à minha janela. Kenzie está sentada na cama, seus braços estão entorno das pernas que ela mantém dobradas em frente ao peito. Seu queixo está apoiado em seus joelhos e ela encara a parede à sua frente. Seu olhar é vazio e sem vida, e apenas dois segundos são o suficiente para que eu rache.

Dou uma pequena batida no vidro. Seus olhos encontram os meus. Ela caminha até a porta, tranca-a com cuidado e depois vem até mim. Não parece animada, tampouco surpresa ao me ver. Suas pequenas mãos abrem a janela e ela me dá um pequeno sorriso tímido. Eu conheço esse olhar, não nela, mas o reconheço porque o vi um dia, na frente do espelho. Mackenzie perdeu as esperanças.

— Oi, meu amor. — Eu a puxo para um abraço. — O que foi?

— Você desistiu de mim. — Seus braços estão soltos ao lado do quadril.

— Eu não desisti. — Afasto-a para que possa encará-la nos olhos.

— Então por que você não veio mais?

— É muito arriscado, Kenzie, eu não quero que ele bata em você por me ver aqui.

— Ele me bate de qualquer forma. — Não há nenhuma emoção em sua voz.

Nem mesmo decepção ou medo.

— Ele está batendo em você? — Tales aparece logo atrás.

O olhar de Kenzie ganha um pouco de brilho e meu coração se aquece com a esperança de que ela vai ficar bem.

— Sim — Kenzie assente, então se joga nos braços dele.

Tales larga a sacola com comida no chão.

— Nós estamos quase lá para tirar você daqui, macaquinha.

— Mesmo? — ela soluça.

— Mesmo. — Ele beija sua cabeça. — Deus... meu desejo é entrar nessa casa e fazê-lo pagar pelo que está fazendo com você, mas, se eu fizer isso, nós corremos o risco de não conseguir sua guarda, então você só precisa ser forte e aguentar mais um pouco, okay? — ele sussurra.

— Okay — ela repete, com a cabeça apoiada em seu ombro. — Eu só queria fechar meus olhos e acordar longe daqui.

Isso me faz soluçar.

— Só mais alguns dias — Tales diz quando vê que não sou capaz de dizer nada.

Eu tiro o kit da bolsa e caminho até eles.

— Abra a boca, Kenzie — sussurro.

— O que é isso? — pergunta, curiosa. — É algo que precisamos testar, mas você não pode contar a ninguém, tudo bem?

Ela assente, abrindo a boca para que eu recolha seu DNA.

— Há algo que precisamos contar a você, macaquinha — Tales diz animado.

Ela afasta sua cabeça do ombro dele para encará-lo, parece animada.

— Você comprou minha tartaruga? — ela pergunta.

— Não, você quer realmente uma? — Ele está sorrindo e seu sorriso alcança os olhos.

— Eu quero. — Vejo a felicidade estampada em seu rosto e suspiro aliviada ao constatar que, apesar de tudo, ela mantém a esperança dentro do seu coração.

— Tudo bem, vamos arrumar uma tartaruga pra você, mas não é bem isso... não é isso que temos para contar.

Ela alterna o olhar entre nós dois.

— Nós vamos ter um bebê — murmuro com cautela.

Seus olhos se abrem completamente e suas sobrancelhas se erguem conforme sua boquinha faz um “O”.

— Você está... — Ela tapa a boca.

— Sim, querida, e sabe, você será uma titia.

Ela sorri.

— Mas eu sou uma criança — sussurra. — Crianças não podem ser tios de alguém.

Ela parece estar se divertindo com a situação.

— Bem, se você é minha irmã e se eu estou grávida, então você só pode ser tia.

Ela dá um pequeno riso, mas eu peço silêncio.

— Nós precisamos ir, okay? — Tales a alerta.

Kenzie muda sua expressão.

— Vocês terão um bebê e me deixarão aqui... — Seus olhinhos se enchem de lágrimas.

— Deus, Mackz, não. — Tales a aperta forte.

Coloco minha mão sobre suas costas e a acaricio.

— Não diga bobagens, Kenzie, nós iremos levar você muito em breve. Precisamos fazer as coisas da forma certa, okay?

Ela assente.

— Você tem que ficar feliz sobre o bebê — ele murmura. — Você sabia que eles podem sentir mesmo dentro da barriga?

— É mesmo? — pergunta, animada.

Como alguém consegue ser tão bom com crianças?

— Sim, então você tem que ficar feliz, porque senão ele vai ficar triste.

— Oh, não! — Ela pula para o chão e caminha até mim, inclinándose na altura da minha barriga. Seu indicador toca duas vezes minha pele como se ela estivesse tentando chamar atenção do bebê. — Ei, menininha, eu estou feliz, okay?

Tales grunhe atrás de nós.

— Não insulte a masculinidade do meu filho.

Eu suspiro.

— É um menino? — Ela torce o nariz. — Meninos são metidos.

Eu sorrio e nego.

— Não sabemos ainda.

— É um menino — Tales garante.

Eu suspiro.

— Nós precisamos ir.

— Papai não está, ele saiu para jogar e mamãe está dopada de remédios. — Kenzie dá de ombros.

Isso me irrita. Dois irresponsáveis. E se algo acontecesse com Mackenzie? E se alguém entrasse na casa e fizesse mal a ela? O pensamento me deixa apavorada e Tales não parece diferente.

— Bem, se você está certa disso, então vamos ficar mais um pouco. Trouxemos hambúrguer, batata frita e uma soda pra você.

— Oh, meu Deus... — Ela tapa a boca. — Eu estou com muita fome.

Suas palavras são como um choque para nós dois. Eu a puxo e me sento no chão, ao seu lado, com nossas costas apoiadas na parede embaixo da janela do seu quarto. Tales pega a sacola com os alimentos, caminha até nós e se senta do outro lado de Kenzie. Nenhum de nós diz qualquer coisa enquanto ela come, porque estamos impactados demais com a situação da minha irmã.

Talvez, nossa irmã.



Capítulo 46



Uma semana depois

Mais cedo precisei ir assinar alguns papéis sobre minha saída. Roxy parecia agir de forma normal, então apenas deduzi que as coisas estivessem indo bem por lá. Além disso, os ensaios das danças que fariam mais tarde estavam sendo feitos e, por isso, mal tive tempo de falar com ela. Eu tenho seu número de telefone e ela o meu, então fizemos um breve acordo para mantermos contato.

Não contei a ela sobre minha gravidez, porque é algo recente e porque eu não queria que fosse jogado em sua cara uma informação que sequer teríamos tempo para falar a respeito. Eu realmente gostaria de tomar um café com ela qualquer dia desses e contar tudo o que aconteceu nos últimos dias. Além disso, desejo ter Kenzie comigo e ficaria muito feliz que as duas pudessem se conhecer.

Uma semana se passou desde que recolhemos o DNA de Kenzie e o exame deve ficar pronto por esses dias, e algo dentro de mim diz que esse momento está prestes a chegar. Os últimos dias passaram arrastados

enquanto eu me vi colecionando expectativas. Me sinto ansiosa, mas sei que isso não faz bem para alguém na minha situação, ou seja, grávida. Eu consigo dizer isso em voz alta com mais naturalidade agora, no entanto, ainda assim é muito estranho. Estar grávida é estranho e minha barriga ainda sequer cresceu.

Além dos meus enjoos matinais e de querer vomitar sempre que sinto cheiro de frutos do mar ou frituras, também tenho vontade de coisas estranhas, como agora, enquanto Tales come um frango com a mão e eu desejo chupar os seus dedos. Não, não há nada pornográfico nisso, eu apenas acho que parece saboroso demais para não serem chupados.

No entanto, como eu faria isso? Como iniciaria uma conversa onde eu peço para chupar seus dedos? Isso nem faz sentido, caramba.

— O que foi? — Tales pergunta, pegando outro pedaço de frango. — Você não vai comer?

Eu nego com um aceno.

— Não, estou um pouco enjoada.

Ele suspira.

— Estar grávida parece um saco — ele murmura. — Eu sinto muito por isso.

— Por eu estar grávida? — pergunto.

— O quê? — Ele parece bravo. — Não, por você se sentir dessa forma.

Deixo meus ombros caírem em derrota.

— Eu quero chupar os seus dedos — confesso.

— Oi? — Seu corpo se inclina sobre a mesa para que ele ouça melhor.

— Eu quero chupar os seus dedos — repito. — Isso soa estranho demais.

— Você tá falando sério? — ele ri, seus ombros balançam minimamente. — Você realmente quer fazer isso?

— Oh, Deus, eu quero... — Sinto minhas bochechas corarem.

Ele estica seu braço sobre a mesa e eu me inclino sobre o mármore, segurando seu punho então sugo seu indicador e gemo, indo para o dedo médio. Meus olhos encontram os seus, que estão fixos em mim. Sua boca está entreaberta e eu posso ver seu peito se mover com uma respiração desregulada.

— Porra, Beth eu estou duro como uma rocha agora.

Isso me pega desprevenida. Não que não estivemos fazendo sexo na última semana, porque, sim, nós temos um fogo quando estamos juntos incapaz de ser apagado, mas agora ele parece desesperado por isso.

— Eu apenas estava com desejo de chupar os seus dedos.

Ele geme para minha voz falsamente inocente.

— Eu preferia que estivesse com desejo de chupar o meu pau.

— Talvez eu esteja. — Seguro sua mão com mais precisão e sugo seu dedo anelar com força, encarando-o sobre os cílios.

Ele praticamente rosna para mim.

— Porra...

— Tales, eu estou tão excitada agora...

— Oh, inferno — ele murmura, dando a volta na mesa. — Foda-se.
— Sua boca gruda na minha com força.

Ele solta um gemido arrastado e eu enfio minhas mãos em seus cabelos.

— Deus, Beth, você ficou tão safada grávida.

Eu rio.

— São os hormônios, eles estão descontrolados.

Suas mãos alcançam a bainha da camisa e ele a puxa pela minha cabeça.

— Seus seios estão... Oh, droga, enormes. — Tales enterra a cabeça entre eles. — Eu só consigo pensar em meter o meu pau entre eles.

— Sinta-se à vontade para fazer isso. — Puxo o tecido da sua camisa para cima.

Estou tão excitada agora que não quero ter que ir até o quarto, além disso, sei que seu pai está no escritório da empresa da cidade e não volta tão cedo.

— Porra, eu quero mantê-la grávida para sempre. — Sua língua deixa rastros em minha pele.

Ele empurra as coisas para o lado e me deita sobre o mármore gélido, então tira meu short, me deixando apenas com minha calcinha preta de renda.

— Quer? — rio. — Não teremos tempo para transar se tivermos um monte de filhos.

— Foda-se, eu contrato um monte de babás.

Ele mordisca o interior da minha coxa e gemo, inclinando o meu corpo e jogando a cabeça para trás.

— Oh, por favor, faça isso logo — imploro.

Sua língua corre sobre minha abertura, a pressão é forte e me faz gritar quando ele suga meu clitóris.

— Eu quero você dentro de mim o mais rápido possível. — Puxo-o para mim.

— Por que sua boceta precisa ser tão doce? — Beija meus lábios e eu sugo os seus, provando o meu próprio gosto.

— Por favor, logo...

Ele se encaixa entre minhas pernas e imediatamente se enterra em mim. Nós seguramos o fôlego por um segundo, eu me arrepio inteira, ele não se move. Toda vez é como a primeira.

— Estar com você sem nada é tão bom — Se refere à camisinha.

— É, mas nós dois sabemos onde isso leva.

Ele começa a se mover, há um sorriso no rosto.

— Porra, sim. — Uma mão pressiona meu quadril enquanto a outra me segura pela nuca, enquanto ele me puxa e empurra para longe dele.

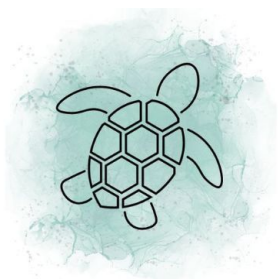
Oh, é tão bom...

Tão bom...

— Tales, eu não vou durar um minuto — confesso, sentindo meu sexo pulsar toda vez que impacta contra sua pele.

— Ótimo, porque eu também não.

O som do impacto de nossos corpos preenche a cozinha juntamente aos nossos gemidos e murmúrios. Eu me curvo ainda mais quando acelera, prestes a gozar, e minhas pernas prendem a parte de trás da sua cintura, impossibilitando que ele se mova. Sinto meu orgasmo vir, sinto seu sexo se contrair dentro de mim, sinto o jato quente quando ele goza.



Tales e eu estamos deitados no sofá da sala. Ele tem sua cabeça apoiada sobre minha barriga enquanto come sua pipoca. Meus dedos se movem entre os fios dos seus cabelos e nós encaramos a televisão. São onze da noite, mas Jimmy Jackson ainda não apareceu e isso me deixa nervosa.

— Tales! — A voz do seu pai atravessa toda a casa justamente no segundo em que eu estava pensando nele.

Meu marido pula do sofá em um único movimento e nós dois corremos até a porta onde avistamos Jimmy travando o carro. Ele ergue um papel no ar e sobe as escadas. Nós dois paramos, em choque, encarando-o. Seu pai não é um homem descontrolado, e cá está ele, gritando antes mesmo de entrar em casa.

— O que é isso? — Tales pergunta. — É o que estou pensando? — As palavras saem estranguladas.

— Sim, é. — Ele parece nervoso quando passa pela porta.

— E o que... Meu Deus, apenas fale logo!

— Ela é minha. — Ele está ofegante. — Mackenzie é uma Jackson.



Capítulo 47

Quarenta e oito horas depois

O Sr. Jackson teve uma liminar concedida depois de declararmos que a vida de Mackenzie estava em risco. Dois dias esperando por isso, parece uma tortura sem fim, da mesma forma que parece mentira. Deus, eu esperei tanto por esse momento e agora sinto meus pés grudados no chão do carro. Há um oficial de justiça nos seguindo no carro de trás e ele para logo que paramos também.

O farol reflete no retrovisor central e desvio meus olhos para o homem que agora deixa o seu carro. A hora chegou. Minhas mãos estão suadas e trêmulas e meu estômago dói porque não consegui comer nada durante todo o dia. Me sinto fraca e cansada, visto que não tenho dormido desde a noite de segunda-feira.

Realmente sinto muito por ter que fazer isso com ela. Eu estive ao seu lado por tantos anos e agora estou tomando sua filha. Minha mente me lembra de todas as agressões em que ela foi omissa, de tudo o que meu pai disse à Mackenzie e que ela concordou. Ela não é uma boa pessoa, e não

apenas doente. Sua mente se perde em alguns momentos, mas, mesmo quando ela volta, ela ainda é uma pessoa ruim.

Tales segura a minha mão quando estou fora do carro, ele murmura que eu posso ficar onde estou, mas aceno negativamente, porque sinto que preciso estar lá. Ela precisa ver o meu rosto e eu preciso confrontá-los. Eu largo a mão do meu marido para que possa secá-la no meu jeans. Seu braço passa sobre o topo de minhas costas, ele acaricia meu ombro e isso me traz força.

— É agora, Shakespeare — ele murmura para que apenas eu ouça.

— É agora — repito.

Nós adentramos o quintal e eu faço menção de abrir a porta, mas o oficial de justiça pede para que eu bata, uma vez que não moro mais aqui.

— Já vai! — meu pai grita.

Eu espero realmente que ele esteja bêbado para que todos vejam quem realmente é.

— Maldição... — Ele me encara através de uma pequena fenda, que permite que eu seja a única que ele possa ver. — O que a putinha dos Jackson está fazendo nessa parte pobre das redondezas? — ele ri.

— Eu preciso falar com a minha mãe. — Olho para o chão por um segundo e, então, percebo que estou pisando sobre alguns pincéis.

Ao meu lado, encostado na parede velha e mal pintada da casa, há dois quadros quebrados e eles me dizem que ela desistiu outra vez.

— O que foi? Quer voltar pra casa? — seu riso me causa asco. — Os três se cansaram de foder com você?

Tales se retrai ao meu lado, mas eu o encaro para que tenha paciência. Isso chama a atenção do meu pai e ele abre a porta. Sua boca se abre em um “O” surpreso ao avistar Jimmy Jackson em sua frente.

— O que você pensa que tá fazendo aqui, porra? — Ele dá um passo à frente.

O oficial coloca a mão em sua pistola.

— Chame a sua esposa, eu quero falar com ela. — Jimmy exige.

— Você trouxe um guarda-costas? — debocha.

— Sou Michael Forbes, oficial de Justiça — ele se apresenta. — Chame sua esposa, por favor.

As palavras do oficial saem controladas e elas são fortes o bastante para mostrar a ele quem manda aqui.

— Beth? — Kenzie grita. — Oh, meu Deus... Beth... — Ela cai no choro correndo até mim.

Eu encaro seus braços, há hematomas neles e uma das suas bochechas está vermelha.

— Seu filho da puta de merda! — Tales grita, avançando em sua direção.

— Tales! — Jimmy o repreende, mas é tarde demais, porque seu filho acerta seu nariz em cheio e agora ele está sangrando.

— O que aconteceu? — o oficial pergunta. — Eu estava olhando para o lado — debocha. — Parece que você está muito bêbado e acabou tropeçando e acertando a porta, certo? — pergunta ao meu pai.

— Como você está? — Checo minha irmã.

Ouçó a voz da minha mãe, ela parece dopada. Meus olhos caem sobre ela por um segundo, mas eu ignoro a conversa que todos estão tendo agora para olhar Kenzie com atenção. Tales se aproxima de nós e a pega no colo, mesmo que ela seja grande o bastante para estar no colo de alguém, ela parece minúscula no seu.

— O que... — minha mãe começa. — O que é isso? O que diabos estão fazendo?

— Nós descobrimos sobre seu caso — respondo, entredentes.

— Desculpe? — Ela se inclina para a frente, há um sorriso em seu rosto, mas ele parece insano.

— Você não precisa mais fingir. — Eu olho para Tales, que mantém Kenzie entretida. — Nós fizemos os exames.

Ela solta uma gargalhada.

— Você é louca?

Observo meu pai secar o sangue que escorre sobre sua boca, ele parece furioso, no entanto, não é homem o bastante para enfrentar o oficial.

— Eu não queria ter que fazer isso — confesso. Sinto a mão do meu sogro sobre o meu ombro. — Eu realmente não queria, mas dei a você uma chance de largá-lo para que vivêssemos juntas. Eu tentei por anos fazer funcionar.

— Ele é meu marido, Elizabeth, é seu pai! — ela grita. — Como ousa...

— Ele me agride desde criança! — grito. — E ele continua fazendo isso com Mackenzie, porra! Como você é capaz de permitir isso? Qual o seu problema?

— Você sabe que eu sou...

— Você é uma pessoa horrível e isso não tem a ver com seu transtorno bipolar. Pessoas com transtorno bipolar podem viver uma vida normal se tiverem o tratamento adequado e você não tem! Você não toma seus remédios como deveria e, mesmo quando está estável, continua sendo ruim. Mackenzie merece mais do que apanhar como um saco de pancadas e Deus sabe o quanto eu aguentei para não deixá-la sozinha nisso.

Ela abre a boca, mas nenhum som sai dela.

— Eu passei a minha vida inteira ouvindo que sou como você e temendo que isso fosse verdade, mas sabe o quê? — Faço uma pausa. — Descobri que eu não tinha medo desse transtorno. Eu tinha medo de ser ruim como você, mas eu não sou e não tenho mais nada a dizer a você. — Seco minhas lágrimas. — Eu fiz o meu papel de filha cuidando de você por anos seguidos, mas estou terminando por aqui. Me procure quando quiser ser uma pessoa melhor, mas não o faça se realmente não tiver certeza disso.

Dou as costas para ela e caminho em direção ao portão, onde Tales está com Mackenzie envolvida em um abraço. Eu deixo que eles conversem sobre a parte burocrática enquanto envolvo minha família em um abraço, porque é isso que eles são agora. Eles são a minha única família.

— Por favor, apenas me diz que é agora porque eu não aguento mais esperar — ela choraminga.

As lágrimas escorrem sobre suas bochechas e eu empurro seus cabelos para trás. Há alguns hematomas no braço e eu sei que, além deles serem causados por causa das agressões, Mackenzie também está com falta de vitaminas e fraca demais, o que me faz ter certeza de que a levarei ao médico o mais rápido possível.

— Sim, macaquinha, acabou.

Quando estamos na frente do carro, os olhos de Jimmy encontram os de Mackenzie por um segundo e ele se reconhece neles. Observo o momento exato em que ele pousa a mão sobre o coração, seu queixo treme, uma lágrima cai e Tales sobrepõe uma mão em seu ombro. Ele encara sua irmã também e é a primeira vez que os dois olham realmente para ela nessa noite. Estão conscientes de que agora Mackenzie é uma Jackson e que todos terão suas vidas mudadas. Outra vez.

Jimmy se senta no banco da frente, na direção, enquanto Tales, Kenzie e eu ocupamos o banco de trás. Não podemos deixar Mackenzie nesse momento e estamos amontoados um sobre o outro, enquanto brincamos com pequenos sorrisos. Não posso negar que parte do meu

coração ficou naquela casa com a minha mãe, mas tento ser consciente de sua convivência e da minha dependência emocional porque é o melhor que posso fazer.

— Eu tenho uma surpresa pra você, Mackz. — Tales puxa a mão dela e a beija.

Os olhos da minha irmã se abrem de forma exagerada.

— Tem? — pergunto, curiosa.

— Sim, enxerida — ele brinca, fazendo Mackenzie rir de mim.

— Eu espero que vocês dois não me deixem de lado, hein. — Cutuco a costela dela, que dá um gritinho.

— Claro que não. — Sua mãozinha segura a minha e ela pousa a cabeça em meu ombro. — E qual é minha surpresa? — pergunta, curiosa.

— É algo que você queria muito — Tales murmura.

Jimmy pega uma caixa sobre o banco ao lado do seu e encara minha irmã quando entrega a ela, que pega um pouco desconfiada. Ele sorri para ela, emocionado, e meu coração se enche quando ela sorri de volta.

— Muito obrigada. — Kenzie alterna seu olhar entre os dois antes de abrir a caixa.

— Oh, meu Deus! — grita, colocando uma mão sobre a boca, então suas lágrimas começam a cair e ela chora de verdade.

É uma tartaruga pequena.

Os ombros de Mackenzie balançam e eu beijo sua cabeça. Eu sei que ela está desmoronando agora, eu sei que essas lágrimas não são apenas porque ganhou algo que queria muito, mas porque está se livrando de algo que pensou nunca ser possível: das agressões, de uma família perdida e sem amor.

— Oh... — Ela enxuga as lágrimas. — Muito obrigada... — diz, entre soluços.

Ouçó o suspiro de Jimmy no banco da frente quando ele percebe que, para nós, não é o que está em sua carteira que importa, é o que está dentro do peito. Nós duas nunca precisamos de nada além de amor.



Capítulo 48

A primeira noite na casa foi surreal, nós fizemos algo que pensei que nunca faria na vida. Arrastamos colchões para a sala de estar e dormimos no chão, todos juntos, inclusive o Sr. Jackson. Não posso negar que tê-lo roncando durante a noite foi um pouco estressante, mas ouvir seus comentários pela manhã sobre uma “maldita dor nas costas” é impagável.

Mackenzie não para de falar sobre sua tartaruga, que agora se chama Tiddles, como no desenho da Peppa Pig, ela está encantada com tudo e tem caminhado pela casa o tempo inteiro. Tales e eu tivemos de procurá-la algumas vezes desde que acordou porque havia se perdido, e, bem, faz apenas uma hora. Ela não para de falar nem por um segundo, mas Jimmy Jackson está ouvindo atenciosamente cada palavra.

Ele parece encantado com sua energia.

— Tales... Leve Mackenzie para ver a piscina, eu gostaria de falar com o seu pai e não quero que ela ouça.

Ele assente e então deposita um beijo em minha testa antes de sair.

— Claro, *baby*.

Eu o observo caminhar até que ele saia do meu campo de visão.

— Você quer falar comigo? — Seu pai chega logo em seguida e concordo com um aceno.

— Sim, sobre a Mackenzie, eu estou pensando sobre contar a ela durante o café.

Ele parece aliviado.

— Oh, certo — suspira. — Isso parece bom.

— Há outra coisa que gostaria de falar com você — começo.

— Sim, pode ficar à vontade. — Ele puxa uma banqueta.

— O que pretende fazer com relação a Mackenzie? — vou direto ao ponto.

— O que quer dizer? — Ele parece confuso.

— Sobre estar com ela. — Faço uma pausa. — Ela é sua filha. Você pensa em levá-la?

Jimmy não responde por um tempo.

— Eu não tive muito tempo para pensar sobre isso, Beth, mas honestamente? — Ele apoia os cotovelos sobre o mármore. — Eu quero estar com ela.

Isso me acalma tanto quanto me deixa desesperada.

— Tudo bem — assinto. — Ela é sua filha e eu verdadeiramente entendo sua necessidade de cuidar dela.

Ele sorri aliviado.

— Obrigado.

— Mas eu sou sua irmã — começo. — E passei minha vida inteira dando meu sangue por ela, fazendo tudo para deixá-la confortável, mantê-la

saudável.

— Você é como uma mãe pra ela — ele admite.

— Eu sou. — Sorrio. — E como uma boa mãe, eu não posso deixá-la, então se você quiser levá-la, bem, eu terei de ir junto.

Ele ergue sua sobrancelha.

— Eu não acho que tenho espaço para tanta gente — ri. — Se você for, Tales sem dúvidas irá junto, além disso, há um bebê a caminho.

Nós dois estamos rindo agora.

— Você quer mesmo viver com Mackenzie e criá-la? — pergunto.

— Eu quero. — Ele parece totalmente certo de sua resposta.

— Então por que não volta pra casa? Você tem empresa aqui, pode controlar tudo de Boston. Coloque outra pessoa no seu lugar.

Ele parece surpreso quando questiona:

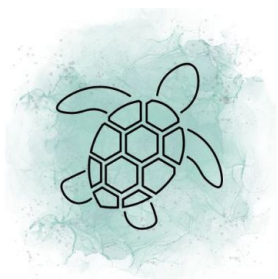
— Você realmente me quer aqui? Eu irei tirar toda a sua privacidade.

Eu rio, mas não há humor.

— Eu não acho que ter você como pai seja ruim, acredite. Fique, trabalhe ou se aposente, mas seja feliz ao lado dos seus filhos.

Ele parece refletir sobre minhas palavras por um segundo.

— Você está certa, querida. — Ele balança a cabeça. — Nós podemos fazer isso.



Mais tarde, no mesmo dia, assim que voltamos do médico com Mackenzie, ela tem suas vitaminas, uma lista com comidas saudáveis que precisa começar a ingerir e um *band-aid* colado no braço onde tirou sangue. Graças ao seguro de saúde que Tales paga uma fortuna, tivemos os resultados dos exames prontos dentro de duas horas e o médico deu um diagnóstico sobre tudo o que estava acontecendo com ela.

Jimmy e Tales tiraram o dia de folga hoje, eu insisti muito para que eles fossem trabalhar, mas é o primeiro dia de Mackenzie em casa e ela precisava realmente ir ao médico, e os dois queriam se certificar de que tudo daria certo. E deu, agora porém, ainda há algo que precisamos fazer e bem. Eu estou muito nervosa, para dizer o mínimo.

Mackenzie irá conhecer os dois outros irmãos: Max e Tyson. Sim, são o que eles são. Jimmy não é o pai biológico dos três, mas ele é tudo o que eles têm e os ama com todo o seu coração. Caramba, isso é inimaginável e, pensando bem, quando eu disse à Kyra que a vida dela daria um livro por ter beijado Max enganada, bom, eu retiro o que eu disse. A minha vida sim daria um, e talvez eu faça isso depois que terminar o meu atual.

De qualquer forma, meu sogro adiantou o assunto a eles durante o começo da tarde, quando os procurou para uma conversa particular. Ele não disse exatamente como os filhos reagiram, mas eu francamente imagino o Tyson acertando um soco em alguém ou, no mínimo, em algo. Agora, eles estão na mansão, apenas esperando por nós e minha irmã não para de falar por um segundo sequer.

— Mais alto — ela diz. — Algum de vocês é mais alto?

— Não, mesma altura — Tales responde.

— Hum... — Ela coloca a mão no queixo, pensativa. — Mais... baixo?

Isso faz Jimmy rir alto.

— Não, certamente não, macaquinha — seu *irmão* responde.

— Mais gordo? — sussurra, como se fosse um crime.

— Bem, isso é possível, sim, mas nós três temos o metabolismo bem acelerado.

Kenzie suspira.

— Como eu vou reconhecer você? — Ela parece nervosa.

Ele lança um sorriso de compreensão.

— Você apenas vai — respondo a ela. — Basta olhar por um segundo a mais e saberá exatamente quem é quem.

Os olhos de Jimmy encontram os meus pelo retrovisor e ele assente, dizendo que me compreende.

— Mas como, se são iguais?

O carro para na garagem. Vejo alguém espiar entre as cortinas da sala e deduzo que é Tyson, uma vez que deve estar impaciente.

— E mais bonito? — Mackenzie pergunta, correndo em direção às escadas.

— Bem, macaquinha, o mais bonito certamente sou eu — Tales responde com um sorriso convencido.

Bem, sim, é apenas uma verdade, mas não digo nada, porque ele já é presunçoso demais.

— Cai fora! — Ela o dispensa com um gesto, tocando a maçaneta da porta da entrada.

— Porra, olha... — Ele aponta para a irmã. — Ela já está me trocando e ainda nem conheceu eles.

— Parece que você terá de suar a camisa para manter seu título. — Jimmy nos alcança no topo da escada, onde Mackenzie está pulando ansiosa.

— É agora? — ela sussurra, ainda pulando, seus cabelos balançam para cima e para baixo.

Eu estou cansada apenas de olhar.

— Sim. — Faço um gesto positivo. — Vamos lá conhecer seus irmãos.

— Ohhh! — Ela tapa a boca.

Tyson e Max estão em sua frente e Tales a contorna e para ao lado dos dois, fazendo um trio perfeito. Eu os admiro por um segundo, porque sim, é como Kyra falou. Parece que estou dentro de um maldito filme pornô. Max está com um sorriso no rosto enquanto Tyson a avalia inteiramente. Talvez ele já a tenha visto em algum momento de sua vida, mas age como se fosse a primeira vez.

— Você é o meu irmão Tyson! — Ela aponta para o Ty, que ergue suas sobrancelhas, surpreso.

— Como você... — ele murmura.

— Você tem cara de bravo. — Ela surpreende a todos quando corre até ele e prende seus braços em sua cintura.

Tyson dá um pequeno sorriso satisfeito e me surpreende quando se ajoelha em sua frente.

— Seja bem-vinda, pequena Jackson. — Ele beija sua testa.

— Obrigada. — Ela está radiante quando se afasta dele e vai até Max.

— E você é o Max.

Todos riem porque isso é mais do que óbvio visto que ela já sabe onde estão o Tyson e o Tales.

— Bom, parece que o título de Einstein vai para Mackenzie — Max responde, fazendo Tyson rir ainda mais.

Eu me surpreendo com o poder que uma criança tem e me pergunto se ele aceitará meu bebê da mesma forma.

— Você é o mais legal. — Kenzie abraça Max, que a puxa para cima. Ela enlaça suas pernas sobre sua barriga e ele a prende com força.

— Sim? Foi o que disseram a você? — Ele parece surpreso.

— Sim, o Tales me disse para eu fingir estar triste sempre que quiser algo e, então, você me dará.

— Oh, ele disse? — Coloco as mãos na cintura.

Tales dá de ombros.

— Bem-vinda, pequena. — Max beija sua bochecha.

Ela pula para o chão.

Ninguém fala sobre a irresponsabilidade de seu pai na época ou de todo o tempo perdido, porque cada um de nós, agora sabe o que aconteceu e tudo o que Mackenzie teve de suportar, então nós apenas a amamos da forma como ela realmente merece e ela surpreende a todos quando se vira para Jimmy e pergunta:

— Eu posso chamar você de pai?

Ela dá um pequeno sorriso e as lágrimas se acumulam em seus olhos em tempo recorde enquanto caminha em sua direção. Ele pousa a mão sobre seu ombro e beija sua cabecinha.

— Só se você me deixar chamá-la de filha.

A decorative header for Chapter 49. It features a central green watercolor splash with the title 'Capítulo 49' in a large, black, cursive font. Surrounding the splash are various grey icons: playing cards (Ace of Spades, Ace of Hearts, King of Spades, Queen of Spades, Jack of Spades, Jack of Hearts, Jack of Clubs, Jack of Diamonds), a diamond ring, a small 'CONCORSO LAS VEGAS' logo, and a silhouette of a couple in formal wear.

Capítulo 49

A decorative header for the chapter section, featuring a green watercolor splash with the text 'Duas semanas depois' in a black, cursive font.

Duas semanas depois

Meus olhos encaram o desenho que Mackenzie fez no dia em que toda a loucura começou. Quando Tales simplesmente apareceu quebrando sua promessa de se manter longe. Ele está preso na geladeira. Eu rapidamente me encontro na imagem, ao lado de Mackenzie e Tales e também, Tiddles, sua tartaruga. É como se ela apenas tivesse previsto seu futuro, ou, quem sabe, Deus o mostrou de alguma forma enquanto ela simplesmente fazia aquele desenho.

Há fotos nossas por todas as partes porque Tales é incrível e as manda revelar sempre que tiramos algumas que gostamos muito. No térreo de sua empresa, há uma empresa de revelação de fotos e, bem, parece que seu salário esse mês ficará todo lá. Nossas fotos em Vegas ocupam um grande espaço sobre a lareira, ao lado da foto de sua mãe na qual os dois estão em seu colo.

Todas as pessoas às quais Tales entregou seu cartão em Vegas, mandaram as fotos que tiraram. Há até mesmo uma fotografia com o

Homem-Aranha sobre o rack da sala. A minha preferida é uma que foi tirada por alguém na capela. Ela registra o momento em que eu entrei com Elvis e foca exatamente o rosto ansioso dele e são os olhos verdes mais lindos que existem em todo mundo.

São meus.

A única coisa que eu posso dizer com mais seriedade agora, é o quanto essa casa parece um lar desde que coloquei meus pés aqui. Mackenzie está verdadeiramente feliz. Em alguns momentos, posso observar que ela simplesmente se cala e sei que seu coração sente por saber que deixamos nossa mãe para trás, mas eu a estou levando à terapia e estamos trabalhando nisso juntas.

Não é algo que se mude da noite para o dia. Agressões deixam mais do que marcas físicas, elas ferem a nossa alma e talvez levemos uma vida inteira para realmente saber perdoar ou compreender. De qualquer forma, o importante é que estejamos lutando para isso e, principalmente, sabendo quando colocar um ponto final. Nada é para sempre se soubermos dizer “chega, agora deu!”. Nós duas fizemos isso, e agora, juntas, estamos pulando para a próxima etapa.

Não tive notícias do meu pai desde que busquei Mackenzie, mas depois que ela conheceu seus irmãos no dia seguinte, naquela mesma noite, nós registramos um boletim de ocorrência contra ele. De qualquer forma, eu acredito que a justiça vem de algum jeito, tanto aqui na Terra, quanto no dia em que o fogo do inferno acertar seu traseiro.

No entanto, minha mãe apareceu por aqui. Eu a deixei ver Mackenzie desde que ela não se vitimizasse na sua frente, mas, então, ela mandou à merda e disse que iria procurar seus direitos. Depois disso, me pediu dinheiro para que pudesse pagar umas contas e, então, nos deixaria em paz por mais um período. Obviamente, eu recusei. Apenas lhe dei o bastante para que pudesse fazer uma janta decente naquela noite, muito embora eu saiba que ela compraria cervejas para o meu pai com ele.

Jimmy fará sua mudança na próxima semana, visto que ele decidiu realmente morar conosco. Isso me deixa verdadeiramente feliz porque ele é

um pai que eu nunca tive e Mackenzie o adora. Eu sei que o amor será construído ao longo do tempo, mas não estamos com pressa, apesar de que eu acho que ele virá muito rápido.

Jimmy é apenas uma pessoa fácil de amar, assim como todos os Jackson. Eles cometem erros atrás de erros, mas possuem corações acolhedores. Jimmy e Helena acolheram os irmãos. Os irmãos acolheram Max. Max, os irmãos e Jimmy acolheram Glenda e Maeve. E todos acolheram a mim e a Kenzie.

E o bebê.

Nosso bebê Jackson.

Hoje é nosso primeiro ultrassom. Pelas minhas contas, estou por volta da quinta semana. Isso se eu tiver engravidado na noite em que sorrateiramente eu me enfiei embaixo do chuveiro com ele.

Estou pronta para ir, Mackenzie está mais ansiosa do que todos juntos, mas Tyson não a trouxe ainda do passeio que estão fazendo no parque que se instalou na cidade essa semana. Enquanto isso, estou atualizando meu blog e *Instagram* onde divulgo meu trabalho. Meu dia me rendeu cinco capítulos escritos e estou realmente ansiosa para publicar o livro.

Tales não quer que eu trabalhe, ele quer que eu fique em casa com o bebê e me dedique à escrita, mas não me sinto confortável com isso. Depois de um acordo, que envolvia sexo, obviamente, concordamos que eu poderia buscar por algo depois que o médico dissesse que está tudo bem com nosso filho nesta primeira ultrassonografia.

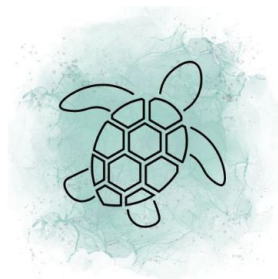
Depois eu poderia ocupar meus meses seguintes trabalhando em algum lugar e, quando a criança nascesse, eu veria o que fazer. Foi essa decisão que tomamos, mas eu sei que tudo é incerto quando se espera um bebê, então apenas torço para que tudo acabe bem no final.

A porta da frente se abre e Mackenzie sorri. Logo atrás dela, aparece Glenda e Tyson, eles entram entusiasmados, carregando um milhão de coisas. Ty está segurando um balão de gás com formato de coração que diz

“melhor irmão” e ele o balança para mim. Uma cena que nunca pensei que veria. É adorável.

Então, eu finalmente dou *Enter* para atualizar o capítulo do dia e fecho o notebook.

Estou pronta para conhecer meu bebê pela primeira vez.



— Eu vi o Benny hoje. — Tales passa o braço sobre os meus ombros.
— Foi a primeira vez que ele colocou seus olhos sobre mim e não parecia que estava prestes a ter um ataque do coração.

Mackenzie passa seu bracinho sobre a cintura do irmão.

— Como ele está? — pergunto.

— Bem, feliz. — Ele sorri para mim.

Estamos entrando na recepção da clínica agora e Tales está me mantendo distraída para que eu não surte.

— Você contou a ele sobre nós? — pergunto.

Ele ri.

— Cada maldito detalhe.

— Isso deve ter levado um tempo.

Tales assente.

— Ele não estava com pressa. — Ele me larga quando chegamos na recepção. — Nós tomamos um café.

— Uau, isso é legal.

Eu apresento meus documentos à recepcionista e ela me pede para aguardar nas poltronas, onde Mackenzie já está sentada com Tiddles no colo.

— Sim, ele realmente ficou feliz por você.

— Eu fico feliz que ele esteja bem. — Me sento. — Roxy me mandou uma mensagem hoje, eu não a respondi ainda.

— Ela vai ficar bem — ele me garante.

— Eu espero que sim. — Faço uma pausa, encarando a porta onde eu serei chamada dentro de alguns minutos. — Espero que ela tenha feito a coisa certa ficando lá.

— Ela tem você de qualquer forma. — Tales segura a minha mão.

— Sim, ela tem.

Apoio minha cabeça em seu ombro e contemplo o momento. Sua mão está sobre a minha e nós dois encaramos Mackenzie na poltrona de frente para nós, brincando com a sua tartaruga. As pessoas olham de forma estranha para ela, alguns estão curiosos, mas nenhum de nós liga, porque traríamos um leão com ela se pedisse.

— Elizabeth Jackson. — O médico chama.

— Porra de tesão — Tales murmura e eu o cutuco.

Meu nome de casada é um tipo de tara que ele nunca irá superar.

— É agora. — Eu o puxo quando percebo que ele está relutante.

Talvez seja a primeira vez que realmente, *realmente*, sabemos que existe um bebê de verdade dentro de mim. A notícia de estar grávida não é algo que você supere tão rápido.

— Jesus Cristo, Beth, eu vou ser pai... — ele murmura, quando entra na sala.

Mackenzie vem logo atrás com Tiddle no colo.

— E eu vou ser tia ao quadrado — ela brinca com algo que vivemos repetindo a ela.

— Bem, parece que temos até mesmo uma tartaruga para ver esse bebê pela primeira vez — o médico brinca.

Uma enfermeira vem até mim e me conduz para eu me deitar na maca, eu me posiciono, levantando minha blusa.

— Agora você sentirá algo gelado, mãe — ela diz e a palavra mãe faz meu coração acelerar.

Tales se senta ao meu lado com Kenzie no colo e aperta minha mão. Ouço meu celular apitar na mão de TJ e minha irmã se inclina sobre ele.

— Oh, você tem uma mensagem — ela murmura.

— Depois eu vejo — digo, ansiosa pelas palavras do médico.

— É um e-mail — Tales interrompe.

— Tudo bem? — o médico pergunta e eu assinto.

— Sim, se tiver tudo bem com o bebê.

— Certo. — Ele encara o monitor, sorrindo. — Vamos ver.

— É... — Tales começa. — Parece ser de uma editora. — Eu viro minha cabeça em sua direção e meu celular está virado para mim.

— Jesus Cristo... — murmuro. — Só um minuto, doutor. — Olho de perto para a tela apenas para constatar que uma editora conhecida realmente me mandou uma mensagem. — Guarde isso, Tales, pelo amor de Deus...

Ele o faz. Tento acalmar o meu coração e não criar expectativas. Uma editora entrou em contato comigo, mas eu estou aqui agora, conhecendo nosso bebê pela primeira vez, então empurro a ansiedade de lado para lidar com o que é mais importante. Encaro Tales por um segundo e seus olhos estão presos na tela à sua frente. Ele parece emocionado, embora não consiga identificar nada.

— O que é aquilo? — Mackenzie aponta para o monitor. — Que olhos grandes! O bebê tem dois olhos grandes, que estranho! — ela está quase gritando de pavor.

— Não são dois olhos, querida. — O médico sorri pacientemente.

— Meu garoto está bem? — Tales pergunta, ansioso, apertando minha mão.

— Bom... Isso é melhor do que pensei... — ele responde, correndo o aparelho sobre minha barriga.

Sinto o alívio sobre mim. Tales parece igualmente aliviado. Nós dois semicerramos os olhos, tentando identificar o que é. É o nosso bebê? Eu não faço ideia do que ele está tentando mostrar e, a julgar pela expressão de TJ, ele também não.

— O que são esses dois negócios então? — Kenzie pergunta, curiosa.

— São *dois* bebês.



Nove meses depois

Há uma mesa enorme do lado de fora da casa em uma área coberta que construímos. Ela não existia antes, mas foi uma das coisas que mudou depois que Beth chegou nessa casa. Agora todos almoçam juntos nos finais de semana. Faça chuva ou sol, estando cheios de trabalho ou não, entulhados em meio a um milhão de fraldas ou entre os gritos de dois bebês.

Ou prestes a enlouquecer.

Às vezes, acho que realmente vou.

Duas crianças. Eu tenho Helena no colo agora, decidimos dar o nome de minha mãe a ela, no entanto, é uma homenagem dupla, visto que minha outra filha se chama Helen. Elas são lindas, tão pequenas que mesmo com um mês de idade, ainda acho que posso quebrá-las. Seus olhos são claros, parecem meio azulados, mas sei que irão mudar. Desejo que eles fiquem da cor dos olhos de sua mãe, mas Beth diz que quer o meu verde neles.

Nós brincamos com isso, porque, na verdade, não nos importamos com a cor que serão seus olhos desde que elas sejam saudáveis, e elas são. As duas nasceram de quarenta semanas e dois dias, o que surpreendeu a todos, porque uma gestação gemelar costuma durar, às vezes, um pouco menos e Beth é uma mulher pequena. Ela foi uma guerreira e deu à luz em seu tempo certo.

Dois dias depois, bem, foi de tanto que Mackenzie falou com as gêmeas através da barriga da irmã. Acontece que seu prazo era para dezesseis de abril, mas Mackz queria que elas nascessem dois dias depois, em seu aniversário. Parece que, de alguma forma, suas sobrinhas a obedeceram e agora, porra, agora a próxima festa de aniversário será tripla.

Helena se move em meu colo, sua mãozinha segura firme meu polegar e me surpreendo com o quanto elas são inteligentes. Beth e eu passamos todo o nosso dia cuidando delas, dando banho, trocando fraldas e fazendo um milhão de mamadeiras. Infelizmente, Elizabeth não teve leite para amamentá-las, mas elas ficarão bem tomando fórmulas. Já a outra metade do nosso tempo, ou o que sobra para descansarmos, ficamos apenas deitados com elas entre nós observando-as dormir.

É isso o que fazemos. Reclamamos que elas não dormem nunca, mas quando o fazem, não dormimos junto, apenas ficamos olhando as perfeições que são. Cada traço de seus rostos. Cada pequeno detalhe. Cada pelinho adorável em suas nucas, ou o formato de suas unhas. Tudo é tão pequeno e perfeito que enche meu coração de amor, dia após dia.

Eu encaro Tyson do outro lado do gramado, Mackenzie corre até ele e brinca que está acertando um soco em seu estômago e, então, Ty finge estar doendo e cai de joelhos no chão. Ela ri e o abraça e ele se levanta com ela pendurada em seu pescoço. Juntos, eles têm frequentado aulas de proteção pessoal e agora precisamos nos esquivar dela o tempo inteiro se quisermos manter nossas bolas intactas.

Graças a Deus, eu já tenho duas filhas.

Estou deitado em uma espreguiçadeira, enquanto observo todos trabalharem. Essa casa nunca mais foi a mesma e está em constante

mudança. Glenda balança Helen em seu colo para cima e para baixo e Tyson a repreende por estar balançando demais.

— Como vai minha doce Helena? — Tyson beija o rosto de Beth antes de ir até nossa irmã pegar minha filha no colo.

Ela parece ainda menor agora.

— Essa é a Helen. — Beth dá uma risadinha e eu o faço também.

Me pergunto quanto tempo levará para que eles as reconheçam, mas, porra, elas são tão iguais que até mesmo nós nos confundimos. Para isso, Beth teve a ideia de usar pulseiras de identificação, mas nós as escondemos delas para nos divertir um pouco.

— Porra, elas são iguais — ele murmura, ainda encarando minha filha.

Observo Tracy vindo logo atrás, ela enfia a chave do carro no bolso e caminha até Beth, então corre para Helen. É o que todos fazem. Ninguém quer saber de nada além das duas. E de Mackz, é claro, porque ela sabe melhor do que ninguém manipular qualquer um de nós para conseguir o que quer.

— Elas são tão adoráveis — ela funga.

Acontece que Tracy se emociona cada vez que as vê, e bem, isso é quase todos os dias. Ninguém faz piada sobre isso, porque todos nós agimos como idiotas em sua presença. As duas fazem cocô e tem uma fila de pessoas para cheirar e depois dizemos como seus cocôs são lindos e cheirosos.

— Eu quero a outra — ela murmura e Beth aponta para mim.

Minha mulher desfila até mim dentro de uma calça de ginástica, que agarra todas as suas curvas. Ela engordou quase vinte quilos durante a gestação e perdeu dez no primeiro mês. Ela está odiando a forma como seu corpo está, mas, bem, eu gosto de encher minhas mãos. Não que eu o tenha

feito ainda, porque, Deus, além de não termos tempo, ela ainda não foi liberada.

— Pare de olhar assim, você vai espantar os convidados — ela brinca, se inclinando para pegar Helena. — Ei, querida. — Beth beija sua testa.

— Porra, eu daria tudo pra foder você agora.

Suas bochechas ganham cor, mas o brilho em seus olhos me diz que ela quer o mesmo que eu. Eu ergo meus braços, encaixando Helena entre os seus.

— Talvez eu tenha ganhado alta hoje — murmura, despretensiosamente.

Eu me animo.

— Mesmo? — Sorrio, observando seus lábios contorcidos em um sorriso sacana.

— Vocês estão falando pornografias? — Tyson pergunta, caminhando até nós.

— Claro que não — Beth desconversa, colocando a bebê no colo de Tracy.

— Uma porra que não. — Ele ri. — Eu conheço a cara pervertida do meu irmão — brinca.

— Beth? — Kyra grita da porta da cozinha. — Você viu aquela travessa grande de vidro?

Max inclina seu corpo sobre ela, encarando todos na rua.

— Eu falei para ela usar qualquer porra, mas ela quer aquela travessa de coração — ele suspira. — Por que diabos uma travessa com formato de coração? — pergunta, incrédulo.

Eu me encolho.

— O Tales a quebrou acidentalmente — ela me encara — essa semana.

Glenda grita da cozinha e pula para fora, no quintal.

— Acidentalmente? — pergunta, entredentes. — A travessa que você odiava lavar?

Dou de ombros. Eu odiava mesmo, tirar a gordura de algo que tenha o formato de um coração é um inferno, principalmente na curva que faz um formato de V. Mas o que eu posso fazer? Minhas mãos estavam lisas...

Ou não.

— Apenas coloque em qualquer uma. Quem se importa?

— Eu! — Glenda, Tracy, Kyra, Mackz e Beth respondem em uníssono e eu posso jurar que Mackenzie ergueu Tiddles no alto para a contagem.

Dou de ombros, não há o que ser dito. Max, Glenda e Kyra voltam para a cozinha, discutindo algo, então Tyson e Tracy se afastam, cada um com um bebê. Eles se sentam entre os colchões cheios de almofadas que colocamos perto da mesa, em frente à uma tela onde passa desenho o tempo inteiro, graças a Mackenzie.

Beth se instala entre minhas pernas e suspira. Meus braços doem por estar com Helena há tanto tempo na mesma posição e nós dois nos sentimos culpados por nos sentirmos aliviados agora.

O carro do meu pai para na entrada e minha irmã sai em sua direção.

— Papaaaaai! — Ela corre até ele.

Tem uma semana que não o vê, uma vez que ele foi fazer uma viagem importante a trabalho. Ele se abaixa e a envolve em seus braços e eu os admiro por um momento. É bonito de ver. Fico feliz que Mackenzie seja

nossa irmã porque ela realmente precisa de uma família. Não vimos mais o homem que a criou, mas sua mãe nos procurou há dois meses e disse que estava disposta a uma internação.

Meu pai está arcando com isso, mesmo que tenhamos brigado muito sobre o assunto, mas ele simplesmente disse que estaria feliz ajudando. Nós realmente não sabemos se ela irá mudar a partir daí ou não, mas estamos felizes por tentar e poder ajudá-la, afinal, ela reconheceu seu erro e esse é o primeiro passo da mudança.

Mackz abre a porta de trás e começa a pegar as sacolas que Jimmy trouxe. Sei que irá enchê-la de tralhas, mas quem liga? Ele é o seu pai e tem todo direito. Os dois caminham em direção às meninas e meu pai sorri como um tolo. Quem diria. Eu achando que estava falando com um garotão e não era apenas uma menina, mas duas. Papai e eu somos a minoria, e mesmo quando todos os irmãos Jackson estão reunidos, as mulheres vencem em peso.

— Eu estou um pouco nervosa com a viagem do Max e da Kyra amanhã — Beth sussurra, ajeitando-se em meu peito. — Oklahoma é tão longe.

Porra, sim, é longe pra caralho.

— É uma viagem perigosa, mas ele nos prometeu mensagens a cada uma hora.

— Certo... — ela assente. — Max disse que nem se preocupa sobre as meninas esquecerem seu rosto quando estiver fora, porque você e Tyson as estarão lembrando o tempo inteiro.

Eu rio.

— Olha só isso — sussurro em seu ouvido. — Parece que todos estão entretidos.

Beth inclina sua cabeça e aproveito passando a língua sobre sua orelha e ela geme.

— Estamos em público, Tales — me repreende, mas sei que ela está se fodendo para isso.

— Bem, eu terminei de ler o seu livro nessa manhã — murmuro. — O final me encheu de tesão, mas, porra, as pessoas saberão o quanto você é safada.

— O livro não é sobre mim. — Ela parece brava. — São meus personagens.

— Sim, mas as pessoas sabem o que se passa na sua cabeça.

— A galeria do seu celular é mais vulgar do que minha melhor cena de sexo descrita nos mínimos detalhes.

Bom, isso é verdade.

— Seu editor é bonito demais para um editor de livros.

— Eu sabia! — Deixa uma gargalhada escapar. — Por isso, você faz questão de me acompanhar a cada vez que eu vou à editora. Deus! — Agora ela parece brava. — Você não pode mais fazer isso, você não pode ser esse tipo de marido e eu não serei esse tipo de esposa, okay?

— Foda-se, você é minha esposa e ele não tira os olhos de você.

— Quer gastar nosso único momento discutindo sobre isso? Porque eu acho que podemos ser mais produtivos.

Isso me deixa animado. Ela se ajeita entre minhas pernas, mas um bocejo deixa seus lábios e eu o faço também.

— Você quer transar? — pergunto.

Ela me encara, seus olhos azuis brilham contra a luz do sol.

— Eu acho que talvez uns dez minutos de sono seria bom — murmura, sem jeito.

— Porra, isso parece perfeito. — Eu a puxo para mais perto e enterro o rosto em seus cabelos, observando meus irmãos felizes com suas garotas.

E tudo o que consigo pensar nesse segundo, é no quanto estou feliz ao seu lado, e bem, entre tantas garotas e relacionamentos superficiais, eu fico feliz por ter terminado com a mulher que realmente amo. Eu poderia ter continuado na minha miséria e não ter ido atrás dela, mas realmente decidi lutar naquele dia e escolhi nós dois pela terceira vez, e agora somos três vezes nós.

Então, nós dois apagamos, exaustos.



Estou no meu quarto, ou antigo quarto, eu já nem sei mais o que ele é, uma vez que não o uso mais e passo todo o meu tempo no apartamento minúsculo da Tracy. Hoje é um bom dia e Helena dorme tranquilamente sobre a minha cama depois do almoço. Estou dando um tempo à Beth a sós com Tales porque sei que eles merecem. Todos vemos o trabalho que eles têm criando dois bebês ao mesmo tempo.

Tracy e Kyra estão na cozinha arrumando as coisas enquanto eu cuido de um bebê e Max de outro. No colchão, na rua, meu pai assiste desenhos animados com minha irmã Mackenzie. Eu folheio meus livros. Há tanto tempo não olho para esse cômodo como o meu lar. Talvez eu realmente nunca tenha sentido isso de qualquer forma, e eu achava que talvez pudesse ser por me sentir deslocado ou diferente, mas, na verdade, tudo o que eu precisava era ter alguém como Tracy ao meu lado.

Ela é a porra do amor da minha vida e eu a pedirei em casamento em breve, por mais cafona que isso seja. Eu quero um casamento tradicional, quero *You Give Love A Bad Name*, de Bon Jovi, tocando enquanto ela caminha até o altar. Quero tudo com ela, quero meu presente e todo o meu futuro porque perdemos muito tempo no passado.

— Ei, filho. — Meu pai aparece na porta no mesmo segundo que eu abro o livro.

Um papel cai no chão aos seus pés e ele se abaixa para juntá-lo.

— Glenda e Mackenzie saíram para tomar um sorvete — afirma, encarando o papel em suas mãos.

Eu levo dois segundos para reconhecê-lo. É minha carta de aceitação de Yale. Meu coração bate forte.

— Eu sei sobre Yale. — Ele estica o braço e me entrega.

Isso me deixa estarecido. Porra, sabe? Tento não parecer surpreso com isso porque não gosto que saibam o que se passa em minha mente. Mesmo que eu tenha mudado muito depois de Max, eu ainda gosto de ser privado sobre os meus sentimentos.

— Como sabe?

— Eu sei tudo. — Ele dá de ombros. — Eu sou seu pai, você era um moleque, tudo passava por mim naquela época.

Eu assinto.

— Eu sinto muito por ter errado tanto com vocês. — Isso sim me pega desprevenido. — Você deveria ter ido.

Eu nego.

— Tales estava aqui e precisava de mim. — Enfio a carta de volta dentro do livro e o coloco na prateleira.

— Mas você poderia ter ido com Tracy — insiste.

— Nunca teria dado certo — afirmo. — Eu era um cuzão naquela época.

Ele ri.

— Você ainda é um, filho. — Meu pai caminha até a cama e se senta na ponta no colchão.

Sorrio sobre o seu comentário.

— É, eu sou.

— Você tem a sua forma de lidar com os problemas. — Ele apoia a mão sobre os joelhos.

— Arrumando problemas novos — afirmo.

— Sendo altruísta e tomando tudo para si — ele me corrige. — Você compra briga de outras pessoas. É o cara que se joga na frente de uma bala.

— Mesmo assim nunca fui bom bastante — revelo, encarando minha sobrinha na cama.

Sinto inveja de toda a inocência que carrega.

— Sabe... — ele começa — qual foi uma das últimas coisas que sua mãe disse antes de partir?

Nego com um aceno, encarando-o.

— Que eu cuidasse de você enquanto você cuida de todos.

Comprimo meus lábios e desvio os olhos dos seus, suas palavras têm um impacto forte sobre mim.

— Ela se foi se sentindo culpada por algo que aconteceu há muitos anos.

— Sobre o lago. — Cruzo os meus braços sobre o peito.

— Sobre o lago — ele repete. — Ela não teve tempo para pensar.

Reflico outra vez sobre isso. É a primeira vez que penso nesse assunto depois que as gêmeas nasceram e parece uma nova perspectiva.

— Eu mal me lembro — murmuro.

— Mas você a culpou por salvar Tales primeiro — ele diz isso em voz alta pela primeira vez. — Eu sei, ela sabia, você era uma criança, mas mudou de comportamento depois disso. Ela sempre amou vocês da mesma forma, mas morreu se culpando por esse acidente, por nunca dizer nada sobre aquele dia. Isso a deixava em pânico. Ela os amava da mesma forma, Tyson.

Eu encaro minha sobrinha outra vez. O amor incondicional que sinto pelas bebês enche meu coração de uma forma que eu não sei explicar. Eu daria facilmente minha vida por elas e eu mataria se algum dia alguém lhes fizessem mal. E, por mais assustador que seja, eu me coloco no lugar da minha mãe naquele dia.

Por um segundo, apenas um, eu as imagino afundando no lago. O pensamento me enche de pânico e tudo o que consigo pensar é em puxar qualquer uma delas primeiro. Não há tempo de escolher entre elas, eu sequer sei se seria capaz de reconhecê-las em uma situação como essa. Fecho meus olhos por um segundo e caminho até a janela.

Ele entende o que estou fazendo, ele entende que eu as estou colocando e me colocando na mesma situação. Não há escolha, apenas reação e agora sou capaz de entender isso, graças a Helen e Helena, e eu as amo ainda mais e igualmente com todo o meu coração.

— Sim — respondo. — Eu sei disso agora, pai.

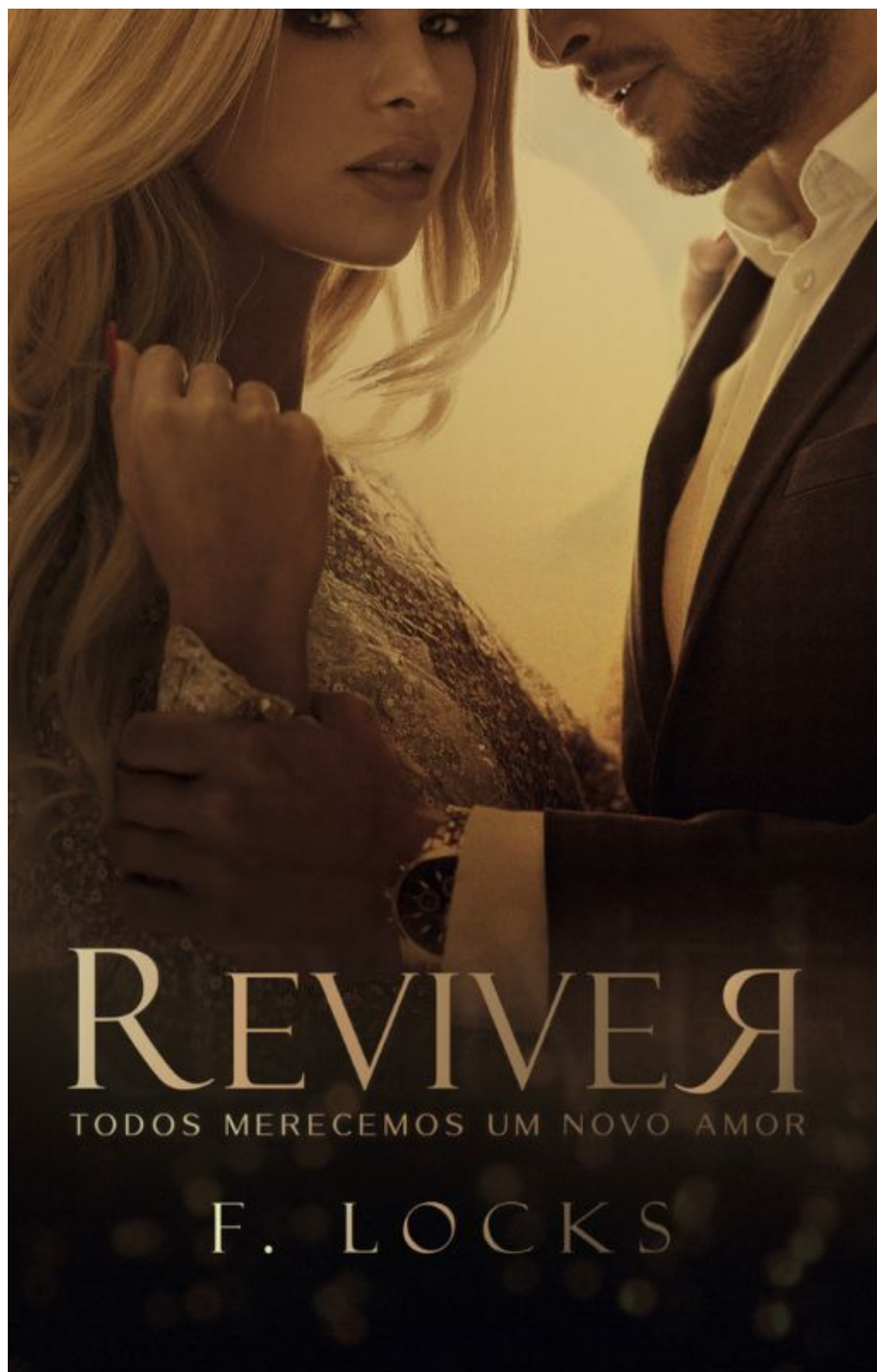






Após se formar em Letras, F.Locks largou seu emprego para se dedicar ao que realmente ama: Escrever. Com oito anos de escrita, ela sabe que ainda tem muito a evoluir, e que há grandes possibilidades de acabar na ala psiquiátrica de algum hospital, mas sente no coração que terá valido a pena, porque ganhou os melhores leitores que uma autora poderia ter.



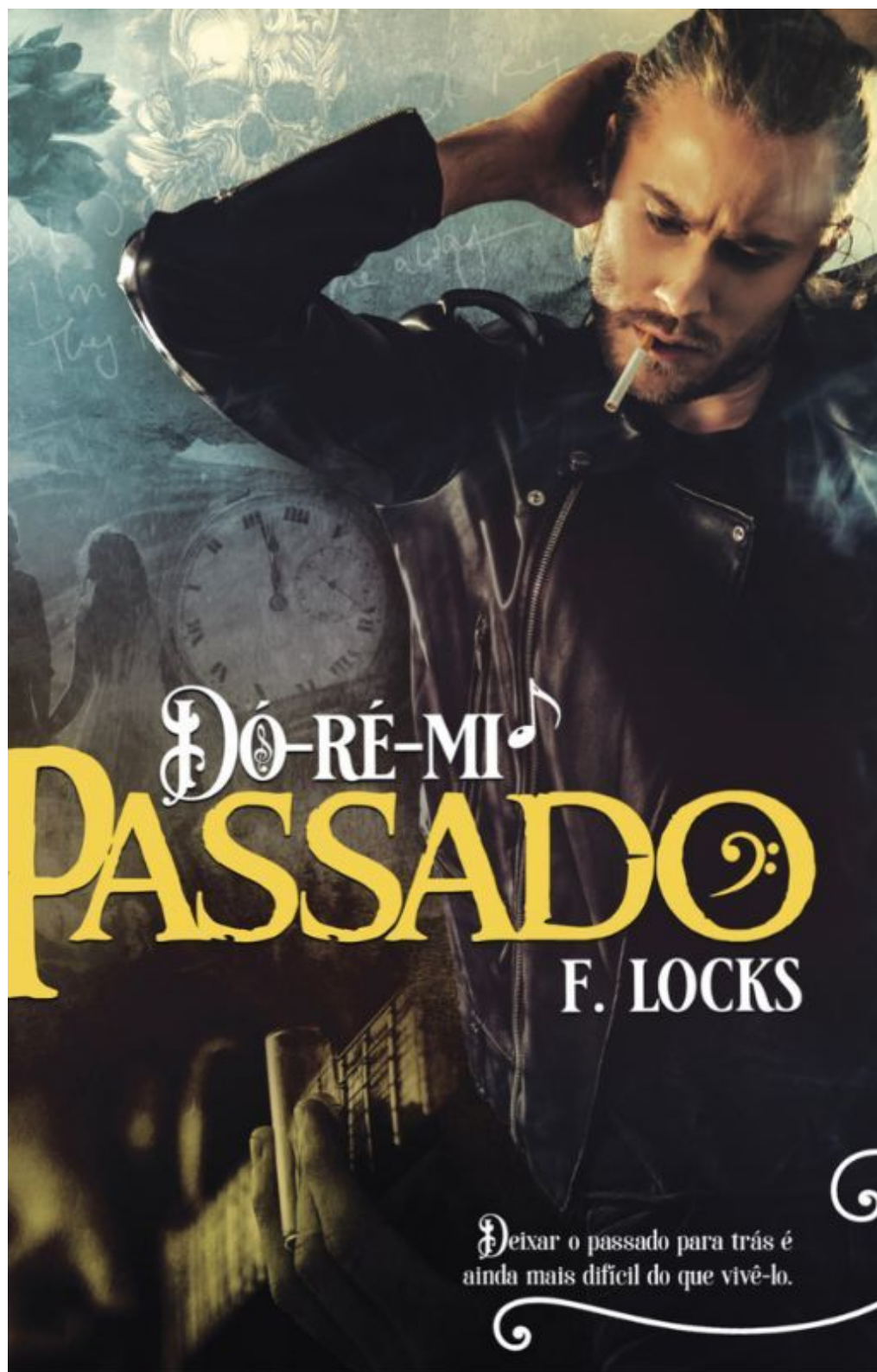


Sara Miller está estagnada, sua vida parou em determinado ponto e ela não se permite dar um passo à frente, então quando recebe um convite de sua

melhor amiga e deixa seu estado em busca de um recomeço, tudo o que espera é apenas um novo emprego, no entanto, ela topa com o desconhecido e ele balança seu mundo inteiro, obrigando-a seguir em frente, um passo de cada vez, vidrada no mais belo par de olhos azuis que já viu na vida, sem fazer ideia de tudo o que ele será capaz de fazer por ela quando seu passado volta para assombrá-la.

Reviver é um romance com um toque de sensualidade e mistério.

<https://amzn.to/41vOm30>



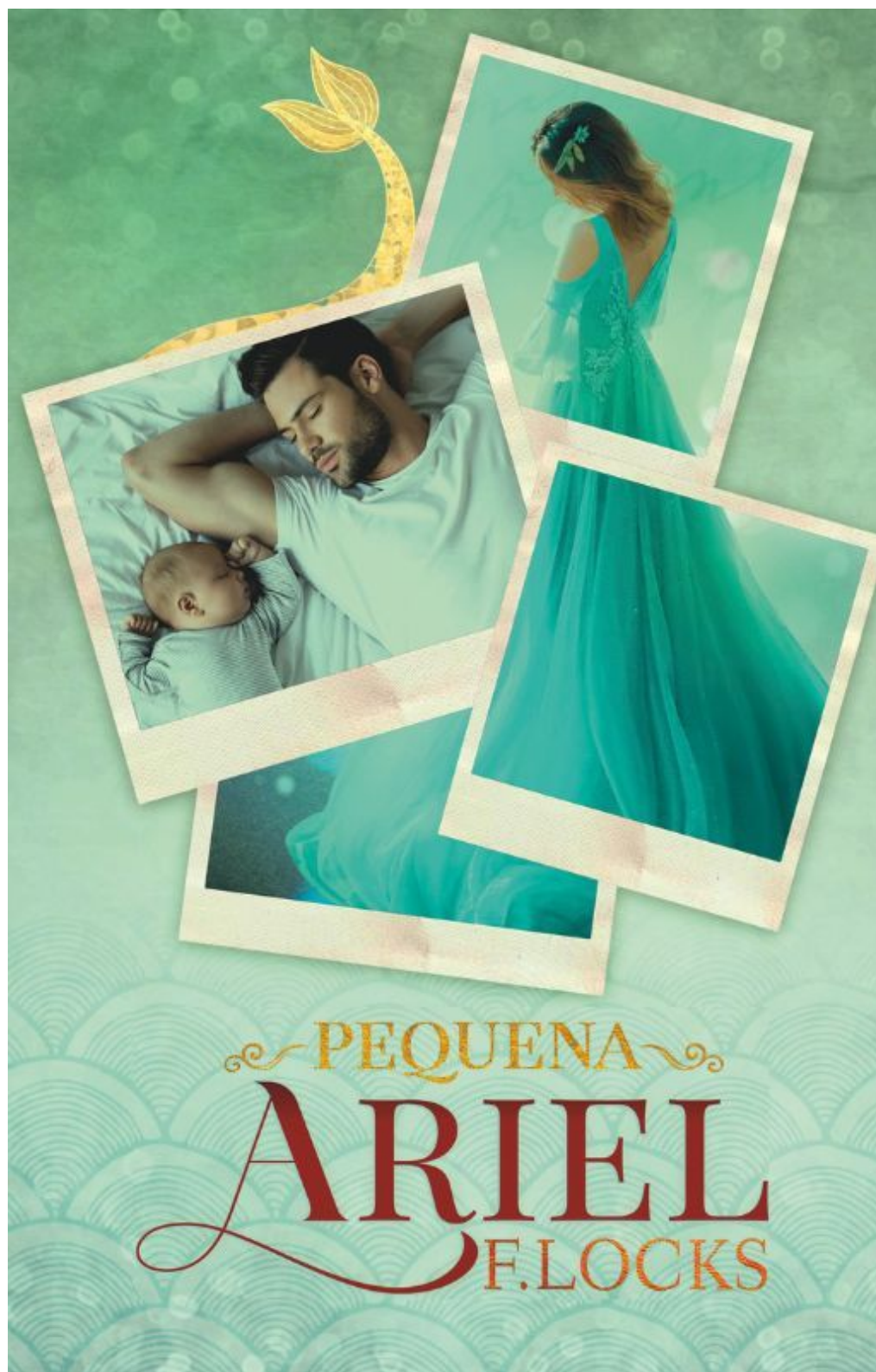
Marcada por traumas do passado, Lara Knop se vê desolada ao ter que vender tudo o que tem para pagar suas dívidas com o hospital. Em busca de

um novo começo, ela encontra uma casa que é perfeita para recomeçar, mas imagine só sua surpresa ao perceber que ela já está sendo habitada.

Com um recibo de pagamento adiantado, ela não tem o que fazer senão dividir o mesmo teto por 60 dias com um garoto que é capaz de fazê-la andar sobre uma linha tênue entre o amor e o que a destruiu.

Uma história que conta como a vida pode ser cruel com uma garotinha e como amor é capaz de consertar uma mulher.

<https://amzn.to/3GR2Kev>

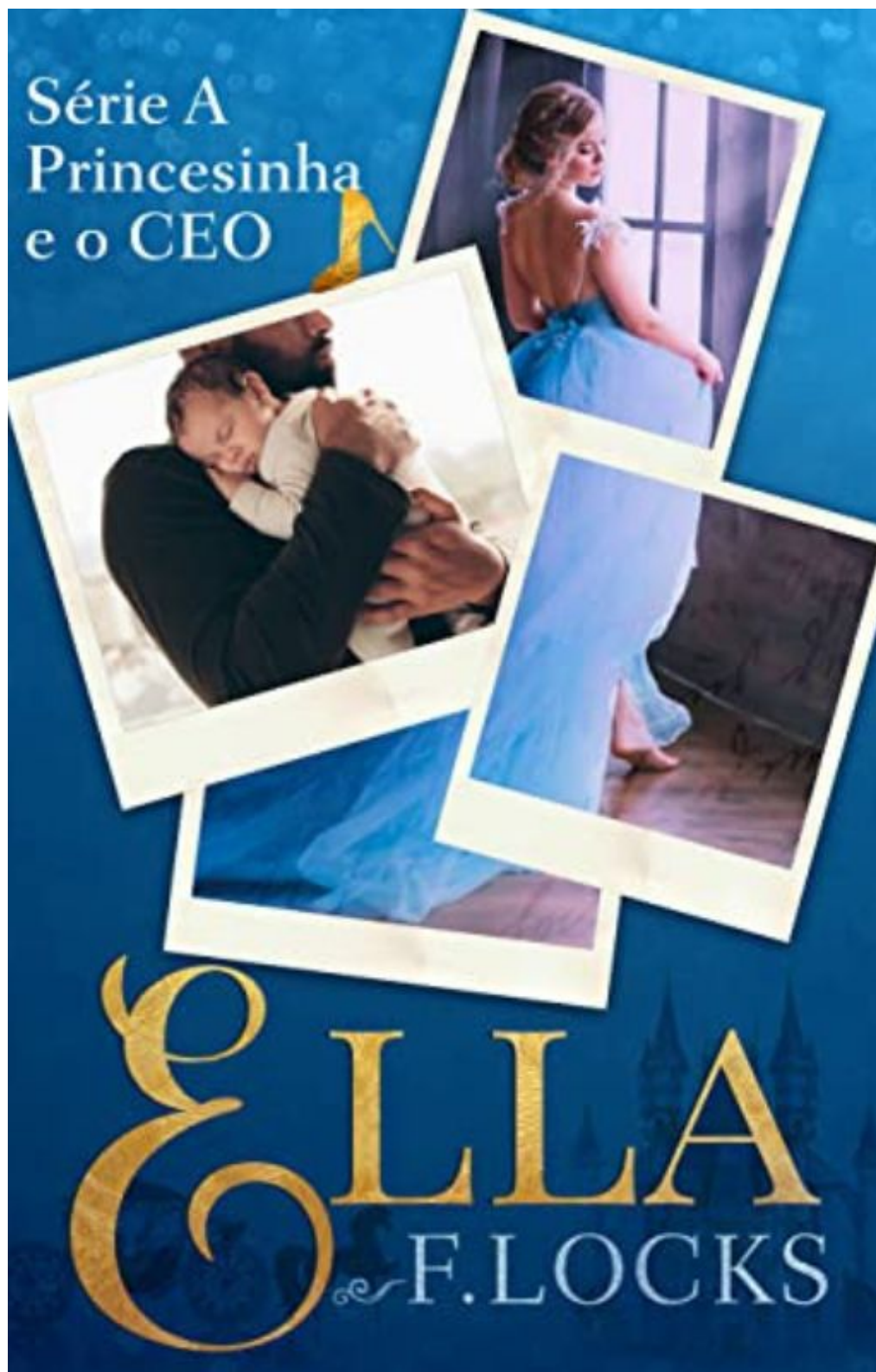


Como ser uma assistente pessoal perfeita para Théo?
- Levar cafezinho: confere.

- Pegar seu cão infernal no veterinário: confere.

Quando o telefone toca no meio de sua fracassada ceia de Natal, Ana agradece aos céus por seu chefe não se importar em ligar a qualquer hora, porque naquele momento ela estava prestes a surtar com sua irmã. Mas, o que ela nunca imaginou, era que essa ligação vinda de seu chefe bonito viesse com um pedido absurdo que a envolvesse a um bebê.

<https://amzn.to/43Dygg2>



Um ano após ser demitida por Théo Arantes e perder sua mãe, Victória finalmente deixa de viver no piloto automático e decide romper com seu

namorado fracassado. Ela acha que está no caminho certo, até chegar no trabalho e ser demitida. Outra vez.

Em meio a uma maré de azar e enquanto implora aos chefes pelo emprego, observa um bando de engravatados em uma reunião nos fundos do café. No entanto, é o homem alto de costas para ela que chama a sua atenção, porque há um bebê em seu colo e ele não para de chorar.

Vic não sabe o que está fazendo quando caminha até ele e oferece ajuda, mas, no meio disso, tem uma péssima ideia: se apresentar como babá. O problema é que ela não tem experiência alguma com bebês, ela nem sequer já teve um animal de estimação, e, mesmo assim, é contratada.

O que ela não sabe é que Eros, seu novo chefe, é ainda pior do que Théo, e a coisa que ele mais odeia no mundo inteiro é MENTIRA.

<https://amzn.to/41g51bj>

Série A
Princesinha
e o CEO



A FERA

F. LOCKS

Isabela deseja mudanças, e é por isso que, apesar do seu diploma em Administração, ela decide cuidar de crianças. Bela pensou que seria fácil, até

se deparar com uma dinâmica nada funcional e uma família que não sabe se expressar. De repente, ela se viu tendo que lidar com:

Um garoto de quatro anos que parou de falar por causa do trauma de ser abandonado pela mãe.

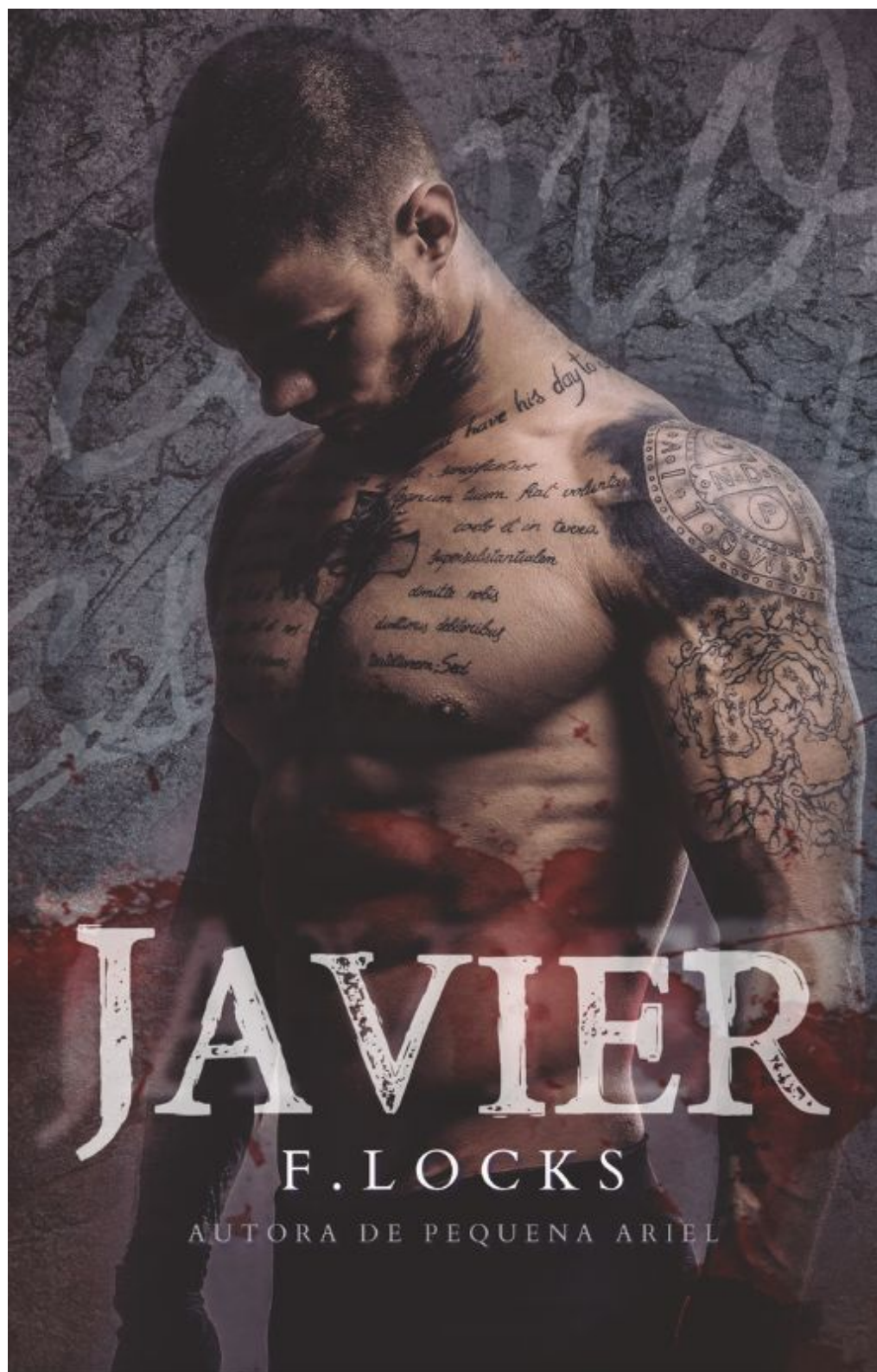
Uma adolescente rebelde que torna sua nova profissão ainda mais difícil.

Um chefe rude e introvertido que trabalha com tecnologia e a monitora através das dezenas de câmeras de segurança. Ele também costuma dar ordens para ela através dos alto-falantes presos no teto.

Isabela sabia que voltar a um escritório poderia ser entediante, mas ela nunca pensou quão inusitado seria estar naquela casa, ou como o homem de quase dois metros faria com que ela se sentisse.

Bela até tentou evitar, mas ele tinha cabelos grandes e ondulados e mãos enormes e ele também rosnava ao sorrir. Ela se sentiu em seu conto de fadas preferido, e como no conto de fadas em que essa história se baseia, Giuseppe não era como sua aparência o fazia parecer.

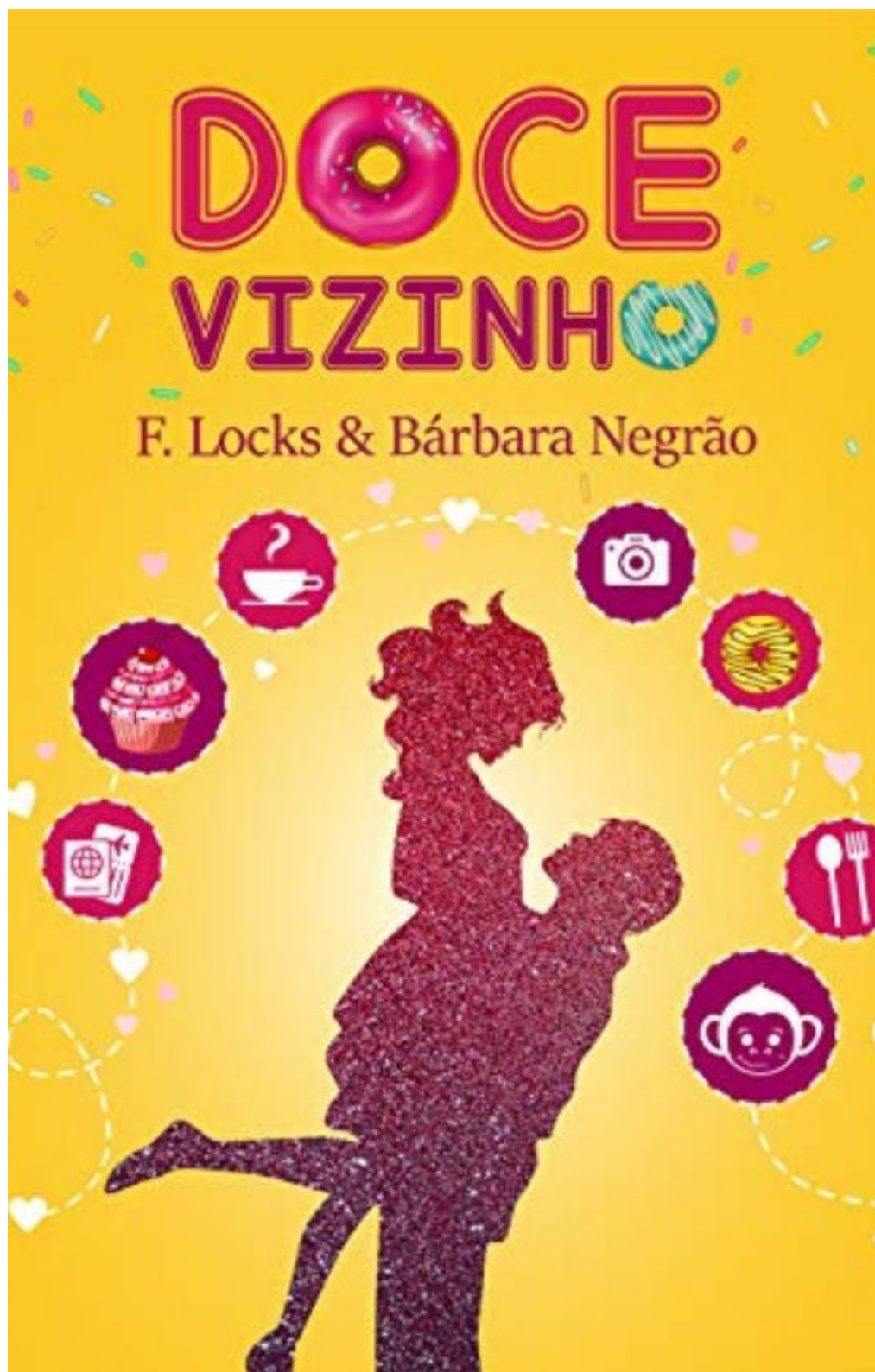
<https://amzn.to/43RXpNU>



Quando Javier, o menino novo da turma, entrou pela porta, Milena se viu encantada pelo garoto extraordinário, envergonhado, perdido e falando outro

idioma. Em um par de dias, os dois se tornaram melhores amigos e conforme cresciam, o sentimento o fazia ao mesmo passo. Drogas, álcool e uma família abusiva. Javier presenciava tudo isso dentro de sua própria casa desde sua infância, até que aos quinze anos, ele precisou assumir todas as responsabilidades e cuidar de sua mãe viciada. Tudo o que ele conhecia sobre o amor era feio e deturpado. Até que finalmente ele se entregou ao que sentia por Milena, mas a maior tragédia que poderia ter acontecido, aconteceu. E, de repente, Javier era o culpado. Seis anos depois, ele estava de volta, livre, mas sua vida estava estagnada no mesmo ponto antes da tragédia; enquanto Milena havia seguido em frente e escondia dele um segredo que podia destruí-lo ou reerguê-lo de vez.

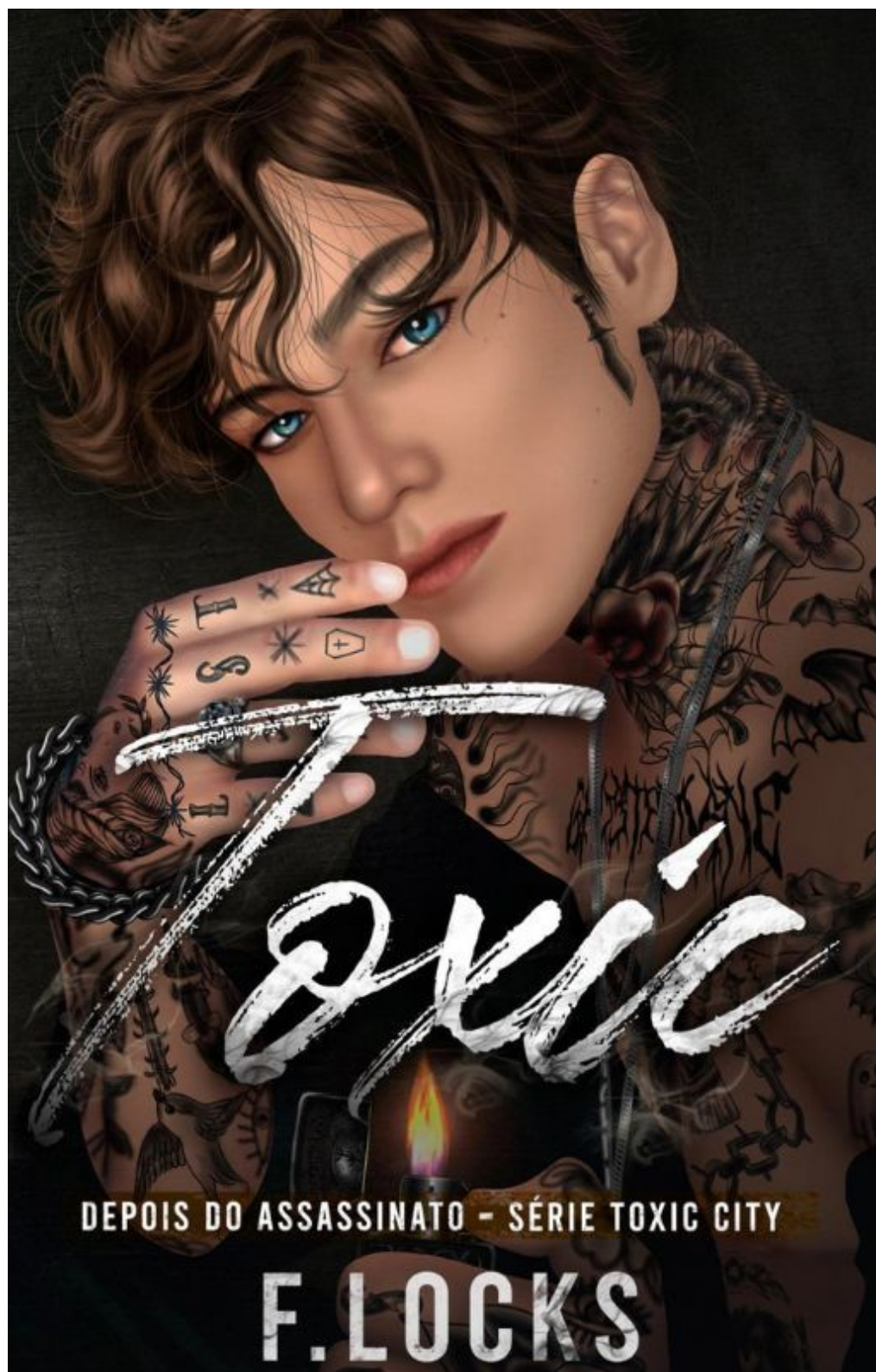
<https://amzn.to/41tym1K>



Bianna foi a Nova York realizar seu maior sonho: tornar-se chef confeitadeira em uma das mais renomadas confeitarias do país. Ela nunca teve

medo de colocar a mão na massa, literalmente. O que não esperava, era perder o controle da sua própria vida. Da noite para o dia, quando seus planos começam a dar errado, ela se encontra com um macaco de estimação, sem um teto para morar e prestes a ser deportada de volta ao Brasil. Hugo é fotógrafo e tem o estilo de vida que todo solteiro deseja ter. Seus únicos problemas são: sua ex-esposa controladora; sua vizinha Bianna, que o enlouquece cantando a plenos pulmões; e o cocô, que aparece misteriosamente em seu tapete todas as manhãs. Eles não se conhecem realmente, tudo o que sabem da vida um do outro é o que podem ouvir através da fina parede que divide seus apartamentos. Porém, isso muda quando um encontro desastroso e inesperado transforma para sempre a vida e o destino de ambos.

<https://amzn.to/41cE5ZQ>



“Aaron Myers é meu, e se minha obsessão por ele for tóxica, então foda-se, matarei toda a cidade intoxicada.”

Seis meses após ter o pai cruelmente assassinado pelo irmão, Aaron Myers atinge a maioridade e precisa voltar para casa onde ocorreu o crime mais famoso do Canadá.

Com o irmão foragido graças a ajuda que deu naquela noite, a cidade o renega por acreditar que é cúmplice do assassinato do próprio pai.

Todos o ignoram, mas apenas uma pessoa em toda a província de Quebec age de forma contrária. Falyn Ayumi. Ela ama histórias de terror, a dele é sua preferida.

<https://amzn.to/3MPpyyO>



Aaron sempre esteve às sombras do irmão. Ninguém nunca o viu de verdade, por baixo de suas tatuagens e da habitual arrogância, e no momento

em que Falyn Ayumi o fez, ele também a enxergou e gostou do que viu.

Ele se arrastou sob sua pele e cravou tão profundamente dentro dela que nenhum dos dois sabe se pode voltar atrás

Aaron era sua obsessão, mas agora é muito mais do que isso, e não é segredo para ninguém que a garota impulsiva e destemida é a única na província de Quebec capaz de enfrentar um Myers de cabeça erguida.

O problema é que o irmão mais velho e criminoso mais procurado do Canadá está de volta e, ela precisará lidar não apenas um, mas dois Myers, e talvez isso seja demais para qualquer pessoa.

Falyn não quer ser uma delatora, mas ela também está com medo das consequências que encobrir um assassino pode trazer a ela.

<https://amzn.to/3MNIZrN>



Odiado pela polícia, pelo Estado e pelas pessoas, Travor Myers conquistou cada uma das histórias que contam sobre ele.

Durante a vida aprendeu a se moldar, camada por camada, lentamente, uma casca tão grossa que nem mesmo as agressões físicas e psicológicas as quais era submetido podiam alcançá-lo.

Ele tinha apenas um objetivo: proteger seu irmão do ódio do pai.

E assim ele se tornou quase impenetrável, frio e impiedoso. Alguém totalmente oposto de Lovely White, a filha do sócio das Indústrias Myers. Tão diferentes que ninguém podia ignorar o contraste entre eles. Mas ela não era interessante, não o suficiente para fazê-lo caminhar na sua direção.

Até um dia precisar de ajuda e a única pessoa perto o bastante ser ele. Ela era tão certinha, tão perfeita e tão parecida com o resto deles que Travor Myers desejou fazer dela a maior vingança contra seu pai.

Ele jurou corrompê-la.

O final trágico dessa história todos conhecem.

Resta agora saber como o garoto-problema de Boucherville se tornou o criminoso mais procurado do Canadá.

E você saberá agora.

<https://amzn.to/40x0MqJ>

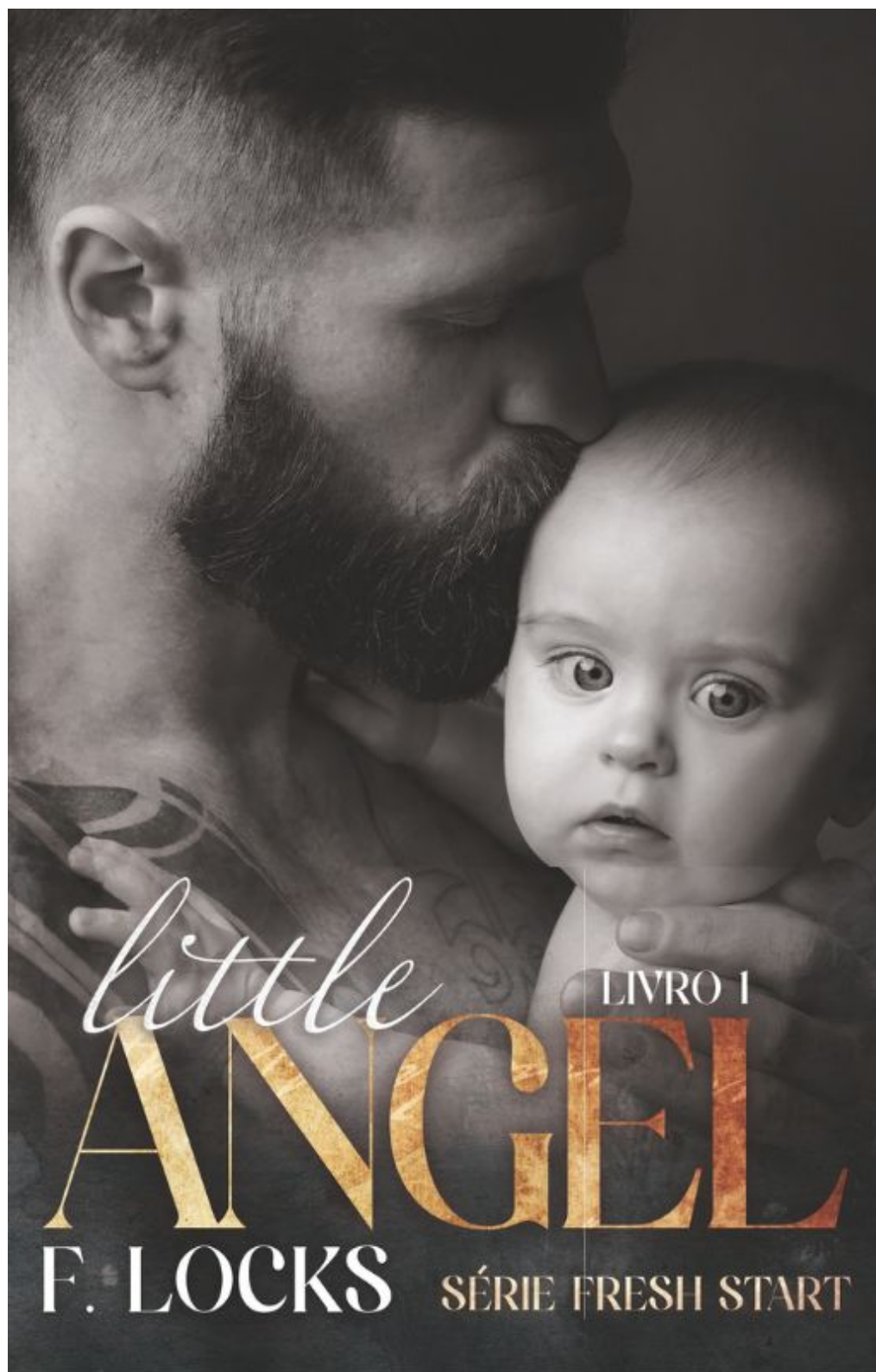


Com toda a polícia canadense na sua cola, Trevor Myers não teve opção a não ser aceitar a ajuda da última pessoa que gostaria de envolver em sua

história de terror. Lovely é doce demais para a escuridão que se tornou a sua vida, mas enquanto Travor trava uma batalha entre juntar as peças do quebra-cabeças, se lembrar daquela noite e descobrir o que realmente aconteceu com seu pai, Lovely acaba se tornando a linha que une Travor com o resto do mundo.

Ele achou que ela não suportaria o título de "garota do assassino", mas ela não apenas mostrou o contrário como também parecia gostar de vê-lo jogar com a polícia como quem joga damas, basta saber se os dois permanecerão tão sólidos quanto parecem quando o paradeiro do criminoso mais procurado do país for descoberto.

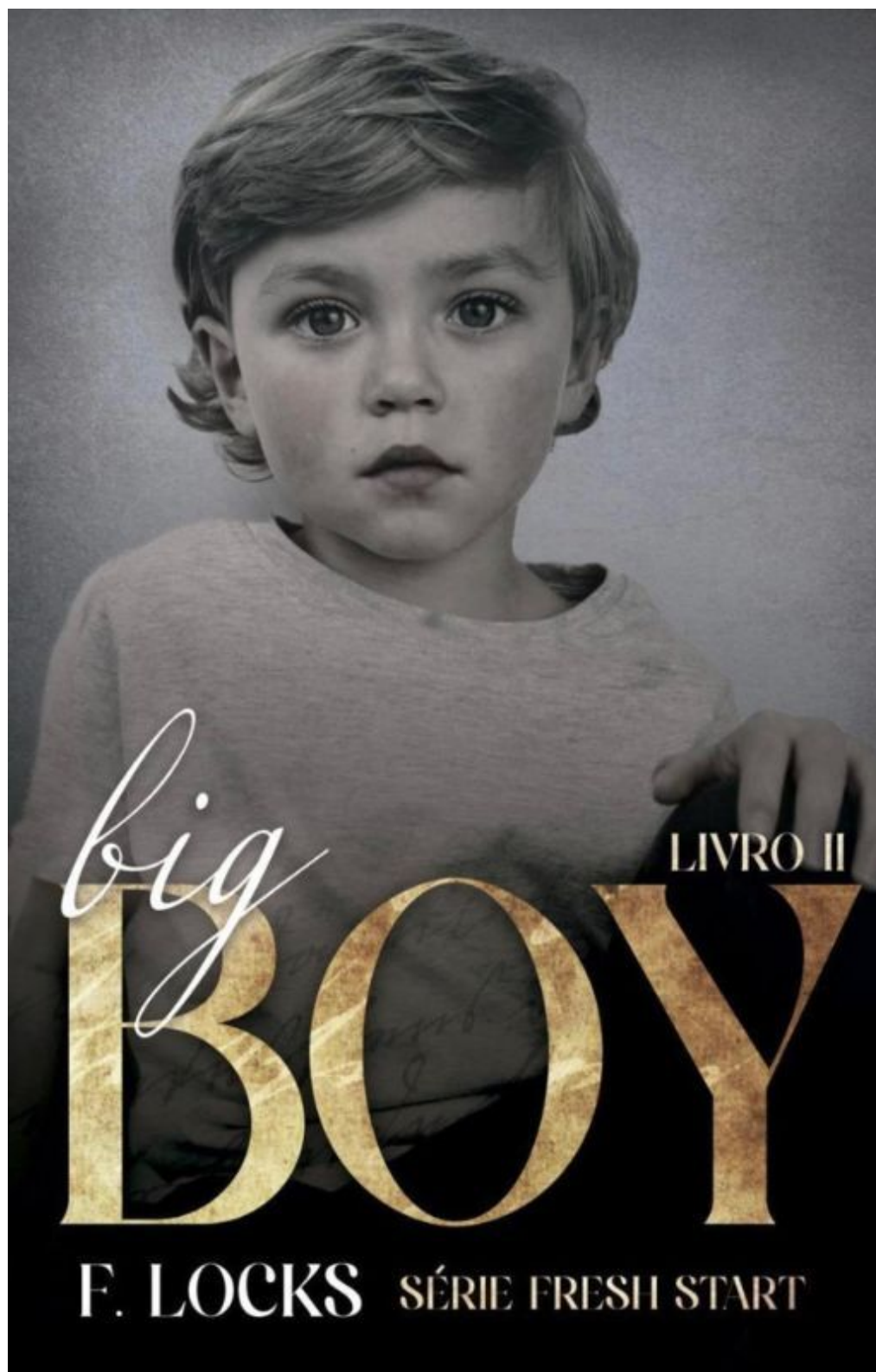
<https://amzn.to/41hTsAb>



O astro do rock Austin Collins volta à sua cidade natal com um único objetivo: cuidar da sua sobrinha. O problema é que a pequena Zoe também

tem uma tia, e ela é nada menos do que o antigo amor que ele abandonou quando decidiu ir embora atrás de seus sonhos. Agora os dois precisam criá-la, mas a dor de estarem perto um do outro é muito maior do que a causada pela distância na qual viveram nos últimos oito anos.

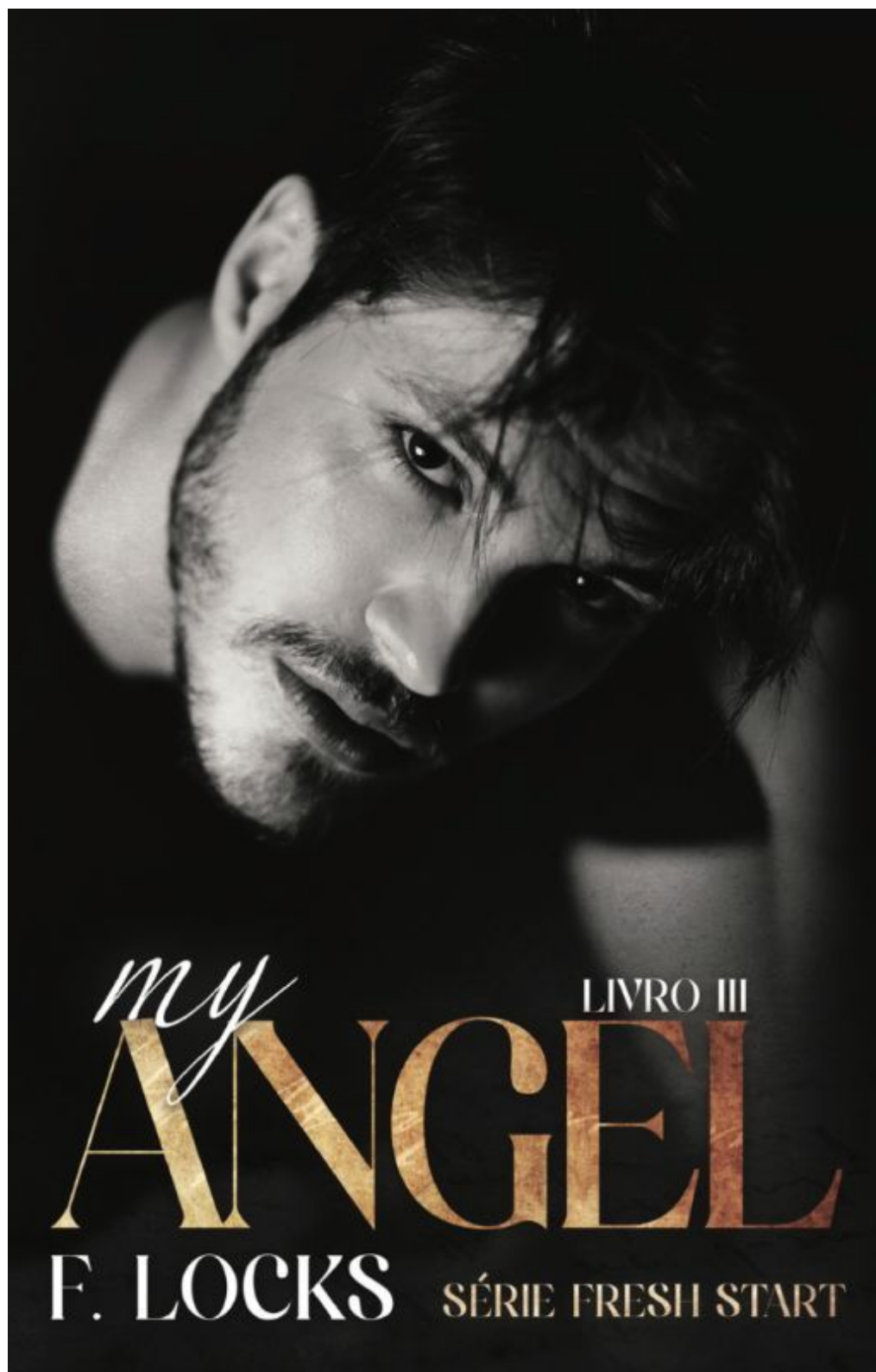
<https://amzn.to/3MMg6wh>



Quando Elle Connor toca a campainha de Eva, em Henrietta, com uma travessa de Pavlova em mãos e com o objetivo de se apresentar, ela não faz

ideia de que o poder da amizade é capaz de mudar uma vida inteira, porque nunca conheceu o amor; e agora, bem, ela está cercada por pessoas que a amam, mesmo que não seja capaz de ver. Revezando o tempo entre ajudar sua amiga no estúdio de dança e cuidar do filho de Jordan – o pé no saco que faz todas as palavras de um dicionário terem conotação sexual –, ela busca encontrar a si mesma, mas é muito difícil quando passa a maior parte do tempo colocando outras pessoas em primeiro lugar. Quando se dá conta, Ele tem tudo o que quer bem diante de seus olhos; basta abri-los, dar um passo à frente e enxergar. Ele tem quase um metro e noventa, olhos azuis e vem com um bônus: um garoto lindo de quatro anos, que roubou seu coração. P.S.: Assim como o pai

<https://amzn.to/3opFu0Q>

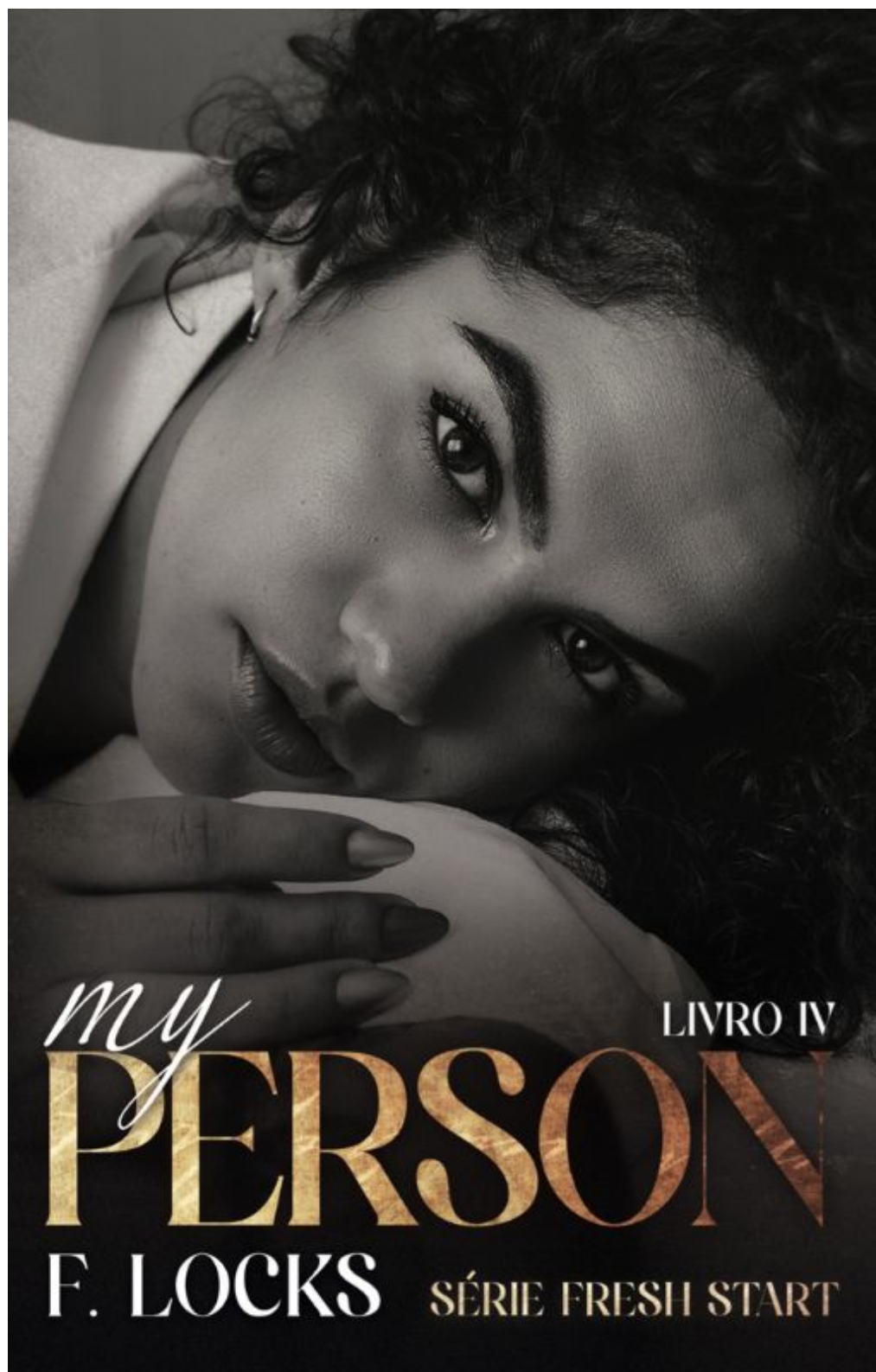


Eu cresci com ele, fomos criados como primos, como família, só que não éramos; e, conforme crescíamos, meu corpo compreendia isso. Dividíamos

os fones de ouvidos, maratonávamos séries, trocávamos mensagens o tempo inteiro. Ele era tudo para mim, menos um primo, menos alguém da família.

Meu coração acelerava quando ele chegava em um lugar, eu perdia o fôlego sempre que ele sorria e sabia quantas sardas salpicavam sua pele. Eu o conhecia como a palma da minha mão e, mesmo que ele nunca falasse o que estava sentindo, eu apenas sabia. O que eu não fazia ideia, era que Christopher Knighton partiria o meu coração. Do nada, ele simplesmente se foi e anos depois, aqui está ele, de volta a Los Angeles, com o mesmo sorriso familiar e bonito e, ainda assim, um completo estranho.

<https://amzn.to/41TyYOn>



Caroline Knighton não quer terminar o ensino médio virgem, por isso ela propõe a Will Collins, seu melhor amigo, que eles façam sexo e se livrem de

suas virgindades. Aos quinze anos, nenhum dos dois sabe o que está fazendo, por isso, eles decidem não falar sobre o desastre que foi aquele acordo.

Na faculdade, enquanto Will se afunda em sexo, Carol se frustra a cada novo date, e após uma longa seca, ela pede ao amigo que a ajude a sair em encontros, só que ele não parece satisfeito com isso e pela segunda vez, ela faz a mesma proposta. Só que eles não são mais crianças, Will Collins tem uma reputação e tanto na UCLA e para ser honesta, Caroline está curiosa sobre ela.

<https://amzn.to/40lwIOq>

F. LOCKS

AUTORA DA SÉRIE TOXIC CITY

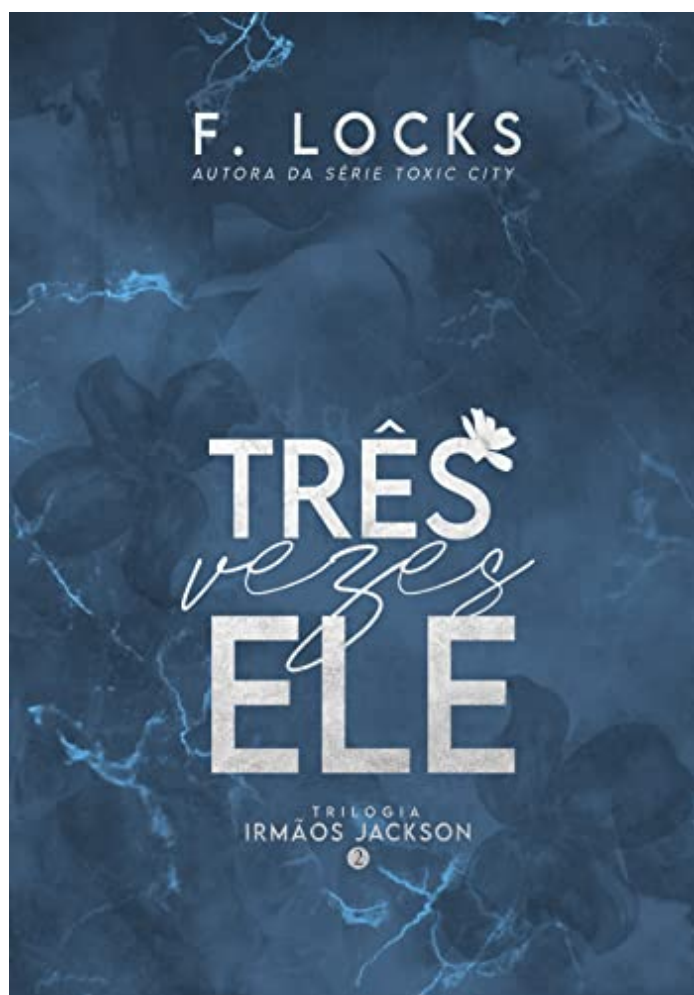
TRÊS
vezes
VOCÊ

TRILOGIA
IRMÃOS JACKSON

1

Fiz algo arriscado quando decidi namorar meu melhor amigo. Somos completamente diferentes, estamos acomodados. E agora, se isso acabar, perdemos em dobro. Tudo mudou quando eu achei que estava caindo em uma brincadeira dele com seu gêmeo outra vez. Eu não sabia qual deles era e decidi beijá-lo para acabar logo com isso. Se não fosse meu namorado, ele recuaria. Só que ele não recuou. Não era ele, nem seu gêmeo que todos conheciam. Era um terceiro deles que ninguém sabia que existia. E eu não apenas havia acabado de beijá-lo, como amado cada segundo disso.

<https://amzn.to/41Fmp9F>



Tyson Jackson inventa mentiras sobre mim que se espalham como fogo pela escola.

Ele me persegue, me perturba e me tira do sério, sempre com seu sorriso endiabrado e bonito no rosto.

Mas o clichê da nerd com o badboy é diferente quando se tem uma mocinha como eu, porque não me curvo para ele.

Tyson me propôs um acordo: aulas de cálculo em troca de aulas de direção.

Eu achei que era só mais uma forma dele infernizar minha vida.

Queria dizer não, porque nem conseguia pensar na ideia de passar tanto tempo com ele sem que um de nós acabasse morto, mas não apenas disse sim, como também incluí duas exigências que ele nem pensou em recusar.

De repente, não éramos mais inimigos e eu estava contando os segundos para cada aula.

Quando ele se dá conta, está comprando brigas por mim.
Quando eu me dou conta, estou deixando ele pular minha janela

à noite.

E mesmo que nenhum de nós assuma, o enemies se torna lovers em uma proporção épica e dolorosa.

<https://amzn.to/3Ovr8XK>



Em breve, relançamento na *Amazon*.

[1] Pesquisar.

[2] Arya Stark é uma personagem fictícia da série de livros de fantasia *A Song of Ice and Fire*, do autor norte-americano George R. R. Martin, e da série de televisão *Game of Thrones*.

[3] Palavra inglesa que significa "perseguidor". É aplicada a alguém que importuna de forma insistente e obsessiva outra pessoa que, em muitos casos, é uma celebridade. A perseguição persistente pode levar a ataques e agressões.

[4] Boston University

[5] Atriz pornográfica norte-americana

[6] Série de televisão americana de ficção científica e terror criada, escrita e dirigida pelos irmãos Matt e Ross Duffer.

[7] Espécie de salamandra, que conserva durante toda a sua vida características do estado larvar e que apresenta uma grande capacidade de regenerar tecidos danificados.

[8] *Wise men say/Only fools rush in/But I can't help/Falling in love with you*

[9] *Shall I stay/Would it be a sin/If I can't help/Falling in love with you?*

[10] *Like a river flows/ Surely to the sea/ Darling, so it goes / Some things are meant to be*

[11] *Take my hand/Take my whole life too/For I can't help/Falling in love with you*

[12] *For I can't help/Falling in love with you*

[13] *When you're weary, feeling small/When tears are in your eyes/I will dry them all/ I'm on your side/When times get rough/And friends just can't be found*

[14] O High Roller é uma roda-gigante de 167 metros de altura e 158,5 metros de diâmetro, situada na Las Vegas Strip em Paradise, Nevada, Estados Unidos. Pertencente e operado pela Caesars Entertainment Corporation, foi aberto ao público em 31 de março de 2014 e atualmente é a roda-gigante mais alta do mundo.

[15] O New England Patriots é um time profissional de futebol americano sediado na cidade de Foxborough, em Massachusetts, na região nordeste dos Estados Unidos. Os Patriots competem na National Football League, como membros da Divisão Leste da American Football Conference.

[16] Jogador de futebol americano que atua na posição de wide receiver pela franquia New England Patriots, da National Football League.

[17] Captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela e copia para a área de transferência.

[18] ESPN, sigla para Entertainment and Sports Programming Network, é uma família de canais de TV por assinatura dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos

24 horas por dia.